

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E
LITERÁRIOS EM INGLÊS**

ZSUZSANNA FILOMENA SPIRY

Paulo Rónai, um brasileiro *made in Hungary*

São Paulo

2009

ZSUZSANNA FILOMENA SPIRY

Paulo Rónai, um brasileiro *made in Hungary*

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre em Estudos
Linguísticos e Literários em Inglês.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos e
Literários em Inglês

Orientadora: Prof^a Dr^a Lenita Maria Rimoli Esteves

São Paulo

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Spiry, Zsuzsanna Filomena

Paulo Rónai: um brasileiro *made in Hungary* / Zsuzsanna Filomena Spiry;
orientadora Lenita Maria Rimoli Esteves. -- São Paulo, 2009.
202 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Rónai, Paulo 1907-1992. 2. Humanista. 3. Filólogo. 4. Crítico
literário. 5. Tradutor. I. Título. II. Esteves, Lenita Maria Rimoli.

ZSUZSANNA FILOMENA SPIRY

Paulo Rónai, um brasileiro *made in Hungary*

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos Lingüísticos e
Literários em Inglês

BANCA EXAMINADORA

Instituição: _____ Assinatura: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos meus Mestres, que se manifestaram através de
tantas presenças amigas, que me presentearam
com o eterno gosto e curiosidade pela descoberta.

Ao meu filho Juliano, como estímulo.

AGRADECIMENTOS

À Lenita, mestre e amiga, que com seu jeito particular de ser sempre respeitou e estimulou o meu jeito particular de ser. Minha gratidão, eterna.

Aos professores John Milton e Marileide Esqueda, por sua participação na banca de qualificação.

À Nora Tausz Rónai, pela porta de sua casa sempre aberta, pelo seu prazer e entusiasmo em ajudar e apoiar.

À Laura e Cora Rónai, pelo seu incentivo, carinho e torcida. Mesmo que à distância.

A Arthur McDermott, que no meio do caminho virou um amigo querido, pelo incentivo e torcida. E também pelos livros e material de Paulo Rónai que me enviou da Austrália distante, com desprendimento.

Ao Prof. István Jancsó, entusiasta do meu projeto, sempre pronto a apoiar. E ao Prof. Aleksandar Javonavic pelas sugestões e conversas elucidativas.

A Nelson Ascher, que generosamente colocou à minha disposição seus vastos conhecimentos da cultura e literatura húngara.

A Marcelo Tápia que atendeu pacientemente aos meus questionamentos.

Na Hungria, ao Dr. Drótos László e a Horányi Károly que nunca se cansaram em responder às minhas infundáveis perguntas, pelo seu apoio prestativo e amigo, e ao Prof. Kabdebó Lóránt, entusiasta do projeto.

Aos amigos do GTG pelo seu incentivo e companheirismo. À Solange em especial, pelo seu tempo e disponibilidade.

À família Joarlette, especialmente Jaqueline e Marie-Ange, amigas queridas que além do apoio sempre presente, me ajudaram com as leituras em francês.

Ao entusiasmo de minha sobrinha Sandra. Às minhas irmãs, o apoio familiar.

À Gabizinha, minha doce netinha, tão compreensiva com minhas ausências, por me incentivar a caprichar na “lição de casa”.

Aos amigos que sempre torceram pelo sucesso do meu projeto.

Às pessoas da colônia húngara, que, como Éva Piller, me apoiaram de várias formas, e Ildikó Sütő que discutiu comigo algumas traduções do húngaro.

E principalmente a Paulo Rónai, que viveu tão plenamente.

Com a tríplice herança cultural que o destino me
impôs – judeu, húngaro, brasileiro, e, ainda por
cima, professor de latim, francês e italiano, como
poderia não trabalhar na aproximação dos
indivíduos e dos povos, no contato das culturas e
dos corações? Mérito tem o Brasil, que, rodeando-
me de calor humano, possibilitou, compreensivo e
tolerante, que seguisse a minha vocação.

Paulo Rónai

Resumo

SPIRY, Z. **Paulo Rónai, um brasileiro *made in Hungary***. 2009. 202 f. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

Quando, aos 34 anos de idade, Paulo Rónai é forçado a se exilar da Hungria por ser judeu, ele já é um profissional em plena atividade. Doutor em filologia e línguas neolatinas, ele leciona francês e italiano em Budapeste; paralelamente, desempenha intensa atividade tradutória e já desponta na crítica literária. Depois de aprender português sozinho, em 1939 publica uma antologia de poetas brasileiros. Ao chegar ao Brasil, em 1941, salvo dos nazistas graças a um convite do governo de Getúlio Vargas, imediatamente é capaz de dar continuidade à sua atividade profissional. É professor de latim e francês em várias instituições, inclusive no Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, onde assume a cátedra de francês. Intensifica sua atividade crítica em jornais de grande circulação e ao longo dos 50 anos que iria viver no país que adota como pátria poucos anos depois de aqui aportar, participa de muitos projetos culturais, como por exemplo, a organização da edição e supervisão da tradução dos 17 volumes de *A Comédia Humana* de Balzac, a edição póstuma de duas obras de João Guimarães Rosa, para citar alguns. Além de seus livros, entre artigos e resenhas, Rónai publica mais de 1.100 vezes. Visando delinear seu perfil intelectual, pesquisou-se sua produção literária, tanto na Hungria como no Brasil: primeiro em seu acervo particular, e depois nas mais diversas fontes e recursos. A análise do mapeamento resultante estimulou novas pesquisas no sentido de determinar as bases teóricas que fundamentaram a intelectualidade de Paulo Rónai, e o impacto desse arcabouço teórico na caracterização de sua atividade. Concluiu-se que todas as suas facetas de profissional erudito – filólogo, humanista, tradutor, lexicógrafo e até mesmo a atividade pedagógica – formam um todo coeso e contribuem entre si para enriquecer a função de crítico literário.

Palavras chave: Paulo Rónai, humanista, filólogo, crítico literário, tradutor.

Abstract

SPIRY, Zs. **Paulo Rónai, a Brazilian made in Hungary**. 2009. 202 p. Master's degree thesis – Modern Languages Department, School of Philosophy, Literature and Social Sciences, University of São Paulo. São Paulo, 2009.

When, at the age of 34, Paulo Rónai was forced into exile from Hungary due to his Jewish origin, he was already a fully-active professional. With a PhD in Philology and Romantic languages, Rónai taught French and Italian in Budapest. In addition, he was a very active translator and began to become known in the field of literary criticism. After teaching himself Portuguese, Rónai published an anthology of Brazilian poetry in 1939. Upon his arrival in Brazil, in 1941, after being saved from the Nazis through an invitation from the Getúlio Vargas government, he was able to resume his career immediately. He taught Latin and French in several institutions, including Colégio Pedro II in Rio de Janeiro, where he assumed the French chair. He intensified his activity in the field of literary criticism, publishing in leading newspapers. Throughout the half century that he would live in his adopted country, he partook in many cultural projects, such as the translation supervision and publication of the 17-volume *La Comédie Humaine* by Balzac and the editing of two posthumous books by Guimarães Rosa, just to name a few. In addition to his books, including articles and reviews, Rónai published more than 1,100 times. In an attempt to delineate his intellectual profile, his literary production has been researched both in Hungary and in Brazil, initially in his private library, and later in several sources. The analysis of the resulting mapping stimulated further research toward the theoretical foundation of Paulo Rónai's intellectual character, as well as the impact of that theoretical foundation on his contributions. It was concluded that all of his erudite capabilities, whether philological, humanistic, lexicographic, pedagogical, or related to translation, came together as a cohesive whole and contributed to enriching his performance as a literary critic.

Key words: Paulo Rónai, humanist, philologist, literary critic, translator.

Índice

Item	Pág.
Introdução	11
Cap. I – Caminhos da Pesquisa	18
Cap. II – Biografia e Obra	31
Cap. III – Crítico Literário	50
Cap. IV – Tradutor	87
Cap. V – Conclusão	115
Bibliografia	120

Anexos	
Anexo I – Cronologia	126
Anexo II – Produção Literária - índice	138
(a) – Hungria e Brasil	142
(b) – Artigos e Resenhas	174
(c) – Contos da Semana	190

INTRODUÇÃO

Este é um daqueles projetos que, pode-se dizer, têm vida própria. O objetivo inicial era estudar a vida e a obra para entender a mente, o intelecto de Paulo Rónai. Mas na medida em que o mapeamento de sua produção intelectual foi revelando os contornos de seu perfil, novas necessidades foram tomando as rédeas da pesquisa e juntamente com os resultados das análises, elas foram delineando os rumos a serem tomados.

Se no início partiu-se dos dados biográficos como foco do projeto, com o desenrolar das pesquisas, apesar da importância dos fatos e do rumo que eles impingiram à vida de Rónai, percebeu-se que esses dados já haviam sido registrados por diversos pesquisadores e o que realmente fazia falta era um delineamento mais apurado de seu legado intelectual. Sem esgotar a lista, a seguir estão mencionados alguns desses registros biográficos, que valem a pena ser consultados.

- Aurélio Buarque de Holanda, no prefácio de *A Tradução Viva*, de Paulo Rónai, testemunha uma convivência intelectual de décadas.
- R Magalhães Jr, no prefácio de *Guia Prático da Tradução Francesa*, de Paulo Rónai, enfatiza a colaboração que este prestou à indústria editorial brasileira.
- Em vários escritos – artigos e ensaios – Nelson Ascher delineia diversos aspectos da contribuição de Rónai à vida cultural brasileira.
- Em seu muito comentado prefácio à *Antologia do Conto Húngaro* de Rónai – *Pequena Palavra* – João Guimarães Rosa descreve tanto aspectos biográficos relevantes, como lida com as origens da língua magiar e diversos aspectos culturais de Rónai.
- Tanto em *Línguas, Poetas e Bacharéis – Uma Crônica da Tradução no Brasil*, como na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Lia Wyler & Heloísa Gonçalves Barbosa fazem uma descrição da vida e da contribuição de Rónai à tradução no Brasil.
- Em 1994, o Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT) da FFLCH/USP lança sua revista TradTerm – Cadernos de Tradução e Terminologia, com uma seção de Homenagem a Paulo Rónai, contendo três artigos que, no conjunto, lidam de forma abrangente com sua vida e a obra.
- Marileide Esqueda apresenta tanto sua dissertação de mestrado como sua tese de doutorado ao Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, sobre Paulo Rónai; além de uma pesquisa abrangente sobre sua vida e de listar uma parte de suas publicações, descreve o lançamento brasileiro de *A Comédia Humana* de Balzac,

organizada por Rónai para a Editora Globo, e analisa aspectos relevantes desse trabalho, tais como as 7.493 notas de rodapé que Rónai introduz na edição brasileira.

- A dissertação de mestrado de Andréia Aredes, apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Assis, também é sobre Paulo Rónai, mais especificamente sobre os artigos que ele publica no caderno *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*. Além de questões biográficas de Rónai, Aredes apresenta uma análise bem abrangente do mercado periodístico brasileiro da época. Apesar da abordagem de Aredes coincidir com a abordagem deste trabalho, a amostra com que ela trabalha representa apenas cerca de 10% da efetiva produção ronaiana como crítico.
- O projeto de conclusão de curso de Daniel Roberto Pinto para o Instituto Rio Branco, em 1999/2000, é um trabalho inédito com foco direcionado para aspectos culturais: *Pontes Sobre o Abismo, Esboço da Vida e Obra de Paulo Rónai*.

Além desses, é possível localizar na Internet diversos sites que, apesar de nem sempre precisos, trazem biografias de Rónai.

- <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/PauloRonai.htm> DITRA – Dicionário de Tradutores Literários no Brasil. Publicação mantida pelo Núcleo de Tradução da UFSC; seu objetivo é fazer um levantamento dos tradutores literários do Brasil e traçar o seu perfil.
- <http://acervos.ims.uol.com.br/php/level.php?lang=pt&component=37&item=42> Página do Instituto Moreira Sales, em homenagem aos 100 anos de nascimento de Paulo Rónai, apresenta uma biografia bastante detalhada.
- <http://opiniaoenoticia.com.br/interna.php?id=9947> Na coluna *Grandes Brasileiros*, artigo-biografia de Rónai elaborado por Alexandre Teixeira, advogado da família.
- <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/cron/cb/2007/070828.php> Página de Felipe Fortuna - poeta e ensaísta, jornalista cultural – em um portal de literatura e cultura, em celebração ao centenário de Rónai.

Nem tudo, porém, é totalmente fiel à realidade. Por exemplo, é comum as pessoas afirmarem erroneamente que Rónai traduziu *A Comédia Humana*, de Balzac. Ou então, quando se referem à produção literária de Rónai, à exceção de Ascher e Aredes, é comum as pessoas deixarem de mencionar suas publicações em jornais e revistas, veículos importantes no caso de Rónai, pois foram utilizados para a divulgação de seu trabalho de crítico literário.

Ao longo de suas obras, o próprio Rónai dá várias pistas autobiográficas. Em carta a Afrânio Coutinho, de 13/09/1958, ao enviar seus dados para este preparar seu discurso de recepção para a cerimônia em que Rónai iria tomar posse da cátedra de francês no Colégio Pedro II, como fonte de informação, ele faz menção ao *Pequena Palavra*, de Guimarães Rosa; também faz menção à sua própria introdução de *Antologia do Conto Húngaro*, além dos dois primeiros capítulos de *Como Aprendi o Português* e ao penúltimo de *Escola de Tradutores*. A respeito de seus amigos e ambiente de vida em Budapeste e na Europa em geral, Rónai cita o capítulo *O poeta de Bor* que também figura em *Como Aprendi o Português* e nas notas “introdutivas” aos escritores de *Antologia do Conto Húngaro*. Na carta para Afrânio Coutinho, entretanto, Rónai não menciona o penúltimo capítulo de seu *A Tradução Vivida*, que, na verdade, é uma espécie de biografia de sua atividade tradutória.

Sem falar dos inúmeros artigos de jornal que falam sobre Paulo Rónai. A título de exemplo, cito o artigo *Adeus Paulo Rónai*, de Antonio Carlos Villaça – publicado no Jornal do Brasil dia 11/12/1992, dez dias após o falecimento de Rónai – que, apesar de obituário, surpreendentemente tem um tom pitoresco.

À medida que as pesquisas foram avançando e tomando corpo e o legado ronaiano foi revelando suas reais dimensões, caracterizar o perfil de sua obra passou a ter uma prioridade maior do que as questões biográficas propriamente ditas; mesmo assim elas não foram deixadas de lado, como se verá ao longo de todo este texto,¹ e também no Anexo I – *Cronologia*, que traz relacionados, em ordem cronológica, a maioria dos fatos relevantes da vida de Paulo Rónai, o maior número possível.

Examinar alguns aspectos teóricos subjacentes à obra ronaiana também tornou-se uma necessidade. Não que as vozes acima mencionadas não lhe fizessem jus, ao contrário. Privilegiando um ou outro aspecto, todas elas delinearam alguns contornos intelectuais de Rónai, com enfoques específicos. O objetivo deste texto, porém, é possibilitar um olhar único à totalidade da obra ronaiana reunindo-a em um único mapeamento – vide Anexo II –, e fundamentar as bases teóricas em que seu pensamento foi moldado. Sugere-se, pois, que este Anexo II seja examinado juntamente com o Capítulo II – *Biografia e Obra*, que apresenta alguns comentários complementares.

Sempre que uma decisão organizacional foi necessária, adotou-se a ordem cronológica como princípio norteador, em função da enorme quantidade e variedade de material que teve de ser manipulado. Desta forma, os eventos e publicações estão separados em dois períodos significativos: a fase Hungria, desde o nascimento até a vinda

¹ Thelma Médice Nóbrega, em *Sob o Signo dos Signos, Uma Biografia de Haroldo de Campos*, declara ser esse seu objetivo: realizar um perfil intelectual de Haroldo de Campos, para construir paralelos entre sua obra e sua personalidade. Ao examinar as três obras que ela cita como modelos para sua tese – Rodríguez Monegal, Ellmann e Kenner –, a impressão que se tem é que cada autor mergulha de tal forma em seu biografado que ao invés de estar lendo o texto do biógrafo, se lê o próprio biografado. Este porém, não é um objetivo perseguido por este texto.

para o Brasil, e o período seguinte, a fase Brasil. Com base nesse mesmo princípio cronológico, as publicações que ocorreram na Hungria durante a fase Brasil, foram relacionadas em item próprio, junto com a fase Brasil.

No século XXI, pesquisar uma vida e uma obra que aconteceu em dois mundos tão distantes como a Hungria e o Brasil, em épocas tão diferentes como o período anterior à 2ª Guerra Mundial na Hungria, e a segunda metade do século XX no Brasil, não poderia deixar de apresentar particularidades específicas. Por isso, no Capítulo I – *Caminhos da Pesquisa*, discutem-se alguns aspectos biográficos que influenciaram o rumo que a vida de Rónai tomou – por exemplo, o peso de ele ter nascido em uma família judia, na Europa Central, às vésperas da 1ª Guerra Mundial –, e se apresentam algumas dificuldades enfrentadas durante o transcorrer das pesquisas de um material com características tão variadas no tempo e no espaço.

A partir do resultado da análise do perfil da obra e determinada a dimensão da atividade crítica na vida do intelectual Paulo Rónai, julgou-se necessário caracterizar essa atividade separadamente da atividade tradutória. Por isso, elas são comentadas nos capítulos III e IV, respectivamente.

Sempre que algum segmento em húngaro é mencionado ao longo desse texto, adotou-se o critério de oferecer, junto, uma tradução para o português.

Pela significância da informação para o objetivo deste trabalho, todas as traduções produzidas por Rónai, e relacionadas no Anexo II, têm anotadas a língua fonte e / ou a língua alvo. Por exemplo, em Paris, Rónai publica traduções do húngaro para o francês. Em Budapeste também, pois trabalha para várias publicações francesas na capital húngara. Mas em Budapeste ele também publica traduções de várias outras línguas para o húngaro, inclusive do latim e do português. A mesma coisa no Brasil.

Apesar de evidente, é mister observar também que por ser Paulo Rónai o autor das obras, textos, traduções, publicações e artigos relacionados no Anexo II, no registro de cada item bibliográfico, seu nome como autor ou tradutor foi omitido. Todo o resto segue as normas ABNT, à exceção dos artigos de jornal. Para não confundir o leitor, devido à grande variedade de materiais ao longo deste texto, achou-se por bem manter uma única forma de notação para autor, título, local e data, inclusive para artigos de jornais e revistas. Quando existir, a tradução dos títulos húngaros foi colocada entre parêntesis, mas não em itálico, por não se tratar de título oficial. Às vezes, devido à relevância, em se tratando de material publicado na Hungria, apresenta-se uma brevíssima explicação no final do registro do item.

O critério aqui adotado é um pouco diferente do critério usado por André Figueiredo Rodrigues em *Como Elaborar Referências Bibliográficas*. Ele sugere que no caso de artigos de jornal, o título do artigo seja mantido em fonte normal e que o nome do jornal fique em itálico – o inverso do que se requer para o título de um livro. Mas devido à grande variedade

de material com que se lida neste trabalho, às vezes em uma única seção, como já mencionado, resolveu-se manter uma notação única. Além disso, Rodrigues sugere que a cidade onde o jornal é publicado também conste do registro da publicação. Como o Anexo II é muito extenso, com mais de 1000 itens, e a grande maioria dos artigos aparece sempre nos mesmos jornais, em vez de repetir a informação em cada item, optou-se por fazer uma legenda no início da relação². A mesma coisa no caso dos jornais e periódicos estrangeiros, cujas principais características também estão descritas em legenda, no início da lista. Só que no caso destes periódicos estrangeiros, devido à importância analítica e à variedade simultânea dessa informação, o local de publicação é mantido no registro, na língua original. O objetivo é facilitar a pesquisa e recuperação de qualquer item registrado, em seu país de origem, tal como publicado.³

Alguns assuntos deixaram de ser tratados neste projeto. Não porque não fossem relevantes. Foi necessário delimitar para não abrir demais o leque. Por exemplo, a pilha de artigos que saíram na mídia sobre Paulo Rónai não é menor do que a pilha de artigos publicados por ele, e ela merece que lhe seja dedicada atenção, no futuro. Outro tema pesquisado inicialmente mas que aqui acabou perdendo espaço foi o mapeamento da crítica brasileira no período em que Rónai participou dela ativamente. Graças ao acesso que se teve a vários textos acadêmicos na área, como Aredes, por exemplo, foi possível levantar uma bibliografia bem completa a respeito. Entretanto, as características da produção literária de Rónai direcionaram o foco da presente análise para ângulos mais inexplorados e o estudo do panorama da crítica literária brasileira e do papel específico de Rónai neste cenário também foi adiado para projetos futuros.

O relacionamento de Rónai com as editoras também é um tema que mereceria uma pesquisa mais aprofundada. Como na época – anos 40 e 50, talvez até anos 60 – as coisas aconteciam muito mais “de boca” do que com contrato assinado, existe muito pouca informação oficial sobre esse assunto. O único registro que ele tem em carteira de trabalho é com a Editora Globo, no cargo de chefe de escritório. Mas ao longo das pesquisas encontrou-se vários indícios de que a atuação de Rónai junto às editoras era muito mais efetiva. Por exemplo, quando se lê um artigo de Fernando Py⁴ em que este conta como conheceu Rónai e de como havia sido convidado por ele “para colaborar com resenhas de livros na extinta revista **Comentário**, que então dirigia”. Mas não se localizou nenhum

² Esse critério é adotado também pela Biblioteca Nacional na publicação *O Conto Brasileiro e sua Crítica*, de Celuta M. Gomes. Como a obra é, na verdade, um grande catálogo de livros publicados sobre o tema conto e os artigos críticos que saíram em jornais e periódicos, sobre os mesmos livros, existem milhares de citações a periódicos. Então, no registro em si, a publicação traz o nome do jornal em forma abreviada, como um código, e no final do volume existe uma tabela com os títulos, respectivas abreviaturas e locais de publicação.

³ Ver Notas explicativas no início do Anexo II, p. 139.

⁴ PY, Fernando. *Paulo Rónai*. Diário de Petrópolis, 13/12/1992.

registro oficial sobre isso. Pelo menos não por enquanto. Ou, sobre a mesma revista, no formulário que preencheu para a Universidade da Flórida, em 1966, quando foi trabalhar lá como *Visiting Professor*, no campo “emprego secundário”, Rónai declara ter sido Secretário da Revista *Comentário*, entre 1960-1962, e também do Instituto Cultural Brasil Israel, entre 1963-1965, assim como da Editora Delta, na posição de *literary adviser*, desde 1960. Em outro campo do formulário ele também menciona ser professor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, uma atividade a que, em outro documento, Rónai refere-se como sendo a de conferencista sobre a história do teatro. Em outro documento, um curriculum escrito em francês, Rónai confirma sua colaboração com a Delta-Larousse, nos campos da literatura e da gramática, e informa sobre a colaboração com a Enciclopédia Barsa, uma edição brasileira da Encyclopedia Britânica.

Na carta para Afrânio Coutinho acima mencionada, Rónai também faz referência à questão do relacionamento com editoras: “Da biografia não constam minhas atividades profissionais em editoras e jornais da Hungria e do Brasil; neste último, lembrarei a Atlântica Editora, o Instituto Nacional do Livro e a Editora Globo, assim como o Diário de Notícias e A Cigarra (em ambos tenho uma seção de parceria como Aurélio)”. O exame um pouco mais apurado do item *Livros Prefaciados*, no Anexo II, vai nos revelar que Rónai prefaciou várias publicações da BUP—Biblioteca Universal Popular, pode-se dizer de forma sistemática. E, coincidentemente, o primeiro lançamento de seus *Contos Húngaros* também foi feito pela BUP.

Esta mesma impressão se faz presente com a EDIOURO. Por mais que sejam fundamentadas, evidentemente essas impressões não passam de conjecturas elaboradas a partir das pesquisas e análises feitas neste projeto, mas que necessitam de um aprofundamento maior. No penúltimo capítulo de *A Tradução Viva*, nessa espécie de autobiografia tradutória, Rónai faz menção a trabalhos que fez para as editoras: Delta, Tecnoprint – lançadora das Edições de Ouro – e Nova Fronteira, mas que não se limitam a trabalhos de tradutor. É natural um autor chamar sua casa publicadora de “a minha editora” como Rónai faz ao agradecer uma homenagem recebida da Editora Nova Fronteira, ou mesmo querer “consagrar palavras de gratidão à memória do fundador desta casa, meu grande amigo Carlos Lacerda”. Porém, a impressão de que ele teria participado dessas casas não somente como autor, se verifica, por exemplo, no final do livro de Prosper Mérimée, da Ediouro, quando se examina a relação dos Clássicos de Bolso publicados pela casa: dela figuram vários autores exóticos como chineses, indianos, etc, uma relação que lembra muito os autores constantes da coluna *Contos da Semana* e do *Mar de Histórias*. Porém, não se dispõe de documentos ou registros em carteira de trabalho que comprovem de fato essas atividades editoriais.

O texto que se apresenta, pois, nas próximas páginas, não retrata tudo que foi feito para se alcançar este resultado final. Mas oferece os elementos básicos para se compreender um intelecto que trabalhou no Brasil mas que havia sido moldado em um ambiente cultural diferente. E para se apreciar o seu legado intelectual, na totalidade, como um conjunto coeso.

I – Caminhos da Pesquisa

A resposta a uma indagação prévia parecia sempre trazer em seu bojo outras tantas questões a serem elucidadas sobre Paulo Rónai. Rapidamente ficou claro que a biografia que se pesquisava não era a de um tradutor pura e simplesmente. Em primeiro lugar, como se vê encapsulado no título – Paulo Rónai um brasileiro *made in Hungary* – não se tratava de pesquisar sua vida e obra somente em solo nacional. Estava-se diante de um intelectual que havia sido moldado na Europa em um momento histórico complexo, em um país que, apesar de pequeno, tinha os pés firmemente fincados na sala de visitas do império dos Habsburgos. Um país que apesar de sua cultura milenar, estava isolado pela barreira imposta por sua língua singular e por isso detinha um arcabouço literário específico. Afinal qual seria o verdadeiro perfil de um humanista cuja intelectualidade havia sido forjada na Hungria, no fervilhante momento histórico entre guerras, mas que provinha de uma origem judaica? Que tipo de influências essa conjuntura de coisas teria sobre sua formação intelectual? E na sua profissão, ter origem judaica fazia alguma diferença? Essa condição impôs limites à sua carreira? Ter se tornado um amante das belas letras foi motivado unicamente pelo fato de ter nascido filho de um livreiro? E por que Brasil? Por que não Austrália, como fazia supor um atestado de saúde que ele fez no Consulado Britânico no início de 1939 e que trazia explicitamente “por motivo de viagem à Austrália”? Para delinear o perfil intelectual de Paulo Rónai, isto é, a base teórica que embasa seu pensamento de tradutor, seria suficiente considerar seu epíteto de humanista? Por que tanta gente diferente, atuando em tantas diferentes áreas do saber, identifica Rónai de outras tantas formas diferentes?

E o que significou sua opção pelo Brasil? Simplesmente um *continuum* ou um recomeço? Segundo carta que escreve a um amigo húngaro, em 1959, Rónai afirma que não, que desde o instante em que pisou em solo brasileiro foi capaz de dar continuidade à carreira que tinha iniciado na Hungria. Então a questão central, o norte que orientou as indagações, era: nesse homem multifacetado, há vários profissionais? Ou haveria algum traço comum, mais forte?

Vários autores emergem, aqui, de uma mesma pessoa. Paulo Rónai revela-se lingüista e crítico, memorialista e testemunha de seu tempo, especialista na cultura oral e literária de vários povos e países, latinista e educador. Mostra-se, antes de mais nada, um mestre da língua portuguesa e do ensaísmo, um humanista capaz de conciliar todos esses temas, mantendo seu interesse vivo e instigante para todos.⁵

⁵ *Como aprendi português*. Rio de Janeiro: Globo, 1975. (contracapa)

Apenas doze anos após a chegada de Rónai ao Brasil, Cecília Meireles, no prefácio de *As Cartas a um Jovem Poeta*, refere-se a ele como “poliglota e erudito já incorporado às letras brasileiras”. Para mencionar alguns exemplos.

Conforme a pesquisa avançava e ia se fazendo contato com os ensaios críticos de Rónai, cada vez ia ficando mais evidente o significado e o peso de sua origem e formação húngaras nos contornos de seu fazer intelectual e as pesquisas iam se direcionando cada vez mais para sua formação humanística, na Hungria da virada do século XX, para uma pessoa que nasceu dez anos antes da Primeira Guerra Mundial, filho de um livreiro judeu ⁶ – portanto em uma família de certa posição econômica e intelectual.

Paralelamente a esse perfil mais geral, começaram a surgir questões de ordem pessoal: em que medida Rónai foi influenciado pelo meio em que cresceu e se desenvolveu intelectualmente? Ou seja, quem eram os ídolos de sua juventude? Com o que se divertiam aqueles jovens do começo do séc. XX? O que alimentava seus sonhos e esperanças? Parece que o ambiente cultural da época da juventude de Rónai é extremamente propício para os moldes do perfil intelectual que ele viria a desenvolver. O trecho a seguir, extraído de um texto contemporâneo que conta a história do surgimento de um jornal em Budapeste, parece ilustrar bem esse mundo da juventude ronaiana.

1932-ben történt, hogy négy budapesti húsz év körüli fiatalember elhatározta, havi folyóiratot indít a legújabb író-költő nemzedék együttes megszólaltatására. Kamasz gimnazista koruk óta jó barátok voltak, verseiket gyakran együtt olvasták fel ugyanannak a néhány gimnazista lánynak, akikkel nyáron teniszezni, télen korcsolyázni jártak, és akikkel együtt beszélgettek-vitatkoztak irodalomról, művészetekről, olykor még filozófiai kérdésekről is.

Aconteceu em 1932. Quatro jovens de Budapeste, no entusiasmo de seus vinte anos, decidiram lançar um periódico mensal impresso, direcionado à sua geração de escritores e poetas, para que esses tivessem uma arena onde se manifestar, se fazer ouvir. Desde o viço de seus anos de adolescência eram bons amigos. Com frequência, juntos declamavam seus próprios versos para aquele mesmo punhado de garotas do ginásio com quem costumavam jogar tênis no verão, patinar no inverno, com quem, juntos, discutiam sobre literatura, artes, e às vezes até conversavam sobre suas questões filosóficas.⁷ [minha tradução, do húngaro]

As influências intelectuais de sua juventude juntamente com os eventos históricos em que estiveram inseridas, marcaram e acompanharam Rónai pelo resto da vida. Em uma entrevista ao *Jornal de Brasília*, publicada em 28/09/1977, ao citar Ady Endre como seu autor preferido, ele declara com todas as letras: “Ele foi o ídolo da minha mocidade”. Raras

⁶ Em entrevista a Egon e Frieda Wolff, *Participação e Contribuição de Judeus ao Desenvolvimento do Brasil*, (publicação própria), Rio de Janeiro, 1985, (p.109), Rónai conta que “O primeiro livro que meu pai me deu era de Balzac. Mas geralmente a livraria estava à minha disposição e como meus pais gostavam de ler, eu também comecei a gostar.”

⁷ <http://mek.oszk.hu/01100/01149/html/szaboz.htm> Trecho do artigo que conta a história de Szabó Zoltán, um dos fundadores do jornal *Névtelen Jegyző*, Budapeste, Hungria, em 1932.

vezes Rónai é, ele próprio, personagem de seus escritos. Mas ao apresentar Kosztolányi Dezső na Revista USP nº 7 (1990), ele descreve um pouco o ambiente cultural da Hungria de sua juventude:

Nascido em Budapeste em 1907, durante o decênio de ouro da moderna literatura húngara (comparável, no Brasil, à década do modernismo) pude conhecer de vista alguns componentes da plêiade aglomerada em redor da revista *Nyugat* [...]. Não era difícil encontrá-los: sucediam-se os saraus, tardes de autógrafos, recitais de poesia, que os jovens de minha geração freqüentavam com entusiasmo. [...] A gente cruzava nas ruas com os grandes nomes das letras, entrevia-os através das vidraças dos cafés.

Uma mocidade que tinha como ídolos os intelectuais que também participavam ativamente da vida social e política do país. Rónai viveu os anos de sua juventude em um ambiente literário fervilhante. Quando indagado sobre o que fazia de Ady Endre um grande poeta, tantos anos depois, em 1977, Rónai ainda fala com entusiasmo:

É impossível dar, em poucas palavras, uma idéia da riqueza, do *élan* e da vibração da poesia de Ady e de sua extraordinária repercussão. Seus poemas incendiavam o ambiente literário, atacavam todos os tabus, agitavam os espíritos, suscitavam protestos ferozes e defesas arrebatadoras, dividiam o país em dois campos opostos. A sua força consistia na intensidade com que vivia todos os conflitos que são os temas ancestrais da poesia: o espanto do vivo ante a morte, do homem em face de Deus, do indivíduo diante a sociedade, do pobre ante a riqueza, do homem em face da mulher, do descendente em relação aos seus antepassados. [...] Desnudava com sinceridade nunca vista as chagas de sua alma, seus conflitos e suas angústias. Sua linguagem revolucionária fazia com que às acusações de impatriotismo e de imoralidade se juntasse a da incompreensibilidade. A posteridade lhe fez justiça. Hoje é um clássico, mas um clássico vivo, cujos versos todos sabem de cor e que exerce influência descomunal até hoje.

Confirmando a impressão inicial sobre sua intelectualidade diferenciada, nesse pequeno trecho Rónai fala de muitas coisas. Primeiro, ele destaca a importância vital que o gênero poesia teve, e tem, sobre sua intelectualidade. Como se verá mais adiante, existe uma significativa parcela da produção literária húngara voltada para o que, em outro trecho dessa mesma entrevista, Rónai chama de “poesia cívica”. Então, devido à sua significância para Rónai, as pesquisas teriam que se estender também nessa direção, numa parcela mínima que fosse. Em seguida, quando menciona os temas ancestrais da poesia, Rónai demonstra sua intimidade com esse gênero literário, um dos gêneros que irá acompanhá-lo ao longo da vida, de várias maneiras. Portanto, mais um item para o rol das pesquisas. E esse ambiente literário que ele cita? Quais suas características, seus principais ícones? Impossível delinear um perfil sem também dar os contornos do contexto a que pertence. Teria então a Hungria um sistema literário independente? E se sim, quais suas particularidades? Mais um item na lista a pesquisar. E a tradução, que papel desempenha

nesse sistema literário específico? Sim, porque a tradução tem um papel evidente na produção literária de Rónai, mas será que ela detém a posição mais alta como querem alguns que já estudaram, parcialmente pelo menos, a sua obra? Como se verá ao longo dos capítulos a seguir, existem novas perspectivas a serem consideradas.

Voltando às origens culturais de Rónai, como ele destacou na entrevista acima, enquanto vivo –1877 a 1919 –, Ady foi o que poderíamos chamar de um revolucionário, que usava sua pena para incendiar paixões. Ora, é exatamente na época de sua morte que encontramos o jovem Rónai vivendo as emoções de um garoto de 12 anos, publicando seus primeiros poemas em um jornalzinho de ginásio, datilografado e ilustrado com desenhos à mão livre. A morte de Ady havia acontecido apenas 6 meses antes quando aqueles garotos colocaram um desses seus poemas incendiários na primeira página de seu jornalzinho. A Primeira Guerra Mundial tinha acabado de terminar e a Hungria estava prestes a perder 2/3 de seu território nacional, como de fato aconteceu com a assinatura do Tratado de Trianon, em 04/06/1920. As palavras de Ady reverberavam nas jovens mentes com o entusiasmo de sua mocidade. E foi nesse ambiente fervilhante e patriótico que o jovem Rónai cresceu e teve sua cultura moldada. As indagações continuam: que influência esse ambiente teve em sua vida intelectual? E que parcela veio na sua mala quando desembarcou no Brasil nos idos de 1941?

Poucos no Brasil tem alguma intimidade com a cultura e a intelectualidade húngara. Era necessário conversar com quem havia tido contato com Rónai enquanto vivo e poderia dar um panorama de um ponto de vista de um estudioso dessa cultura. Em entrevista por e-mail, Nelson Ascher dá uma síntese do papel que, em sua opinião, Ady desempenhou na vida intelectual de Rónai e faz isso comparando com outro intelectual húngaro – George Lukács - que também havia sido influenciado pelo mesmo Ady Endre, mas com resultados bem diversos.

Quanto ao Ady, embora o que o Rónai tenha escrito sobre ele seja mínimo, dá para se ver que possuía uma visão mais ampla e profunda do poeta do que Lukács. Ady, para Rónai, descortinava horizontes, enquanto para o filósofo ele era sobretudo a confirmação de idéias que ele já acalentava antes. Lukács, bom hegeliano e, depois, marxista, achava que a literatura existia para se dissolver na realidade, ou seja, que ela era apenas um momento negativo de auto-reflexão, mas um momento que, de uma realidade alienada poderia conduzir a outra realidade, esta sim autoconsciente. Daí que Rónai se aproximasse de Ady (e de demais autores) buscando tudo o que eles podiam oferecer.⁸

Dois húngaros, judeus, intelectuais, que menos de uma geração separava, ambos influenciados pelo mesmo poeta “incendiário”... Evidentemente não se poderia compreender a mentalidade ronaiana sem passar uma vista d’olhos nas questões aqui sugeridas, as quais

⁸ Nelson Ascher, em entrevista pessoal, por e-mail.

de alguma forma já haviam sido abordadas quando da pesquisa do significado da problemática judaica na vida de Rónai, uma questão evidente demais para não ser analisada. Já é história que Rónai por pouco não consegue entrar na universidade por causa exatamente de sua origem judaica. Na época estava vigente na Hungria uma lei que limitava a entrada de judeus na universidade a um total de 3% das vagas – o famoso *numerus clausus*. Quando foi se inscrever pela primeira vez, Rónai foi barrado por conta da tal lei. Quando porém, um de seus antigos colegas de ginásio, que já havia se inscrito, ficou sabendo que ele tinha sido barrado, indignado, o colega de Rónai foi falar com o Diretor da escola e disse que de bom grado cederia seu lugar pois era inadmissível que não houvesse lugar na faculdade para o aluno mais brilhante do ginásio.

Na questão do nascimento em família judaica, chama a atenção o fato de que, devido às características de suas práticas religiosas – por exemplo, a constante repetição do Pentateuco – desde a época dos juízes (cerca de 3.000 anos atrás) não existe judeu analfabeto: segundo essa milenar tradição judaica, é obrigação do pai ensinar o filho a ler, como forma de iniciá-lo nas práticas religiosas. Detalhes desse ensino compulsório chegam a ser prescritos nas escrituras, segundo os textos consultados.⁹ Tanto assim que ao implantarem suas escolas “para garantir um mínimo de instrução judaica”¹⁰ os povos judeus espalhados pela Europa desde a Idade Média tiveram um papel pioneiro e preponderante na disseminação do sistema escolar que viria a compor o ensino livre contemporâneo. Ainda segundo essas fontes, no início do séc. XIX particularmente na Alemanha praticava-se o *simultanschule*, isto é, cristão e judeus freqüentando as mesmas instituições de ensino mas recebendo instrução religiosa em separado. Nesse ponto da pesquisa, e relevante para ela, é necessário considerar a questão da emancipação judaica – *Hashkalah* – que ocorreu na educação e também em todas as esferas culturais. Posterior, mas impulsionado pelo iluminismo, esse movimento irrompe com força total no século XVIII. O iluminismo judaico, um movimento ascendente, também conhecido como messianismo judaico, e que significou uma rápida assimilação e inserção na cultura dos países em que até então os judeus viviam à sombra da sociedade – é fato histórico que, tal qual escravos e servos, os judeus não tinham nem direito à cidadania –, produz intelectuais de grande relevância para a moderna história da humanidade.

A Hungria não fica de fora desse movimento generalizado, e Lukács é um desses ícones. Em um artigo localizado no Museu Eletrônico da Hungria¹¹, que trata da influência de Ady Endre sobre a intelectualidade húngara, destaca-se que foi Lukács quem primeiro percebeu a centralidade do pensamento revolucionário de Ady. Também István Mészáros,

⁹ Encyclopaedia Judaica, Israel: Jerusalem, 1971. Verbete: Jewish Education. Vol.6, p.382.

¹⁰ ROTH, Cecil (org.) *Enciclopédia Judaica*. Biblioteca Coleção de Cultura Judaica. Rio de Janeiro: Ed. Tradição, 1967.

¹¹ <http://mek.oszk.hu/02200/02228/html/06/64.html>

em entrevista à Carta Maior¹², refere-se a essa influência e, se não acrescenta, reforça o que já foi dito até aqui.

Fui criado em Budapeste, onde o desenvolvimento cultural - especialmente no que se refere às relações estreitas entre a literatura criativa e o pensamento social e político - era muito especial, talvez único. Isso porque os maiores e mais radicais poetas da nossa literatura nacional, como Sándor Petőfi, Endre Ady e Attila József¹³, eram também os mais profundos e abrangentes pensadores húngaros de sua época. Nos seus apaixonados escritos líricos tanto quanto em suas reflexões teóricas, eles trataram dos mais desafiadores temas da sociedade na sua perspectiva histórica, oferecendo soluções revolucionárias, elevadas e abrangentemente perspicazes, capazes de resistir ao teste do tempo. Não surpreendentemente, Heinrich Heine, amigo de Marx, escreveu que sentiu uma enorme pressão de sua própria "camisa-de-força alemã" quando leu a poesia de seu grande contemporâneo húngaro, Sándor Petőfi. [Nota: aqui Mészáros está se referindo àquilo que anteriormente foi chamado de "poesia cívica".]

[...] O papel especial desempenhado pelos poetas mais eminentes na cultura húngara, incluindo nela o campo da teoria, ajuda a explicar por que o ídolo intelectual e político do jovem Lukács era ninguém menos que seu contemporâneo mais velho, Endre Ady. [...] Em um de seus poemas, Ady criou a frase profética que se provou dramaticamente real alguns anos mais tarde: "Estamos nos precipitando para a revolução". Dessa realidade Lukács participou ativamente como ministro da Cultura e, na fase final da revolução, como comissário político de uma das divisões militares. [...] Meu cuidadoso e não sistematizado estudo dos textos filosóficos começou no último ano da guerra, quando tive a chance de ler alguns trechos escritos por Marx, Engels, Kant e Hegel. A mudança qualitativa dessa leitura ocorreu quando, no início de 1946, descobri em uma livraria uma coletânea de ensaios críticos de Lukács. Eles tratavam de algumas das maiores figuras e temas da literatura húngara, [...] insistindo com paixão na responsabilidade dos intelectuais, tocou-me diretamente.

Ou seja, devido à especificidade cultural que esse fato representa, e o seu papel central no argumento que se quer desenvolver aqui, é necessário insistir na importância desse duplo papel que a intelectualidade húngara desempenha na sociedade como um todo. Ady influencia tanto o pensamento lukácsiano quanto o rónaiano, mas de maneira bem diferente. Enquanto Lukács vê em seu ídolo inspiração e motivação para sua adesão ao movimento revolucionário, Rónai, apolítico, segue a vertente estética de Ady Endre. O moto de Paulo Rónai é o campo da estética, a literatura. Pode ser que a diferença de idade entre eles, apesar de pequena, exerça alguma influência, afinal, quando Rónai chega à fase adulta, assiste, e sofre na carne, à destruição da idílica Hungria de sua infância. Já Lukács vive e participa dos grandes eventos do primeiro quarto do séc. XX sob outra perspectiva. Ao contrário de Lukács, Rónai não participa do messianismo judaico nos moldes descritos por Michael Löwy¹⁴. É no campo da estética que vai concentrar sua vivência intelectual.

Mas, no caso da Hungria, é importante deixar claro, mais uma vez, que ficar no campo da estética não deixa de ser também uma forma de resistência. Rónai vê nisso uma

¹² Entrevista especial para a Carta Maior – <http://agenciacartamaior.uol.com.br/>

¹³ Mészáros não faz a inversão de nomes como é hábito quando se menciona nome húngaro.

¹⁴ LÖWY, Michael. Redenção e Utopia – O judaísmo libertário na Europa Central. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

razão histórica, como bem mostra na *Apresentação* de seus *Contos Húngaros*, com algumas resumidas, mas bem delineadas palavras sobre o advento magiar nas terras da Europa central.

...um bloco étnico, lingüístico e cultural *sui generis*, ilhado entre vizinhos que pertencem aos grupos eslavo, germânico e latino. Vindas da Ásia, as nômades tribos magiares fixaram-se às margens do Danúbio no fim do século IX e por uma centena de anos se tornaram, com suas incursões, o flagelo da Europa Ocidental. Mas por volta do ano 1.000 já as encontramos unidas num reino sólido e integradas no catolicismo. A tal ponto chegou a sua identificação com o Ocidente, que desde o século XIII formaram um baluarte de proteção em que se quebraram as ondas de invasão dos tártaros e dos turcos, ambos seus parentes.¹⁵ Porém, no século XVI, não resistindo à expansão do império turco, tiveram os húngaros grande parte do seu território ocupada pelo Crescente. Libertados cento e cinqüenta anos depois com o auxílio da Áustria dos Habsburgos, pagaram a ajuda com a própria independência – e lá se vão outros dois séculos passados em penosos esforços para recuperar a autonomia. [...] Arrastada à Primeira Guerra Mundial por seus laços com a Áustria, dela saiu mutilada, com a perda de dois terços de seu território; envolvida na Segunda Guerra Mundial, foi campo das mais encarniçadas batalhas e sofreu terrível sangria em suas reservas humanas. Libertada pelas tropas russas em 1945, dentro em pouco passou à órbita soviética. [...] Compreende-se que nesta sucessão de crises, que punham em perigo a própria existência da nação, o simples uso da língua magiar significasse mais de uma vez um ato de resistência, e a literatura adquirisse o acento patético¹⁶ de uma profissão de fé.¹⁷

Mesmo não seguindo uma via revolucionária como a de Lukács ou de muitos outros, em sua crença, Rónai não deixa de exercer o seu papel na luta pela preservação da identidade nacional, quando, já no Brasil, ou mesmo ainda na Hungria, passa a divulgar as letras húngaras.

Apesar de ser declaradamente agnóstico, Rónai não consegue se esquivar das influências que o fato de ter nascido em uma família judia terá sobre o percurso de sua vida. Até no seu diploma de doutor em filologia, no campo onde o aluno é identificado, sua condição de judeu é citada. Mas mais significativo para os contornos específicos de sua *persona* é pertencer, estar inserido na cultura húngara. Esse pertencimento, esse sentimento nacionalista é bem ilustrado por István Szabó em seu filme *Sunshine – O Despertar de um Século*¹⁸, em que conta a saga de três gerações de uma mesma família

¹⁵ João Guimarães Rosa, em *Pequena Palavra*, faz uma descrição detalhada da origem comum da língua húngara com “a grande família turaniana”. In: *Antologia do Conto Húngaro*, de Paulo Rónai.

¹⁶ Rónai, evidentemente, usa o termo patético no sentido 2, do *Dicionário Aurélio*: “que revela forte emoção; apaixonado”. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0 (em CD)

¹⁷ *Contos Húngaros*. São Paulo: EDUSP, 1991. (p.12)

¹⁸ Em especial, duas cenas chamam a atenção para as questões levantadas aqui: a carta que Ignazts recebe de seu pai, quando vai deixar a casa paterna e se transformar em um juiz, que em poucas palavras, resume as mesmas questões históricas aqui destacadas – o papel ancestral da educação na cultura judaica, a exclusão social sofrida pelos judeus ao longo da história, a habilidade à adaptabilidade que a exclusão social indiretamente provocou – e, a cena em que seu filho, apesar de ter sido um campeão olímpico e com isso ter conquistado as maiores glórias para sua pátria, é morto pelos guardas húngaros nacionalistas, no campo de concentração, surdos à sua resposta à pergunta “quem é você?”: sou um húngaro, campeão olímpico! A crença, a confiança na proteção, mas principalmente no significado de pertencer à nação húngara, nesta cena, fica elevada ao grau máximo.

judia de Budapeste e demonstra, com cenas tocantes, como o sentimento nacionalista estava acima da condição religiosa. Apesar das condições de seu nascimento judeu, Rónai é um intelectual que, sem ufanismos, ama a sua língua materna e toda literatura húngara. Um exemplo ilustra bem o que isso significa. Em função deste projeto, recentemente contactei um pesquisador na Hungria, e ele fez o favor de localizar um artigo de Rónai - *A magyar nyelv titkaiból*. (Dos segredos da língua magiar) publicado no jornal *Kultura*, em 03/08/1953 - cuja referência eu havia localizado em uma biblioteca da Hungria, via Internet. Como não havia máquina xerox disponível na tal biblioteca, no dia 31 de janeiro de 2009 esse senhor digitou uma cópia do texto de Rónai em seu laptop e me enviou por e-mail com o seguinte comentário:

Szép írás és megható, Rónai életútja felszínes ismeretének fényében is. Az az ember, aki üldözöttnek érezhette magát a saját hazájában és emigrációba kényszerült, ilyen szépen valljon magyarságáról, az anyanyelvéről. Károly Horányi.

Trata-se de um texto belo e tocante, principalmente em face dos detalhes da história de vida de Rónai. É tocante que aquele homem que se sentiu perseguido em sua própria pátria e foi forçado a emigrar, confesse sua magiaridade e seu amor pela língua materna, de maneira tão bela. *Károly Horányi*. [por e-mail] [minha tradução, do húngaro]

Entre a data do artigo e o e-mail, passaram-se mais de 55 anos. Mesmo assim o sentimento nacionalista arraigado na intelectualidade, no ser individual de Rónai e que ele havia transmitido através daquele texto, não arrefecera ou perdera o seu frescor. Apesar de sua pátria ter lhe virado as costas – fato ao qual ele faz menção ainda em 1987, por ocasião da homenagem que recebe do Governo Húngaro – Rónai não perdera o amor pela sua língua materna.

Forçado pelas circunstâncias da vida, Rónai deixou a Hungria, como muitos outros emigrantes europeus, e integrou-se completamente à vida de sua nova pátria. Seus escritos, apesar de deixarem transparecer seu amor pela língua e cultura húngaras, revelam entretanto que o exílio não o fez perder o verdadeiro sentido do humanista, o amor pela literatura como um todo. Portanto, os fatos levam ao entendimento de que é este o contexto em que ele tem que ser analisado. Moldado na cultura húngara sim, condizente com a agenda da intelectualidade húngara sim, mas, segundo Ascher, acima de tudo, Rónai é um intelectual humanista inserido na *Weltliteratur*, um conceito que neste trabalho deve ser considerado nos termos a seguir, conforme Carlos Rizzon¹⁹:

Ao conceituar *Weltliteratur*, em 1827, Goethe buscava opor-se às classificações restritas e compartimentadas entre literatura nacional e literatura mundial para resgatar na poesia um patrimônio comum da humanidade. [...]. Dessa forma, sua

¹⁹ RIZZON, Carlos. *Biblioteca: tempos e espaços de uma leitura*.
<http://www.dobrasdaleitura.com/revisao/bibliotecarizzon.html>

visão possibilitava uma interação entre literaturas através de trocas interculturais, onde as literaturas nacionais sofreriam transformações pelo contato entre autores e obras de diferentes países. Nessa perspectiva, adquire vital importância o processo de tradução, caracterizado por Goethe como mediação e interação entre as transações culturais. [...] A busca pela literatura do outro e sua reciprocidade preconizada por Goethe revela o que Todorov considerou como *significação compartilhada*, ocasionando então as transformações das literaturas nacionais a partir das trocas universais não pela perda das especificidades, mas no reconhecimento da universalidade do que lhe é próprio de cada manifestação literária. Assim é possível reconhecer na linguagem sertaneja de um Guimarães Rosa reflexões de questões existenciais amplas e profundas, capazes de compreensão em qualquer cultura. [grifo meu]

Então o olhar que se dirige a Rónai não deve estar restrito aos limites das fronteiras da Hungria. O objetivo é avaliar de que maneira se opera esse reconhecimento da universalidade no olhar crítico de Paulo Rónai. Ou, dito com outras palavras pelo *The Literary Encyclopedia*:

The German term *Weltliteratur* and the heightened awareness of literary exchanges and relations across national borders have their roots in the cosmopolitan aspirations of major literary figures as well as literary critics of the Age of Goethe.²⁰

Com base nessas conclusões, a pesquisa voltou-se então para a questão central da formação humanista que Rónai havia recebido na Hungria. Considerando que aos 17, talvez 18 anos, ele já atuava como tradutor profissional, seria importante verificar o que ele havia estudado até então. Em seu certificado de exame de conclusão do ginásio²¹ – equivalente ao *Baccalauréat* francês – constam as seguintes matérias: língua e literatura húngara, língua e literatura latina, história, matemática, física, doutrina religiosa, língua e literatura grega, língua e literatura alemã, iniciação à filosofia, geografia, história natural e geometria. O nível do ensino, somado à aptidão de Rónai para línguas, foram fortes o suficiente para transformar o aluno em tradutor profissional ainda mal saído do ginásio. Em um de seus ensaios Rónai conta que, nessa época, só de latim tinha 6 horas de aula semanais. E os documentos pessoais localizados no seu acervo particular, por exemplo o caderno onde anotava seus poemas preferidos, provam que ele de fato conhecia as línguas que havia estudado: poemas em grego ele anotava no alfabeto grego. Sua esposa relata que quando tinha que ajudar a cuidar da filha que chorava no berço, para entreter a criança Rónai começava a recitar os clássicos gregos para ela, e esse ato produzia um efeito de admiração imediato na criança que, então, esquecia seu choro.

Outro fato notável, a história da faculdade em que Rónai estudou começa em 1395! Trata-se da segunda faculdade mais antiga da Europa. Ao longo de sua história ela produziu

²⁰ <http://www.litencyc.com/php/stopics.php?rec=true&UID=5529>

²¹ O curso ginasial, na Hungria da época, terminava com um exame que dava direito a ingressar na faculdade, diretamente. Naquele momento o estudante já havia frequentado a escola por 12 anos. O que leva a crer que apesar de se chamar “ginásio” e durar 8 anos, de fato, os últimos 4 anos do curso equivaliam ao curso secundário brasileiro.

cinco prêmios Nobel: um filósofo, dois físicos, um químico e um bioquímico. Além disso, Rónai estudou na Sorbonne durante três anos, com bolsa de estudo do governo francês. Ver anexo I – Cronologia, para maiores detalhes. Rónai empreende sua primeira viagem ao exterior, sozinho, aos 20 anos de idade, em janeiro de 1928. A caminho de Paris, ele faz uma turnê intelectual pela Europa e visita todos os museus e locais históricos de importância em seu roteiro. Um fato curioso mas significativo, no momento em que atravessa a fronteira da Hungria, Rónai passa a fazer as anotações em seu diário em francês e esse hábito ele irá cultivar pelo resto de sua vida.

A questão que também mereceu atenção durante as pesquisas foi o estado das coisas no Brasil que acolheu Rónai em 1941. Como era o país à época de sua chegada? Um solo fértil para um intelectual do quilate de Rónai, segundo o retrato pintado por Lia Wyler²².

A educação deveria servir ao duplo propósito de produzir mão-de-obra qualificada e difundir o ideário estadonovista, o que incluía necessariamente a alfabetização, bem como a publicação local de livros de ensino e literatura, revistas e jornais de interesse educativo. [...] Para acelerar essas realizações, Vargas criou, em 1937, o Instituto Nacional do Livro, cuja ação abrangeria apenas traduções escolhidas e subsidiadas de 'obras raras e preciosas' que interessassem à cultura nacional.

Wyler destaca o baixo índice de alfabetização do país, a difícil situação da indústria livreira, uma combinação de dificuldades imposta pela restrição às importações em função da guerra deflagrada nos mercados fornecedores e pela agenda política do governo de Vargas, enfim uma seqüência de fatores que tornou favorável a atividade tradutória para os escritores nacionais. Segundo Wyler “traduzia-se muita obra de ficção e muitas obras técnicas. [...] Com isso crescia o número de tradutores no mercado, embora a maioria não tivesse consciência de sua importância para as editoras e da difusão do conhecimento estrangeiro em nosso país.”²³ É nessa época, porém, que, apesar de um grande número de traduções de qualidade duvidosa e da baixa remuneração percebida pelos tradutores, a tradução começa gradualmente a ser vista como atividade de relevância. É no início dos anos 40 que se começa a discutir que talvez a profissionalização da atividade tradutória seja solução para a crise de qualidade. Em detalhes, Wyler conta a história da Editora Globo e de sua famosa Sala dos Tradutores; o nome de Paulo Rónai é citado por Wyler pela primeira vez como um doutor em línguas neolatinas e grande especialista em Balzac.

Conforme a importância e a dimensão da crítica literária nas atividades de Rónai foram se destacando, ficou evidente a necessidade de estender a pesquisa também nessa direção, assim como o veículo em que a atividade é exercida, isto é, o jornal. A consulta ao

²² WYLER, Lia. *Línguas, Poetas e Bacharéis – Uma Crônica da Tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco Ed, 2003.

²³ Idem, p.115

trabalho de Andréia Aredes, *Um Estrangeiro Entre Nós* ²⁴, foi de grande utilidade pois para estudar os artigos publicados por Paulo Rónai no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, primeiro ela delinea o perfil da atividade jornalística como veículo para a crítica literária. Sua abrangente bibliografia na área é bastante útil. E o olhar que ela lança sobre a obra ronaiana identifica nele a atividade crítica.

Faltava desvendar as questões relativas ao ensaio como forma da crítica literária. Esse gênero que Rónai traz em sua bagagem cultural já é amplamente difundido na Europa, sendo Lukács um de seus estudiosos. Para ele, diz Jordão Machado, “o ensaio é uma crítica científica caracterizada como gênero artístico marcado pela ironia, instrumento reflexivo com o qual seria possível alcançar a realidade da alma e se separar da vida cotidiana” ²⁵. Mas ironia é algo que não se encontra em Rónai, por isso a questão merecia um estudo um pouco mais aprofundado. Então, para caracterizar o estilo ensaístico de Rónai, a pesquisa se direcionou para as duas formas mais conhecidas de ensaio como gênero literário: o ensaio em língua alemã e o ensaio na tradição francesa.

Antes e também paralelamente ao estudo e análise das questões mencionadas até aqui, a produção literária de Paulo Rónai foi sendo arrolada. Todas as fontes, digamos biográficas (ver *Introdução*), listavam suas obras com maior ou menor abrangência e precisão no tocante às edições, e assim por diante. Mas e o resto? Em sua tese, Esqueda ²⁶ menciona que Rónai prefaciou um grande número de obras, relaciona alguns autores, mas quais obras exatamente? Apesar de sua minuciosa classificação das publicações de Rónai por ano de publicação, inclusive as reedições, Esqueda não arrola um único artigo de jornal em sua bibliografia ronaiana, muito menos a produção na Hungria. E na comparação feita com as obras ronaianas listadas pelas outras biografias acima mencionadas, percebeu-se que todas as listas apresentavam diferenças entre si, portanto esse seria um trabalho a ser feito.

Além disso, desde a primeira visita que fiz ao acervo particular de Rónai em Nova Friburgo (RJ) e a primeira folheada em seus livros de ensaios, ficou claro que sua produção literária não se restringia aos livros publicados; que, se fosse para dimensionar sua atividade literária, as fontes de pesquisa teriam que ser ampliadas. Afinal, o que exatamente Rónai havia produzido e publicado na Hungria? Como localizar esse material? E no Brasil, seria mais fácil? Logo descobri que nem sempre é assim.

Recorri a muitas fontes, sempre que possível via Internet: em primeiro lugar aos catálogos de bibliotecas importantes como a da FFLCH/USP via sistema DEDALUS, e todas

²⁴ AREDES, A. *Um Estrangeiro Entre Nós: a produção crítica de Paulo Rónai* (1907-1992) no “Suplemento Literário” d’O Estado de S. Paulo. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis, 2007.

²⁵ JORDÃO MACHADO, C.E., *As Formas e a Vida – Estética e Ética no Jovem Lukács* (1910-1918), 2004.

²⁶ ESQUEDA, Marileide. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. UNICAMP/IEL, 2004. Tese de doutorado.

que pudesse acessar online, bibliotecas públicas como a Mário de Andrade, de São Paulo, a Fundação Biblioteca Nacional, e a UNICAMP, para citar alguns. Visitei todos os sebos que encontrei online e, principalmente, o Google como ferramenta de pesquisa foi de uma utilidade ímpar. Ao localizar uma referência cruzada do nome Paulo Rónai com qualquer outra obra, conferia na biblioteca sua veracidade. Visitei pessoalmente a biblioteca José Mindlin.

Apesar da quantidade de material que a Hungria tem digitalizado, minhas dificuldades ao fazer pesquisas online nos sites húngaros resumiam-se às diferenças de sistemas. Por sorte, junto com as bibliotecas públicas digitalizadas, eles mantêm bibliotecários que dão assistência online. Uma parcela muito importante desta pesquisa é devida à ajuda recebida de Dr. Drótos László, bibliotecário do MEK, Magyar Elektronikus Könyvtár (Biblioteca Eletrônica da Hungria) <http://mek.oszk.hu>. Esse bibliotecário também me assistiu na pesquisa de questões relativas aos assuntos húngaros em geral, como os artigos usados como referência neste estudo. Com o tempo também descobri que para as pesquisas na Hungria era muito mais eficiente usar www.Google.hu, o que comprova a existência de diferenças de sistemas.

Contudo, a maior fonte de referências foi mesmo o próprio acervo particular de Paulo Rónai. Ele tinha um senso organizacional apuradíssimo. Encontrei várias pastas de recortes, ordenados por ordem cronológica, com uma folha índice no começo, feita a mão, com a indicação de cada recorte contido na pasta, data, título e respectivo jornal. E na folha onde colava o artigo, Rónai também anotava caso o artigo tivesse também saído em outro jornal que não aquele guardado. Nas duas visitas de trabalho que fiz ao acervo de Rónai, no Sítio *Pois É* (a primeira visita havia sido de reconhecimento do terreno, digamos assim) coletei uma parcela significativa do material listado no Anexo II. À época da minha qualificação, depois da primeira visita, existiam na lista desse anexo, 128 artigos de jornal publicados por Rónai no Brasil. Hoje, com as pesquisas elaboradas no último ano, esse número supera a marca de 400 artigos, e estima-se que ainda faltem cerca de 160 (ver capítulo II – *Biografia e Obra*) para completar a série de artigos críticos de Paulo Rónai, publicados em jornais brasileiros. Isso, sem falar no material internacional. Encontrei várias menções a colaborações que Rónai teria feito a alguns jornais ou revistas européias, algumas feitas pelo próprio Rónai, mas os artigos não foram localizados.

Quanto aos artigos e poemas publicados na Hungria, a grande maioria foi localizada no próprio acervo Rónai: pastas com cópias, as folhas índice preenchidas com a identificação do conteúdo, enfim, não foi nem uma nem duas vezes que tive a impressão de que Rónai havia preparado aquelas pastas e listas especialmente para facilitar o trabalho de mapeamento de sua obra. É bem provável que ele próprio fosse o primeiro a se beneficiar de seu eficiente sistema de administração de arquivos. Ainda na Hungria, ainda no começo

de sua carreira, ele já mantinha um caderno onde registrava quanto ganhava com as traduções e essas notas facilitaram muito a catalogação aqui elaborada. O método adotado para este projeto, isto é, confrontação das informações localizadas no acervo Rónai com os dados digitalizados na Hungria, permitiu um bom grau de confiabilidade aos registros feitos no Anexo II.

A lista dos livros prefaciados por Rónai e localizados no último ano através de pesquisas cruzadas na Internet e nas bibliotecas mencionadas cresceu de 22, à época da qualificação, para os atuais 67 itens. Está completa? É mais provável que não.

Infelizmente os jornais brasileiros não permitem acesso a seus arquivos, ou se permitem é a um custo exorbitante para os pesquisadores. Digitalização então, como na Hungria, é um sonho que provavelmente não se concretizará. De qualquer forma, à exceção dos artigos de jornal no Brasil e publicações em revistas especializadas no exterior, acredito que a relação da produção literária de Paulo Rónai, listada no Anexo II, está bastante próxima de seu total real.

No momento das análises, entretanto, uma dificuldade relacionada com o desenrolar deste projeto ficou muito evidenciada: a grande distância física entre o meu local de trabalho e a fonte das minhas informações – o Sítio *Pois É*, em Nova Friburgo, RJ –, uma vez que a residência dos Rónai fica a uma distância de 620 km de São Paulo. Na última visita fotografei toda a biblioteca, então posso constatar, por exemplo, se Rónai tinha acesso a determinada obra, ou não. Mas o que fazer se, após ler um texto que porventura eu tenha escaneado ou xerocado na última visita, não posso dar seqüência à análise, pois eventualmente não tenho comigo algum documento que permitiria isso. Posso ver nas fotos das prateleiras do acervo que existe determinada pasta, mas não posso consultá-la de imediato. Tenho que esperar uma nova visita a Friburgo. Com isso a completitude das pesquisas e as conseqüentes análises ficam de certa maneira prejudicadas.

II – Biografia e Obra

... Paulo, who crammed two lives into one.
Arthur McDermott²⁷

*Desde que nasci – sou filho de livreiro –
vivo entre livros e tenho por eles uma
ternura especial. Facilmente poderia
renunciar a escrever, nunca a ler.*²⁸
Paulo Rónai

A produção literária de Paulo Rónai é tão vasta e variada que este capítulo objetiva apresentar algumas características de seu trabalho, detalhes ou comentários que liguem as obra a fatos da vida, que, às vezes, não ficam evidentes só pela leitura dos títulos. A seqüência da organização temática é a mesma do Anexo II.

Notas biográficas

A história de Paulo Rónai com a literatura é antiga, remonta à sua adolescência. Aos 12 anos de idade ele já publica alguns poemas próprios no jornalzinho do ginásio. Em 1925, aos 18 anos de idade, ele participa com outros 42 concorrentes e fica em 4º lugar em um concurso nacional sobre poesia e literatura húngara dos séculos XVI e XVII. Muito tempo depois, Rónai ainda gosta tanto de poesia que tem em casa uma dessas brochuras que se usa na escola, em que, com letra miudinha, mas caprichada, anota seus poemas preferidos, e, em momentos de lazer, declama para as filhas. Quando a 2ª Guerra já corria solta e ele foi internado em um campo de trabalhos forçados, conta sua esposa que, para ocupar a mente, ele ficava declamando os épicos gregos. Um outro caso que merece ser contado é o de um artigo em húngaro que durante as pesquisas chamou a minha atenção. Nele, em 1980, um famoso produtor cinematográfico da Hungria, Gyertyán Ervin, relata como, aos 13 anos, havia descoberto a poesia de Jozsef Attila – considerado um dos três maiores poetas nacionais de todos os tempos, juntamente com Petöfi Sándor e Ady Endre - que acabou influenciando todo o seu trabalho ao longo da carreira. Conta ele que um dia, em 1938, um dos professores do ginásio havia adoecido e então enviaram um jovem professor substituto

²⁷ Um amigo de Paulo Rónai que hoje vive na Austrália.

²⁸ Carta a Afrânio Coutinho, em 13/09/1958.

em seu lugar – Rónai Pál ²⁹ – que na hora inventou uma brincadeira interessante para os rapazes: ele declamava uma linha de um poema qualquer, e os rapazes tinham que adivinhar o autor e a obra a que a estrofe pertencia. Depois de alguns acertos da classe, eis que Rónai declama uma estrofe e a classe inteira emudece; ninguém se habilita. Conta Gyertyán que até hoje se lembra da cara de surpresa de Rónai quando estew perguntou “Rapazes, vocês não conhecem József Attila?” Em uma entrevista por telefone, o Sr. Gyertyán Ervin me contou que devido à política de exclusão, que não permitia aos judeus galgar posições acadêmicas nas universidades, no Ginásio Israelita³⁰ a vida intelectual era muito intensa e de alto nível.

Conhecer todos os meandros da arte poética, porém, não garante uma carreira a Rónai no campo da poesia, mas o conhecimento o transforma em tradutor e crítico gabaritado. A sua bibliografia deixa esse fato evidente, pois a evolução que ocorre no transcurso de sua carreira é a primeira coisa que salta aos olhos. Suas primeiras publicações, aos 19 anos, são de traduções de poesias, de clássicos como Horácio, Catulo e outros, para o húngaro. Aos poucos, além do latim, outras línguas entram na lista, como o italiano, e em 1931 aparece a sua primeira versão de poesia do húngaro para o francês. Em 1937 já se tem tradução de poemas a partir de várias outras línguas: espanhol, grego, e em fevereiro de 1938 a primeira tradução de um poema do português, que, a partir daí começaria a ser freqüente. Qual é o significado desse percurso? A resposta, em parte, está contida naquela entrevista de István Mészáros citada anteriormente, quando ele menciona que os grandes poetas nacionais são também os “mais profundos e abrangentes pensadores” que não somente produzem poesia ou incendiam paixões com suas reflexões teóricas, mas tomam para si a nobre tarefa de traduzir a literatura universal, e consideram esse ato um serviço à nação, porque assim a disponibilizam para a população húngara que de outra forma se veria presa no isolacionismo da língua pátria, e também porque consideram o ato tradutório como prática literária. O próprio Rónai, em seus ensaios, explica esse efeito colateral indireto que o exercício da tradução proporciona.

Levei muitos anos para perceber as complicações de seu mecanismo. À medida que aprendia outras línguas é que me espantava com a minha.³¹

Depois que completa seus estudos na França, a partir de 1931, Rónai também começa a publicar traduções de contos, textos e poemas do húngaro para o francês, tanto em Budapeste como em Paris. Enquanto estuda na capital francesa, envia artigos para

²⁹ Nome de Paulo Rónai em húngaro.

³⁰ Os últimos quatro anos do ginásio, na Hungria da época, eram equivalentes ao nosso atual 2º ciclo.

³¹ *Retrato Íntimo de um Idioma*. In: *Como Aprendi Português e Outras Aventuras*. São Paulo: Globo, 1992. (p.116)

publicação em Budapeste, e sua carreira literária já se consolida. É quando começam a surgir seus textos críticos, sobre literatura húngara na França e literatura francesa na Hungria, além de continuar a escrever e publicar sobre os poetas latinos clássicos. Quando, em 1938, Rónai também começa a publicar críticas sobre autores brasileiros demonstra que seus estudos sobre a nossa literatura já estavam bem avançados.

Conforme a carreira de crítico literário de Rónai vai se consolidando e seus caminhos vão se afastando da poética como prática, ele sente que o rumo de seu futuro é outro. Em 01/09/1929, ele registra seu último poema nas páginas de um livrinho datilografado que havia montado com suas composições: dedicado aos seus próprios poemas, diz sentir que suas palavras estariam mais voltadas para a prosa e que a fonte da inspiração poética havia secado. Rónai aprendera a arte, conhece todos os seus meandros como se vê em muitos de seus textos, mas não se sente poeta. Apesar de ter iniciado sua carreira literária com tradução de poesia e a primeira seleta de literatura brasileira que produz em 1939³² ser de poesia, Rónai cada vez mais vai encontrando seu lugar na crítica, que já pratica desde essa época, como se observa no item 1.2 do Anexo II. Por exemplo, seu artigo crítico sobre a tradução francesa de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é publicado em Budapeste dia 11/02/1939, e, fato curioso, chega a ser integralmente transcrito e publicado também no Brasil, no dia 19/08/1939.

E aos poucos, a partir de 1938, Rónai começa a se revelar como um estudioso das letras brasileiras e seus artigos sobre o tema começam a sair com frequência na imprensa húngara, juntamente com os outros temas que lhe são caros: Balzac, Ady Endre, literatura húngara e francesa, para citar alguns. Aos poucos Rónai também começa a publicar livros, conforme Anexo II-a - fase Hungria.

Questões pessoais

Apesar de, em seus escritos, estar sempre testemunhando que determinado texto lhe causou emoção – emoção estética, bem entendido –, não se percebe Rónai falar de questões pessoais ou expor seus sentimentos em público. Certa vez, em carta a um amigo de longa data – Arthur McDermott que hoje, com 93 anos, mora na Austrália –, ele fala um pouco do destino dos membros de sua família e acrescenta que só fez isso pois o amigo havia insistido muito, que não era de seu feitio tratar de assuntos dessa ordem pessoal. Ainda assim, de vez em quando, deixa indícios de que os eventos na Europa o marcaram profundamente: nas passagens em que precisa fazer alguma referência ao tempo cronológico, não é raro encontrar associação de datas com os acontecimentos que

³² *Brazília Üzen – Mai Brazil Költök* (Mensagem do Brasil – Poetas Brasileiros da Atualidade). Budapeste: Vajda János Kiadó, 1939.

marcaram e ditaram o rumo de sua vida, como, por exemplo, a 2ª Guerra Mundial. Mesmo anos mais tarde, em 1983, em uma entrevista para o Museu de Literatura Petőfi Sándor, de Budapeste, ao citar o lançamento de seu primeiro livro sobre o Brasil, em 1939, relembra que o lançamento foi no mesmo dia em que a 2ª Guerra Mundial foi deflagrada. Ou quando é laureado pelo Governo Húngaro em 1987 (ver *Cronologia* de vida, Anexo I), depois de tantos anos, lembra as palavras que haviam sido carimbadas em seu passaporte nos idos de dezembro de 1940: “sem validade para retornar”. Quer dizer, ele é tocado pelos acontecimentos, mas lida com o assunto com muita discrição. Contrariando esse hábito, porém, no início de sua fase brasileira, ainda morando sozinho no Rio de Janeiro, em 23/04/1944, em uma carta dirigida a um amigo que ele chama de “meu caro Chico”, ele revela o motivo pelo qual não pode fazer as conferências que tinha sido convidado para fazer. E acrescenta:

Num minuto em que minha mãe, minha mulher, minhas irmãs, meus amigos, tudo o que tenho de caro no mundo, estão sendo humilhados e torturados, não me sinto capaz de falar a um auditório sobre assuntos literários ou científicos. Já tenho muita dificuldade em continuar as minhas aulas e qualquer outra atividade que exige conversa, contacto pessoal, etc. [...] Talvez mais tarde, quando a situação mudar ou quando eu me tiver resignado, aproveite o honroso convite que me fizeram – mas agora não posso.³³

Sempre tão discreto com relação à sua vida pessoal, excepcionalmente Rónai demonstra que na verdade sofria, e muito, com os eventos que marcaram sua vida. A esposa a que ele se refere na carta é a primeira mulher, que havia ficado na Hungria e com quem ele havia se casado por procuração na tentativa de salvá-la. Mas, no ano seguinte ela seria retirada do Consulado Português em Budapeste, onde se encontrava refugiada, e assassinada pelos nazistas. Rónai faz de tudo para tentar trazer a família para o Brasil, chega até a escrever para Getúlio Vargas, mas seu sucesso é só parcial. Salva a mãe, as irmãs e os cunhados, mas não a esposa e a sogra. É somente anos mais tarde, em 1952, na mesma época em que começa a lecionar no Colégio Pedro II, que Rónai se casa com Nora Tausz, que aqui conhecera no ano anterior. A senhora Nora Tausz Rónai, que apesar de ser italiana fala húngaro perfeitamente, e que foi sua parceira por mais de 41 anos, é quem até hoje zela pelo acervo que Rónai deixou no Sítio *Pois É*. Graças a esse zelo, uma parcela muito significativa deste trabalho pode ser realizada.

Produção literária

A observação da produção literária de Rónai na Hungria e no Brasil, resumida no quadro a seguir, permite perceber a continuidade: à exceção de tradução de poetas latinos e

³³ Carta localizada na pasta de correspondência geral, no acervo Rónai.

poesia em geral, e, por razões óbvias, de tradução do húngaro para o francês, todo o restante ocorre também no Brasil, com maior ou menor freqüência. Esse fato comprova o movimento que ele mesmo pressente em 1929, quando constata que suas palavras são mais voltadas para a prosa. E também permite concluir que, mesmo se não tivesse sido obrigado pelas circunstâncias a abandonar a Hungria, o futuro do crítico literário Paulo Rónai não teria sido diferente.

Resumo da Produção Literária de Paulo Rónai		
	HUNGRIA	BRASIL
Tradução de poemas (do latim, francês, grego, italiano, espanhol, português, e para o francês)	53 + 29*	-
Textos traduzidos do húngaro p/ francês • contos e antologias poéticas - publicados em Budapeste • contos e antologias poéticas – publicados em Paris	95	-
		-
	32	-
Dicionários	1	5
Livros Didáticos	2	15
Livros de Paulo Rónai (no Brasil: 17 em português, 1 em francês, e 1 livro traduzido para alemão e japonês)	5	20
Antologias de Contos	1 do Po	17
Tradução de livros	2 do Fr, 1 do Lat	6 do Hu, 3 do Ale, 1 do Lat, 1 do Ita, 4 do Fr, 1 do Ing, 1 do Gal
Organização de edição	-	11
Livros Prefaciados	-	67
Publicações em jornais:	18 em Hu	321 em Po
• artigos próprios	26 em Fr	
• resenhas	2 em Hu 15 em Fr	204 em Po
Diversos (na Hungria, pós 1941)	13	59 (*)

* republicações que aparecem na Hungria, depois de 1941.

(*) inclui publicações em outros lugares que não Brasil e Hungria, inclusive após sua morte.

Por agrupar obras de naturezas muito diferentes, o quadro acima deve ser avaliado com reservas. Seu intuito é apenas mostrar em um único quadro geral, toda a produção

literária de Paulo Rónai, numa tentativa de vislumbrar seus traços mais característicos. A ressalva fica por conta da mistura que o quadro apresenta, ao dar “peso igual” tanto para um artigo de jornal como para o *Mar de Histórias*, por exemplo, uma publicação em 10 volumes, que envolve diversas tarefas. Apesar dessa restrição, o quadro tem suas vantagens. Permite, por exemplo, confirmar que a vinda de Rónai para o Brasil não significou um corte em sua vida profissional. Outra consideração a ser feita: a fase produtiva na Hungria englobou um período de cerca de 10 anos, enquanto no Brasil seguramente mais de 45. Com isto os números, em valores absolutos, não são comparáveis.

Entretanto, os grandes números ficam evidentes, como no caso da publicação de artigos em jornais e revistas. Se somarmos todas as aparições de Rónai em jornais, seja na Hungria como no Brasil, sejam poemas ou artigos, e considerarmos que a Coluna *Contos da Semana* significou para Rónai 256 aparições no jornal – no quadro considerado como uma única unidade –, salvo lacunas no levantamento, chega-se a um total superior a 1100.

Além disso, a análise da relação de artigos e resenhas demonstra que entre 1952 e 1967 faltam muitos artigos na série. E esse fato é facilmente verificável, por exemplo, quando se comparam os livros de Rónai com a relação de artigos listados neste texto. *Encontros com o Brasil* tem 30 ensaios, todos previamente publicados em jornais. Da série histórica, porém, só constam 14 ensaios. E quase todos os 16 faltantes referem-se ao mesmo período. Dos 30 ensaios que compõem *Como Aprendi Português*, 13 não constam da série histórica do Anexo II-b e a maioria deles também pertence ao período em questão, ou anterior. Também nos artigos sobre Paulo Rónai já se encontrou menção a artigos que ele teria publicado e que também não constam da relação do Anexo II-b. Ou seja, existem claras evidências de que o arquivo do Anexo II-b, apesar de bem extenso, ainda não está completo. Uma estimativa puramente matemática, por média histórica, sugere que devem estar faltando cerca de 160 artigos, o que elevaria o total estimado acima, para algo próximo de 1.300 aparições em jornais, entre artigos que vão desde meia coluna até página e meia, ou duas páginas inteiras de jornal. Se, porém, se considerar que dos cinco livros de ensaios de Rónai estão ausentes da relação cerca de 70 artigos, o número estimado nem é tão improvável.

E mais, esse estimativa de 1.300 aparições em jornais e revistas ainda deixa de fora, por exemplo, colaborações como a *Província de São Pedro*, de Porto Alegre ou mesmo a coluna *Letras*, do *Jornal de Transportes* e diversas outras colaborações citadas no item 2.9 do Anexo II-a, ou ainda o trabalho que ele teria realizado na extinta revista *Comentário*, que ficou fora desta pesquisa. Portanto, o número total pode ser algo em torno de 1.500 aparições em jornais e revistas, número esse que nitidamente confirma a atividade crítica exercida por Paulo Rónai, como sendo muito representativa de sua carreira literária.

Comentários específicos sobre os itens do Anexo II

A seguir, os comentários de cada item do Anexo II–a, com destaque para eventuais particularidades.

Item 1.1 – traduções de poemas para o húngaro – O primeiro poema de Rónai de que se tem notícia, saiu no jornalzinho da escola, em 15 de junho de 1919, quando ele ainda tinha 12 anos de idade. Entretanto, na relação desse item 1.1 somente foram considerados os itens publicados profissionalmente. Com isso a série histórica se inicia em 24/01/1926 – poucos meses antes de Rónai completar 19 anos – com suas traduções de poemas do latim para o húngaro, publicadas em Budapeste. Como se vê no Anexo I – Cronologia, em julho de 1926 Rónai já havia recebido seu primeiro certificado de francês. Então, em julho de 1927, sai o primeiro texto de Rónai, na verdade notas que ele acrescenta à tradução dos poemas. Em 1931, na série de poemas traduzidos, aparece a primeira publicação em Paris, onde ele está estudando na Sorbonne. Mas, como pode ser observado no item 1.2, a essas alturas ele já está publicando traduções de contos também e enviando artigos da França (ver item 1.3).

O que é digno de nota nessa série de tradução de poemas é que aos poucos Rónai vai publicando traduções feitas a partir de novas línguas. Em janeiro de 1932 surgem as primeiras traduções de poemas do italiano e também algumas traduções de poemas do húngaro para o francês. Depois surge a primeira tradução de poema do espanhol para o húngaro, em 1937, e, dia 27/02/1938 a primeira tradução de português: um poema de Anthero de Quental. Em maio do mesmo ano sai a tradução de um poema de Correa Júnior, e em uma edição dominical de julho de 1938 a tradução de mais três poemas brasileiros. Como se observa na série, Rónai publica traduções de poemas do grego também.

Que o número das traduções e das línguas não leve a conclusões equivocadas. Publicar traduções poéticas em terra de mestres em tradução poética não é pouca coisa. Muito menos ser capaz de fazer isso a partir de várias línguas diferentes. A qualidade do trabalho de Rónai nesse segmento da tradução é incontestável, como demonstram as republicações que continuaram a ocorrer depois que ele saiu da Hungria, e que estão listadas no item 1.1.1 e indicadas com um * no quadro. As antologias se sucedem na Hungria, e as traduções de Rónai são alinhadas com as de grandes mestres. Há publicações que inclusive se dedicam a colocar lado a lado as diversas versões do mesmo poema latino, por exemplo. Como se vê no quadro, 29 títulos estão listados, sendo que o último de que temos notícia data de 2002.

Item 1.2 – traduções de artigos do húngaro para o francês – Em 1931, quando Rónai ainda está estudando na Sorbonne em Paris, começam a aparecer suas traduções do húngaro para o francês, tanto em Paris como em Budapeste. Em geral são artigos literários produzidos por ele ou traduções de contos. Em maio de 1932 aparece a primeira publicação em francês na Hungria, para a *Nouvelle Revue de Hongrie*. Por nove anos, a partir dessa data, Rónai vai colaborar regularmente com esta revista, uma publicação mensal, cujo objetivo é divulgar a cultura húngara para o mundo francófono, principalmente aqueles que habitam em Budapeste. Apesar da declaração de Rónai³⁴ de que mensalmente publicava traduções de contos, artigos literários e às vezes poemas, na relação do Anexo II-a somente constam os textos que puderam efetivamente ser comprovados como tendo sido assinados por ele. Mesmo tendo localizado, no seu acervo particular, as provas de impressão de muito mais textos, só foram incluídos nesta lista os itens que puderam ser devidamente comprovados nas bibliotecas eletrônicas da Hungria. Constam da relação 79 textos assinados por Rónai na *Nouvelle Revue de Hongrie*, quando, considerando o período que ele trabalhou para a revista, o total deveria ser no mínimo 94³⁵, ou mais, pois o próprio Rónai conta que não era raro traduzir mais de um material. É interessante destacar que a maioria das traduções de Rónai, nesta revista, eram de contos, portanto cada publicação representa duas, três ou até mais páginas. Sem mencionar o número especial de jun-set de 1940, para o qual Rónai traduziu um romance de Tersánszky, de 47 páginas. No item 2.8 onde estão relacionadas as publicações na Hungria pós chegada ao Brasil, há também a tradução de um conto de Kosztolányi Dezső, de 40 páginas, que saiu na mesma revista. Portanto, um volume considerável e que, segundo relatos de Rónai em vários ensaios, serviu a vários propósitos em termos de aperfeiçoamento de seu desempenho como tradutor.

No final do item 1.2, estão arrolados alguns itens de um jornal chamado *Express du Matin*, mais uma publicação francesa de Budapeste. Não foi possível localizar as datas desses artigos. A única coisa que se sabe é que o jornal circulou entre 1933 e 1934.

E certamente a relação dos artigos que constam deste item não está completa. No ensaio da *Escola de Tradutores* mencionado acima, Rónai também conta que trabalhou para uma Agência Telegráfica em Budapeste³⁶ que fornecia um extrato diário das principais notícias dos jornais húngaros às embaixadas estrangeiras. Em cerca de uma hora, diariamente, ele tinha que traduzir seis laudas de texto, do húngaro para o francês.³⁷ Como se vê no Anexo I-Cronologia, este trabalho durou cinco anos. Se fizermos as contas, 6

³⁴ Ver *Escola de Tradutores*, 2ª ed., 1981, p.162.

³⁵ Na prática Rónai trabalhou muito mais para a *Nouvelle Revue de Hongrie*. Em entrevista ao Museu Literário Petöfi Sándor, gravada em 05/01/1983, o próprio tradutor conta que era ele quem traduzia a grande maioria do material literário da revista, mas que nem sempre recebia o crédito por isso.

³⁶ Ver na Cronologia, Anexo I, *Budapest Kurir*, de 01/01/1934 a 31/12/1938.

³⁷ Ver *Escola de Tradutores*, 2ª ed., 1981, p. 164-5.

laudas dia x 365 dias x 5 anos, mesmo que se desconte fins de semana ou feriados, o total de laudas que Rónai produziu só para esta Agência dá 9.360 laudas, ou 1.560 aparições diárias de 6 laudas cada. Um trabalho que aqui não foi considerado.

Item 1.3 – textos redigidos por Paulo Rónai ou traduzidos para húngaro – Os quatro primeiros poemas que constam deste item foram relacionados pelo seu significado histórico, apesar de não serem publicações profissionais, digamos assim. São poemas escritos por Rónai, vencedores de concursos, e que de certa forma marcaram o começo de sua carreira literária. O primeiro artigo que de fato pode ser considerado como marco inicial data de 08/01/1928, quando começa a carreira do crítico literário Paulo Rónai como atestam os assuntos dos artigos e ensaios que ele começa a publicar, tanto em Budapeste como em Paris, onde na época está complementando seus estudos de francês. São 45 textos, entre artigos e resenhas.

O que sobressai neste conjunto é a temática e o conteúdo dos artigos, voltados para literatura, filologia, teatro, Balzac, e os poetas latinos. Em 23/08/1931 surge pela primeira vez o título de Doutor junto com a assinatura de Rónai, que na Europa tem um significado especial. Na França ele publica sobre literatura húngara. Suas resenhas são verdadeiros ensaios literários de mais de duas páginas. Entre seus temas, o ensino do italiano na Hungria que na época estava se expandindo. Na Hungria, além de latim e francês, Rónai também é professor de Italiano, motivo por que ele produz material didático em italiano (vide item 1.5). Nos mesmos jornais para os quais traduz contos e artigos literários do húngaro para o francês, Rónai publica seus artigos críticos em francês. O conteúdo deste item confirma que a carreira do crítico literário Paulo Rónai já estava consolidada.

Em 11/02/1939 Rónai publica em Budapeste, uma crítica sobre o lançamento da tradução francesa de Dom Casmurro, de Machado de Assis. Como se verá no item 2.8, com uma defasagem de alguns meses, pelo menos dois desses artigos de 1939 irão aparecer também no Brasil. E a partir desta época, como já mencionado, Rónai não pára mais de publicar sobre temas brasileiros.

Item 1.4 – livros publicados em húngaro – Acredita-se que Rónai não publicou mais livros na Hungria simplesmente porque não teve tempo. Apesar de estarem listadas cinco obras neste item, na verdade somente três foram publicados antes de Rónai vir para o Brasil. Sua tese de doutorado sobre Balzac, seu livro *Brazília Űzen* sobre poesia brasileira que lhe abriu as portas do Brasil e o livro de poesias de Ribeiro Couto. [Ver capítulo III onde se apresenta um comentário e alguns trechos da introdução de seu livro *Brazília Űzen*.] A obra *Latin és Mosoly*, que saiu em 1980, é uma seleção de textos extraídos de três dos livros de Rónai lançados no Brasil e *Boszorkányszombat*, de 1986, é um livro de contos brasileiros,

organizado, selecionado e anotado por Rónai: começa com um conto de Machado de Assis, passando por Lima Barreto, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, etc., um total de 18 autores brasileiros.

Item 1.5 – livros didáticos publicados na Hungria – da mesma forma como viria a fazer no Brasil, no futuro, na Hungria Rónai também lança livros didáticos para apoiar sua atividade didática. O terceiro item da lista, apesar de não ter saído na forma de livro, foi registrado neste item por se tratar de um curso de francês. E segundo sua entrevista ao Museu Literário em 1983, o curso implicava também a correção das tarefas que as leitoras enviavam para o jornal.

Item 1.6 – tradução de livros para o húngaro – com todas as atividades que tinha, sobrava pouco tempo livre para Rónai se dedicar a outros tipos de tradução; mesmo assim publica três livros traduzidos para húngaro, sendo o último uma antologia de poetas latinos, fruto de suas próprias traduções latinistas.

A seguir começa a fase Brasil.

Item 2.1 – Livros de Paulo Rónai – Especialista em Balzac, reconhecido e premiado tanto internacionalmente como no Brasil (ver Anexo I-*Cronologia*), Rónai escreve muito sobre o autor de *A Comédia Humana*, dá palestras, escreve longos artigos para jornais como *O Estado de São Paulo*, onde, entre outubro e dezembro de 1945 publica nada menos que 16 artigos só sobre o tema Balzac (ver Anexo II-b). Em seguida, reúne vários desses escritos soltos pelos jornais e publica em livros. É o caso de *Balzac e A Comédia Humana* publicado pela editora Globo em 1947, resultado desses 16 artigos sobre Balzac. *Um Romance de Balzac – A pele de Onagro* é a tese que prepara para o concurso da cátedra de francês do Colégio Pedro II. *A Vida de Balzac* é a publicação em livro, de sua introdução à *Comédia Humana*. E *Introdução ao Estudo de Balzac* entrou para o currículo do Colégio Pedro II.

Rónai lança seu primeiro livro de ensaios de crítica literária em 1956 – *Como Aprendi o Português e outras aventuras* –, seguido de *Encontros com Brasil* em 1958, e de *Pois É* ³⁸, sua última publicação. Também uma coletânea de ensaios, mas voltada especificamente para o tema tradução, *Escola de Tradutores* é lançada em 1952; com revisões sucessivas, suas 50 páginas iniciais vão sendo engrossadas; a última edição pela Nova Fronteira data

³⁸ “A importância de ‘Pois É’ está justamente em reunir, nos limites de um volume, exemplos de toda essa variada gama de interesses: literatura brasileira, francesa, russa, húngara, etc., tradução, língua, dicionários, etc. Por sua variedade, o volume constitui-se numa crítica aos excessos da especialização, a pior herança dos cursos de letras.” por ASCHER, Nelson. *Rónai dá uma lição de rigor crítico na coletânea de ensaios ‘Pois É’*. Sessão Letras. Folha de São Paulo, 21/07/1990.

de 2000. *A Tradução Vivida* é também voltada especificamente para tradução, entretanto esse volume não se origina somente de artigos de jornais, mas de uma série de palestras que Rónai dá sobre tradução, a convite da Aliança Francesa. Nota-se, porém, que ao longo dos capítulos ele vai enxertando trechos de artigos previamente publicados. *Guia Prático da Tradução Francesa* e *Não Perca o seu Latim* completam o quadro dos livros dedicados à tradução, mas não às línguas. Em 1968 a editora Delta lança sua *Enciclopédia Delta-Larousse*, para a qual Rónai prepara uma separata: *A Língua Francesa, sua Evolução e sua Estrutura*. Da mesma forma, os itens 2.3 – dicionários e 2.4 – livros didáticos a seguir, completam o quadro das obras ronaianas dedicadas às línguas.

O espírito do filólogo sempre manteve acesa em Rónai a chama do interesse pelas línguas artificiais, como ele mesmo diz, “numa tentativa de melhor compreender as naturais”. Com isso escreve bastante sobre o assunto, primeiro em jornais e depois reúne os artigos sobre o tema no volume *Homens Contra Babel* que mais tarde, revisado, recebe o nome de *Babel & Antibabel*, publicado pela Perspectiva em 1970. É curioso notar que a tradução desse livro para alemão, *Der Kampf gegen Babel oder das Abenteuer der Universalsprachen*, sai antes do lançamento da Perspectiva no Brasil. Um ano depois também sairia sua tradução para o japonês.

2.2 – antologias de contos – se isso é obra do acaso ou não, será discutido nos próximos capítulos, mas o fato é que o gênero literário conto desempenhou um papel de peso na vida de Paulo Rónai. Como já se comentou, ainda na Hungria ele faz muita tradução de contos de húngaro para francês e vice versa; seu trabalho na *Nouvelle Revue de Hongrie* envolve não somente a tradução, mas também a seleção do conto que traduz, o que implica, segundo suas palavras, a leitura de mais de mil peças do gênero – portanto essa atividade também marca o início de sua carreira de crítico literário; outro aspecto, especializa-se em Balzac cuja obra máxima, salvo algumas exceções, é uma coletânea de contos.

No Brasil, o gênero conto toma contornos ainda mais significativos. Junto com Aurélio Buarque de Holanda, Rónai assina uma coluna semanal no jornal *Diário de Notícias*, que é publicada durante 14 anos, ininterruptamente. Desses 14 anos, Rónai assina sozinho os últimos cinco, mas como eles trabalham em estreita colaboração em vários outros projetos, inclusive na área de contos, supõe-se que Rónai participa da atividade, juntamente com Aurélio, desde o começo. No Anexo II–c em que esta coluna está detalhada, percebe-se que, com certa alternância, eles selecionam contistas nacionais ou estrangeiros. Evidentemente os estrangeiros, além do processo crítico da seleção – e eles têm uma metodologia própria para isso –, também têm que ser traduzidos e tanto Aurélio como Rónai participam dessa tarefa conjuntamente.

Mar de Histórias – Antologia do Conto Mundial começa a ser lançado em 1945 pela José Olympio, chega até o 4º volume, mas depois tem que aguardar alguns anos até que em 1986 a Nova Fronteira publique todos os 10 volumes que compõem a obra. O trabalho leva mais de 40 anos para ser completado e vai também render várias publicações derivadas, organizadas por países – *Contos Franceses*, *Contos Italianos*, e assim por diante – como se vê no Anexo II. A antologia *Mar de Histórias* é organizada por ordem cronológica, mas as obras derivadas são organizadas por países. Nos próximos capítulos esta importante publicação é analisada com mais profundidade.

Rónai também publica duas antologias de contos húngaros. A primeira, intitulada *Roteiro do Conto Húngaro*, sai em 1954, mas não recebe nenhuma republicação, enquanto que *Antologia do Conto Húngaro*, que contém parte do que havia saído no *Roteiro do Conto Húngaro* é lançado em 1957 e re-editada várias vezes. Tornou-se famoso o volumoso prefácio *Pequena Palavra* com que Guimarães Rosa brindou seu crítico: em suas 25 páginas, devido ao apreço pelo país e pela língua, Guimarães Rosa faz um passeio pela cultura húngara. E Rónai também publica a obra *Contos Húngaros*, que contém suas traduções de contos pós 1957, em que também figuram contos do período socialista.

2.3 – dicionários - talvez não devesse, mas está listado neste item, junto com os dicionários de francês, o *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações*: 1052 páginas de cultura. Rónai não só seleciona citações com seus respectivos autores e fonte, mas também publica junto original e tradução. E inclui notas. Salvo engano no cálculo, cerca de 1.700 autores são citados: Shakespeare cerca de 280 vezes, Sofocles 117 vezes, mas também Machado de Assis 71 vezes, e Gandhi 16, só para citar alguns exemplos. Se do *Talmud* ele retira 29 citações e da *Bhagavad-Gita* 7, da *Bíblia* extrai 185 citações. Como conta sua viúva, “O Paulo era um colecionador, ele colecionava tudo!”. Pelo visto, até palavras e citações.

Outro volume que talvez não devesse estar junto com os dicionários, com o qual Rónai contribui com os capítulos de francês e latim é o *Dicionário Gramatical*, contendo 164 páginas suas, além da *Advertência*, em que o estilo ronaiano transparece pela erudição. A organização do volume pode ser de dicionário, mas o conhecimento envolvido é de gramática pura.

2.4 – livros didáticos – como professor de latim, Rónai lança seu Curso Básico de latim em quatro níveis; o vol. I sai pela primeira vez em 1944 e é usado até hoje em alguns programas universitários; a série se completa com o lançamento do vol.4 em 1949. Em carta de 27/08/1980 para o editor do *Gradus Primus*, Rónai se diz surpreso com a vendagem muito abaixo do esperado e dá sugestões sobre novos locais para distribuição, inclusive junto a “professores de latim das faculdades de letras, pois o que outrora serviu para a 1ª

série ginasial, hoje infelizmente não é fácil nem para universitários”. Aliás, neste sentido, são famosas as críticas de Rónai com relação à queda de qualidade no ensino. Um Rónai apolítico, em princípio, faz críticas ao sistema de ensino no Brasil, aberta e enfaticamente. Curiosamente, com data de 23/05/1944, na mesma pasta da carta, há também um telegrama do Ministro da Educação e Saúde parabenizando Rónai pelo lançamento de *Gradus Primus*, “que constitui feliz e valiosa contribuição para o estabelecimento de novos métodos de ensino do latim no curso secundário”. *Não Perca o seu Latim* não foi listado neste item, apesar de suas características lingüísticas, por não desempenhar uma função exclusivamente didática.

Para o ensino de francês, Rónai lança a série *Mon Premier Livre* que também vai até o vol. 4. Nos próximos doze anos, o livro alcançaria 25 edições. Para o nível colegial publica *Lectures, langage, littérature* vol.1 e vol.2, e *Verbos Franceses ao Alcance de Todos*, sem falar no dicionário francês – português – francês. Como o *A Língua Francesa, sua Evolução e sua Estrutura* (separata da *Enciclopédia Delta-Larousse*) também não tem caráter unicamente didático, ele não foi listado neste item.

2.5 – traduções – Rónai não se notabiliza como grande tradutor de livros; como se vê, o gênero que ele mais aprecia e ao qual mais se dedica é o conto; mesmo assim, alguns livros que traduziu são notáveis campeões de vendas nas livrarias, até hoje. *Os Meninos da Rua Paulo*, segundo relato de um livreiro, não falta em nenhum pedido de reposição de estoque. Tanto assim que em 2006 a Cosac & Naif faz um relançamento do livro, agora com capa dura. Outro campeão, *Cartas a um jovem poeta*, de Rilke, lançado em 1953, estava na 31ª reimpressão em 2001 e continua sendo reimpresso.

Outro volume de posição destacada, na área acadêmica, é o *Literatura Européia e Idade Média Latina*, de Ernest R Curtius; lançado em 1957 já está na 7ª edição e só na biblioteca da FFLCH/USP tem 7 exemplares. Este livro não leva a chancela de Rónai somente. Como muitas de suas traduções, esta também foi feita em parceria.

2.6 – organização de edição – Rónai começa a estudar Balzac desde cedo e publica muita coisa sobre o romancista francês; mas aqui no Brasil pelo menos, se notabiliza particularmente com a edição brasileira de *A Comédia Humana* devido ao seu trabalho de editor, que implica diversas tarefas, a saber: selecionar os tradutores e orientar a tradução, dar unicidade à obra através de uma revisão cuidadosa – durante a qual acaba gerando 7.493 notas de tradução³⁹ ao longo dos 17 volumes da edição brasileira –, redigir a introdução geral à obra e a cada um dos 89 contos / romances que a compõem. Do Anexo I

³⁹ Ver ESQUEDA, Marileide. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. UNICAMP/IEL, 2004. Tese de doutorado.

– *Cronologia* constam várias premiações que Rónai recebe, inclusive do governo francês, pelo seu trabalho com *A Comédia Humana*.

Apesar de não ter sido creditado publicamente pela Editora Globo por isso, Rónai também é o organizador da edição brasileira dos 7 volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. Como a 1ª edição dessa obra sai em outubro de 1948 e na época Rónai tem registro na carteira como Chefe de Escritório da Editora Globo, fica provada a sua atuação. Além, é claro, de seus comentários no penúltimo capítulo de *A Tradução Viva*.

Rónai também é o editor responsável pela organização da edição dos 64 volumes da *Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura* – para a qual ele não somente seleciona e orienta os tradutores mas também críticos especialistas que escrevem ensaios sobre cada um dos laureados –, pelos 10 volumes das *Obras de Viana Moog*, e outros tantos das *Biografias literárias* de R. Magalhães Jr. Quando organiza os 27 volumes da *Coleção Brasil Moço*, Rónai reserva para si a seleção, estudo crítico, bibliografia, prefácio e notas dos volumes referentes a Guimarães Rosa, Aurélio Buarque de Holanda e Menotti Del Picchia. Para os demais escritores representativos da literatura brasileira, ele escolhe nomes entre a crítica especializada. Na apresentação da coleção ele fala de seus objetivos:

...pôr fim ao divórcio entre nossas letras modernas e os leitores jovens – por isso se chama **Coleção Brasil Moço (Literatura Viva Comentada)**. Cada volume é consagrado à obra de um escritor importante, apresentada, através de todos os gêneros que ele praticou, em amostras expressivas, de sentido completo e de alto nível estético. [...] Pedimos a professores de literatura e a críticos literários que facilitassem o acesso às obras assim exemplificadas, traçando perfis dos escritores, comentando os trechos selecionados, elucidando as dificuldades, sugerindo pesquisas, fornecendo bibliografias resumidas.

Ou seja, a proposta de Rónai é que cada volume da coleção represente um verdadeiro curso sobre o autor objeto do livro. Mais uma vez se observam as raízes do professor, filólogo, humanista e crítico literário, para quem língua e literatura andam sempre de mãos dadas - vale a pena lembrar-se de seu diploma nível colegial onde consta “língua e literatura francesa”, “língua e literatura alemã”, etc.

Ao examinar sua *Seleção de João Guimarães Rosa*, vemos que Rónai não somente faz a seleção dos textos, como apresenta um texto introdutório *Perfil de Guimarães Rosa*, introduz cada obra com um comentário inicial, além de inserir abundantes notas explicativas. Em suma, das 166 páginas do volume, 62 são escritas por Rónai. A *Seleção em Prosa e Verso de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira* não fica atrás: de suas 251 páginas, salvo engano, entre introdução ao volume, comentários introdutórios a cada texto, e notas, Rónai é responsável por 55 páginas.

2.7 – prefácios – localizar todas as obras prefaciadas pelo crítico Paulo Rónai não é tarefa fácil, pois depende da boa organização das bibliotecas, se elas registram o fato em seus controles e se disponibilizam essas informações aos consulentes. Mesmo sem a certeza de que esteja tudo arrolado, tem-se neste item um total de 66 obras prefaciadas pelo crítico. Rónai tem uma grande capacidade de leitura. Em seu diário pessoal, em um feriado, anota que depois do almoço, em uma sentada, leu 120 páginas de um volume. Corre uma história famosa na família Rónai. Diz que a jovem esposa, logo no início de uma vida em comum que duraria mais de 41 anos, fez um acordo com o marido de que “pelo menos na hora das refeições, mais precisamente até a hora do cafezinho, o Paulo teria que deixar o trabalho de lado”⁴⁰. Uma vista d’olhos na lista das obras prefaciadas por Rónai revela a representatividade de seu *network*.

2.8 – diversos – talvez esse item devesse se chamar “especiais” pois os textos nele contidos são tão importantes quanto os outros, e precisavam de um lugar para ficar. Incluídos aqui textos publicados por Rónai nos mais variados veículos - inclusive os textos que saem na Hungria depois que ele chega ao Brasil - como por exemplo, revista acadêmica da Universidad Católica Bolivariana (Colômbia), Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien (Toulouse), revista Matraga, University of Florida, Romanitas, revista USP, e assim por diante. Também estão incluídos alguns textos de Rónai traduzidos para inglês. Por exemplo, quem quiser conhecer a história do lançamento de *A Comédia Humana* brasileira, encontra nesse item o artigo *A Comédia Humana no Brasil, história de uma edição*, publicada na Travessia nº 16-17-18, uma Revista de Literatura Brasileira do Curso de Pós em Literatura Brasileira da UFSC, em 1988/89. Também listado neste item, a primeira publicação de Rónai na Revista do Brasil em agosto de 1941, onde Aurélio Buarque de Holanda, na época, é Redator-Secretário. Esse artigo de Rónai marca o começo de uma parceria que duraria para o resto de suas vidas.

2.9 – colaborações – A revista *Província de São Pedro*, publicada no Rio Grande do Sul pela Livraria Globo, é um espaço de literatura séria, na linha das melhores publicações do país. Em cada edição Rónai publica cerca de 10 resenhas, algumas com várias páginas. Outra colaboração regular é a coluna *Letras* do Jornal de Transportes. Uma outra, regular e bem recebida na Hungria, é sua colaboração com o *Világirodalmi Lexikon* (Enciclopédia da Literatura Universal), um ambicioso projeto literário do governo húngaro. Durante os 18 anos que colabora, Rónai produz perto de 200 verbetes sobre autores brasileiros e portugueses. Da mesma forma que o trabalho com a Agência Telegráfica na Hungria, a ser comentado no

⁴⁰ Nora Tausz Rónai, em entrevista pessoal.

capítulo IV - *Tradução*, estas colaborações são às vezes difíceis de dimensionar, mas importantes para a avaliação da atuação do crítico.

2.10 – cursos, conferências e bancas – Desde o momento em que pisa em solo brasileiro Rónai começa a ser convidado para dar conferências. É o caso do discurso que proferiu na Academia Brasileira de Letras no dia 22 de julho de 1941 sobre literatura húngara. No caso desta dissertação, optou-se por deixar indicado no Anexo I – *Cronologia*, todos os eventos cujas informações foram localizadas no acervo de Rónai, inclusive as bancas. Um fato curioso, a banca para Prof. Adjunto de Língua e Literatura Russa, na USP, de Bóris Schnaiderman, em out/76 duraria 5 dias.

Anexo II – b – artigos e resenhas

Devido à sua especificidade e à sua dimensão, a relação de artigos e resenhas publicadas por Paulo Rónai no Brasil está separada, em item próprio, relacionada por ordem cronológica. Além dos diversos aspectos relativos ao jornal como veículo da crítica literária, a própria forma da crítica, o ensaio, é discutida no próximo capítulo, *Crítica Literária*.

A exploração do vasto mundo de temas abordados por Rónai em seus artigos leva aos mais diversos achados: por exemplo, em outubro de 1972, o jornal *O Globo* publica uma série de três artigos contendo o resumo das palestras que Rónai, um especialista em teatro de Molière, havia dado sobre o teatro de Nelson Rodrigues. O tema Balzac: incluindo o que já foi citado anteriormente, tem 33 artigos. Uma pesquisa sobre o tema Guimarães Rosa encontra 18 respostas somente nesta relação do Anexo II-b – mas esse não é o total de artigos publicados por Rónai sobre o autor; só se consegue o total, de fato, se todo o Anexo II for examinado⁴¹. Por exemplo, o texto *Guimarães Rosa contista* só sai publicado na *Revista GRIAL*, na Espanha. Por isso, considerando o critério de organização temática que foi adotado, ele está incluído no item 2.8 – Diversos. E nem sempre os títulos são suficientes para identificar o tema de um artigo. Para se ter um estudo efetivamente temático, determinar o que Rónai publicou sobre um determinado autor, ou tema, é necessário montar um estudo paralelo, um projeto para o futuro.

E uma particularidade que deve ser discutida. Esses mais de 400 artigos listados no Anexo II significam, efetivamente, 525 aparições em jornais. Isto se deve a uma prática

⁴¹ Ver também o item *Rónai crítico de João Guimarães Rosa* no Capítulo III – *Crítico Literário*.

comum⁴², da época, e especialmente no caso de Paulo Rónai. Ele publica o mesmo artigo em vários jornais, sistematicamente. Por isso, ao examinar a lista do Anexo II-b, vê-se que é comum o mesmo título estar acompanhado do nome de vários jornais, dois ou três, às vezes na mesma data, ou em datas diferentes. Em suas listas de controle, Rónai anota os diversos lugares onde o mesmo artigo saiu, e se por acaso a editoria do jornal havia ou não mudado o título. Um exemplo: uma série de três artigos que Rónai escreve sobre sua viagem ao Japão, que ele chama genericamente de *Mergulho no Japão*, é publicada, em datas diferentes, tanto no *Estado de São Paulo*, como no *Correio do Povo* e no *Correio Brasiliense*. Já um artigo sobre Drummond, no Jornal do Brasil sai como *Drummond, a "reunião" em francês*, enquanto que no *Estado de São Paulo* e no *Correio do Povo* sai como *Drummond em francês*.

Outro dado: do total de 400 artigos, 131 são resenhas. E se no início de sua fase Brasil a ocorrência de artigos é mais comum, no final passa a ser o inverso, praticamente só publica resenhas. E, como já se comentou, a confrontação desta relação com os livros de ensaios de Rónai confirma que realmente estão faltando artigos, algo em torno de 160, que em uma próxima etapa de pesquisas devem ser localizados, talvez em arquivos públicos.

Anexo II-c – Coluna Conto da Semana

Publicado pelo *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, a coluna *Conto da Semana*, com raras exceções, sai praticamente todas as semanas durante quase 14 anos: de 13/04/1947 a 04/07/1954 a cargo de Aurélio Buarque Holanda; de 11/07/1954 a 29/04/1956, enquanto Aurélio está em missão cultural no México, a cargo de Rónai; e, depois, até o término de sua publicação, em 25/12/1960, a cargo de ambos. Estima-se que durante esse período são publicados 711 contos, tanto nacionais como estrangeiros, selecionados por Aurélio e Rónai, numa colaboração mútua que além da seleção, envolve também: tradução, revisão, biografia e notas introdutórias, ou seja, uma combinação de atividade crítica com tradutória. Para se ter uma idéia do tamanho dessa empreitada, os 10 volumes de *Mar de Histórias* totalizam 256 contos. Ou seja, se todos os contos que saíram na coluna *Conto da Semana* tivessem sido reunidos em livro, eles poderiam ter conseguido publicar algo em torno de 30 volumes.

Tanto Aurélio Buarque de Holanda como Paulo Rónai, eles sempre publicaram os contos precedidos de uma pequena nota biográfica do autor e da contextualização crítica de sua obra, além de, se necessário, notas de tradução para os contos estrangeiros. Várias

⁴² Em seu livro *Opus 60 – Ensaios de crítica*, João Alexandre Barbosa retrata situação semelhante. Nas Notas Bibliográficas, p.15, ele relaciona todos os periódicos em que cada um dos artigos de seu livro foram publicados. Tal qual Rónai, ele também publicou o mesmo artigo no Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

vezes os contos vinham ilustrados, e não raro ocupavam espaço em duas ou três páginas do jornal. Segundo relata a senhora Nora Tausz Rónai, esta coluna *Conto da Semana* foi a base, a raiz de *Mar de Histórias* e serviu de laboratório para a metodologia de trabalho que os autores desenvolveram para a publicação de sua antologia do conto mundial.

Através de pesquisa própria, de seus contatos com editoras, por indicação de amigos – Rónai conta, por exemplo, que foi Guimarães Rosa quem “assinalou o contista japonês Ryunosuke Akutagawa” –, ou ainda através da colaboração espontânea dos escritores, os organizadores haviam colocado à disposição do público o que havia de melhor no gênero na época. O seu método de seleção efetiva, entretanto, implicava na leitura que ambos faziam do material disponível, as anotações de suas impressões, e no final a nota que cada conto recebia de cada um dos dois críticos. Caso existissem divergências, comparavam suas impressões. Também, informa Rónai, só liam os contos que o outro parceiro já tivesse lido e gostado, desta forma otimizavam seu trabalho. Não raro contribuíam com o escritor do conto, ao revisar o seu texto.

Pelo interesse da informação, na relação dos contos, no Anexo II-c, está incluída a coluna *nacionalidade* para que, caso se queira, seja possível analisar a abrangência dos autores pesquisados por Rónai e Aurélio. Assim, pode-se determinar que do total de 332 ⁴³ contos da lista constam 42 nacionalidades. Do Brasil, existem 145 contos, portanto 44% do total, provenientes de 15 estados diferentes. O único autor nacional a ter mais de dois contos é Machado de Assis, o único da série inteira com 5 contos. Outros autores, quando repetidos, têm no máximo 3 contos na série, o que prova o cuidado dos organizadores com a representatividade. Apesar de constarem 13 autores húngaros com um total de 24 contos, eles só representam 7% sobre o total.

Dia 25/12/1960 os autores se despedem da coluna *Conto da Semana*:

Com a seleção de hoje, despedimo-nos dos leitores desta seção [...] em que durante anos procuramos manter um registro fiel da novelística nacional e internacional. Impedidos de continuá-la, em face da multiplicação de nossas tarefas, entregamo-la a mãos amigas, na esperança de que prossiga acompanhando, com a mesma imparcialidade, a evolução do gênero dentro e fora do Brasil.

Nota adicional

Afinal, depois desse panorama da produção literária de Paulo Rónai, fica claro por que ele é tantas vezes premiado pelo conjunto da obra como se vê no Anexo I – *Cronologia*, que também lista os diversos prêmios que recebeu ao longo da carreira. O Prêmio Nathorst

⁴³ 332 é o total de contos da Coluna *Contos da Semana* que estão arquivados no acervo de Paulo Rónai.

⁴⁴, que na área da tradução, naquela época, era algo equivalente a um prêmio Nobel, obtém tanta repercussão que Rónai recebe cartas e telegramas do mundo inteiro, inclusive do Presidente da República. Um ponto interessante sobre o prêmio, e que vale a pena destacar, é que o movimento em direção à sua indicação partiu do Brasil, especificamente da ABRATES, a Associação Brasileira de Tradutores, mas também foi endossada tanto pela Hungria como pela França. Os próximos capítulos, o da *Crítica Literária* e o da *Tradução*, objetivam detalhar essas duas grandes áreas do saber de Paulo Rónai.

⁴⁴ Prêmio internacional outorgado na época pela FIT - Fédération Internationale des Traducteurs, a cada três anos. <http://www.fit-ift.org/en/home.php>

III – Crítico Literário

*“O ensaio não é arte, ele é crítica,
e na verdade crítica enquanto arte”.*
Paul Ernest⁴⁵

*“Crítico, para muitos, é sinônimo de atacar,
desqualificar, reduzir a nada. Talvez, no caso de
inúmeros críticos, seja assim mesmo, mas o bom crítico
só realiza essas operações a contragosto; seu
verdadeiro prazer, aquilo que o move a escrever, deve
ser, antes de mais nada, o prazer de compartilhar com
outros uma boa obra, iniciando um diálogo
potencialmente infinito. Pode-se discordar de uma ou
outra opinião sua – afinal, esse é o móvel do diálogo.”⁴⁶*

Índice do capítulo

Rónai crítico de João Guimarães Rosa – 52; Os traços da formação humanista – *made in Hungary* – 56; O Brasil visto da Hungria – 65; Ensaio jornalístico como forma – 68; O estilo jornalístico – 67; Ensaio como gênero literário – 70; Ensaio sob a perspectiva húngara: algumas considerações – 72; A manifestação do estilo montaigniano em Rónai – 74; Um ensaio ronaiano – 77; Um confronto brasileiro – 79; Rónai x Carpeaux, uma questão de estilo? – 81; Rónai prefaciador e resenhista – 83; A título de conclusão do capítulo – 86.

Se no início das pesquisas a imagem delineada a seguir serviu de norte, no final ela significou a própria confirmação. De maneira condensada, mas completa, o crítico literário Paulo Rónai está descrito neste parágrafo, e, como se vê ao longo deste texto, também a sua história de vida.

Junto com sua certeza fundamentada a respeito da centralidade da tradução, Rónai trouxe-nos também a visão humanista e cosmopolita implícita em sua atividade e compartilhada com o restante massacrado de sua geração. A essa visão pertence um gênero literário específico, que ele ajudou a desenvolver no país. Trata-se do **ensaio**. Na qualidade de ensaísta, Rónai esteve entre os primeiros, no Brasil, a chamar a atenção para um prosador e um poeta: João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Não há algo de surpreendente em ser um húngaro um dos primeiros a demonstrar a indiscutibilidade do valor de autores que freqüentemente nos parecem tão locais, tão – diríamos – intraduzíveis? Não há, na possibilidade mesma desse juízo por parte de quem o fez, uma **tradução intelectual prévia**, anterior a qualquer outra feita no papel? ⁴⁷ [Grifo meu]

O objetivo aqui é demonstrar que ao falar de *tradução intelectual prévia*, de fato, Ascher está falando da atividade crítica de Paulo Rónai, à consecução da qual, o trabalho do tradutor viria corroborar, tal como quando lança sua primeira antologia de poetas

⁴⁵ Paul Ernest apud WAIZBORT, L. *As Aventuras de Georg Simmel*. (p.71)

⁴⁶ ASCHER, Nelson. *Rónai dá uma lição de rigor crítico na coletânea de ensaios 'Pois É'*. Sessão Letras. Folha de São Paulo, 21/07/1990.

⁴⁷ ASCHER, Nelson. *Paulo Rónai – Tradução e Universalidade*. In: *Pomos da Discórdia*. São Paulo: Ed. 34, 1996. (p.56)

brasileiros ainda na Hungria; ou ainda em empreitadas como o *Mar de Histórias - Antologia do Conto Mundial*, que não existiria não fosse essa mesma *tradução intelectual prévia*; ou ainda, como co-responsável pela coluna *Contos da Semana*, em que a atividade crítica, mais do que a tradutológica, é a responsável pela aparição ininterrupta da coluna no jornal *Diário de Notícias*, ao longo de 14 anos. E que outra pessoa que não um crítico usaria do expediente do ensaio para ser um dos primeiros a “chamar a atenção para um prosador e um poeta”? Ainda mais do porte de um Guimarães Rosa ou de um Carlos Drummond de Andrade?

Este capítulo pretende iluminar a efetiva produção intelectual do crítico humanista Paulo Rónai através do delineamento de seu perfil crítico, e também objetiva despertar o interesse de especialistas na área, para futuras análises. Como as características multifacetadas da produção literária de Rónai já foram comentadas no capítulo II, o atual almeja dar um vislumbre do quilate dessa obra. Em um círculo restrito de *connaisseurs* esse fato continua não passando despercebido. Um exemplo ao acaso: em um artigo sobre o leitor brasileiro atual, Esdras Nascimento⁴⁸, para contrastar esse leitor com o do passado, cita os colunistas literários dos jornais da época que

...davam informações aos leitores sobre o que se passava no mundo dos livros. [...] Além disso, havia os rodapés famosos e artigos assinados por Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai, Wilson Martins, M. Cavalcanti Proença e Franklin de Oliveira, entre outros. A publicação de um romance, uma coletânea de poemas ou um livro de contos era notícia importante e gerava debates. Disso naturalmente resultava a formação de leitores qualificados, em condições de refletir criticamente sobre a realidade nacional.

Ou, como diz Júlio Gomes, em seu artigo *Notas sobre a Crise da Crítica*:⁴⁹

Sob esse olhar [...] revela-se, de um lado, a incompatibilidade entre a literatura contemporânea e a crítica baseada em pressupostos e parâmetros de validação que não contemplam o que essa literatura põe em jogo, e, de outro, mascara-se o não cumprimento de uma tarefa que não só as editoras como os comentaristas de literatura e os responsáveis pelos cadernos de cultura dos grandes jornais deveriam se esforçar por assumir: a de descobrir, em meio ao fluxo contínuo de novos autores que surgem, aqueles que poderão ter, para a literatura contemporânea, um impacto e uma importância semelhantes aos que Machado teve para a literatura de seu tempo. Sem dúvida essa é uma tarefa difícil, que exige leitores sensíveis e concentrados, dispostos a uma atitude mental que desapareceu: aquela de críticos como Paulo Rónai ou Antônio Cândido, que tiveram a sensibilidade de reconhecer, no nascedouro, a força e a originalidade de autores como Clarice Lispector e Guimarães

⁴⁸ <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ol050699.htm> 5 de junho de 1999, na coluna Observatório Literário. Esdras do Nascimento é bacharel e licenciado em Filosofia pela PUC-Rio, mestre em Comunicação e doutor em Letras pela UFRJ. <http://www.klickescritores.com.br/esdras00.html>

⁴⁹ http://www.triplov.com/letras/julio_gomes/critica.html GOMES, Júlio César de Bittencourt. *Notas sobre a Crise da Crítica*. Júlio Gomes é professor, doutor em literatura brasileira pela UFRGS.

Rosa. O preço a ser pago pela ausência dessa atitude é a inexistência da crítica e a consolidação de um panorama cultural condicionado pelo mercado.

Portanto o objetivo aqui é examinar o perfil da crítica ronaiana, entender a configuração da base teórica que lhe permite reconhecer a originalidade no nascedouro, a formação que forjou sua sensibilidade a ponto de lhe permite fazer essa “tradução intelectual prévia”.

Rónai crítico de João Guimarães Rosa

Um fato que aparentemente está caindo no esquecimento do público em geral é o grau de proximidade que Rónai tem com a obra de Guimarães Rosa. No capítulo anterior o significativo número de artigos críticos publicados por Rónai sobre o tema Guimarães Rosa já foi comentado. O que se quer acrescentar aqui é que todas as obras de Guimarães Rosa, em um momento ou outro, receberam um prefácio de Rónai. Em todos os livros de Guimarães Rosa que estão nas prateleiras das livrarias hoje tem um texto de Rónai. Por exemplo, o ensaio ronaiano “Os Vastos espaços” de *Primeiras Estórias*, tem 25 páginas. Da mesma forma *Grande Sertão: Veredas*: em suas edições modernas está republicada a resenha originalmente escrita por Rónai em 1956. “A arte de contar em *Sagarana*”, que também consta da edição comemorativa dos 60 anos de *Sagarana*, como se vê no Anexo II-b, originalmente foi publicado por Rónai em 1946. A edição comemorativa de 50 anos de *Corpo de Baile* traz um livreto à parte onde também tem um ensaio de Rónai: “*Rondando os Segredos de Guimarães Rosa*”, de 1956.

O Professor Charles Perrone, da Universidade da Florida, em Gainesville, (EUA), co-organizador do livro *Crônicas*, que traz dois textos de Rónai - fundamentais, segundo me lembra Perrone por e-mail -, a cada primeiro semestre do curso sobre Guimarães Rosa que é dado de três em três anos, toma como base parte do material que Rónai deixou na faculdade, na época em que foi *visiting professor* por lá, em 1967. Ao preparar seu curso original em Gainesville, conta Rónai em sua *Seleta de Guimarães Rosa* que, para dirimir algumas dúvidas sobre certos termos rosianos, escreve para ele pedindo esclarecimentos. Para sua satisfação, Guimarães Rosa responde prontamente, acrescentando uma nota no final da carta:

Naturalmente, nas respostas acima, Você tem só o resíduo lógico, isto é, o que pode ser mais ou menos explicado, de expressões que usei justamente por transbordarem do sentido comum, por dizerem mais do que as palavras dizem; pelo poder sugeridor.

Em geral, são expressões catadas vivas, no interior, no mundo mágico dos vaqueiros. São palavras apenas mágicas. [E, acrescido à mão...] *Queira bem a elas, peço-lhe.*⁵⁰

Em Guimarães Rosa, o crítico Rónai procura detectar os elementos primevos da composição, ou seja, os medos atávicos do homem, sua sede de amor e seu horror à solidão, descrevendo a identificação do autor com seus personagens e observa, na biografia que incluiu em sua *Seleção*, que tal qual seus personagens, Guimarães Rosa também é sedento de amor e não gosta de ficar sozinho.

Nas obras de Guimarães Rosa, tais sentimentos plasmam a mente de personagens marginais, imperfeitamente absorvidas pelo convívio social ou nada tocadas por ele: crianças, loucos, mendigos, catadores, prostitutas, capangas, vaqueiros. Eles é que formam o corpo de baile num teatro em que não há separação entre palco e platéia. O autor e as personagens nunca são completamente distintos.⁵¹

E Rónai revela os aspectos teóricos por trás da obra do poeta.

Como os grandes poemas clássicos, *Corpo de Baile* está cheio de segredos que só gradualmente se revelam ao olhar atento. A própria unidade da obra é um deles. Ela não é apenas geográfica e estilística, como parece à primeira vista. Conexões de temática, correspondências estruturais, efeitos de justaposição e oposição integram-na, mas os leitores têm de os descobrir um a um.⁵²

Quando fala do estilo rosiano, percebe-se como Rónai usa seu domínio de outras áreas do saber como a lexicografia, por exemplo, em prol da atividade crítica:

Outra barreira que o leitor tem que romper é a do estilo. Guimarães Rosa joga com toda a riqueza da língua popular de Minas, mas é fácil perceber que não se contenta com a simples reprodução. Aproveitando conscientemente os processos de derivação e as tendências sintáticas do povo, uns e outros freqüentemente ainda nem registrados, cria uma língua pessoal, toda dele, de espantosa força expressiva, e que há de encantar os seus lexicógrafos. Obedecendo ora à exigência íntima da matização infinita, ora a um sensualismo brincalhão que se compraz em novas sonoridades, submete o idioma a uma atomização radical, da qual só encontraríamos precedentes em Joyce.⁵³

E o crítico, humanista, com sua visão cosmopolita, ao comparar Guimarães Rosa com Joyce, cria uma ponte entre o autor brasileiro e a literatura universal, como é próprio da escola crítica na qual foi formado.

Rónai encerra seu texto com um longo mas contundente parágrafo em que conclui que o autor e a obra se confundem e se fundem em uma só alma - “feiticeiro disfarçado em

⁵⁰ O xerox da carta original onde está a anotação à mão de Guimarães Rosa, datada de 3 de abril de 1967, foi gentilmente cedido pelo Prof. Charles Perrone.

⁵¹ RÓNAI, P. *Rondando os Segredos de Guimarães Rosa*. In: *Corpo de Baile*, de João Guimarães Rosa. Edição comemorativa 50 anos (1956-2006). São Paulo, Nova Fronteira, 2006. Vol. Anexo *Sobre a Obra*, p.20.

⁵² Idem, p.22.

⁵³ Idem, idem.

diplomata, escritor e homem de sociedade” –, para desincumbirem a contento sua difícil tarefa, “a busca do tempo perdido, causa e fim de toda poesia verdadeira”, em uma clara alusão à memória prodigiosa do poeta que lhe permitiu recuperar as paisagens da infância, tal qual na operação realizada por Marcel Proust em seu famoso *Em Busca do Tempo Perdido*, mais uma ponte com a literatura universal. Rónai insiste nesse desejo de Guimarães Rosa de “ressuscitar o mundo da infância e de evocar-lhe as personagens” também no texto *Guimarães Rosa Contista*⁵⁴. Segundo o crítico, a essa vontade acrescenta-se “o desejo de abordar através delas os grandes mistérios da vida”, pois no seu entender, o “pretensão regionalismo de Guimarães Rosa não era um fim em si”. Para Rónai, o autor se aproveita “das personagens rudes” e do “meio rústico”, “para sondar os grandes temas universais da literatura: o amor, a paixão, o ciúme, a fatalidade, o arrependimento, a dúvida, a fé, a morte”. Na leitura desse ensaio, pelo menos uma das paixões conjuntas entre Guimarães Rosa e Rónai fica evidente: o amor pelas línguas. Rónai deleita-se em descrever as peripécias lingüísticas a que Guimarães Rosa recorre em suas obras assim como as operações realizadas com os enredos, que em Tutaméia, por exemplo, “geralmente não é contado, apenas demonstrado”. Como o enredo é um dos elementos chave de um conto, Rónai sempre busca analisá-lo, mas, diz, em Tutaméia “o autor dá-nos a entender que conhece toda a história, mas dela só libera uma parte”. As sentenças de Guimarães Rosa intrigam Rónai, pois “carregam-se de um sentido excedente pelo que não dizem, num jogo de reticências, anacolutos e subentendidos”.

Um fato pelo menos curioso na vida do crítico Paulo Rónai: o próprio Guimarães Rosa, ao se corresponder com seu tradutor italiano, em vez de dar uma explicação ele mesmo, em algumas cartas recorre às palavras de Rónai, dizendo: “Como escreveu Rónai, no livro “ENCONTROS COM O BRASIL”: ‘A linha simbólica é predominante nos “contos”, onde o enredo, propriamente dito serve antes de acompanhamento”’⁵⁵. Na mesma carta, mais adiante volta a dizer “Veja Paulo Rónai:” e novamente lhe reproduz as palavras. No final Guimarães Rosa acrescenta uma nota: “Ao dizer ‘de sentidos apurados’, Paulo Rónai, agnóstico, deixa de fora, naturalmente, qualquer possibilidade do elemento sobrenatural”. Guimarães Rosa, sabidamente religioso convicto, dá a conhecer a divergência de credo de Rónai, agnóstico, mas respeita sua posição ao acrescentar “naturalmente”⁵⁶. Um parágrafo abaixo Guimarães Rosa volta a citá-lo: “Vejam ainda Paulo Rónai...” e cita um longo trecho da análise feita por Rónai em que este conclui pelo aspecto poético do personagem

⁵⁴ *Guimarães Rosa contista* – In: Separata nº 59 da Revista GRIAL. Espanha: Galícia, xaneiro, fevereiro, marzo 1978.

⁵⁵ *João Guimarães Rosa – Correspondência com seu Tradutor Italiano Edoardo Bizzarri*. 3a.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. (p.91)

⁵⁶ *Idem*, *idem*. (p.92)

Cara de Bronze, para depois informar seu tradutor que concorda com a conclusão de Rónai, dizendo, “De fato, [...] “Cara de Bronze” se refere à POESIA”.⁵⁷

Em um livro semelhante, *João Guimarães Rosa – Correspondência com seu Tradutor Alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*⁵⁸, Paulo Rónai é mencionado 15 vezes, inclusive na introdução, onde a própria organizadora do livro recorre às suas palavras, pois, em artigo de 1971, portanto muito antes da publicação do *Correspondências*, Rónai dizia que essas cartas dariam “vários volumes do maior interesse, um complemento indispensável da própria obra, um documento sem qualquer analogia não só em nossas letras, mas talvez em toda literatura universal”.⁵⁹ E Bussolotti menciona a seguir que as palavras de Paulo Rónai nesse mesmo artigo contribuíram com a decisão de publicar o livro.⁶⁰ Para o seu tradutor alemão, Guimarães Rosa envia material de Rónai que o tradutor lê e comenta: “para meu espanto, li em Rónai sobre a importância capital que os substantivos, muitos substantivos, têm no Sertão para os seus simbolismos. Se eu tivesse lido este ensaio antes da tradução, creio que teria compreendido muita coisa de maneira diferente e por conseguinte solucionado de maneira diferente”.⁶¹ E, tal como havia feito com o tradutor italiano, ao longo da carta, Guimarães Rosa novamente adota algumas das soluções / explicações apontadas por Rónai, a título de explicação para o tradutor.

Antes de passar para outro tópico, é interessante mencionar ainda duas publicações que no mínimo reforçam a posição de Paulo Rónai como crítico de Guimarães Rosa. O primeiro é a belíssima edição do Instituto Moreira Sales: *Cadernos de Literatura Brasileira*, inteiramente dedicado a João Guimarães Rosa⁶² em que as menções aos textos críticos de Paulo Rónai perfazem um total de 29 itens, entre advertências, posfácios e artigos. Nesse guia, entretanto, apesar de darem crédito para Rónai pela seleção e prefácio do livro *Rosiana – Uma coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa*, além da organização, seleção e notas de *Seleção de João Guimarães Rosa*, não se menciona que foi ele que recebeu a incumbência de organizar a publicação póstuma de *Estas Estórias* e *Ave, Palavra*, parcialmente preparadas pelo autor antes de seu falecimento.⁶³

A outra obra que vale a pena mencionar é: *O Conto Brasileiro e Sua Crítica – Bibliografia (1841-1974)*, de Celuta Moreira Gomes, publicada pela Biblioteca Nacional. Esse livro, no formato de um catálogo, cruza os livros publicados no Brasil sob a temática

⁵⁷ Idem, idem. (p.93)

⁵⁸ BUSSOLOTTI, M.A.F.M. (org). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

⁵⁹ Bussolotti está se referindo ao artigo *Guimarães Rosa e seus Tradutores*, de Paulo Rónai, publicado no Jornal da Tarde em 19/10/1971.

⁶⁰ *João Guimarães Rosa – Correspondência com seu Tradutor Alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. (p.27)

⁶¹ Idem, p.220.

⁶² *Cadernos da Literatura Brasileira*, edição especial comemorativa aos 10 anos. Números 20 e 21. São Paulo: Instituto Moreira Sales, dezembro de 2006.

⁶³ Vide Nota Introdutória, de Paulo Rónai, In: *Ave, Palavra*, de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1970.

conto, com suas respectivas críticas, publicadas tanto em jornais como em revistas e livros. Nele, das 28 referências que se creditam a Paulo Rónai no índice de críticos, 14 se referem às críticas de Guimarães Rosa, feitas por Rónai em jornais. Nesse número, porém, não estão incluídas as 9 referências a prefácios e notas introdutórias que no mesmo catálogo são creditadas a Rónai nos lugares onde as próprias obras de Guimarães Rosa são citadas, o que, somados, eleva o total de citações ao trabalho crítico de Rónai a 37.

A medida que esta pesquisa foi sendo desenvolvida, diversas obras da fortuna crítica de Guimarães Rosa foram consultadas, além de muitas teses, dissertações e artigos que continuam fazendo citações à crítica de Paulo Rónai, de maneira constante. Por exemplo, *Grande Sertão: Veredas – O Romance Transformado – Semiótica da Construção do Roteiro Televisivo*, de Osvando J. de Moraes, na seção *Crítica Especializada*⁶⁴ traz sete referências à fortuna crítica de Rónai sobre Guimarães Rosa, basicamente artigos publicados em *O Estado de São Paulo* além do volume *Encontros com o Brasil* e o artigo *Guimarães Rosa Contista* publicado na Revista GRIAL (galega), na Espanha. Francis Utéza faz as mesmas referências em seu *JGR: Metafísica do Grande Sertão*.⁶⁵ Curiosamente, em seu *O Léxico de Guimarães Rosa*⁶⁶ Nilce Sant'Anna Martins só cita “uma meia dúzia” dentre as 100 palavras que Rónai incluiu em sua carta a Guimarães Rosa, apesar de trazer três referências aos prefácios que Rónai produziu para *Primeiras Estórias*, *Tutaméia* e para a *Seleta*, inclusive fazer uma citação ao prefácio *Pequena Palavra* que Guimarães Rosa.⁶⁷ Segundo Charles Perrone,⁶⁸ Martins levou mais de uma década para a elaboração de seu *Léxico*; mesmo assim, em sua bibliografia, Martins não menciona *Rosiana*, para a qual Rónai colecionou 261 expressões rosianas, depois de ter revisitado mais uma vez toda a obra de Guimarães Rosa. Perrone também compara os 520 itens que Rónai listou no artigo “Notas...”⁶⁹ com as 230 palavras de *Campo Geral* que Martins incluiu em seu léxico, e conclui que “dadas as diferentes orientações, Martins usa menos da metade do vocabulário que PR⁷⁰ decidiu esclarecer para seus alunos nos EUA.”

Esses exemplos, apesar de ilustrativos, não esgotam a lista, de forma nenhuma.

⁶⁴ São Paulo, EDUSP, 2000. (p.253)

⁶⁵ São Paulo, EDUSP, 1994.

⁶⁶ São Paulo, EDUSP, 2001. 2ª ed.

⁶⁷ In RÓNAI, P. *Antologia do Conto Húngaro*.

⁶⁸ PERRONE, C. *Para Apreciar Paulo Rónai e “Notas para Facilitar a Leitura de Campo Geral de J. Guimarães Rosa”*. In: Matraga: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras UERJ. Ano 9, n.14. Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2002. (p.17)

⁶⁹ RÓNAI, P. “Notas para Facilitar a Leitura de Campo Geral de J. Guimarães Rosa”. In: Matraga: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras UERJ. Ano 9, n.14. Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2002. (p.22 -59)

⁷⁰ PR=Paulo Rónai

Os traços da formação humanista - *Made in Hungary*

Na Hungria da época de Rónai, estudar gramática é somente parte dos estudos lingüísticos. Junto com todas as línguas que estuda, Rónai também estuda a literatura associada àquela língua. Desde cedo suas aptidões literárias se destacam. Dia 3 de junho de 1925, aos 18 anos, Rónai participa de um concurso nacional de literatura juntamente com os 42 melhores alunos do país, chegando à final em 4º lugar. O concurso tem dois temas: o primeiro é sobre a literatura húngara dos séculos XVI e XVII, época da ocupação dos turcos otomanos, e o segundo engloba o conhecimento da literatura poética nacional.

A prática de estudar os poetas clássicos através de traduções é muito comum na Hungria e é parte normal dos estudos literários em geral. A razão de várias traduções de Rónai continuarem aparecendo em publicações posteriores à saída dele da Hungria, se deve a diversas antologias que vão sendo organizadas. Por exemplo, *Catullus Versei* (Os Versos de Catullus), de 1978, traz o mesmo original em latim e 4 a 5 traduções diferentes para o mesmo poema. Para os húngaros, isto é um exercício de aprendizado literário. Como mencionado no capítulo II (ver entrevista de István Mészáros), os grandes autores nacionais, como um dever cívico, assumem para si a tradução da literatura universal para torná-la disponível para a população interessada e esse serviço também é sua maneira de estudar e aprender com os autores que traduzem.

Para ilustrar a base da formação literária de Rónai, a seguir apresenta-se um ensaio representativo. Os excertos fazem parte da introdução com que Kosztolányi Dezső, um aclamado poeta húngaro, apresenta a sua coletânea de traduções, com 418 poemas produzidos por 142 poetas do mundo inteiro e que ele lança em 1913 em 1ª edição, e em 1921 em 2ª; portanto estou levantando a hipótese de que ao examinar esse texto estou examinando a estrutura do pensamento ronaiano, em plena formação, na época. Kosztolányi traduz diretamente do inglês, francês, alemão, italiano e espanhol; as suas traduções do checo, polonês, russo e sérvio são feitas a quatro mãos, com a revisão de algum falante nativo da língua, uma técnica que Rónai também usa muito. [Os trechos a seguir foram traduzidos por mim, do húngaro.] ⁷¹

Cél sohase volt számomra a műfordítás, csak eszköz. [...] Ezért mosolygok, valahányszor egy versfordítás hűségéről hallok. Kihez, vagy mihez hű, a szótárhoz, vagy a vers lelkéhez? Fordítani nem lehet, csak átültetni, újraköltöni.

Vitakozhatunk tehát arról, hogy a műfordítás egyáltalán jogosult-e, vagy sem. Ha azonban elismerjük jogosultságát, akkor nem lehet és nem szabad a műfordítótól betű szerint való hűséget követelni. Mert a betű szerint való hűség hűtlenség. Minden nyelv anyaga különböző. A szobrász másképp oldja meg feladatát, hogyha márványból, vagy

⁷¹ KOSZTOLÁNYI Dezső. *Modern költők*. (Poetas Modernos) *Külföldi antológia a költők arcképével*. (Antologia estrangeira, com biografia dos autores) 2ª ed.ampliada. Budapest: Révai, 1922. (vol.I) (p. 5-13)

terrakottából, vagy fából kell kimintáznia egy alakot. Az anyagszerűség változtatást parancsol rá és a szobron mindig ketten dolgoznak: a szobrász és maga az anyag. Munkánk hasonló ehhez. Egy szobrot kell más anyagból kiformálni, egy zenedarabot kell más hangnembe, más hangszerre áttenni. Nekem itt legnagyobb becsvágyam, hogy szép magyar verset adjak, mely az eredetit lehetőségig megközelíti. De a szó szerint való hűség és a szépség többnyire ellenségek. Mert a versből épp a lelkét, a zenét veszi el. A költeményt a törvényszéki hites tolmács hűségével oly kevésbé lehet lefordítani, mint egy szójátékot. Újat kell alkotni helyette, másikat, mely az eredetivel lélekben, zenében, formában mégis azonos. Hamisat, mely mégis igaz. Műfordítani annyi, mint gúzsbakötötten táncolni.

A tradução literária nunca foi meu objetivo, só um instrumento. [...] acho engraçado sempre que ouço falar em fidelidade na tradução poética. Ser fiel a que? A quem? Ao dicionário ou ao espírito do poema? Não é possível traduzir, somente transplantar, re-criar.

Podemos então discutir se a tradução literária é legítima ou não. Se, porém, reconhecermos sua legitimidade, então não se pode, e nem se deve, esperar do tradutor literário uma fidelidade no nível da palavra. Porque a fidelidade no nível da palavra é infidelidade. Pois o material (no sentido de material de construção) de cada linguagem é distinto. Vai fazer diferença na maneira do escultor executar seu trabalho caso a obra seja feita com mármore, terracota ou madeira. O tipo de material vai demandar uma mudança de atitude, por isso, o trabalho com a escultura terá sempre dois comandos: o do escultor e do próprio material. A nossa tarefa [do poeta tradutor] é parecida com isso. Temos que criar uma escultura a partir de outro material, uma peça musical a partir de outro tom, transpô-la para outro instrumento musical. Aqui a minha ambição maior é oferecer um belo verso em língua húngara e que seja o mais próximo possível do original. Mas, fidelidade com a palavra e com a beleza dos outros elementos são inimigos. Pois [a fidelidade] elimina exatamente o espírito do verso, sua musicalidade. Traduzir uma poesia com a fidedignidade de um tradutor juramentado é tão pouco provável quanto traduzir um trocadilho. Deve-se criar um novo em seu lugar, um outro, que em espírito, musicalidade e forma seja idêntico. Um falso que, contudo, seja verdadeiro. Fazer tradução literária é a mesma coisa que dançar de pés e mãos atados.

Na Hungria, tradução = *fordítás* e tradução literária = *műfordítás* (e a tradução poética está dentro dessa categoria) são consideradas atividades distintas. Observa-se que Kosztolányi fala claramente da tradução literária. E ele só consegue falar com tanta intimidade da tarefa do poeta-tradutor porque ele é um poeta. Suas discussões sobre fidelidade demonstram sua intimidade com a teoria literária. Também fica evidenciado que praticar tradução para Kosztolányi - portanto para Rónai - é um exercício literário, um instrumento, cujo resultado objetiva dar estrutura para a atividade crítica.

Ezért kell a költőnek — de költő legyen a talpán, ki ilyesmire vállalkozik — teljes szabadságot adni és művészi, illetve bizalmi kérdésnek tekinteni, mit tart meg és vet el az eredeti szövegből. A műfordítás ennél fogva elsősorban kritikai munka. Aki foglalkozik vele, kell, hogy a szók és betűk karmesterének tudja magát, teljesen értse és érezze az eredetit, és pedig oly fölényesen, hogy szükség esetén — és erre mindig szükség van — változtatni is tudjon rajta, az eredeti szellemében.

É por isso que deve-se dar total liberdade ao poeta – contanto que aquele que se presta a realizar esta tarefa faça jus à alcunha de poeta, – e considerar como uma questão literária, ou, melhor ainda, uma questão de confiança, aquilo que do original ele mantém ou deixa de fora durante a tradução. A partir daqui, pois, a tradução literária passa a ser essencialmente um trabalho de crítica. Aquele que lidar com ela, precisa compreender e sentir plenamente o original, para que se considere o maestro

das palavras e das letras com tamanha primazia, que caso seja necessário – e isto é sempre necessário – seja capaz de promover uma mudança, dentro do espírito do original.

Chama atenção a estreita ligação que Kosztolányi faz entre o trabalho da crítica e da tradução literária. Fica clara a origem da trajetória crítica de Rónai. Quando em 1929 se despede de seus próprios poemas por reconhecer que sua musa inspiradora estava na prosa e não no verso, este ato já é fruto de seu senso crítico apurado, e que deveu sua existência à própria prática, e volta-se para ele mesmo, em uma ação que implica reflexão, autocrítica. É preciso ter em mente o perfil de sua produção literária. Nessa época ele já escreve artigos críticos, paralelamente às suas traduções de contos e poemas. E os frutos deste aprendizado irão acompanhá-lo por toda a sua trajetória crítica. Então é possível entender sua capacidade de reconhecer um Guimarães Rosa quando vê um pela primeira vez. Quando Kosztolányi fala da nova poesia, seu conhecimento de poesia clássica está implícito. Ele só pode entender o novo porque conhece o anterior. Agora uma questão de ordem.

És amint az új költészet felmentette a költőt attól, hogy a valóságot szolgáljan másolja s jogot adott arra, hogy egyéni érzése szerint válogassa ki és hangsúlyozza azokat a részleteket, melyeket jellemzőnek érez, a fordítót se kötötte le; őnéki is módot nyújtott, hogy a verssel, ihlete anyagával oly szabadon rendelkezzen, mint költő az élettől. Így a fordító is önállóan mozog a keretek közt. Nem kucorogva és aggályosán hű a szöveghez, hogy a szelleméhez az maradjon. Annyira szereti a verset, melyet megszólaltat, hogy átlélesül tőle és bátorságot kap újramegformálására.

E considerando que a nova poesia libertou o poeta da obrigação de reproduzir a realidade servilmente e lhe deu liberdade para que, de acordo com seu arbítrio, escolhesse e harmonizasse as passagens que achasse representativas, da mesma forma libertou o tradutor das amarras; a ele também foram oferecidas condições para que dispusesse de seu poema, melhor dizendo, de seu material, tal qual o poeta com relação à vida. Desta forma o tradutor também tem mais liberdade de ação. Para que possa manter o espírito do original, o tradutor não precisa mais adotar aquela fidelidade subserviente ao texto. Ele gosta tanto daquele verso ao qual está dando voz, que a partir dele se enche de paixão e coragem para a sua re-criação.

Quando, em 1913, Kosztolányi fala de re-criação, quando diz que não é possível traduzir, somente transplantar, re-criar – e Rónai irá usar o mesmo argumento –, percebe-se que sua afirmação é anterior ao Círculo de Moscou, dos Formalistas Russos, a fonte inspiradora para o movimento concretista brasileiro, que é a via pela qual a idéia de tradução como re-escrita chega até nós. Como se verá com mais detalhes no próximo capítulo, essa tradição de tradução a que Kosztolányi pertence, na Hungria se inicia nos meados do séc.XIX.

Később, [...] a magyar összhangzatok lehetőségéből pótolnod kell és addig se feledd, hogy adós vagy vele.

Mas mais adiante, [...] pode ser que você tenha que compensar as possibilidades harmônicas da língua húngara e, não se esqueça, a sua condição é de devedor.

Nessa frase tão curta Kosztolányi diz muita coisa. A condição de devedor é a condição do poeta que está comprometido com o seu dever cívico de participar do processo de renovação e ampliação da língua, objetivo de sua tradução. Ele está chamando a atenção para as possibilidades da língua húngara que está em pleno confronto com a outra cultura, a outra língua, a do original. É durante o ato tradutório que a língua se renova. Ainda Kosztolányi:

A forma szűkszavúságra kényszerít és három angol szót eggyel kell kifejezned? Tágítsd a jelentést, de akkor találj olyan szót, mely mind a hármát magában foglalja, vagy legalább is egyiknek se mond ellent. Van egy hüvelyknyi helyed, minthogy itt véletlenül a magyar nyelv tömörebb? Nosza, színezd és vidd tovább a verset, de úgy, hogy semmi csorba se essen rajta. Mindig tudnod kell, milyen nagy cél felé haladsz, de az apró betűkre — a göröngyökre is — vigyázz. Ilyen állandó résenlevés, csupa szem- és csupa fül-, csupa agy és csupa szív-munka, egyben analitikus és szintétikus összefogás a műfordítás.

A estreiteza da forma coloca você contra a parede e você tem que expressar três palavras inglesas em uma? Expand a significado, mas nesse caso encontre uma tal palavra que contenha em si todas as três palavras inglesas, para não ir contra a nenhuma delas. Sobrou um espaço, por mínimo que seja, como se naquele acaso a língua húngara fosse mais concisa? Aproveite, dê um colorido especial e leve ao próximo verso, mas cuidado para não maculá-lo. Você deve ter a grandiosidade de seu objetivo sempre em mente, mas cuidado com aquelas letrinhas miúdas — mesmo as mais acidentadas. A tradução literária está sempre nesta corda bamba, é uma tarefa que exige, o tempo todo, a presença plena tanto dos olhos, como dos ouvidos, da mente e do coração.

O tom é de diálogo. Kosztolányi poeta está dialogando com Kosztolányi tradutor e nessa conversa quem lucra é o jovem poeta que aprende o ofício, como é o caso de Rónai que em 1921 tem 14 anos. E se a tradução literária é uma atividade crítica, então é próprio também da atividade crítica usar todos os recursos, plenamente. O crítico não separa seus conhecimentos lingüísticos, usa-os a favor de sua crítica.

A műfordítás a művészetben az, ami a valóságban kísérlet, mely a természeti jelenségeket mesterséges úton idézi elő. Ime, az üvegbura alatt fénypázmák villognak, mennydörgést hallani, ugyanolyant, mint a völgyekben és hegyekben s a villámról el kell ismerni, hogy villám, noha tudjuk, hogy csak gyantalemezekből született. Még az ózon illatát is érezhetjük, akárcsak fizikai szertárakban, villamos kísérletek után. Aztán láthatjuk kísérleti úton bebizonyítva — *ad oculos demonstratum* — hogy a költő mennyire képes megközelíteni az eszményt, melyet az ihlet pillanatában céloz. Itt az ihlető alkalom, az ideál nem egy hangulat hamar szétfoszló párája, melyre maga a költő sem emlékszik többé, miután versét megírta és beléje mentette azt, ami szólni serkentette, hanem az eredeti, egy vers, melyről a műfordító-költő másik verset ír. [...] Az egyik nyelvben inger és izgatószer az a szókötés, mely a másikban már, vagy még nem az. Senkise kérheti tehát számon, mért épp ezt a verset szóltattam meg és mért mern a másikat. A költőt nem lehet megróni azért, mert a fűszálról és rögről ír, s a tölgyről és hegyről hallgat.

Na arte, a tradução literária ocupa a mesma posição que na vida real é ocupada pelo experimento que busca produzir artificialmente os fenômenos naturais. Ora, embaixo da campânula de vidro os feixes de luz faíscam, ouvem-se trovões, tal qual nos vales e nas montanhas, e é preciso reconhecer que o raio é raio, ainda que saibamos que ele provém de uma lâmina de vinil. Sente-se até o cheiro do ozônio, como nos laboratórios de física depois de uma experiência com raios. Depois, pode-se ver demonstrado no caminho do experimento – *ad oculos demonstratum*⁷² – quanto o poeta é capaz de se aproximar do objetivo que tinha como alvo no instante da inspiração. Aqui, a oportunidade da inspiração se apresenta; seu objetivo não é a névoa rapidamente dissipada do humor de um instante, o qual, depois de ter encapsulado em seu poema e estimulado a se manifestar, nem o poeta se lembra mais; em vez disso, é o original, um poema, a partir do qual outro verso é escrito pelo poeta-tradutor literário. [...] Um jogo de palavras pode ser instigante e inspirador em uma língua enquanto na outra não. Portanto, ninguém pode cobrar por que dei voz a esse poema e não àquele. Não se pode censurar o poeta por ele falar da relva e da folha de capim e deixar de falar do carvalho e da montanha.

As emoções estéticas a que tantas vezes Rónai faz menção, mesmo que experimentadas na intimidade de seu escritório – artificialmente –, o crítico tem que reconhecer como tais. E mesmo que a re-criação do tradutor não seja o original, ela passa a ter o mesmo valor. O julgamento crítico é tarefa do tradutor já que é ele quem decide o que é possível transpor para a língua húngara.

No prefácio à 1ª edição, que também acompanha a 2ª edição, Kosztolányi fala do aspecto universal da poesia, uma universalidade que o crítico Paulo Rónai sempre busca na obra literária.

De aki átolvassa könyvemet, észreveszi, hogy bizonyos szempontból minden benne szereplő költő egytestvér. A faj, vérmérséklet, földrajzi hely — az egyéniségük — különbözöképen színezi verseiket. Túl ezeken azonban mindnyájan találkoznak abban, amit „modern lélek”-nek nevezünk. Ez a modern lélek köt össze velük. Csak nyelvük tette őket érthetlenné. Ha a nyelv kérégtől lehántjuk, idegenségük megszűnik. Az új műveltséggel mind erősebben kidomborodik a líra általános emberi volta is. A líra majdnem minden ember számára annyira érthető, mint a muzsika. És ez megnyugtató. Megnyugtató, hogy sok millió halandó nem áll némán egymással szemben, közölni tudja a keletkezés pillanatában ijedelmesen-egyéni érzését, melynek színe és súlya ugyanolyan és ugyanannyi Tokióban, Madridban és Konstantinápolyban, mint Párisban, Krisztiániában és Budapesten.

Aqueles que lerem meu livro irão perceber que sob determinado ponto de vista todos os poetas que nele figuram são, em certa medida, irmãos. A raça, o temperamento, a localização geográfica – suas individualidades – dão uma coloração diferente aos seus versos. Mas em um lugar além dessas diferenças, todos se encontram naquilo que chamamos de “espírito moderno”. É esse espírito moderno que nos une. É somente a barreira da língua que os havia tornado inacessíveis. Se arrancarmos a crosta da língua, o seu estrangeirismo desaparece. Com esse novo conhecimento, o passado comum da poética humana sobressai ainda mais forte. Para a grande maioria dos homens, a poesia é tão compreensível quanto a música. E isso é reconfortante. É reconfortante que tantos milhões de seres humanos não fiquem parados, mudos um diante do outro, mas que sejam capazes de transmitir, no momento da criação, sua emoção tão assustadoramente individual, criação cujas cores e peso é o mesmo e idêntico tanto em Tóquio, Madrid ou Constantinopla, assim como em Paris, ou Cristiana⁷³ ou Budapeste.

⁷² Expressão latina = como queríamos demonstrar.

⁷³ Até 1924 o nome de Oslo, capital da Noruega.

Para o crítico, eliminada a barreira da língua – o que tem que ser feito através da figura do tradutor –, a universalidade da arte poética se revela. Quando se vê diante deste espírito universal, que aprende a perceber através de seus mestres, é que a capacidade crítica de Rónai se manifesta. É isso que ele busca em sua crítica quando vê em Guimarães Rosa manifestações semelhantes a Joyce ou Proust. É por isso que em sua *Antologia de Contos Húngaros* coloca um conto – *O Almoço*, de Molnár Ákos – que Guimarães Rosa assemelha “a um capítulo de Joyce de *Dubliners*”⁷⁴. Ainda Kosztolányi:

Alkotásnak látom a műfordítást, nem másolásnak. A művész azzal a verssel, melyet a nyelvén új formába önt, olyan kapcsolatban van, mint az életével, melynek rezzenéseit tulajdon verseiben rögzíti meg. Élmény számára egy idegen költő verse.

[...] Műfordításaim nem úgy viszonylanak az eiredetihez, mint a festmény a festmény másolatához, inkább úgy, mint a festmény ahhoz a tárgyhöz, melyet ábrázol.

Vejo a tradução literária como criação, não como cópia. Com aquele verso estrangeiro que vazou na sua língua pátria, o poeta passa a ter a mesma relação que tem com os versos nos quais fixa suas próprias experiências de vida. Em termos de experiência estética, porém, trata-se de um poema alheio.

[...] As minhas traduções literárias não se relacionam com os originais como a cópia de uma pintura com o seu original, mas tal como o quadro se relaciona com o objeto que representa.

Por isso o tradutor de poesia tem que ser ele mesmo um poeta, para poder criar seu próprio quadro original. Então é necessário aprender, praticar, percorrer o caminho que Rónai demonstra ter efetivamente trilhado, como atesta sua obra. Segue Kosztolányi:

Az a tíz év, amíg a magyar köntösbe öltöztetett versek kötetté nőttek, az új magyar irodalom háborús korszaka volt. Azok, akikkel együtt küzdöttem az új líráért, hasonlóan sokat fordítottak. Csiszoltuk a nyelvünket idegen verseken, hogy tulajdon bonyolult érzéseink kifejezésére gazdag és könnyed, tartalmas és nemes nyelviét kapjunk. Nagy költőink hősi idiomát hagytak ránk, melyen mondanivalónkat nem mindig lehetett kifejezni: [...] Azt se tagadjuk, hogy ezektől a költőktől tanultunk is, egy igazságot tanultunk, hogy húnek kell lennünk önmagunkhoz. Amikor a modern líra még bitang jószág volt magyar földön, félmjelzett idegen verseket sorakoztattunk fel, — érvként, — hogy utunkat egyengesse. Csatasorban állottak ezek a versek, az új lélekért. [...] Ami egy nemzedék munkája, azt nem végezheti el egy ember. Ha társaim, a modern magyar költők mind csatlakoznak hozzám, akkor pár évtized alatt egy nemzedék egészen visszatükrözheti a külföld líráját.

Durante os dez anos que levou colocar uma roupagem húngara nos versos que se transformaram neste volume, a nova literatura húngara passou por uma revolução. Aqueles com quem lutei pela nova poesia, da mesma forma traduziram muita coisa também. Polimos nossa língua com a poesia estrangeira para que pudéssemos externar nossos próprios sentimentos, tão complexos⁷⁵, em uma linguagem mais rica

⁷⁴ GUIMARÃES ROSA, J. *Pequena Palavra*. In: *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. (p.XXVII)

⁷⁵ O termo complexo está sendo usado no sentido de complexidade.

e flexível, mais consistente e nobre. Nossos grandes poetas nos deixaram de herança uma linguagem heróica, mas na qual as nossas palavras nem sempre encontravam expressão. [...] Da mesma forma não podemos negar que também aprendemos com esses poetas: aprendemos que devemos ser fiéis a nós mesmos. Na época em que no solo magiar a poesia moderna era ainda como uma criatura que, perdida, ficava andando a esmo, perfilamos os versos cunhados no estrangeiro – dizíamos – para que nivelassem o nosso caminho. Os versos como que alinhados na frente de batalha, na luta por um novo espírito. [...] Um homem sozinho não pode fazer o trabalho de toda uma geração. Se meus parceiros, os poetas húngaros modernos se juntarem a mim, então em poucas décadas toda uma geração poderá espelhar a poesia estrangeira.

Esse programa cívico de renovação da língua que Kosztolányi reafirma mais uma vez ser a missão que os escritores húngaros tomam para si, a Hungria não é a única a fazer isso. Em um momento ou outro de suas histórias, todas as línguas, passam por esse movimento. Ver, por exemplo, *A Revolução de Gutenberg – A história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo*,⁷⁶ em que John Man descreve os casos de consolidação das línguas européias mais importantes como o inglês, o francês e o alemão, cujos *scholars* praticam a tradução para expandir as possibilidades lingüísticas e enriquecer o vocabulário de seus idiomas nacionais. DELISLE & WOODSWORTH também lidam com o tema em seu *Tradutores na História*.⁷⁷ Um exemplo clássico é a referência que Walter Benjamin faz em seu conhecido ensaio *A Tarefa do Tradutor* ao citar Hölderlin e o desejo de expansão da língua. Em entrevista pessoal, por e-mail, Nelson Ascher conta que,

Com o Romantismo surgiu e se firmou a idéia de que o âmago, o caráter específico de uma nação e da nacionalidade se encontravam na singularidade irredutível de sua língua. [...] Em cada país sujeito à dominação de algum império ou de uma nação maior e mais poderosa, seus escritores, poetas, lingüistas, folcloristas, filólogos, lexicólogos, jornalistas, publicistas, professores, mestres-escola etc. assumiram a tarefa (que em tais lugares e naquela época era, à sua maneira, política), primeiro, de normatizar suas respectivas línguas, modernizando-as e convertendo-as tanto em instrumentos modernos de comunicação como em veículos adequados à expressão artística.

E uma maneira original e efetiva que húngaros e tchecos, polacos e sérvios, catalães e finêses encontraram para levar a cabo tal tarefa foi justamente traduzir os clássicos para suas línguas, pois, se Shakespeare podia falar em húngaro, Goethe em polonês, Petrarca em esloveno, Homero em catalão, Virgílio em tcheco e assim por diante, essas línguas superavam o estatuto de meros dialetos camponeses e alcançavam, aos olhos de seus falantes e dos estrangeiros, a dignidade de idiomas letrados e literários. Foi desse modo que a modernização dessas nações, que teve elementos sociais, econômicos, legislativos, urbanísticos e outros, passou também, e de uma forma importantíssima (que muita gente de fora daqueles países nem sequer imagina), por uma série de operações lingüísticas entre as quais a tradução literária e, muito especialmente, a tradução poética chegavam bem perto de ocupar o centro do palco. Mesmo numa língua como o russo (imperial, se bem que literária e historicamente atrasada), traduzir bem Shakespeare era, ainda no séc XX, reconhecido como um ato patriótico de heroísmo (durante a estréia de sua versão de

⁷⁶ MAN, John. *A Revolução de Gutenberg – A história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

⁷⁷ DELISLE, J & WOODSWORTH, J. *Os Tradutores na História*. 1ª ed. 2ª imp. São Paulo: Editora Ática, 2003.

Hamlet, Bóris Pasternák, que estava presente no teatro, foi aplaudido em cena aberta aos brados de "o autor! o autor!").

Por um mesmo motivo comum, tanto na Hungria como nos demais países europeus, todos traduzem com o objetivo de expandir as possibilidades da língua nacional e da literatura local. Em um determinado momento da vida dessas nações, fazer um Shakespeare falar em húngaro, ou um Goethe em polonês, tem um caráter quase que político pois eleva essas línguas a um status universal.

No momento histórico em que Rónai vive na Hungria e sua intelectualidade é cunhada, essas características nacionalizantes estão na pauta da intelectualidade local. Um dos primeiros ensaios que Rónai escreve no Brasil é publicado em agosto de 1941 na Revista Acadêmica, com o título *Babits*, o nome de um autor húngaro que acabara de falecer na Hungria. Ele sabe que mesmo na Hungria poucos devem ter percebido a notícia dessa morte, talvez só um pequeno número de intelectuais devem ter compreendido que “acabara de calar-se, para sempre, uma voz da humanidade, uma voz que por sinal falava húngaro”. Rónai afirma que a Hungria fica privada “de um dos seus espíritos mais universais”. Observe-se a importância que a qualidade de ser universal tem para Rónai pois é a primeira qualidade de Babits que ele cita. Depois vem detalhes de sua história, de como sua poesia ficou conhecida pelo grupo de poetas modernistas que se reuniam em torno da revista *Nyugat*. E Rónai conta a maneira como esse poeta-escritor-tradutor surgiu no cenário intelectual:

Os primeiros poemas não tinham quase nada de lírico. [...] O que chocava era a novidade da expressão e, principalmente, da forma. A perfeição excessiva do ritmo e da rima foi logo notada. O artista não se contentava com as possibilidades musicais já existentes na música moderna: aproveitava as sonoridades das aliterações, juntava à palpação melódica do hexâmetro, o repique das rimas, ressuscitava as estrofes sáfica, adônica, asclepiádica e o dístico, valorizava até ao extremo os recursos imitativos da língua. Salientava-se também um conjunto de fortes inspirações estrangeiras, mostrando que o poeta moço estava a par das culturas antigas bem como das literaturas modernas.

E Rónai continua descrevendo todas as habilidades do escritor que buscava inspiração nas sinfonias líricas onde a temática “é acompanhada dum conjunto mágico de sonoridades, ritmos e assonâncias que, até então só a música pudera realizar”. Mais adiante acrescenta que por lamentar sua própria solidão, o poeta “obteve efeitos sinfônicos não menos estranhos com a acumulação de vogais ‘sombrias’ (a, o, u) e de aliterações”. Vê-se nessa descrição aquela mesma importância e surpresa que a renovação da língua provoca, a mesma que Kosztolányi descreve. Apesar de suas feições clássicas, continua Rónai, a poesia de Babits emana vibração. Um modesto e silencioso professor de grego e latim que durante a 1ª Guerra Mundial, por conta de seus poemas, quase teve a cabeça a prêmio. Apesar de seu “temperamento oposto ao do revolucionário e tempestuoso Ady”, com a

morte deste, Babits havia assumido a direção da famosa revista *Nyugat*, que vai dirigir até a sua morte. E Rónai continua a enumerar as qualidades do poeta tradutor.

Parte importante da obra de Babits, de grande significado europeu, são as suas traduções em verso. Graças ao seu poliglotismo e à extraordinária maleabilidade do idioma húngaro, traduziu na mesma forma dos originais, obras de Teocrito, Catulo, Horácio, Walter Von der Vogelweide, Wilde, Baudelaire e Poe, entre muitos outros. [...] Sua tradução mais famosa é a *Divina Comédia* de Dante, obra não somente de poeta, mas também de erudito. Soube penetrar o espírito da Idade Média, desvendar as agitações da Florença do Alighieri, elucidar todas as alusões a acontecimentos contemporâneos, resolver todos os símbolos de difícil entendimento. Ao mesmo tempo, soube verter admiravelmente a língua de Dante, meio-obscura, patética e complicada, cheia de erudição escolástica, de enlevo místico e de paixão partidária. Só quem conhece bem o divino poema, sabe o trabalho de beneditino, a abnegação e o entusiasmo que exige uma obra destas. Por isso Babits tinha razão quando dizia que a obra mais nacional era, precisamente, a tradução poética.

Os fatores que considera importantes na obra de Babits e, portanto, seleciona para descrever nesse artigo da Revista Acadêmica, confirmam, como se desejava demonstrar, o arcabouço teórico de Rónai. E com sua capacitação desenvolvida e apresentada, parece, está dada a resposta ao questionamento que abre esse capítulo. As questões relativas à tradução, tanto de Kosztolányi como de Babits, são discutidas no próximo capítulo.

O Brasil visto da Hungria

É essa mesma capacitação que permite a Rónai ser capaz de reconhecer as qualidades de um poeta como Carlos Drummond de Andrade muito antes de ter ouvido pronunciar ao vivo, uma única palavra sequer de português. Em 1939, ainda vivendo na Hungria, Rónai já tem muito claro que existem diferenças entre as culturas hispano-americanas e a brasileira, e mais ainda, tem claro que a miscigenação das raças é responsável pelos contornos e características particulares e intrínsecas ao português brasileiro. Na sua introdução de *Brazília Üzen* (Mensagem do Brasil), sua coletânea da moderna poesia brasileira da época, Rónai diz que o português de Camões não somente foi levado para sua nova pátria além mar, mas que juntamente com os traços que preservou do latim, do árabe, do francês, passou a tomar contornos próprios a partir da incorporação de terminologia advinda da língua tupi nativa, além de se deixar tingir pelos dialetos dos escravos negros cuja sintaxe deu contornos mais suaves ao idioma. A língua que se forjou a partir dessa miscigenação, diz Rónai, é responsável pela riqueza da poesia brasileira, pelo seu brilhantismo, cujo *páthos* profundamente humano retira da língua o seu vigor diferenciado.

Em 1939, sua introdução começa contundente:⁷⁸

Akik ebben a kötetben elsősorban exotikus érdekességet, néprajzi adalékokat keresnek, bizonyára csalódní fognak. Egy fiatal energiáktól duzzadó, fejlődő, egyre mélyebb szellemi életet élő kultúrnép kultúrált költészetét szeretném itt bemutatni a magyar közönségnek.

Aqueles que neste volume, em primeiro lugar procurarem curiosidades exóticas, informações atropológicas, com certeza ficarão desiludidos. O que eu gostaria de mostrar aqui é a cultura de uma nação jovem, cheia de energia, em pleno desenvolvimento, um povo mergulhado em uma vida cultural cada vez mais profunda, cuja poesia eu gostaria de apresentar para o público húngaro. [Tanto este parágrafo como os seguintes são minhas traduções, do húngaro.]

Apesar das dificuldades confessas para conseguir material em uma Europa que começava a sentir os efeitos das hostilidades que antecederam a 2ª Guerra Mundial, seus conhecimentos sobre a literatura brasileira naquele momento já lhe permitem vislumbrar alguns elementos representativos, como atesta a relação dos autores que incluiu em sua coletânea: Menotti Del Picchia, Olavo Bilac, Pedro Saturnino, Correa Júnior, Cruz e Souza, Cecília Meirelles, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Adalsiga Nery, Cassiano Ricardo, Paulo Setubal, Mario de Andrade, Jorge de Lima, Lobivar Matos, Ronald de Carvalho, Carlos Drummond de Andrade e Augusto Frederico Schmidt, para citar alguns. O crítico destaca que paralelamente às dificuldades práticas para se conseguir material,

... a nagy fizikai távolság a szellem területén is megnehezíti a tájékozódást és könnyen előfordulhat, hogy az európai szemlélőt hamis perspektíva akadályozza meg az arányok helyes megítélésében. Nem egyszer sajnálattal kell lemondani érdekes és jellemző versek lefordításáról: a két nyelv hangulati értékei, a két környezet társadalmi, történelmi, lelki összetevői annyira különbözők, hogy a fordítás hatása teljesen más jellegű lenne, mint az eredetie. S viszont annak a kísértésnek sem tud mindig ellenállni a fordító, hogy egy-egy költő sok verse közül a saját izlésének és temperamentumának legmegfelelőbbet válassza a költőre legjellemzőbb helyett.

...a grande distância física dificulta a referência também no campo intelectual e com facilidade pode acontecer que uma perspectiva falsa, do ponto de vista do observador europeu, também impeça um julgamento adequado. É com pesar que às vezes deve-se renunciar à tradução de poemas interessantes e representativos devido às diferenças na valorização do humor, das grandes diferenças de meio ambiente, sociais, históricas, de componentes psíquicos; de tal sorte que os efeitos produzidos pela tradução teriam um cunho completamente diferente daquele do original. Além disso, o tradutor nem sempre consegue resistir à tentação de, dentre os inúmeros poemas de um poeta, eleger um segundo seu próprio gosto e temperamento pessoal em detrimento do mais representativo do autor.

Apesar de ele se autodenominar tradutor, que, como já se viu, tem uma conotação muito diferente na Hungria, sua tarefa é muito maior do que apenas traduzir os poetas brasileiros. Implica um conhecimento mais abrangente da literatura, a identificação dos

⁷⁸ RÓNAI, Pál. *Brazília Üzen*, 1939.

traços culturais predominantes e a escolha de uma seleção representativa do que ele chama de uma nova poesia brasileira:

Addig is remélem – még ha akaratlan munkatársam, a véletlen, a kelleténél talán nagyobb szerepet játszott is a versek összeválogatásában – hogy sikerült nagyjából helyes fogalmat adnom az új braziliai költészet jellemző vonásairól és színeiről, tárgyairól és főbb képviselőiről, tartalmi gazdagságáról és emelkedett eszményeiről.

Espero – mesmo que meu parceiro de trabalho involuntário, o acaso, tenha desempenhado um papel maior do que o desejável no tocante à seleção dos versos – ter conseguido apresentar uma noção correta da nova poesia brasileira, de seus traços e sutilezas características, seus temas e representantes principais, a sua riqueza de conteúdo e seus ideais mais elevados.

O crítico já nomeia os elementos constitutivos da escola literária que introduz ao leitor húngaro. Em seguida Rónai apresenta uma história do Brasil, concisa, mas bem torneada, privilegiando aspectos da formação cultural do povo brasileiro. Conclui, segundo sua visão européia, que só faz sentido falar de literatura brasileira após 1889, ou seja, após a independência política do país. Para compreender os contornos do perfil cultural brasileiro, o crítico busca suas origens:

Megértéséhez meg kell említenünk a braziliai kultúra néhány legjellemzőbb sajátosságát. Ez a kultúra az európaiaktól eltérően nem szerves helyi képződmény. Brazília, melynek bennszülött civilizációja szinte nyom nélkül megsemmisült, előzmények és átmenet nélkül vett át egy másik, nem az ő testére szabott kész civilizációt, hogy azután rohanva asszimilálja négy évszázad alatt két évezred eredményét. [...] A portugál, francia, holland hódítók indián őslakók millióit szorították vissza a szárazföld belsejébe, s azután három évszázadon keresztül milliószámra hozatták Afrikából a néger rabszolgákat. Csakhogy itt nem volt faji elkülönülés: így Brazília mai lakossága legnagyobb részben ennek a három fajtának a keveréke, s a brazil civilizáció, Afranio Coutinho szavával élve, mulatt civilizáció. Ha még tekintetbe vesszük, hogy maga a fehér elem is hány különböző fajhoz tartozik, megértjük Rudiger Bildent, aki Braziliát óriás „laboratory of civilisation”-nak nevezi.

Para a sua compreensão, é necessário mencionar algumas das características mais peculiares da cultura brasileira. Esta, diferentemente da européia, não foi forjada organicamente no local. O Brasil, cuja civilização autóctone extinguiu-se praticamente sem deixar rastro, recebeu sem antecedentes e sem transição, outra civilização, já pronta, que não tinha sido talhada à sua medida, para, em seguida, assimilar às pressas, em quatro séculos, o resultado de dois milênios. [...] Os conquistadores portugueses, franceses e holandeses encurralaram os milhões de índios, os habitantes nativos, na direção do interior do país, e depois, durante 300 anos, trouxeram milhões de escravos negros da África. Só que aqui não houve segregação racial e assim, os habitantes do Brasil, em sua grande maioria, são uma mistura dessas três raças, e a civilização brasileira, segundo as palavras de Afranio Coutinho, é uma civilização de mulatos. E se for considerado que o próprio elemento branco pertence a um sem número de raças, pode-se compreender Rudiger Bilden⁷⁹ quando chama o Brasil de um imenso “laboratório de civilização”.

⁷⁹ Rüdiger Bilden, um jovem alemão, foi estudante em Columbia (USA), amigo de Gilberto Freyre, que em 1926 passou um ano no Brasil, com o fim de estudar a influência da escravidão na formação histórica do país.

Tal o seu senso lingüístico que já naquela época se destaca o fato de que Rónai tem perfeita consciência não somente da distância que há entre português e espanhol, mas também das diferenças entre o português continental e o brasileiro.

A nyelv viszont a többi délamerikai kultúráktól különíti el a braziliai műveltséget. Az egyéb spanyol nyelvű ibéro-amerikai irodalmak éppen közös nyelvük miatt gyakran összefolyók, határaik elmosódottak: a braziliai irodalomnak a portugál nyelv külön színt, határozottabb és egységesebb nemzeti jelleget ad. Ez a kiszakadt hispániai dialektus, amely fokozatosan vált el, a spanyoltól s önálló életet valójában azóta él, hogy Camoens egy bonyolult és nagyigényű irodalom nyelvénvé tette, új, lágy csengése mellett sok változatlanul megőrzött latin elemet, a spanyollal közös meglehetősen tekintélyes arab szókészletet és egy észrevehető francia hatás nyomait hozta magával tengerentúli új hazájába. Ez a nyelv, melynek költői erejéről ép e kötet első verse, Aristeo Seixas szonettje szól, Brazíliában tovább fejlődött: szókincsét gyarapították, [...] a néger nyelvjárások hatása pedig szófűzését lazította meg, kifejezéseit tette szemléletesebbekké s egyben logikátlanabbakká. A bevándorlók különböző nyelvének és az északamerikai technikai civilizációnak a hatása is hozzájárul ahhoz, hogy az egykori anyaország nyelvétől mindjobban elváljék s ma már tudatos mozgalom is követeli, hogy a brazil nyelv helyesírását, nyelvtanát és szóanyagát a portugáltól függetlenül kodifikálják.

Por outro lado, a língua diferencia a cultura brasileira das outras culturas sul-americanas. As outras literaturas ibero-americanas de língua hispânica, exatamente devido à sua língua compartilhada, com frequência convergem e suas fronteiras se esvanecem. Para a literatura brasileira, a língua portuguesa proporciona uma cor local, um caráter nacional mais íntegro e determinado. Esse dialeto derivado da Hispânia, que foi se separando gradualmente do espanhol, e que na verdade vive uma vida independente desde que Camões a transformou em uma língua literária sofisticada, paralelamente à sua nova sonoridade, mais suave, trouxe consigo, para a sua nova pátria além mar, preservados, alguns elementos intocados do latim, e juntamente com o espanhol, um respeitável cabedal de vocabulário árabe, além de uma influência perceptível do francês. Este idioma, cuja força poética é tema do primeiro poema do volume, um soneto de Aristeo Seixas, continuou a se desenvolver no Brasil. Seu vocabulário foi aumentado [...], a influência dos dialetos dos escravos suavizou sua sintaxe, suas expressões lhe conferiram maior plasticidade e menos lógica. A influência dos diferentes idiomas dos imigrantes juntamente com a civilização tecnicista dos norte-americanos contribuiu com o seu distanciamento cada vez maior da língua da pátria mãe, e hoje já existe um conhecido movimento que reivindica que a ortografia da língua brasileira, sua gramática e seu léxico são codificados de maneira independente do português.

Aparentemente Rónai aplicou toda a sua bagagem humanista na apreensão da cultura brasileira, todo seu ferramental lingüístico e filológico. E com sucesso. O quadro pintado por ele é tão atual, que hoje, na leitura da introdução de *Brazilian Üzen*, as únicas coisas que causam estranheza são a data e as condições em que foi redigida.

Ensaio jornalístico como forma

Como se viu, para Ascher, uma das contribuições que Rónai traz em sua bagagem de humanista é o gênero literário ensaio, que é o estilo em que ele escreve seus artigos e resenhas. Devido à representatividade que esses artigos e ensaios têm na obra ronaiana, é

preciso examinar de que maneira essa produção literária recebe influências e restrições do meio jornalístico, que, no Brasil, é basicamente onde ele exerce a atividade crítica. Parte-se do princípio de que da análise do estilo literário também deve fazer parte a análise do contexto em que se dá a comunicação, seus processos, funções e efeitos na sociedade.⁸⁰

Danton Jobim,⁸¹ um dos primeiros professores em cursos de jornalismo no Brasil,⁸² diz: “Na verdade, não há uma linguagem de jornal. O jornalista não escreve em uma língua especial, mas no bom português, no bom francês, no bom inglês”. Para Jobim, o estilo jornalístico “requer simplificação quase esquemática do conteúdo e de forma, para facilitar ao máximo a rápida absorção do texto”. Ele resume a qualidade principal desse formato de texto em “três” palavras: “concisão, concisão, concisão”.

Mesmo não exercendo jornalismo propriamente dito, portanto não tendo que obedecer tão rigidamente a essa norma, ela não deixou de estar presente nos textos ronaianos. Por exemplo, em um artigo de jornal, Rónai raramente tem espaço para dar crédito a alguma obra que tenha usado como referência, ou tem espaço para dar detalhes mais precisos sobre as menções que faz a outros autores, ou obras, ou escolas literárias. No artigo *Notícias de Ribeiro Couto*,⁸³ Rónai relembra suas primeiras impressões sobre a poesia francesa de Ribeiro Couto: “Nos seus poemas em língua portuguesa sentia outrora um sabor francês, um matiz jammesiano; agora, em seus versos franceses, percebo como a sua poesia é visceralmente brasileira.” Será que todo público leitor, em 1951, conhecia o significado do termo “jammesiano”? É de se crer que Rónai tinha consciência da resposta: provavelmente não. Hoje, trabalhando em um escritório, com a Internet ligada, em questão de segundos o Google direciona qualquer leitor para uma página biográfica e a pessoa pode descobrir que Rónai está fazendo referência a Francis Jammes, um poeta francês que viveu entre 1868 e 1935 e que foi amigo de André Gide e Mallarmé, e que ficou conhecido pelo frescor de seus poemas cujo lirismo cantava os prazeres da vida humilde do campo. Então fica fácil entender a metáfora com a qual Rónai descreve a poesia de Ribeiro Couto. Mas, e em 1951, à época do artigo? Talvez em outro veículo de comunicação Rónai pudesse ter sido mais explícito, mas ali não lhe restava alternativa senão ser conciso! Ou omitir seu julgamento crítico.

Mais um exemplo: no artigo *A Arte de Contar em Sagarana*,⁸⁴ a mesma sorte teve Pirandello, cujo nome pôde apenas ser citado por Rónai: “Pirandello ter-se-ia felicitado de

⁸⁰ In CAPRINO, M. *Questão de Estilo – Estudo sobre o texto jornalístico e os manuais de redação*. Tese de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo, 2002.

⁸¹ Jobim (1992, p.50) apud Caprino, 2002.

⁸² Monica Caprino conta que ao lado de Pompeu de Souza, Danton Jobim foi professor de Técnica de Redação do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), criado em 1943 e com atividades iniciadas em 1948.

⁸³ *Diário de Notícias*, 9/9/1951.

⁸⁴ Originalmente publicado no *Diário de Notícias* em 11/7/1946.

um achado com este, em que o autor soube formular com bastante pitoresco uma das regras essenciais da arte”. Entendesse a metáfora quem já tivesse tido o prazer de conhecer o dramaturgo italiano, uma pessoa que Rónai talvez tenha conhecido pessoalmente, quando estudou na Itália. A regra da concisão jornalística aqui também restringe o crítico.

Na caracterização do estilo jornalístico Caprino menciona que é comum sua comparação com o estilo literário, e que as diferenças são várias e vão desde a estrutura, o léxico, até o objetivo: no estilo jornalístico prevalece a estruturação dos fatos em ordem decrescente de importância, enquanto que na linguagem literária normalmente o escritor trabalha com a ordem cronológica, deixando o ponto culminante para o final do texto. Em comparação com esse vocabulário jornalístico conciso, na literatura o autor não se preocupa, necessariamente, com a decodificação de sua mensagem. “Para o jornalista, a língua é um simples meio de comunicação com o público contemporâneo, enquanto que, para o escritor, é um meio de expressão artística”.⁸⁵ E de fato, apesar de veiculado em jornal, portanto tendo que ser mais conciso do que se estivesse, por exemplo, publicando seu texto em uma revista acadêmica, uma das características básicas do ensaio ronaiano é ser “uma prosa elegante e clara”,⁸⁶ bem ao estilo ensaístico motaigniano, como se verá a seguir. Apesar de constrito pela estrutura jornalística, o estilo literário do ensaio ronaiano não se rende às exigências do meio jornalístico nos outros quesitos.

Ensaio como gênero literário

Mas como estudar um gênero que, tal qual o conto – que será tratado no próximo capítulo –, devido às suas próprias singularidades, dificilmente cabe nos limites de uma definição? A maioria dos autores faz como Costa Pinto,⁸⁷ que, para tentar responder à pergunta “O que é um ensaio?”, em uma página de texto, recorre às palavras de 9 autores; isto é, compõe um mosaico para depois concluir que, na verdade, o ensaio é “antes uma atitude mental”. Para Costa Pinto, a razão disso é que

...a partir do Iluminismo e da superação do moralismo francês como prática intelectual, o ensaio passa a ter como objeto privilegiado a arte, transformando-se mais tarde (sobretudo com Nietzsche) numa variante do pensamento filosófico que deseja ‘ressensualizar’ a razão por meio da proximidade em relação ao universo estético.

⁸⁵ Jobim 1992 (p.42) apud Caprino, 2002.

⁸⁶ PINTO, Daniel Roberto. *Pontes Sobre o Abismo, Esboço da Vida e Obra de Paulo Rónai*. Instituto Rio Branco, turma de 1999/2000.

⁸⁷ COSTA PINTO, Manuel da. *Albert Camus, Um Elogio do Ensaio*. São Paulo: Ateliê, 1998. (p.36)

Mais adiante Costa Pinto⁸⁸ cita Lukács que – em *A Alma e as Formas* – diz que “na ciência os conteúdos agem sobre nós; na arte, as formas”. Outra vez é pela via da comparação que se busca o significado.

Waizbort⁸⁹ também segue essa mesma via: após colocar o tratado científico ao lado do ensaio literário, conclui que a ciência segue a regra da “*doctrina primus, stilus ultimus*” e a literatura segue a regra inversa: “*stilus primus, doctrina ultimus*”. Para Waizbort, o tratado vai até os princípios e esgota o seu objeto, mas o ensaio não. Enquanto o tratado científico lida com conceitos fixos e almeja definir a verdade, o ensaio está sempre associado a uma cultura, às vezes filosófica, que busca novas perspectivas, que nunca estanca em uma verdade única, acabada e definitiva, está sempre em processo. Eis por que no gênero ensaio não interessam tanto as conclusões a que um texto poderia levar, mas sim o processo, o desenrolar do pensamento, o espírito que trabalha, em movimento. E Waizbort menciona um recurso ensaístico que já vimos Rónai utilizando: o elemento associativo – analogia – que, para ele, desempenha uma função importante no ensaio. Principalmente, afirma Waizbort, o ensaio deve estimular a reflexão. Outro recurso que veremos Rónai praticar ele próprio, e sugerir a seus leitores.

Por isso, ao analisar o pensamento montaigniano, Coelho Neto⁹⁰ conta que em francês o termo *essai*, que significa peso, ato de pesar, é parente próximo de exame, que não só significa pôr na balança, como também tentativa. Por vezes, é esse o sentido em que a palavra aparece no texto montaigniano – um exercício de escrita, que tem o sentido de uma prova, como em “provar um vinho”. Trata-se então de pôr à prova os próprios pensamentos, e os pensamentos alheios, confrontando-os, pesando-os uns contra os outros. No ensaio, o mundo dos fatos, das obras de arte, dos livros famosos, das discussões políticas, o mundo objetivo, enfim, passa a ser tratado como matéria-prima da experiência pessoal. Segundo Coelho Neto, no ensaio montaigniano a variedade das coisas é fonte tanto de espanto como de reconforto para o ensaísta, que considera cada objeto como um estilhaço, como um fragmento quebrado do mundo, a ser tomado para sua reflexão. E é deste lugar pessoal, de sua experiência estética, que Rónai reflete sobre os temas literários em seus escritos e busca sempre examinar de que maneira estão inseridos, ou podem se inserir na *Weltliteratur*.

Com relação à extensão, a definição da medida ideal do ensaio é tão desafeita a definições quanto o próprio ensaio em si e também nisto se associa ao conto: o ensaio deve ser lido, assim como o conto, de uma sentada. Logo, a restrição da extensão está duplamente presente no ensaio ronaiano.

⁸⁸ Idem, idem.

⁸⁹ WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP – Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Editora 34, 2000.

⁹⁰ COELHO, Marcelo. *Montaigne*. São Paulo: Publifolha, 2001. (p. 12-76)

Quanto ao estilo, Waizbort destaca que a escrita científica, por apresentar os fatos como se fossem verdades independentes do tempo e do espaço, promove uma despersonalização. No ensaio, não. Nele, o principal não é convencer o leitor, mas indicar caminhos de reflexão; o ensaio deve ser rico em idéias, mas não pode perseguir nenhuma idéia até suas últimas conseqüências. Se o tratado científico é imparcial, frio e objetivo, o ensaio está ligado à subjetividade, à concepção, à visão de mundo de quem o escreve. Por isso foi necessário incursionar pelas bases constitutivas do pensamento ronaiano, pois é a partir daquele arcabouço conceitual que o crítico reflete sobre o universo estético.

Contudo, parece que a maior contribuição montaigniana no sentido da caracterização do pensamento crítico de Paulo Rónai é a compreensão de que o estilo ensaístico montaigniano refere-se muito mais a uma atitude intelectual, um modo de pensar, como diz Coelho Neto, “um jeito”, algo quase físico, como um sotaque ou uma inclinação do corpo. Com sua visão crítica, Montaigne diz que não se deve tomar como regra aquilo que é simplesmente corriqueiro, que não se deve confundir o natural com aquilo que é apenas hábito, e desta forma reconhecer o que há de estranheza na cultura que não é nossa e, conseqüentemente, reconhecer o que é universal. Para o autor dos *Ensaíos*, nenhum costume ou mandamento moral é eterno. Tudo está sujeito à contingência de um país, de uma época, de uma moda. Ao se questionar, Montaigne estabelece as bases do relativismo ético: “Que bondade é essa que ontem eu via valorizada e amanhã não mais, e que a travessia de um rio torna crime? Qual verdade que essas montanhas delimitam, que é mentira no mundo que fica além delas?” Em suma, para Montaigne não se deve confundir a criação, o novo, e condená-lo com algo que simplesmente vai contra o costume; para ele, o homem letrado deve ver no novo não uma agressão ao costume, mas ir além. Parece que é essa capacidade de ver além do costume é que caracteriza a atividade crítica ronaiana, é esta operação que Ascher chama de “interpretação intelectual prévia”.

Ensaio sob a perspectiva húngara – algumas considerações

Antes de avançar, considerando o contexto em que a intelectualidade ronaiana foi cunhada, é preciso examinar qual a concepção de ensaio na Hungria. Segundo Gyulai Pál⁹¹,

A könyv és hírlapi cikk, az értekezés és bírálat között foglal helyet, a tudománytól kölcsönzi eszméit, az irodalomtól formáit s éppen úgy szem előtt tartja a szakértőt, mint a művelt, nagyközönséget.

O ensaio ocupa lugar entre o livro e o artigo de jornal, entre o discurso e a crítica, emprestando seus conceitos da ciência, seu formato da literatura, e sem distinção

⁹¹ <http://epa.oszk.hu/00000/00022/00356/10816.htm> cópia digitalizada do artigo originalmente publicado na revista *Nyugat*, nº 7, de 1924, divulgado pela Biblioteca Eletrônica Nacional no endereço <http://epa.oszk.hu/html/vgi/boritolapuj.phtml?id=00022>

leva em consideração tanto o estudioso, quanto o público letrado. [tradução minha, do húngaro]

Ou seja, o ensaio ocupa uma posição intermediária, mas empresta os elementos de todos, sem necessariamente pertencer a nenhum. Mais adiante o texto de Gyulai Pál informa que “a lírikus esszéíró a legeszményibb olvasó”, ou seja, que “o ensaísta lírico é o leitor ideal”.

Törvénye az asszimilálódás és élvezet, s abban különbözik minden más olvasótól s élvezőtől, hogy nem marad meg a passzív elfogadásnál, a csengésnél hanem objektiválja élvezetét, csengését.

Sua norma [do ensaísta lírico] é a assimilação e a fruição, e se diferencia dos demais leitores e de sua fruição na medida em que não se restringe à aceitação passiva, à revelação, mas coloca sua fruição como objetivo. [E finalmente:]

Ennek az objektiválódásnak a formája a lírai esszé, amely külön is válhat megszólaltató élményétől, sőt túl is élheti, föltéve, hogy önálló röppályát hódít magának.

O formato dessa objetivação é o ensaio lírico, que pode inclusive desvincular-se da experiência de quem lhe dá voz, e até superá-la, quando almejar alçar vãos independentes.

Em suma, na Hungria, o ensaio objetiva o prazer da digressão e também busca esclarecer, ou criticar, o assunto em pauta. O que soa um pouco como uma derivação simultânea tanto do ensaio montaigniano na medida em que objetiva fruição, como do ensaio baconiano na medida em que objetiva esclarecer. O ensaio baconiano, que vai dar origem ao ensaio da tradição alemã – sem necessariamente ditar-lhe todas as características –, não tem a leveza estilística do ensaio francês, pois, em um tom austero, faz uso de uma estrutura mais rígida e formal, e seus objetivos voltam-se mais para a reflexão de temas morais e cívicos.

É, pois, com esse desejo de informar, mas fazendo uso da leveza do estilo montaigniano, que Rónai explica a estratégia que adotou para *Babel & Antibabel*: “Procurei antes assinalar que esgotar os problemas, mostrar as implicações da criação de um idioma, familiarizar os leitores com pontos de vista e terminologias diferentes.” Mais adiante, confirmando a atitude que Ascher considera ser própria do crítico, isto é, “aquilo que o move a escrever” é o “prazer de compartilhar com os outros”,⁹² Rónai diz:

Em vez de uma obra polêmica ou de catequese, ofereço ao leitor apenas uma viagem por uma das regiões apaixonantes, mas pouco freqüentadas, da ciência da linguagem humana. [...] A projetos mais divertidos que engenhosos dei quase a mesma atenção que a soluções de viabilidade comprovada; lucubrações de simples curiosos mereceram análise tão acurada como sistemas elaborados por lingüistas de alto gabarito. Se essa falta de método não se justificaria num ensaio de rígidas

⁹² ASCHER, Nelson. *Rónai dá uma lição de rigor crítico na coletânea de ensaios 'Pois É'*. Sessão Letras. Folha de São Paulo, 21/07/1990.

pretensões científicas, talvez se adapte a esta série de crônicas que, além de informar, gostariam de às vezes divertir.⁹³

Condizente com suas raízes culturais, Rónai pretende que seus textos levem fruição aos leitores. E da mesma forma como nesse segmento, muitas vezes ele se refere a seus textos como crônicas. Será que estamos falando de coisas diferentes? Na verdade, não totalmente. No jornal é comum o ensaio ser chamado de crônica. Isso condiciona algumas de suas propriedades, como por exemplo a extensão que, “diante da inércia do leitor típico, deve ser curta”, diz Radamés Manoso.⁹⁴ E repetindo algumas características do gênero ensaio, já destacadas, Manoso diz que a crônica deve ser leve: nela “não se fazem raciocínios tortuosos, análises sofisticadas, sínteses maciças. A leitura da crônica, presumivelmente, realiza-se em condições relaxadas, em que dificuldades de processamento e compreensão podem afugentar o leitor”; como se vê essa abordagem está muito próxima da abordagem de Caprino quando, acima, ela define o estilo jornalístico. Ou próximo do *informal essay* inglês que havia se popularizado com o advento da imprensa. E como no jornalismo “deseja-se manter a fidelidade” do leitor, Manoso explica que a crônica “deve ser lúdica. Na crônica o leitor deve encontrar um pouco de entretenimento para relaxar”. Rónai resume esta modalidade nos seguintes termos:

Uma das características inconfundíveis da crônica é precisamente a sua quase intraduzibilidade. Tão enraizada está ela na terra de que brota, tão ligada às sugestões sentimentais do ambiente, aos hábitos lingüísticos do meio, à realidade social circundante que, vertida em qualquer idioma estrangeiro, precisaria de um sem-número de eruditas notas de pé de página destinadas a esclarecer alusões e subentendidos, o que contrastaria profundamente com outra característica fundamental do gênero, a leveza.⁹⁵

Portanto, que a leveza do estilo montaigniano que Rónai busca imprimir a seus textos não seja confundida com falta de erudição. Ler Rónai, compreender cada uma de suas associações imagéticas, cada uma de suas metáforas, requer do leitor um embasamento literário mínimo. Sua leveza no estilo, na forma, não deve ser confundida com falta de profundidade do conteúdo.

A manifestação do estilo montaigniano em Rónai

Ao confrontar o estilo de Rónai com o que se disse até aqui sobre ensaio, certas características montaignianas ficam evidentes. Algumas pequenas, mas que no final

⁹³ RÓNAI, P. *Babel & Antibabel – ou os problemas das línguas universais*. São Paulo: Perspectiva, 1970. (p.12)

⁹⁴ <http://www.radames.manosso.nom.br/retorica/formasnarrativas.htm>

⁹⁵ Ver artigo de Rónai: *Um Gênero Brasileiro: A Crônica*. In: *Crônicas Brasileiras – nova fase*. PRETO-RODAS, R et alii. Gainesville: University Press of Florida, 1994

compõem o conjunto. Por exemplo: tal qual Montaigne em seus *Ensaíos*, na abertura de seus livros, é comum Rónai usar o termo “Advertência”.

Outra característica tipicamente ronaiana é sua cordialidade e amabilidade no trato com o leitor e a elegância de estilo na escrita. Apesar de não ser seu hábito falar em primeira pessoa, é comum encontrar observações de Rónai sobre a emoção que a leitura de um determinado texto lhe provoca, visando provavelmente esse efeito de intimidade compartilhada sugerido pelo estilo de Montaigne, uma leveza de tom de conversa entre amigos. Também é comum Rónai dirigir-se ao “leitor mais atento” ou denominar a si mesmo de leitor, em uma tentativa de colocar-se em uma posição de igualdade. Observe-se como ele abre esta resenha:

Há quanto tempo este livro aguardava a sua vez na estante! Atraindo-me pelas referências faladas e escritas de tanta gente boa, e assustando-me por suas quinhentas e tantas páginas enormes e compactas, *O Pássaro da Escuridão, romance antigo de uma cidadezinha brasileira*, de Eugênia Sereno (Livraria José Olympio Editora) pegou-me afinal nos lazes de uma convalescência, prendeu-me, subjugou-me e não me larga mais.⁹⁶

Ao usar a primeira pessoa nesse tom intimista, Rónai prende o leitor pela cumplicidade da confissão. Esta aparente fragilidade, contudo, se dissipa conforme o leitor vai avançando pelo texto e vai sendo levado por Rónai a desvendar o ritmo da narrativa da obra resenhada, “o *leitmotiv* da coruja da torre”, os arquétipos, “a torrente inesgotável da imaginação da artista, reclamando a expressão”. É com elegância que Rónai oferece o braço ao seu leitor e o conduz pelos meandros do ensaio que “registra deslumbrada a presença de algo vulcânico [...] de caracteres épicos [...] e líricos (exploração da saudade do passado, da poesia da decadência e do medo, comunhão com a natureza, recriação do *genius loci*, aproveitamento de todas as conotações emocionais da linguagem)”. Sem pedantismos⁹⁷, em estilo leve, a erudição de Rónai é palpável ao longo do texto. Mesmo não fazendo longas citações de clássicos como Montaigne, e apesar de preocupado com seu leitor e de não ser de sua índole ostentar erudição, às vezes Rónai não resiste à tentação de deixar um ou outro indício para os mais letrados.

Um sinal particularmente constante em Rónai é a consideração que ele tem tanto com o seu leitor e como com o seu meio de comunicação. Como já foi visto, ao apresentar *Babel & Antibabel*, Rónai deixa muito claro que em vez de escrever “um estudo técnico, acessível apenas a um limitado número de especialistas” – que seria condizente com o

⁹⁶ *Entre Lirismo e Epopéia*. In: *Pois É*. Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. (p. 101)

⁹⁷ Em um artigo crítico sobre o lançamento de *Como Aprendi Português*, Astrojildo Pereira destaca essa mesma característica de Rónai: “Aqui, o erudito, como sempre sem aparato ostensivo e com saudável bom humor, nos fornece exemplos de eméritos trocadilhistas em todas as literaturas, desde Platão até Proust. [...] um espírito o que não se contenta com saber bem uma matéria versada e ainda se aventura livremente, como bom ensaísta, pela fascinante seara das conjecturas e possibilidades”. PEREIRA, Astrojildo. *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

ensaio estilo alemão – preferiu elaborar um texto leve, que procurou “antes assinalar que esgotar os problemas” ou ainda “familiarizar os leitores com pontos de vista e terminologias diferentes” – em um estilo nitidamente condizente com a ensaística francesa e a húngara. Rónai diz que “em vez de obra de polêmica ou de catequese”, oferece ao leitor “apenas uma viagem por uma das regiões apaixonantes da ciência da linguagem humana” e que espera que as leituras sobre criação de línguas artificiais, tal qual ajudaram a ele, permitam ao leitor “melhor compreender o mecanismo das línguas naturais, entre elas a que falamos e escrevemos”⁹⁸.

Outra coisa que chama a atenção são os poetas que Coelho diz serem os preferidos de Montaigne: Virgílio, Lucrécio, Horácio e Catulo. Como se vê em sua produção bibliográfica – Anexo II - esses autores também figuram na lista das traduções de Rónai, em sua antologia latina, portanto são autores aos quais ele também dá preferência. Ainda nesse sentido, também chama a atenção a comparação que Montaigne faz entre os estilos de Virgílio e Ariosto, pois, como veremos no capítulo sobre tradução, Rónai faz uma comparação muito semelhante, entre Apuleio e Boccaccio, e suas conclusões são muito próximas às conclusões de Montaigne no que tange às diferenças estilísticas entre os autores.

Reafirmando o que já foi comentado sobre a caracterização do estilo montaigniano na atitude crítica – não se deve confundir a criação, o novo, com algo que simplesmente vai contra o costume –, observa-se que é esta operação interpretativa que o crítico Paulo Rónai faz quando, por exemplo, indo contra a maré daqueles que só ficam no debate provocado pelo estilo inovador de Guimarães Rosa em *Sagarana*, em vez de ficar só nos “devaneios do estranhamento do novo”, como diz o crítico Paulo Hecker Filho,⁹⁹ “Rónai fez uma boa leitura”. Ao apresentar as notas biográficas de Guimarães Rosa e contar que ele “só obteve reconhecimento geral a partir de 1956, quando saíram *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*” Alfredo Bosi¹⁰⁰ confirma o quilate crítico de Rónai e Antonio Candido, que em 1946 haviam sido os únicos a perceber de imediato a potencialidade de Guimarães Rosa. A afirmação de Hecker confirma as palavras de Gyulai Pál mencionadas anteriormente, “o ensaísta lírico é o leitor ideal”.

Uma última semelhança com Montaigne: apesar da firmeza que caracteriza seu trabalho, Rónai não o considera conclusivo. Basta ver que a primeira edição de *Escola de Tradutores* é composta de sete artigos, à segunda Rónai acrescenta outros quatro, à quarta mais nove e à quinta edição – definitiva – mais um. O volume que tenho nas mãos de A

⁹⁸ RÓNAI, P. *Babel & Antibabel – ou os problemas das línguas universais*. São Paulo: Perspectiva, 1970. (p.12/13)

⁹⁹ HECKER FILHO, Paulo. *A Mente de Balzac*. Porto Alegre: Correio do Povo, 16/08/1975.

¹⁰⁰ BOSI, Alfredo. (org) *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. 3.ed.São Paulo, Cultrix, 1978. (Seleção, introdução e notas biobibliográficas)

Tradução Vivida exhibe na capa: “2ª edição – ampliada”. *Babel & Antibabel* é uma revisão melhorada, segundo a advertência de Rónai, de *Homens contra Babel*: “aproveitei a oportunidade para melhorar a obra, acrescentando-lhe muitas informações esparsas e quatro capítulos novos. É esta segunda versão da obra, praticamente um outro livro, que apresento agora ao público brasileiro”. O movimento de renovação e ampliação não é exatamente o mesmo de Montaigne, que revisava dialogando com seu próprio texto, mas a postura parece ser a mesma.

Um ensaio ronaiano

Apesar de Rónai não ter se dedicado formalmente a escrever sobre teoria e muito menos sobre teoria ensaística, em seus escritos o leitor se depara com observações metodológicas, de cunho bem teórico, mas que, coerente com o estilo montaigniano, Rónai cuida para que eventualmente não tenham uma faceta professoral. E é com leveza que ele dá uma verdadeira aula sobre o fazer crítico logo na abertura de um ensaio sobre Daudet. Para o leitor cujo único objetivo é o lazer, a pequena preleção sobre a maneira como a atividade crítica moldou os hábitos de leitura de Rónai soa como uma simples conversa entre amigos. Para o leitor interessado no fazer crítica literária, o mesmo texto serve como uma aula.

Antigamente eu apanhava e largava um livro sem me preocupar com outra coisa a não ser a parcela de realidade e de fantasia encerrada naquele maço de folhas impressas. Mais aberto à emoção, reparava menos em suas fontes; atraído pela obra, pouco me interessava pelo escritor.

A leitura profissional, os estudos de literatura e algumas incursões no campo da crítica acabaram com esse leitor sôfrego. Hoje, ao pegar um livro, penso sem querer no homem que se encontra atrás das frases, em suas ambições e seu objetivo, seus materiais e ferramentas. O que antes se me apresentava como a beleza imaterial de uma nuvem ou uma flor, soltas no tempo e no espaço, depara-se-me agora como o produto de um artesanato e a manifestação de uma vontade inteligente.

Por isso, dificilmente leio agora um livro isolado. Vem-me logo a vontade de percorrer as outras obras do escritor, de aferrar nelas os traços de uma personalidade diferente das outras, de chegar ao canal misterioso que une a criação ao criador. Daí também uma curiosidade biográfica, como se a vida do autor necessariamente encerrasse um segredo, uma chave para a compreensão da obra.¹⁰¹

A leveza do estilo montaigniano veste com uma roupagem cordial um texto que de outra forma teria um tom teórico, talvez sisudo demais para um jornal. Destes poucos parágrafos é possível depurar a essência do trabalho do crítico literário. O tom intimista de “conversa entre amigos” que Rónai consegue imprimir ao usar a fala em primeira pessoa e, com o interesse que um compartilhar de experiências desperta, tira o peso das informações

¹⁰¹ Rónai, *Como Aprendi o Português e outras Aventuras*. São Paulo: Globo, 1992. (p.89)

teóricas que estão por trás do texto, num nível mais profundo. O estilo permite a leitura em diversos níveis, sem comprometer a qualidade do ensaio.

Em seguida, Rónai apresenta o tema do ensaio propriamente dito. Lembra o leitor sobre a obra mais conhecida de Daudet fora da França e o cenário está pronto para uma verdadeira viagem literária em que Rónai “toma pelo braço e vai conduzindo o seu companheiro de viagem” por meandros e riqueza de detalhes que somente um profundo conhecedor seria capaz de levar. Ele fala com a naturalidade de quem é íntimo ao tema, mesmo assim não frustra o seu leitor com atitudes pedantes. Vai dando os esclarecimentos necessários que auxiliarão até mesmo aquele leitor que nunca ouviu falar de Daudet, desfrutar o seu texto:

Essa imagem convencional modifica-se à medida que lemos, um após outro, os seus romances. Como sucede com todos os grandes romancistas, do mundo de Alphonse Daudet emana profunda tristeza, que se manifesta na atmosfera, no destino das personagens, na atitude do autor.¹⁰²

Gentilmente, sem ostentar nenhuma presunção, Rónai coloca o autor no contexto maior do círculo literário a que pertence:

Todos esses temas são essencial e tipicamente balzaquianos. Daudet nunca negou a sua dívida para com Balzac; ao contrário, cita-o a cada passo, refazendo-lhe as situações, evocando-lhe os caracteres, propondo-se modestamente preencher os claros do vasto esquema de *A Comédia Humana* que ficaram vagos pela morte de seu criador e acrescentar-lhe os capítulos exigidos pela evolução da sociedade.¹⁰³

Em seguida, passa a mostrar o quê, apesar das qualidades de Daudet, restringe sua obra:

...a tendência involuntária de repetir os seus caracteres principais. Os seus protagonistas são quase todos reimpressões do mesmo clichê: o tipo meridional, talentoso e simpático, encantador, fogoso, mas sem a fibra e profundidade, ilógico, oscilante ao léu das impressões e das tentações do momento.¹⁰⁴

Por volta da metade do ensaio, Rónai começa a entrar no detalhe que irá explicar a razão do título¹⁰⁵, ao passar pelo campo da análise comparativa colocando seus personagens frente a frente: “Em Balzac e em Zola, à intenção documentadora aliava-se uma concepção geral...” A partir de um comentário de Daudet, Rónai arma seu argumento para mostrar sua conexão com Proust: “Esta observação aplica-se a várias criaturas de Daudet e, mais ainda, às de Proust, de quem este autor de ‘literatura infantil’ se revela, assim, inopinadamente, um dos predecessores”. E num tom que continua sendo de conversa, a aula de literatura francesa continua: “O que aliou Daudet à escola naturalista foi

¹⁰² Idem, p.90.

¹⁰³ Idem, p.91.

¹⁰⁴ Idem, p.91.

¹⁰⁵ O título do ensaio é *Daudet entre Zola e Proust*.

– além de um contato pessoal muito estreito com Flaubert, Zola, os Goncourt e outros –, a intenção deliberada de pintar um panorama da época”.

A seguir Rónai deposita o prato da análise, prontinho diante de seu convidado, o leitor:

Estreitos e frágeis ao pé das poderosas construções de Balzac e Zola, algo improvisados em relação às trabalhosas escavações de Flaubert, imperfeitamente imparciais ao lado da impersonalidade terrível de Maupassant, os romances de Daudet têm, entretanto, ainda hoje, um frêmito cálido, uma palpação viva e forte que os impede de morrer: é a presença de uma personalidade atraente, única, feita de contrastes, e de um estilo excepcionalmente equilibrado.¹⁰⁶

Reconhecer as eventuais imperfeições de Daudet, na opinião de Rónai, não lhe tira o valor literário. E a partir daí o ensaio leva o leitor a passear pelos enredos das várias obras de Daudet para mostrar os contrastes entre a leveza desses e a sua obra póstuma, lançada 34 anos após sua morte, chamada *La Doulou*. Nela, Daudet retrataria toda dor da doença que o consumiu durante os últimos treze anos de vida e que, na opinião de Rónai, mostrava o lado proustiano de Daudet. O crítico destaca seus padecimentos e conta sobre seus desvarios, nos quais perscrutava a biografia daqueles que tinham trilhado calvário semelhante ao seu – Leopardi, Heine, Jules de Goncourt, Baudelaire – em busca dos sintomas de seu padecimento. Apesar da doença, Rónai nos conta que Daudet morreu lúcido e “não saturou os livros desse sutil veneno que nos destila cada página de Proust”¹⁰⁷. Mas para não terminar seu artigo com esse cenário mórbido, Rónai volta a falar de um conto leve de Daudet em que este, para evitar ter que revelar a Mamette que as cerejas estavam “atrozes” – guardadas há anos, o dono da casa havia se esquecido de colocar açúcar na compota – preferiu comê-las, da mesma forma que “mais tarde preferiu enterrar no diário as suas histórias mais dilacerantes”. O estilo ronaiano consegue satisfazer tanto os interesses estéticos do crítico que eventualmente venha a ler o seu ensaio, do estudioso de literatura, quanto do leitor que apenas busca diversão.

Um confronto brasileiro

Vamos agora girar um pouco o foco da análise e confrontar o trabalho de Rónai com um outro crítico brasileiro de renome, e por isso mesmo com maior disponibilidade de informações e cuja biografia, em alguns aspectos, revela caminhos paralelos aos de Rónai. O objetivo é mostrar que trabalhando a partir do mesmo material textual, os resultados produzidos por ambos são bem diversos. Enquanto o crítico e sociólogo Antonio Candido privilegia aspectos sociais, relações de poder e dominação entre os personagens, o crítico

¹⁰⁶ Idem, p.93.

¹⁰⁷ Idem, p.96

Paulo Rónai observa aspectos filológicos e literários. Como Rónai devota uma “paixão quase que religiosa”¹⁰⁸ à língua, esse seu lado o leva a também privilegiar os aspectos lingüísticos¹⁰⁹ dos textos. A destacar que o conceito de lingüista que lhe auferem não coincide evidentemente com o conceito moderno de lingüista, estando muito mais voltado para uma concepção clássica da época.

No artigo *A Arte de Contar em Sagarana* – publicado no Rio de Janeiro em 11/07/1946,¹¹⁰ curiosamente, no mesmo dia em que saía em São Paulo o artigo *Sagarana*, de Antonio Candido –, Rónai começa discutindo alguns aspectos da escrita regionalista para em seguida localizar a obra de Guimarães Rosa na arte de narrar em um contexto muito mais universalizante do que regional, analisando de que forma o autor lida com o gênero, de que maneira faz transcorrer os diversos episódios dando forma textual segundo as características dos personagens, e com “uma arte consciente que se disfarça sob um ar de naturalidade”.¹¹¹ Conforme vai discorrendo sobre os personagens e as narrativas de *Sagarana*, aqui e ali Rónai vai associando os movimentos elaborados por Guimarães Rosa a autores como o dramaturgo americano Thornton Wilder ou o brasileiro Ribeiro Couto, e mesmo à atmosfera mítica da balada escocesa.

Por sua vez, e coerente com sua formação de sociólogo, a visada de Antonio Candido privilegia a tessitura sociológica de Guimarães Rosa, sem deixar de lado também seus conhecimentos no campo do direito¹¹²: a sua análise de *Sagarana*¹¹³ está profundamente arraigada à discussão da identidade nacional. Antonio Candido começa o artigo destacando a posição da literatura regionalista no processo de afirmação da *intelligentsia* nacional. Em seguida, discute qual seria a posição de Guimarães Rosa nesse processo, evocando os nomes nacionais que já teriam trilhado o mesmo caminho. Também verifica de que maneira o exotismo do léxico de Guimarães Rosa teria sido um recurso presente, entre outros, no regionalismo nordestino ou gaúcho. No final, destaca de que maneira a obra privilegia a região como um verdadeiro personagem, “tanta é a persistência e a profundidade com que vêm invocados a sua flora, a sua fauna, o seu relevo”.¹¹⁴

¹⁰⁸ PINTO, D.R. *Pontes Sobre o Abismo*. Inédito. (p.23) “A literatura era quase a religião dele” – entrevista pessoal concedida por Daniel Brilhante Brito a D. R. Pinto, em 26/05/2000.

¹⁰⁹ Idem, p.23. « Rónai était connu en France comme excellent linguiste. Sa *Comédie Humaine* avait été considérée la meilleure édition étrangère de l'oeuvre de Balzac. J'avais lu quelques uns de ses articles dans des revues de linguistique. Eh bien, cette réputation m'a paru bien méritée : Rónai avait un sens un peu religieus de la langue, du linguiste, du dictionnaire. » Depoimento de Robert Breteau a Daniel R. Pinto, 01/06/2000.

¹¹⁰ Rio de Janeiro: Diário de Notícias, 11/07/1946.

¹¹¹ RÓNAI, P. *A Arte de Contar em Sagarana*. In: RÓNAI, P. *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Min. Educação e Cultura, Inst. Nac. Livro, 1958. (p.131)

¹¹² CANDIDO, Antonio – *Textos de Intervenção*. DANTAS, Vinicius (org). 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2002. (p.387) “Em 1939, ingressou na Faculdade de Direito e na seção de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A primeira, abandonou no quinto ano e, na segunda, obteve os graus de bacharel e de licenciado em janeiro de 1942.”

¹¹³ *Notas de Crítica Literária – Sagarana*. São Paulo: Diário de São Paulo, 11/07/1946. In: CANDIDO, A. *Textos de Intervenção*. (p.183)

¹¹⁴ Idem, (p.188)

Enquanto Antonio Candido usa mais da metade de seu texto na discussão e localização de elementos sociais, econômicos e até políticos que a obra *Sagarana* sugere ao crítico, Rónai, terminada uma curta apresentação, de um parágrafo, sobre as armadilhas que a literatura regionalista pode significar para o léxico, começa a analisar o gênero novela e em seguida os diversos contos, enredos e personagens de cada texto que compõe a obra.

Colocados, pois, lado a lado, o que vemos nas duas abordagens são trabalhos distintos, com enfoques e fundamentações diversificadas. O humanista Paulo Rónai discute a posição da produção literária nacional diante da literatura mundial. Apesar de ambos – Antonio Candido e Paulo Rónai – mencionarem que literaturas regionalistas apresentam obstáculos que em geral levam a fracassos, ambos concordam que Guimarães Rosa foi soberbo em contornar tais armadilhas. Diz Antonio Candido:

Além das convenções literárias, *Sagarana* se caracteriza por um soberano desdém das convenções. O Sr. Guimarães Rosa – cuja vocação de virtuose é inegável – parece ter querido mostrar a possibilidade de chegar à vitória partindo de uma série de condições que conduzem, geralmente, ao fracasso. Ou melhor: todos os fracassos dos seus predecessores se transformaram, em suas mãos, noutros tantos fatores de vitória. Para começar, a própria temática, batida e aparentemente esgotada [...]. Em seguida, o exotismo do léxico, [...]. Depois, a tendência descritiva [...]. Finalmente, o capricho meio oratório de estilo [...]. Pois o Sr. Guimarães Rosa partiu de *todas* estas condições, algumas das quais bastaram para fazer naufragar escritores do maior talento [...]; não rejeitou nenhuma delas e chegou a verdadeiras obras-primas, como são alguns contos de *Sagarana*.¹¹⁵

E Paulo Rónai conclui de forma semelhante:

Para muitos escritores fracos, o regionalismo é uma espécie de tábua de salvação, pois têm a ilusão – e com eles parte do público – de que o armazenamento de costumes, tradições e superstições locais, o acúmulo de palavras, modismos e construções dialetais, a abundância da documentação folclórica e lingüística superam as falhas da capacidade criadora. [...] O regionalismo envolve antes um obstáculo e uma limitação do que um recurso. A riqueza léxica, em particular, longe de constituir um atrativo – a não ser para os estudiosos da língua – torna a obra menos acessível à maioria dos leitores. Quanto ao material folclórico, este significa uma perpétua ameaça de desviar a narração, tolher o enredo, quebrar o ritmo. [...] Em *Sagarana*, J. Guimarães Rosa afronta todos esses empecilhos. Apresenta-se como o autor regionalista de uma obra cujo conteúdo universal e humano prende o leitor desde o primeiro momento. [...] É sobretudo quase impossível falar desta obra abstraindo-se o aspecto da expressão verbal, que nela é de excepcional importância. O autor não apenas conhece todas as riquezas do vocabulário, não apenas coleciona palavras, mas se delicia com elas numa alegria quase sensual, fundindo num conjunto de saber inédito arcaísmos, expressões regionais, termos de gíria e linguagem literária.¹¹⁶

Em suma, mesmo concordando com os aspectos universais da obra de Guimarães Rosa, os dois críticos demonstram ter agendas dessemelhantes.

Rónai x Carpeaux, uma questão de estilo?

¹¹⁵ Idem, (p.187)

¹¹⁶ RÓNAI, P. *A Arte de Contar em Sagarana*. In: RÓNAI, P. *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Min. Educação e Cultura, Inst. Nac. Livro, 1958. (p.129)

Apesar de a análise profunda e abrangente da crítica literária praticada por Paulo Rónai fugir do escopo deste trabalho, e de não ter sido possível, para este texto, analisar mais detalhadamente o vasto material crítico que existe sobre suas obras de crítica literária, é possível observar em seus textos, que o lugar de onde Rónai fala é sempre muito claro: a experiência estética está na base de sua crítica.

Já Carpeaux, que também é crítico e também é imigrante, segundo seu biógrafo,¹¹⁷ faz incursões pela “história, sociologia, psicologia, filologia, biografia e poética” pois esses campos do saber “convivem lado a lado em suas leituras e são utilizadas pelo intérprete na medida de sua necessidade”.¹¹⁸ Anteriormente Ventura havia definido Carpeaux como “um crítico estético na medida em que suas interpretações transcendem os limites de determinada obra para se projetar como crítica da vida, da cultura e dos valores morais”.¹¹⁹ O aspecto filosófico está fortemente presente em seu trabalho: “A natureza indissociável da literatura e da moral, da poesia e da religião, que pode ser verificada nos comentários de Carpeaux. Argumentos de ordem estética ganham força com a erudição e o poder de sua argumentação filosófica e moral e vice-versa”.¹²⁰ Ventura divide a obra de Carpeaux em dois conjuntos bem distintos: de um lado aquela representada pelos artigos publicados em jornais, fragmentada, que abrange comentários ligeiros, escritos sob encomenda para a imprensa, e do outro, os livros temáticos, de composição lenta e trabalhosa.

Rónai, por sua vez, como se vê em sua bibliografia, expõe toda a sua crítica em jornais tanto na forma de artigos ensaísticos, resenhas, ou ainda prefaciando obras. Portanto, para usar o termo de Ventura, sempre elabora sua crítica de forma *ligeira* mesmo quando mais tarde os artigos são reunidos em livro. Voltado para o seu leitor, Rónai procura antes divertir que informar. Em vez de se dirigir a uns poucos especialistas, prefere dialogar com um público maior e, portanto, justifica suas opções nesses termos. O próprio artigo crítico sobre *Sagarana*, acima citado, contém um exemplo claro dessa preocupação. Ao comentar a atmosfera das novelas de Guimarães Rosa, Rónai faz uma comparação entre a conclusão trágica que o autor deu ao seu personagem Cassiano Gomes com “os abismos tão abruptos como aquele que se abre debaixo da Ponte de São Luís Rei, no romance de Thornton Wilder.” Ele cita Wilder sem entrar em maiores detalhes. Mas, quando se lê em Ventura a importância que Carpeaux atribuía ao ato de narrar, e de que maneira Thornton Wilder é considerado por ele um legítimo representante desta arte muito antiga,

¹¹⁷ VENTURA, M.S. *De Karpfen a Carpeaux – formação política e interpretação literária da obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

¹¹⁸ Idem, p.15.

¹¹⁹ Idem, p.13.

¹²⁰ Idem, p.14.

a chave para a compreensão da obra do contista americano está, segundo Carpeaux, no conceito de narração. O argumento do crítico se apóia na conhecida análise de Walter Benjamin sobre o papel do narrador na obra de Nikolai Leskov, em que a narração é definida como uma arte em extinção, pois o mundo contemporâneo quase não permite mais experiências. Eis o argumento de Carpeaux: *'Não se tem mais confiança na experiência, não se quer mais executá-la. Antigamente, porém, ainda havia experiências. Os melhores narradores eram os camponeses que contavam as tradições dos seus antepassados e os marinheiros que narravam as descobertas de suas viagens'* ¹²¹.

reconhecemos a mesma argumentação usada por Rónai quando fala sobre a arte de contar em Guimarães Rosa: a arte de narrar em vias de extinção. Não é o caso de aqui, neste trabalho, se aprofundar nesse tema, mas vale a pena destacar a profunda vivência que Rónai tem de folclore, não somente do húngaro como o de muitas outras culturas que visitou através de suas pesquisas para a elaboração de seu *Mar de Histórias*, cultura folclórica que é toda baseada em narrativas das tradições de antepassados feitas pelos camponeses.

A arte de contar, no antigo sentido da palavra, que evoca as poderosas narrativas do século passado e, mais longe ainda, as caudalosas torrentes da épica antiga, está-se tornando rara. Apesar ou em razão do número enorme de narrativas breves que se publicam, encontram-se com frequência cada vez menor novelas e contos que nos comuniquem um frêmito ou nos arranquem um grito de admiração. Os desesperados esforços de renovação que caracterizam o gênero de algum tempo para cá geram fórmulas mais de uma vez surpreendentes e inéditas, mas dificilmente despertam emoções profundas.

As nove peças que formam o volume *Sagarana* continuam a grande tradição da arte de narrar. ¹²²

Enquanto Carpeaux elabora um estudo sobre Thornton Wilder e apóia toda a sua argumentação sobre *O narrador*, de Walter Benjamin, provavelmente devido às restrições impostas pelo veículo em que publica seu texto, em seu comentário sobre Guimarães Rosa Rónai apenas menciona Wilder. O que não implica que Rónai conheça Wilder menos do que Carpeaux. Na confrontação entre os dois autores a semelhança entre os argumentos comprova o domínio que Rónai tem sobre o tema. São diferenças de estilo. Ou seja, como crítico, para o curioso sedento por se aprofundar, Rónai deixa a porta aberta, lhe oferece ferramental para seguir adiante, sem com isso incomodar aquele outro leitor para quem, talvez, esse detalhe técnico não tivesse tanta relevância. Portanto, coerente com o estilo montaigniano, Rónai dá acesso ao seu texto, em diferentes níveis, ao mesmo tempo.

Rónai prefaciador e resenhista

¹²¹ VENTURA, M.S. *De Karpfen a Carpeaux – formação política e interpretação literária da obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002. (p.139) Ventura citando Carpeaux "Ponte grande – Reflexões sobre a arte do contista Thornton Wilder".

¹²² RÓNAI, P. *A Arte de Contar em Sagarana*. In: RÓNAI, P. *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Min. Educação e Cultura, Inst. Nac. Livro, 1958. (p.130)

Entretanto, quando necessário, Rónai apresenta ao leitor toda uma elaboração teórica, com naturalidade, naquele tom quase professoral, mas sem exageros. É assim que ele, por exemplo, procede no texto publicado como apêndice de *A Morte de Ivan Ilitch* quando vai explicar o papel da novela na literatura universal:

Da novela não há uma definição universalmente aceita, que a diferencie do conto, por um lado, e do romance, por outro. Mas talvez se possa afirmar que entre o conto e a novela a diferença é sobretudo quantitativa, enquanto entre esta e o romance é principalmente estrutural. Há na novela uma unidade substancial, a convergência da atenção sobre uma única seqüência de eventos, a predominância de um problema central, ao passo que o romance se caracteriza por uma multiplicidade de planos, uma mistura de elementos heterogêneos, uma dispersão do interesse.¹²³

Observe-se a diferença de tom com o texto de Daudet, anteriormente citado, que primeiro havia saído como artigo de jornal. Aqui, o texto que é originalmente publicado em livro, como introdução a uma tradução, não apresenta o tom confidencial e amistoso daquele que saiu no jornal. A questão levantada no início deste capítulo, de que o meio jornalístico provavelmente imporia determinadas restrições ao estilo, fica assim mais uma vez comprovada.

Quando, naquela entrevista em 1977,¹²⁴ Rónai declara que seu ídolo de juventude havia sido o poeta húngaro Ady Endre, junto ele enumera os grandes “temas que são ancestrais da poesia”, quais sejam: “o espanto do vivo ante a morte, do homem em face de Deus, do indivíduo diante a sociedade, do pobre ante a riqueza, do homem em face da mulher, do descendente em relação aos seus antepassados”. Ao longo de suas análises críticas, nota-se que Rónai usa esses princípios universais como norte. Por exemplo, apesar de ele ser, segundo um ex-aluno seu da Universidade de Flórida, em Gainesville, USA, um homem “generoso, dócil, paciente e amigo”,¹²⁵ quando lemos sua crítica sobre esse texto de Tolstói, *A Morte de Ivan Ilitch*,¹²⁶ nos damos conta de que Rónai compreende claramente a alma turbulenta do autor, nela detectando exatamente um desses grandes temas ancestrais, ou seja, o espanto diante da morte.

Ao abrir a crítica sobre Tolstói, o humanista Rónai afirma que aquela obra só poderia ser bem compreendida se “colocada dentro da vida e da obra do escritor”. A linha de raciocínio deixa transparecer os conhecimentos de Rónai sobre a cultura européia e a importância de se analisar uma obra em seu contexto histórico.

Nessa poderosa reconstrução da Rússia do começo do século temos ao mesmo tempo a epopéia napoleônica narrada com vigor nunca igualado, mas vista pelo avesso. A visão nova de um dos maiores acontecimentos da história universal, a

¹²³ RÓNAI, P. *Sobre Tolstói e a Morte de Ivan Ilitch*. In: TOLSTÓI, L. *A Morte de Ivan Ilitch*. Trad. Bóris Schnaiderman. São Paulo : Editora 34, 2006. (p.87)

¹²⁴ Ver capítulo I – *Caminhos da Pesquisa*.

¹²⁵ Em entrevista pessoal por e-mail.

¹²⁶ RÓNAI, P. *Sobre Tolstói e a Morte de Ivan Ilitch*. In: TOLSTÓI, L. *A Morte de Ivan Ilitch*. Trad. Bóris Schnaiderman. São Paulo : Editora 34, 2006. (p.87)

multidão de destinos humanos cruzando-se, a aguda análise das paixões, a descrição minuciosa de um mundo estranho, rude e misterioso, a beleza arquitetônica da construção e a inteira naturalidade da narração conquistaram, depois dos leitores e dos críticos russos, o público europeu.¹²⁷

Contextualizada a obra, o crítico analisa seus personagens, começando a associar suas principais características com as do próprio autor, desta forma verificando de que maneira o narrador está presente no texto, constatando a quase obsessiva preocupação de Tolstói com a morte e o sentido da vida diante do impasse dessa morte implacável.

Para se embeber de tamanha força dramática, cumpria que ela estivesse ligada a alguma experiência decisiva do próprio narrador. Ora, o estudo da vida de Tolstói revela-nos o papel impressionante que a idéia da morte desempenha ao longo de toda a evolução daquele espírito.¹²⁸

Não é, pois, de estranhar a palpitação inconfundível das confissões mais íntimas que se percebe por trás dessas páginas na aparência tão impassíveis. A não ser isso, como poderíamos ficar empolgados pela saúde de Ivan Ilitch? Com efeito, que interesse pode despertar esse frio e pedante burocrata, essa personagem sem personalidade, de uma vida banal, inteiramente presa a conveniências sociais, e cuja doença e morte são também as mais vulgares possíveis?"¹²⁹

A resposta, Rónai a localiza no enredo: "Sim, mas há no fundo desse enredo quase inexistente algo que concerne ao autor como a nós todos, algo contingente e universal." E explica por que a obra de Tolstói extrapola os limites de seu país de origem, vindo se inserir no cânone mundial:

Nunca se teve coragem de mostrar com objetividade tão inexorável a cínica hostilidade, a repulsiva maçonaria dos vivos para com os mortos. Eis por que, a despeito da forte cor local, o óbito do desinteressante magistrado transcende a Rússia do século XIX e transforma-se num drama patético de todos os meios e de todas as épocas.¹³⁰

E o crítico, dialogando com seu leitor local, faz uma comparação entre o personagem do russo Tolstói e o brasileiro Brás Cubas, de Machado de Assis, desta forma criando uma ponte, uma espécie de domesticação para o leitor brasileiro:

Submetido ao lento desgaste da agonia, Ivan Ilitch passa involuntariamente revista a toda a sua vida anterior, e, como Brás Cubas, embora por um artifício menos grotesco, procede a uma revisão de todos os valores de seu passado.¹³¹

Apesar de toda sua preocupação com o leitor, de não produzir um texto técnico demais, Rónai não deixa de tocar em questões de ordem técnica, quando necessário. Na observação sobre o estilo de Tolstói, Rónai orienta o leitor quase que professoralmente.

¹²⁷ Idem, p. 84.

¹²⁸ Idem, p. 89.

¹²⁹ Idem, p. 90.

¹³⁰ Idem, p. 91.

¹³¹ Idem, p. 91.

Em Tolstói o estilo não se vê, não se percebe, de tão natural, de tão subordinado à idéia com que nasceu. A frase do nosso escritor é desadornada, "coloquial", sem requintes verbais. Ele chega a multiplicar propositadamente as conjunções subordinativas e os pronomes relativos, e não hesita em repetir muitas vezes as palavras freqüentes da conversação para conseguir inteira naturalidade. É um estilo acessível aos leitores mais simples e que entretanto exprime com exatidão e relevo os matizes mais finos, dando forma perfeita às sensações mais fugidias e nebulosas.¹³²

Confirmando a presença de Ady Endre na formação de seu espírito, Rónai encerra o texto dizendo que "... a arte, em suas culminâncias, pode suscitar emoções não menos intensas que a emoção religiosa."¹³³

A título de conclusão do capítulo

Em resumo, o que se quer salientar é que ler um ensaio crítico de Paulo Rónai não é tão simples como as aparências de um agradável texto jornalístico sugerem. Perceber todas as implicações, todas as nuances de seu texto permite vários níveis de leitura.

Uma parcela significativa da contribuição de Rónai para com a crítica nacional somente está registrada na memória efêmera de nossos jornais como atesta a confrontação de seus livros de ensaios com os artigos listados no Anexo II-b.

A reunião do legado ronaiano em um único documento – Anexo II – também permite dimensionar a presença marcante do gênero conto na trajetória literária de Paulo Rónai, um gênero seminal, como disse Moacyr Scliar em seu artigo na revista USP nº 12 e que se "não fossem as traduções de Rónai [...] ficaríamos privados do conhecimento de uma literatura surpreendente pela beleza e pela profundidade". Ao dizer que "talvez não seja por acaso que entre os húngaros tenham surgido grandes contistas" Scliar sugere um tema de pesquisa que a fértil produção tanto crítica como tradutória de Rónai torna viável. Por que será que Scliar acha a influência de Maupassant tão visível nos contistas húngaros selecionados por Rónai em suas antologias? Um entre os muitos temas que ficam aqui registrados, para pesquisa futura.

E considerando que na trajetória ronaiana o tema conto tem um relacionamento estreito com tradução, é no próximo capítulo que o gênero é detalhado.

¹³² Idem, p. 92.

¹³³ Idem, ibidem.

IV – Tradutor

“... esse microcosmo que é uma palavra”.
Paulo Rónai¹³⁴

“Esse pendor natural pelo ensino, esse gosto em transmitir, explicará a minha atividade de tradutor. [...] Esse ofício dá ensejo, mesmo aos que sem possuir talento literário têm amor às letras, para prestar serviços à cultura.”
Paulo Rónai¹³⁵

“Traço característico da literatura húngara é sua abertura para o que se faz no exterior. A tradução lá sempre foi uma atividade levada em alta conta e foram poucos os poetas húngaros que não a praticaram.”
Nelson Ascher¹³⁶

Índice do capítulo

A formação humanista versus tradução – 87; Tradutor ou filólogo – 93; A experiência de tradução mais importante – Um *case study* – 96; Conto como gênero literário – 103; Tradução e Tradução Poética – 105.

A formação humanista versus tradução

O perfil delineado nos capítulos anteriores e a produção literária de Paulo Rónai não deixam dúvidas quanto ao papel que a tradução tem em sua trajetória, uma ferramenta essencial e intrinsecamente ligada à atividade literária. Mas como não é afeito ao pensamento abstrato, em vez de uma teoria da tradução, o que Rónai nos deixa, ao longo de toda literatura que produz a respeito do assunto, é o testemunho de sua práxis. Entretanto, antes de examinar essa práxis ronaiana, levando em conta a hipótese de que seu embasamento teórico foi moldado na Hungria, vamos examinar as questões especificamente pertinentes à tradução, naquele mesmo ensaio com que Kosztolányi introduz sua antologia da moderna poesia de 1913.

Como se viu, Kosztolányi diz que é através da tradução que o poeta e o escritor húngaro se inserem na literatura universal e colocam vestes húngaras em texto alheio. É

¹³⁴ RÓNAI, Paulo. *Prefácio da 1ª edição do Guia Prático da Tradução Inglesa*, de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1977. A edição revisada e ampliada de 2007 da editora Campus não tem o prefácio de Rónai.

¹³⁵ Em carta a Afrânio Coutinho, em 13/09/1958.

¹³⁶ ASCHER, Nelson. *Rónai dá uma lição de rigor crítico na coletânea de ensaios ‘Pois É’*. Sessão Letras. Folha de São Paulo, 21/07/1990.

através da tradução que eles testam os limites da literatura húngara dentro do contexto universal. É a remoção da crosta da língua – através da tradução – que permite ao poeta transitar entre culturas, inserir-se na *Weltliteratur*. É através da tradução que a classe intelectual tira a nação húngara do isolacionismo imposto pela língua e faz Shakespeare falar em húngaro.

Por isso, quando Rónai traduz os clássicos, no início de sua carreira, quando ainda é estudante, ele segue a tradição da escola em que está inserido. E conforme vai incorporando novas línguas à sua bagagem cultural e também vai traduzindo e publicando essas traduções, ele prova que está trilhando o caminho de seus mestres. Mesmo que seu estilo seja montaigniano, em seus princípios ele segue a tradição dos poetas e escritores húngaros. É por isso que Rónai participa com três traduções, junto com os maiores nomes da literatura húngara, nomes como Arany János, Babits Mihály, Kosztolányi Dezső, Radnóti Miklós, Szabó Lőrinc e etc., para citar alguns dos 33 nomes que figuram como tradutores da *Magyar Horatius / Horatius Noster* – antologia latina, que aparece no item 1.1 do Anexo II-a. E não é obra do acaso. Quando os organizadores da antologia alinham Rónai ao lado dos grandes nomes da literatura magiar, eles confirmam que Rónai está inserido em sua tradição literária. Quando Kosztolányi diz que “A tradução literária nunca foi meu objetivo, só um instrumento” é a isso que ele se refere, que na Hungria a tradução é um instrumento para se estudar literatura, ele tem na tradução “um exercício lingüístico”, e ele encara esse exercício como um serviço cívico à nação. Como se viu no capítulo *Caminhos da Pesquisa*, para Rónai – apolítico – usar a língua magiar, por si só, chega a configurar um ato de resistência.

Foram os grandes nomes da literatura húngara – Arany János (1817-1882) junto com Petőfi Sándor (1822-1849, aclamado como o maior poeta húngaro) e Vörösmarty Mihály (1800-1855) – que começaram a traduzir todas as obras de Shakespeare, e depois da Segunda Guerra Mundial a tarefa foi completada pela geração de Szabó Lőrinc (1900-1957) e Weöres Sándor (1913-1989). Por exemplo, não há uma só peça shakespeariana que não tenha sido vertida para o húngaro por algum grande poeta magiar. Arany János, entre 1871 e 1874, traduz todas as comédias de Aristófanes. Como se viu, em sua antologia de poetas modernos, Kosztolányi traduz 142 poetas do mundo inteiro, diretamente de nove línguas. Da mesma forma Babits, cujos poemas, segundo Rónai, demonstravam “um conjunto de fortes inspirações estrangeiras, mostrando que o poeta moço estava a par das culturas antigas bem como das literaturas modernas”. No ensaio *Um intérprete de Camões*,¹³⁷ Rónai chega a cunhar uma expressão que dá uma dimensão melhor desse espírito tradutório húngaro: o de “cientista literato”. É assim que ele chama Greguss Gyula (1829-1869), que “ainda

¹³⁷ RÓNAI, P. *Escola de Tradutores*, 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. (p.112)

ginasiano, concebeu o plano de incorporar as grandes obras do teatro universal ao patrimônio intelectual da nação” húngara.

Além dos benefícios estilísticos que a tradução oferece ao poeta-escritor húngaro – “o poeta faz linguagem, fazendo poema; é por isso que um (bom) poema não se esgota: ele cria modelos”¹³⁸ – esse exercício também os leva a refletir sobre sua práxis. Na mesma introdução de Kosztolányi a que já se fez menção, como se viu, em 1913, ele discute sobre questões como fidelidade:

Lehet-e verset — egyik nyelvből a másikra — fordítani? Nem lehet. Miért nem? Egyszerűen ezért: *désir* például azt jelenti magyarul, hogy vágy, a francia szó ötbetűs és magashangú, a magyar szó négybetűs és mélyhangú. Ha pontosan fordítok, úgy, hogy egyetlen árnyalat se sikkadjon el, akkor a fordított szöveg majdnem azokat a fogalmakat kelti föl ugyan az olvasóban, mint az eredetié, de a fogalmak színe más lesz, merőben más, minthogy a szavak a versben nemcsak a fogalmak jegyei, hanem zenei értékek hangjegyei is. Az olvasót a költő nemcsak gondolattal óhajtja megragadni, hanem — legalább oly mértékben — érzékien is, hangokkal, összecsengéssel. *Désir* helyes értelmi fordítása tehát: vágy, de zenei fordítása inkább ez lehetne például: vezér. E két nehézség közt tétováz az, ki idegen verset akar átültetni. Valahogy módot kell találnia, hogy mind a két követelménynek, az értelminek és zeneinek is, eleget tegyen. Ezért mosolygok, valahányszor egy versfordítás hűségéről hallok. Kihez, vagy mihez hű, a szótárhoz, vagy a vers lelkéhez? Fordítani nem lehet, csak átültetni, újrakölni.

É possível traduzir poesia – de uma língua para outra? Não. Por que não? Simplesmente porque em húngaro *désir* quer dizer *vágy* (desejo); a palavra francesa tem cinco letras e é aguda e a palavra húngara tem quatro letras e é grave. Se eu traduzir tudo corretamente de modo a não deixar passar nenhuma nuance, então o texto traduzido irá despertar no leitor quase as mesmas idéias que o original produziu no leitor do original, mas a matiz será outra, completamente diferente, como se as palavras no verso não fossem somente os signos dos conceitos, mas o valor de seus signos sonoros também fossem outros. O poeta deseja atrair o leitor não somente com as idéias, mas, em certa medida, também sensorialmente, com a sonoridade, e a harmonia. Portanto, a tradução conceitual correta de *désir* é *vágy* (anseio), mas a melhor tradução sonora talvez fosse *vezér* (líder, chefe, comandante). Quem desejar transpor versos estrangeiros vai ficar oscilando entre essas duas dificuldades. A pessoa tem que encontrar uma maneira de atender a ambas as restrições, de sentido e de sonoridade. Por isso acho engraçado sempre que ouço falar em fidelidade na tradução poética. Ser fiel a quê? A quem? Ao dicionário ou ao espírito do poema? Não é possível traduzir, somente transplantar, re-criar. [minha tradução, do húngaro]

Usando um argumento que lembra Saussure, e com total domínio da técnica de versificação, Kosztolányi conclui pela impossibilidade da fidelidade na tradução literária e dá diretrizes claras sobre as reflexões que um tradutor que deseje praticar a arte do ofício deve fazer para poder criar, em sua língua, um novo quadro que irá se assemelhar ao quadro original, na mesma relação que um quadro tem com o objeto que representa. Quando em seguida Kosztolányi diz que, portanto, não se deve esperar do tradutor literário uma fidelidade no nível do *betű* (letra), nos deparamos com o mesmo conceito de *letra* discutido por Berman em seu *A Tradução e a Letra*: “não se trata, pois, de uma tradução palavra por

¹³⁸ PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2005.

palavra ‘servil’, mas da estrutura aliterativa do provérbio original que reaparece sob uma outra forma. Tal me parece ser o trabalho sobre a *letra*: nem calco, nem (problemática) reprodução, mas atenção voltada para o jogo dos significantes”.¹³⁹ Berman usa o exemplo do provérbio para explicar o ângulo sob o qual está considerando o conceito *letra*. E quando, em 1913, Kosztolányi está sugerindo que apesar do significado completamente diferente, em função da aliteração, talvez a melhor tradução para *désir* seja *vezér* – apesar dos significados diversos, isto é, desejo x líder, ou chefe –, parece que ele está usando o mesmo princípio de *Letra* que Berman vai reafirmar em 1985, data do original de *A Tradução e a Letra*. O exemplo de provérbio de Berman parece chegar à mesma conclusão a que Kosztolányi havia chegado em 1913:

A költeményt a törvénytörési hites tolmács hűségével oly kevésbé lehet lefordítani, mint egy szójátékot. Újat kell alkotni helyette, másikat, mely az eredetivel lélekben, zenében, formában mégis azonos. Hamisat, mely mégis igaz.

Traduzir uma poesia com a fidedignidade de um tradutor juramentado é tão pouco possível quanto traduzir um trocadilho. Deve-se criar um novo em seu lugar, um outro, que em espírito, musicalidade e forma seja idêntico. Um falso que, contudo, seja verdadeiro. [minha tradução, do húngaro]

O falso - o calco - fazendo às vezes do verdadeiro - o original - do provérbio de Berman. Parece que se ouve Kosztolányi explicar o que Klossowski vai fazer com a tradução de sua *Eneida*, em 1964: uma tradução que parece literal, mas não é. A forma “parece” idêntica – por isso sugere literalidade – mas não é, conforme demonstra Berman depois de explicar que “a ordem das palavras não é *livre* em francês, aliás, obedece (geralmente) a regras determinadas, como as que colocam o substantivo quase sempre antes do adjetivo, e rejeitam a inversão”.¹⁴⁰ Para Berman, o que Klossowski faz é encontrar na “frase francesa as malhas, os buracos por onde ela pode acolher – sem *demasiada* violência, sem se rasgar *demasiado* – a estrutura da frase latina. Há inversão do adjetivo tanto em francês quanto em latim, mas o lugar da inversão no verso foi mudado – de forma que o francês possa aceitá-la”. Depois de comparar um verso do original em latim com três traduções francesas elaboradas nos moldes filológicos clássicos, de um lado, com a tradução feita por Klossowski, do outro, Berman conclui:

Os tradutores como Delille, Perret e Bellessort remanejam os versos latinos segundo a lógica da frase francesa, cada um a sua maneira. [...] A de Klossowski também se afasta do original [...] Mas ela dá a *impressão* de ser literal. Mas de onde vem? Já que não se tem palavra-por-palavra?¹⁴¹

¹³⁹ BERMAN, A. *A Tradução e a Letra ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007. Berman diz que “traduzir a *letra* de um texto não significa absolutamente traduzir palavra por palavra” e como argumento vai discutir qual seria a melhor tradução para francês, do provérbio alemão “a hora da manhã tem ouro na boca”. Berman questiona se seria mesmo o provérbio francês correspondente “o mundo pertence aos que levantam cedo”. (p.15)

¹⁴⁰ Idem, p.115.

¹⁴¹ Idem, p.120.

É essa aparente ordem palavra-por-palavra que tem uma “força própria” que, segundo Berman, nos faz pressentir o que seria “a verdade do palavra-por-palavra”. Pois, continua,

sem ser um calco, sem violentar gratuitamente a nossa língua [...] trata-se de implantar em francês o caráter ‘fragmentado’ da sintaxe latina, de introduzir as rejeições, as inversões, os deslocamentos etc. do latim que permitem o jogo de palavras no dizer épico, mas [...] sem copiá-los ‘tais quais’. A diferença é considerável: o que é ‘traduzido’ é o sistema global [...], e não suas distribuições factuais ao longo dos versos de Eneida.¹⁴²

E Berman cita um comentário de Foucault, de 1964, um dos muitos que foram feitos sobre a tradução de *Eneida*, de Klossowski:

Cada palavra [...] sai do verso latino para a linha francesa como se o seu significado não pudesse ser separado do seu lugar.

Ao que o próprio autor da tradução explica em seu prefácio:

Ao aspecto fragmentado da sintaxe, próprio não somente da prosa mas também da prosódia latina, [...] não se poderia tratar como arbitrário, reajustável segundo nossa lógica gramatical, na tradução de um poema onde é precisamente a justaposição voluntária das palavras (cujo confronto produz a riqueza sonora e o prestígio da imagem) que constitui a fisionomia de cada verso.

Sem dúvida, o valor sonoro da palavra latina, sustentado pelo caráter *flexional* da língua, se desvanece na maior parte do tempo no francês, língua que só se distanciou do latim ao fazer-se uma das ‘mais analíticas’. [...] Em outras palavras, na tradução de um texto como a *Eneida*, tudo, ou quase tudo, dessa instrumentação encantatória desaparece assim que se restringe ao sentido racional do discurso.

Parece que se ouve o próprio Rónai¹⁴³ explicar que os textos clássicos tem uma pátina que os caracteriza e que é recomendável que a tradução tente manter.

No parágrafo a seguir observa-se mais um ponto de convergência entre o tradutor francês e Kosztolányi. Diz Klossowski:

O poema épico de Virgílio é, de fato, um teatro onde são as palavras que mimetizam os gestos e o estado de alma dos personagens, do mesmo modo que pelas suas posições, mimetizam também os acessórios próprios da ação. São as palavras que tomam uma atitude, não o corpo; que se tecem, não as roupas; que brilham, não as armaduras; que ribombam, não o trovão; que ameaçam, não Juno; que riem, não Citeréia; que sangram, não as feridas. É por meio da maquinaria das similitudes, das metáforas, que os gestos e as emoções dos protagonistas assim mimetizados se referem, segundo um ritmo regular, os fenômenos naturais e sobrenaturais de uma cotidianidade fabulosa.¹⁴⁴

Parece que é exatamente a isso que Kosztolányi se refere quando, metaforicamente, faz menção ao que acontece embaixo da campânula de vidro do poeta tradutor que quer

¹⁴² Idem, p.121.

¹⁴³ Ver *A Tradução Viva*, p.116.

¹⁴⁴ BERMAN, A. *A Tradução e a Letra ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007. p.117.

que seu leitor ouça os mesmos “trovões, tal qual nos vales e nas montanhas, e é preciso reconhecer que o raio é raio” (“mennydörgést [...] mint a völgyekben és hegyekben s a villámról el kell ismerni, hogy villám”). E Kosztolányi sugere que para conseguir encontrar a mesma veia poética do original, “pode-se seguir cada pista da trilha da criação”.

Como se estivessem dialogando, Klossowski completa: “É por isso que quisemos, antes de mais nada, ater-nos à *textura* do original; *sugerir* o jogo de palavras virgilianas”.¹⁴⁵

Ou, como Kosztolányi diz: “você deseja provocar o mesmo efeito que o original provocou mas com a sonoridade e as palavras próprias da língua estrangeira”. (“egy idegen nyelv hangzóival és szavaival ugyanazt a hatást akarja kelteni, mint az eredeti”).

Rónai conhece a tradução de Klossowski – chega a usá-la como exemplo de tradução identificadora¹⁴⁶ – e faz o mesmo exercício tradutológico que Berman vai fazer anos depois: pega um verso de *Eneida* e compara com a tradução de Klossowski e mais outras 10 traduções. Sobre a “tradução iconoclasta”¹⁴⁷ de Klossowski, Rónai diz que

O tradutor, se por um lado se empenha em preservar a estrutura latina, inclusive os padrões gramaticais mais exclusivos, tais como o relativo de ligação e o esquema do acusativo com infinitivo, violenta, por outro lado, as características mais óbvias de sua própria leitura e força o leitor a dar tratos à bola para compreender o trecho.¹⁴⁸

Mas Rónai sabe que existem diferenças entre ele e um leitor francês nativo. Em outro comentário, sobre Ezra Pound, ele declara que talvez não seja “capaz de saborear a versão de Pound tão integralmente como um leitor da língua inglesa”.¹⁴⁹ Como um *outsider*, mesmo que conheça muito bem as regras de uma língua estrangeira, ele tem consciência das armadilhas que estão ao longo de caminho do tradutor.

E por que Kosztolányi diz que a partir do momento em que a tradução literária é forçada a decidir se privilegia a aliteração ou o significado, ela “passa a ser essencialmente um trabalho de crítica”? Porque não basta simplesmente transportar palavras de uma língua para outra. É preciso que o tradutor compreenda e sinta o original com tal plenitude, que seja um maestro no comando das palavras e das letras, com tamanha “primazia”, que, se necessário for, totalmente imbuído do espírito do original, seja capaz de promover a mudança necessária. Como se vê, na escola literária húngara, a tradução literária é tida como atividade crítica por isso as duas andam de mãos dadas. A separação que se faz fica restrita ao campo da didática. Como já comentado, o que o crítico literário busca em suas análises – e Paulo Rónai não é diferente – é esse “lugar além das diferenças”. Quando, através da tradução ele é capaz de “arrancar a crosta da língua”, o que resta para o crítico ver é a universalidade poética.

¹⁴⁵ Idem, p.118.

¹⁴⁶ *A Tradução Viva*. 2a.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (p.21)

¹⁴⁷ Idem, p.123.

¹⁴⁸ Idem, idem.

¹⁴⁹ Idem, p.146.

Portanto, quando Rónai seleciona os 17 poetas que figuram em sua antologia latina,¹⁵⁰ e prepara a obra para publicação, segundo esse princípio de tradução x crítica, ele está desempenhando uma atividade crítica, de fato. Sua ação não é prática tradutológica simplesmente; é uma prática literária, de literatura comparada, que ao testar os limites de sua língua materna está exercitando os seus “músculos” de poeta-tradutor literário. Isto tudo faz parte da formação humanista de Paulo Rónai, faz parte de sua bagagem crítica, e o inseriu na *Weltliteratur*. Esse pertencer à literatura universal é que lhe permite, apesar de imigrante, integrar-se com tanta facilidade e rapidez no mundo literário brasileiro. É sua capacitação crítica que lhe permite reconhecer – antes mesmo de vir para o Brasil e apesar da língua – a universalidade da poesia de Carlos Drummond de Andrade, ou, com pouco mais de 5 anos de vida no Brasil, a universalidade de Guimarães Rosa.

Tradutor ou filólogo?

Berman¹⁵¹ diz que a partir do séc.XIX a filologia “toma o controle do acesso aos grandes textos da tradição”. Além disso, ela não somente “estabelece e fixa os textos” como também “publica traduções acompanhadas de um ‘aparelho crítico’”. Berman está falando, por exemplo, “da coleção Budé¹⁵² para os gregos e latinos, e em grau menor, as coleções alemã, inglesa ou espanhola de Aubier-Montaigne”. Ele salienta ainda que “essas traduções não têm ambição literária; objetivam simplesmente restituir o sentido dos textos” e que “o filólogo não pretende ser ‘elegante’ ou ‘poético’, mas correto (para a língua para a qual se traduz) e exato (para o texto a traduzir)”.¹⁵³ Todavia, as traduções de Rónai, assim como de seus mestres, apesar de suas evidentes bases filológicas, têm, ao contrário do que afirma Berman, um cunho literário. A operação que Rónai promove com *A Comédia Humana*, de Balzac, deixa claro o uso que ele faz dessa prática filológica. As 7.493¹⁵⁴ notas de pé de página que ele introduz ao longo da tradução brasileira mais do que confirmam a ação do filólogo, na concepção bermaniana. Mas a única semelhança é na forma. O objetivo e resultados, entretanto, vão em direção totalmente contrária à posição bermaniana de “controle ao acesso”. Como explica Rónai sobre a obra balzaquiana, ela

está tão cheia de alusões a instituições, acontecimentos, fatos, romances, peças e poesias da época, além de referências incessantes às artes das épocas anteriores, especialmente da Antiguidade clássica e da mitologia greco-romana, que sua

¹⁵⁰ Ver item 1.6 do Anexo II-a, *Latin Költök*. Budapest: Officina, 1941.

¹⁵¹ BERMAN, A. *A Tradução e a Letra ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007. p.110.

¹⁵² Coleção de traduções dos clássicos gregos e latinos, publicado pela editora Les Belles Lettres e financiado pela Association Guillaume Budé. Os títulos vem acompanhados de introdução, notas e críticas.

¹⁵³ Idem, p.111

¹⁵⁴ ESQUEDA, M. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. UNICAMP/IEL, 2004. Tese de doutorado.

elucidação se tornava indispensável. Não convinha arriscar que a falta dessas explicações indispusesse o leitor com a obra.¹⁵⁵

A preocupação de Rónai não é “controlar o acesso”, ao contrário; quando elucida através da nota de rodapé, Rónai na verdade tem a intenção de facilitar o acesso, como se viu no comentário sobre por que deixou de compilar uma antologia de crônicas brasileiras. Por supor que sem as notas os leitores não teriam acesso aos componentes estéticos; decide-se pelas notas por ter consciência da “distância que em espaço e tempo separava a França de *A Comédia Humana* do Brasil de então”; e também por ter consciência da complexidade da obra cuja edição brasileira comanda: Rónai sabe que Balzac havia ligado seus cerca de 3.000 personagens em todos os romances e contos, ao longo de suas 12.000 páginas; desses, cerca de 100 protagonistas dão a cor ao “maior afresco do séc.XIX: não só da primeira metade, que seu autor viveu, mas também da segunda, que pressentiu”. É esse “quadro completo, total, da França de todos os tempos, com o vasto acervo de tradições, costumes e episódios que lhe plasmaram a civilização e a língua” que Balzac pinta em sua obra. E por conhecer esta “complexa riqueza da *Comédia Humana*” e por saber que ela está totalmente atada “ao seu século e à sua terra de origem” é que Rónai decide pelas notas de rodapé, para ajudar “esses leitores, sedentos de emoções artísticas”. E também devido ao estilo.

Praticando um estilo barroco e alusivo, em que as comparações e as metáforas serviam mais para alargar o quadro que para iluminar-lhe os segmentos [...] tão forte é a sua pintura das paixões humanas, tão palpitante o seu raciocínio inquiridor ante os problemas sociais, tão imponente e revolucionária a estrutura da ficção, que ela venceu o tempo e continua a atrair milhões de leitores, em sua maioria estrangeiros, que enfrentam o difícil acesso a esse monumento imperecível.¹⁵⁶

Rónai menciona três categorias de notas de rodapé: notas culturais, notas de personagens e notas de tradução, em que inclui os trocadilhos, uma das características estilísticas típicas de Balzac

...amigo de anexins, trocadilhos e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos. [...] A sua tradução às vezes se mostrava impraticável; então procurei na nota fazer sentir, pelo menos, a intenção do chiste. [...] Entre outras brincadeiras eles se divertem e divertem os outros com umas piadas muito em moda naquele tempo nos ateliês e que consistiam em estropiar provérbios. Constituía um triunfo achar uma mudança de algumas letras ou uma palavra, pouco mais ou menos parecida, que desse ao provérbio um sentido extravagante ou jocoso. Às vezes, essas transformações são mera piada; outras vezes, porém, têm alguma graça especial em conexão com a história.¹⁵⁷

¹⁵⁵ RÓNAI, P. *A Operação Balzac*. In: *A Tradução Viva*. 2ª ed.ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p.189

¹⁵⁶ Idem, p.183.

¹⁵⁷ Idem, p.192.

E é também imbuído desse mesmo espírito que Rónai escreve cada uma das 89 notas introdutórias para cada uma das “unidades da *Comédia*”.

Sem qualquer veleidade de eruditismo tentei dar nelas algumas informações indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos dos personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da crítica.¹⁵⁸

Como se vê, apesar de agir de acordo com a descrição bermaniana de filólogo, os objetivos do filólogo Rónai vão em direção oposta. Sua preocupação sempre foi a de aproximar o leitor brasileiro da obra, de significados que de outra forma tornariam o texto balzaquiano completamente hermético para esse leitor. Essa preocupação constante com o leitor – como já mencionado, talvez intensificada pela sua função de professor que, por força do hábito, ele não deixa de praticar sub-repticiamente –, mais uma vez, confirma que Rónai é um crítico por excelência, que seu verdadeiro prazer, aquilo que o move a escrever, como descreveu Ascher, é o prazer de compartilhar uma boa obra com os outros.

Definitivamente para Rónai filólogo, a literatura de um grupo social conta a sua história. Por isso, quando introduz sua *Antologia do Conto Húngaro*, ao revelar sua intenção com a obra, ele também repete a fórmula:

Nasceu este volume do desejo de contar ao Brasil, minha pátria de adoção, a Hungria, país onde nasci e me criei... Não sendo, porém, nem ficcionista, nem historiador, nem sociólogo, lembrei-me de oferecer uma imagem daquela terra longínqua da Europa através de uma seleção de contos. Menos objetiva do que o poderia ser o panorama mostrado numa monografia, talvez essa imagem não seja menos real, devido sobretudo à categoria daqueles que pintaram as suas parcelas. [...] Deve-se, pois, procurar neste livro um retrato poético da Hungria.¹⁵⁹

Um retrato poético, literário, de todo um povo, de toda uma história, como o filólogo reafirma, mais uma vez, ao explicar a estratégia que usou para o formato da obra e a razão de suas notas de pé de página:

Sendo intenção minha oferecer um panorama não só do conto húngaro, mas da própria vida magiar, não poupei as notas de pé de página para elucidar alusões a costumes, práticas e credences locais, acontecimentos históricos, elementos da paisagem.¹⁶⁰

Esqueda,¹⁶¹ que usa a denominação *glosa* para a nota de pé de página, destaca o argumento de Derrida nesta operação: a própria existência das glosas “confessa a impotência ou a derrota da tradução”. Bem ao estilo montaigniano, Rónai não parece se incomodar com essa exposição da impotência da tradução; ao contrário, pelo número de

¹⁵⁸ Idem, p.188.

¹⁵⁹ *Antologia do Conto Húngaro*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. (p. XXIX)

¹⁶⁰ Idem, (p.XXXIII)

¹⁶¹ ESQUEDA, M. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. UNICAMP/IEL, 2004. Tese de doutorado.

notas de pé de página que insere em *A Comédia Humana*, parece que sua preocupação maior é tornar o sentido acessível ao leitor brasileiro, não importa o preço.

A experiência de tradução mais importante - Um case study

Em 1982, Rónai é convidado a dar um depoimento sobre sua “experiência de tradutor mais importante”, para uma publicação cujo tema era: *A Tradução da Grande Obra Literária*.¹⁶² Ele conta que sua primeira idéia foi falar sobre *A Comédia Humana*. Todavia, ao refletir um pouco mais, concluiu que

rever uma tradução não é o mesmo que fazê-la. Descobrir erros é mais fácil do que evitar cometê-los.

Então ele se decide a favor de sua experiência com *Mar de Histórias, uma antologia do conto universal*.¹⁶³ No artigo, Rónai dissecou todas as questões e problemas que surgem em um projeto tão vasto como traduzir textos que existiram ao longo de 2.000 anos, que ele e Aurélio Buarque de Holanda, seu parceiro ao longo da tarefa, coletam e selecionam por toda a literatura universal, e expõe a imensa variedade de questões que se apresentam quando se pretende traduzir mais de 180 autores das mais variadas procedências e épocas. Aliás, um projeto editorial que durou 45 anos desde sua concepção até sua configuração final, em 10 volumes.

Ao encarar autores da literatura nacional frente à literatura universal, Rónai e Aurélio encontram laços entre os contistas de nossa época e entre

os grandes cultores do gênero no século passado, um Maupassant, um Tchecov, um Machado de Assis; [...] entre estes e os novelistas do humanismo, um Boccaccio ou um Bandello [...] que por sua vez eram herdeiros dos contistas orientais [...], e assim recuando cada vez mais, descobrindo os arquétipos do conto nas letras greco-latinas de um lado, em certos episódios da Bíblia e do Talmude de outro.¹⁶⁴

Diversas questões vão surgindo enquanto elaboram o plano da obra, inclusive o seu “hábito de ver os fenômenos literários dentro de uma perspectiva mais ampla” os faz perceber

conexões tão curiosas, dados tão interessantes sobre a gênese dos contos e a obra dos autores, que resolvemos preceder cada peça de uma nota introdutória. Assim o nosso plano inicial de uma coletânea, em que partilhássemos com o leitor as emoções que nos provocaram determinadas obras-primas do gênero, acabou por transformar-se na ousada pretensão de fazer dela uma espécie de introdução à literatura mundial. (p.4)

¹⁶² *A Tradução da Grande Obra Literária – Depoimentos*. In: Tradução & Comunicação n° 2. São Paulo, Álamô, 1982.

¹⁶³ ver item 2.2 do Anexo II-a, Antologias de Contos.

¹⁶⁴ *A Tradução da Grande Obra Literária – Depoimentos*. In: Tradução & Comunicação n° 2. São Paulo, Álamô, 1982. (p.3)

Desnecessário chamar a atenção para a voz do filólogo-crítico literário que tão claramente se ouve nesse parágrafo. Quando pela primeira vez começam a pensar no projeto – segundo Rónai isto ocorreu em 1942 – a grande mola mestra é a descoberta de que “tinham em comum a paixão pela literatura”. Superada a fase de definição do gênero conto, passo seguinte é definir os critérios de inclusão. Resumidamente, sete critérios são adotados:

(1) O conto deve ter uma indiscutível qualidade literária. Para contornar a subjetividade do critério, decidem que o conto tem que agradar a ambos.

(2) O segundo critério, o da legibilidade, implica que o conto é destinado ao grande público, não a ‘gourmets’ literários.

(3) O terceiro critério atesta a qualidade crítica dos dois organizadores: “entre as diversas obras de um autor”, escolhe-se aquele que seja uma “síntese das qualidades do autor”. Certamente este critério demonstra como ambos têm uma visão abrangente da *Weltliteratur* sem o que não seria possível adotar esse critério.

(4) Esse critério, tipicamente filológico, prevê que o conto deve permitir ao leitor da coletânea ter uma “visão mais ampla do modo de ser de um povo, alargando assim a perspectiva do leitor”.

(5) Com relação ao tema dos contos, os organizadores escolhem entre aqueles que apresentam “total novidade” sem deixar de lado, entretanto, aqueles “temas eternos” da *Weltliteratur*. E quando o tema não apresenta nenhum atrativo, o critério recai na “novidade estrutural”, na proeza revelada pelo “artesão”.¹⁶⁵

(6) O sexto critério está diretamente relacionado à tradução: não evitar contos de tradução difícil. Ao contrário, eles são encarados como desafios. E tomam a decisão de também revelar aos leitores “os truques do *métier*”, isto é, os problemas advindos da tradução e suas respectivas soluções. Ambos, Rónai e Aurélio, são lexicógrafos e professores, impossível para eles deixar de lado essa realidade.

(7) Por último, a adoção do sétimo critério só lhe ocorreria a um crítico literário:

Dos contistas de maior importância, os que figuram com mais de um conto na antologia, preferíamos contos menos familiares aos já universalmente conhecidos. Queríamos que o prazer do leitor proviesse mais de descobertas, do que de reencontros. (p.6)

O prazer do crítico em compartilhar uma boa obra só encontra sua realização quando o leitor também compartilha de sua experiência estética.

Próximo passo, a obra é organizada por ordem cronológica, pois os críticos acreditam que desta forma o público obtém uma perspectiva mais abrangente de cada

¹⁶⁵ Ao se referir ao escritor do conto, observa-se Rónai usando o termo “artesão” que é um modo que Kosztolányi também usa em sua introdução ao *Modern költők* (Poetas Modernos).

período, com seus respectivos traços distintivos. Quando os 10 volumes de *Mar de Histórias* ficam prontos, eles apresentam a seguinte distribuição temática:

- Vol. 1 – Das Origens ao fim da Idade Média (Egito, Velho e Novo Testamento, Esopo, Heródoto, Índia, China, Roma, Talmude, Itália, etc.)
- Vol. 2 – Do Fim da Idade Média ao Romantismo
- Vol. 3 – O Romantismo
- Vol. 4 – Do Romantismo ao Realismo
- Vol. 5 – Realismo
- Vol. 6 – Caminhos Cruzados
- Vol. 7 – Fim de século (1895-1900)
- Vol. 8 – No Limiar do Século XX (1900-1914)
- Vol. 9 – Tempo de Crise (1913–1919)
- Vol. 10 – Após-guerra (até 1925)

Em suas 3.544 páginas, estão incluídos 188 autores e mais 15 anônimos, o que significa que os originais representam 203 estilos diferentes, o mesmo número de introduções / contextualizações que em média têm cerca de duas páginas cada, sempre mencionando a fonte original e suas características. No total, 245 contos são publicados na antologia, no máximo 3 contos do mesmo autor. O projeto global, do primeiro ao décimo volume, tomou 45 anos de dedicação de seus autores: os primeiros quatro volumes saíram entre 1945 e 1963 pela José Olympio. Mas foi só quando a Nova Fronteira comprou os direitos e publicou a coletânea completa em 1986 é que todos os dez volumes vieram a público. A 4ª e última edição – atualmente esgotada – data de 1998.

Do ponto de vista tradutológico o que mais chama a atenção são as dificuldades geradas por tamanha diversidade de originais, de línguas e de épocas, e um perigo que os autores procuram evitar desde o início:

Sendo a maioria das traduções de autoria de duas pessoas, não haveriam estas de impor o seu próprio estilo a todos os autores traduzidos, envolvendo-os num 'traductorês' homogêneo e talvez correto, mas terrivelmente monótono? (p.13)

Ou dito de outra maneira, não incorreriam em uma grande pasteurização? Rónai se pergunta: qual seria a justificativa para o leitor brasileiro do século XX ler Boccaccio em português do século XIV ou em uma linguagem direta e despojada de um Hemingway ou de um José Lins do Rego? Ou ainda, qual seria a estilística original de Boccaccio diante dos recursos de que dispunha à sua época? E se eles tivessem elaborado suas traduções preocupados unicamente com facilitar a leitura do leitor moderno, será que “as traduções não perderiam todo o sabor do tempo que efetivamente transcorreu entre o original e os dias de hoje?” A tradução, pois, deve enfrentar e resolver os problemas advindos de sucessivas épocas, estilos e personalidades.

É necessário então, tomar algumas decisões; por exemplo, a não utilização de traduções já existentes: diante do cotejo de algumas obras com traduções conhecidas, eles descobrem graves problemas. (1) diante de dificuldades de tradução os tradutores não haviam hesitado em cortar trechos inteiros; (2) caso um tradutor tenha usado como original uma tradução intermediária, por desconhecer a língua do original, isso pode ter induzido o tradutor a, involuntariamente, perpetuar eventuais problemas advindos da primeira tradução. Então, por respeito às “obras de arte”, Rónai e Aurélio decidem: (a) sempre criar as próprias traduções; (b) em casos excepcionais, recorrer a traduções de mérito reconhecido,¹⁶⁶ (c) em nome da transparência, sempre indicar a fonte dos textos utilizados.

Mas concentrar a grande maioria das traduções em duas pessoas somente pode levar a outros tantos problemas. Mais ainda, como a maioria das revisões estilísticas cabe a Aurélio, em geral é Rónai quem traduz. Com isso, é necessário adotar métodos de trabalho também para esta fase:

1ª etapa – Rónai faz o primeiro rascunho da tradução, o mais fiel possível ao original;

2ª etapa – Aurélio faz a revisão buscando idiomaticidade.

Rónai explica sobre a maior dificuldade que os tradutores enfrentam ao “vazar” textos para línguas que não sua língua materna.

Se já sabia me virar em português na vida diária, ignorava as riquezas, os matizes, as finezas, a sinonímia, a fraseologia, os níveis da língua. Ainda que entendesse o original de maneira perfeita, fatalmente havia de empobrecer-lhe o vigor devido à minha falta de conhecimento amplo e instintivo do português do Brasil. [...] Muitas vezes, antes que eu abrisse a boca, Aurélio já topava com o equivalente perfeito, prova inequívoca de que naquele lugar só cabia mesmo aquela tradução. (p.10)

Mesmo que esse ensaio de Rónai tenha sido elaborado em 1982, mais uma vez percebe-se que ao falar de nossa língua, ele se refere a ela como “português do Brasil” como fizera em 1938, quando escreve sua detalhada introdução para a antologia de poetas brasileiros que lança na Hungria – *Brazília Üzen*. Outro detalhe importante, do ponto de vista tradutológico, é a indicação que Rónai dá para o nível de profundidade com que um tradutor deve conhecer a língua para a qual traduz, devido à idiomaticidade. E mais adiante ele acrescenta:

Ainda assim, verdade seja dita, até hoje não alcancei a espontaneidade total em português e por isso continuo pedindo a meu mestre que lance os olhos sobre tudo que escrevo para lhe dar o indispensável toque de autenticidade. (p.10)

¹⁶⁶ Por exemplo, traduções publicadas por editoras de renome.

O mesmo se dá quando Aurélio é o tradutor. A revisão de Rónai acontece, mas não para dar idiomaticidade ao português, evidentemente, mas para confrontação com o original e eliminação de eventuais lapsos durante o processo.

Quando chega o momento de lidar com originais cujos idiomas desconhecem, Rónai reconhece a necessidade de usar tradução de terceiros. Mas a primeira estratégia - recorrer a falantes nativos do idioma estrangeiro - apresenta problemas de imediato: devido ao seu conhecimento limitado do português, o falante nativo de uma língua estrangeira simplifica demais sua tradução, recorrendo a uma espécie de português básico. Nesses casos, os autores acham melhor recorrer a traduções publicadas em língua intermediária, mesmo que corram o risco de incorrer nos problemas já citados. Eles resolvem usar traduções de editoras de renome, além de também cotejar o material com traduções em outras línguas. E nos casos em que definitivamente não dispõem de originais no idioma em que o texto foi originalmente escrito - comum nos casos de textos russos, por exemplo - a estratégia é recorrer a boas traduções estrangeiras.

A prática de cotejar o texto com traduções em outras línguas ajuda na compreensão de problemas não resolvidos por dicionários, mas também revela lapsos das traduções intermediárias: trechos eliminados, simplificações excessivas, amputação e alteração de textos (comum na tradição francesa das *belles infidèles* e que, apesar disso, é uma fonte comum de textos intermediários no Brasil), inflexibilidade a neologismos (comum na língua francesa); ausência de recursos como diminutivos e aumentativos, que faz o texto perder nuances estilísticas importantes.

Visando a unicidade ao longo de todos os volumes da antologia, os autores adotam algumas convenções gerais:

Nomes próprios comuns - adoção do equivalente português¹⁶⁷ - mas formas hipocorísticas são mantidas.

Citações estrangeiras: decidem manter as palavras na língua original e oferecer a tradução em nota de rodapé.

Seguir as particularidades estilísticas individuais de cada autor. Por exemplo: para “sugerir o nível social da missivista”, segundo Rónai, o autor Max Jacob não usa sinais de pontuação. Então eles decidem manter a característica do original.

Para os sinais gráficos, como praxe, adotam a norma nacional.

¹⁶⁷ É comum observar o uso desta convenção tanto na Hungria como na França. Depois de viver um certo tempo no Brasil, observa-se em seus textos que Rónai abandona esse hábito.

Desde o início do projeto, Rónai e Aurélio buscam fugir à monotonia de estilo que pode ocorrer quando são sempre os mesmos dois tradutores a traduzir 203 autores diferentes. A solução encontrada passa pelo critério da “identidade de impressão”, no sentido em que o conceito é usado por Edgar Allan Poe. “O leitor da tradução deve sentir impressão idêntica à do leitor do original”. Exigência a ser entendida em termos, diz Rónai, pois é difícil presumir exatamente a impressão de pessoas que viveram séculos ou milênios atrás. Em alguns casos ela justificaria a tradução de Boccaccio em português do século XIV: pois o estilo de Boccaccio parecia natural aos florentinos seus contemporâneos, enquanto o de Fernão Lopes para os cariocas de hoje seria não só estranho, mas incompreensível. Para contornar essa dificuldade, Rónai sugere que

Convém o tradutor imbuir-se primeiro do espírito e dos recursos do original, para depois operar um certo afastamento perspectivo, valendo-se para isso dos meios sugeridos pelo seu texto. (p.14)

Uma boa parcela da solução passa por questões estilísticas.

Era preciso ter a rica sensibilidade estilística de Aurélio para realizar tantas vezes a identificação com o que um autor e um texto têm de visceralmente característico; adivinhar a atitude do autor para com o assunto e intuir as possibilidades que a língua da época lhe oferecia. (p.14)

Em seguida Rónai cita um trecho de Boccaccio (florentino 1313-75) e outro de Apuleio (latino 125 – 180) e faz uma comparação estilística entre ambos, nos moldes em que Montaigne havia comparado Virgílio e Ariosto. Rónai diz que o texto de Apuleio é “um suceder de orações coordenadas, que avançam em lenta e graduada progressão para um ápice”. O texto de Boccaccio, entretanto, é um sucedâneo de “hesitação e dispersão de pensamento acabadas numa queda brusca de ritmo”. Rónai lembra os 1.000 anos que separam os autores e explica que mesmo sendo anterior a Boccaccio, Apuleio “se encontrava no apogeu da evolução de uma língua com pretensões à musicalidade, super requintada e com um aroma de decadência”. Mas Boccaccio não. Ele “tinha na mão um instrumento rude, mal experimentado, e sem consciência de suas virtualidades”. Comenta Rónai:

Imagine se tivéssemos vazado o trecho de Boccaccio em frasesinhas leves e banais, sem conjunções de subordinação, para facilidade do leitor: perder-se-ia, de todo, esse sabor de tempo laboriosamente reconstituído e que estabelece entre o texto e nós a necessária distância. (p.15)

Como o objetivo de Rónai e Aurélio é permitir ao leitor entrever as particularidades e o aspecto “sucessivo de épocas, estilos e personalidades diversas”, eles preferem “correr esse risco a evitar ao leitor toda espécie de esforço, oferecendo-lhe um texto anódino e indigesto de tão uniforme”. Mesmo tendo que inserir notas de pé de página, os autores de

Mar de Histórias não querem privar seus leitores da percepção da ação do tempo sobre as línguas e os diferentes estilos.

Rónai então faz uma revelação que demonstra que apesar de estar inserido em uma escola, quando necessário, sabe fazer exatamente aquilo que Kosztolányi diz que um tradutor-poeta deve ser capaz: ficar invisível.

Se Mar de Histórias traz uma contribuição durável à sensibilidade e à inteligência dos leitores, como vários de seus críticos o têm afirmado, isto talvez se deva ao esforço de não buscar uma personalidade própria, de apagar completamente, nas traduções, os vestígios da passagem dos tradutores. Conservar o tom próprio de cada autor foi nossa ambição máxima. (p.16)

E ao relatar as características de sua práxis, sua “aula” de tradução continua:

Por mais que sentíssemos no original a falta de uma palavra ou a presença importuna de uma frase, não obedecemos à vontade de acrescentá-la ou cortá-la. Consideramos o aspecto tipográfico inerente à substância. A conservação dos parágrafos, divisões, reticências era objeto de nossos cuidados. Atentamos naturalmente na forma da narrativa: deixamos o autor contá-la impessoalmente, ou na primeira pessoa, às vezes até na segunda, ou então expô-la pela boca de uma das personagens. (p.16)

Demonstrando toda a sua *expertise*, advinda de anos de prática tradutológica, e uma autoridade que poucos tradutores conseguem ter, hoje em dia, junto aos editores, ele afirma que:

A fala das personagens, aliás, merecia-nos toda atenção. Camponeses, artesãos, caçadores, soldados, estudantes, caixeiros, médicos, funcionários públicos, plebeus e patrícios, cortesãos e príncipes, sacerdotes e criminosos, donas de casa, atrizes, professorinhas, prostitutas – quando não bichos e objetos inanimados – todos têm a sua linguagem inconfundível, muitas vezes a sua gíria. Mas não somente cada classe social, cada idade tem a sua fala.

As modalidades de expressão mereceram-nos igual cuidado. O presente histórico dos clássicos, tão parecido com o presente displicente dos gangsters norte-americanos, Damon Runyon, assim como as interrupções dirigidas e interlocutores imaginários, faziam parte do âmago do conto e, portanto, não deveriam ser alterados. Tampouco nos animaríamos a substituir o discurso indireto pelo direto; ou a desperceber o discurso indireto livre ou a dar forma lógica ao *stream of consciousness*, essa tentativa de reproduzir o fluxo caótico de nossa vida interior. (p.16)

Ao encerrar seu ensaio, novamente o espírito professoral aflora e Rónai confessa que desde o começo eles haviam tentado dar ao seu trabalho um “caráter instrutivo”, mas, acrescenta o crítico, “sem qualquer tendência moralizadora nem qualquer ranço pedante”. É por esta razão que, coerentes com sua formação humanista, eles incluem as notas introdutórias que precedem cada conto “com as dimensões muitas vezes de um pequeno ensaio” e que incluem informações de caráter biobibliográfico, que buscam “retratar o autor” e analisar o conto, muitas vezes estabelecendo “ligações entre ele e outras peças do livro”, oferecem informações sobre a procedência do tema, falam das “características do estilo e

da estrutura”, chegando a estabelecer relações de “influências sofridas ou exercidas”. E o filólogo encerra o ensaio dizendo que:

Os contos são reflexos do ambiente em que surgiram, os precipitados de sociedades e civilizações. As numerosas notas de pé de página apontam seus contatos com a realidade, esclarecem nomes e fatos, às vezes informam sobre o processo de tradução adotado. (p.17)

Mais uma vez Rónai mostra suas preocupações de filólogo, portanto essa compreensão deve fazer parte da consideração de seu perfil intelectual, de seu programa literário.

Conto como gênero literário

Antes de chegar ao final deste capítulo, é preciso entender por que o gênero conto é tão marcante na trajetória de Rónai considerando que ele está constantemente presente em sua atividade literária: é o gênero que ele mais traduz do húngaro para o francês, lá na Hungria, para a *Nouvelle Revue de Hongrie*, em Paris para diversas publicações, e no Brasil, para o português, de originais húngaros, assim como de todas as outras línguas com que trabalha no *Mar de Histórias* e todas as publicações dela derivadas, assim como na coluna *Contos da Semana*. Para mencionar os principais.

Em 1954, no prefácio à sua primeira obra sobre o gênero no Brasil – *Roteiro do Conto Húngaro* –, mais uma vez mostrando seu lado filólogo, mas principalmente sua crença na representatividade que o gênero tem diante dos outros gêneros, Rónai explica que caso quisesse apresentar a Hungria aos brasileiros através, por exemplo, de um único romance, “por mais poderoso que fosse”, o máximo que iria revelar seria “um único talento e um só modo de ver, de reagir e de exprimir”. Se selecionasse trechos de romances em uma espécie de antologia, esta sem dúvida “teria sempre algo de fragmentário”. Poemas então, nem pensar. Isto “exigiria um poeta brasileiro conhecedor do idioma húngaro”. Ou se fossem vertidos em prosa, os poemas perderiam “seus atributos mais essenciais”. Por isso,

uma antologia do conto húngaro constituiria o meio mais indicado de nos aproximarmos não somente da literatura, mas da alma húngara. As proporções limitadas¹⁶⁸ do gênero permitiram apresentar todo um grupo de escritores de valor. [...] Procurei escolher os contos de tal forma que apresentem quase todos os tipos do conto moderno e todas as suas variantes dentro da literatura húngara; temperamentos artísticos e escolas literárias diferentes; atmosferas e estilos diversos; numa palavra, material ilustrativo para uma teoria do gênero.¹⁶⁹

Percebe-se claramente como o lado filólogo de Rónai trabalha em conjunto com o crítico. Durante a seleção dos contos que faz constar de sua antologia, juntamente com

¹⁶⁸ Rónai está fazendo referência à extensão do conto.

¹⁶⁹ *Roteiro do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1954. (p.4)

aspectos estéticos, preocupa-se também com questões filológicas. É sua intenção fazer uma ponte entre as duas culturas, a brasileira e a húngara, que, vê-se, ele acredita que uma adequada seleção de contos irá permitir.

Rónai não está sozinho nessa crença. Em sua introdução à *Antologia do Conto Húngaro* – no ensaio *Pequena Palavra* –, Guimarães Rosa revela que sua amizade com Rónai “veio de um mútuo apreço de espíritos” e oferece sua opinião sobre o gênero conto que ele também acredita ser o gênero ideal para se conhecer um povo:

Dessa literatura, já vária e dilatada, contando com notáveis obras, entradas no pecúlio universal, é que Paulo Rónai nos entrega, num dos gêneros mais próprios para pôr à vista e em perspectiva as características de uma ambiência humana e a compleição anímica de um povo – o conto – um válido panorama, retrato multiforme, corte transversal bem realizado.¹⁷⁰

O curioso, no caso desse gênero literário, é que todo mundo sabe o que é, mas tal como foi visto com o gênero ensaio, ninguém consegue colocar-lhe as rédeas de uma definição. O máximo que se consegue é explicar suas características, como faz Nádia Battella Gotlib em sua *Teoria do Conto*¹⁷¹ e muitos outros que escrevem a respeito, inclusive o próprio Rónai na introdução de *Mar de Histórias*.

Como narrativa, o conto serve para relatar um acontecimento, seja em forma oral ou escrita. E o acontecimento narrado é sempre de interesse humano, como diz Gotlib, “de nós, para nós e sobre nós”. Uma forma de fazer um retrato, que é o que acabamos de ver que Rónai pretende em sua antologia de contos. Tudo isso acontece em uma “mesma unidade de ação”, cujo elemento fundamental é “o modo de o conto ser”. Em geral o enredo de um conto gira em torno da ruptura de uma determinada ordem, para em seguida ocorrer a restituição dessa ordem. Ou, como no caso de Clarice Lispector, que Gotlib cita como exemplo, em que sempre há um momento de ordem, um momento de desordem interior e um momento de retorno à ordem primeira, com alguns ganhos e perdas. E ao retratar essa ordem é que o autor do conto acaba retratando o *modus vivendi* do povo em que a obra está inserida.

E, diz Gotlib, uma componente importante do gênero é o que Edgar Allan Poe chama de “unidade de efeito”. Para Poe, esse elemento deve ser determinado primeiro e todo resto – tom, tema, cenário, personagens, conflitos e enredo – deve conjuminar para a sua realização. Mas esse efeito, ou impressão, só pode ser causado sobre o leitor enquanto sua alma estiver “sob o controle do escritor”, o que, para Poe, se consegue enquanto ele estiver mergulhado, atento na leitura. Uma atenção que, parece, não perdura mais do que “uma sentada”. Apesar de ser uma característica muito relativa, como já vimos, ela é importante

¹⁷⁰ GUIMARÃES ROSA, J. *Pequena Palavra*. In: *Antologia do Conto Húngaro*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. (p.XXV)

¹⁷¹ GOTLIB, N. B. *Teoria do Conto*. Série Princípios, 10ª ed. 3ª impr. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

na conceituação do gênero: a extensão do conto deve ser tal que possa ser lido de uma única vez, isto é, em uma única sentada. A justificativa de Poe passa pelas emoções humanas: emoções vividas, demasiadamente intensas, são transitórias, jamais duradouras, pois a exaltação da alma não pode ser sustentada por um longo período; o poema (ou texto) muito longo é um paradoxo, por ser falto do *momentum* da unidade de efeito. Para Poe, sem um esforço continuado – sem uma certa duração ou repetição de propósito – a alma nunca chega a ser profundamente tocada. Diz ele que o efeito da água gotejando sobre a pedra deve estar presente. Em suma, a questão se refere à intensidade e à durabilidade da impressão.

Então, em termos estéticos, o conto implica uma economia de efeitos narrativos: deve-se conseguir o máximo de efeito com o mínimo de recursos. Todo enredo deve ser elaborado visando o desfecho. No conto, sabe-se que algo vai acontecer e que será intenso; cada palavra deve confluir para esse acontecimento, para a coisa que ocorre, e o conto deve sempre terminar no clímax. E Gotlib encerra seu texto citando Tchekhov, cuja intenção é a representação da absoluta liberdade do homem, liberdade da operação, dos preconceitos, ignorância, paixões, e assim por diante: “Meu objetivo é [...] pintar a vida nos seus aspectos verdadeiros e mostrar quão longe está da vida ideal”. Poe também diz que a diferença entre prosa e poesia é o objeto com o qual cada um lida: a prosa (no caso o conto) com a “verdade” e a poesia com a “beleza”.

Em suma, como gênero literário, o conto se revela exigente. Quando bem elaborado, apesar de lidar com a verdade, o conto leva à fruição estética, a grande paixão efetivamente declarada de Paulo Rónai. E é isso que ele vê, por exemplo, em um dos contos de Guimarães Rosa, do livro *Ave Palavra*. No final de uma palestra sobre o autor,¹⁷² Rónai comenta que essa obra quase nada tem de ficção e que nela há “alguns exercícios de estilo, no mais alto sentido, aos quais talvez se possa aplicar a palavra conto”. E apresenta como exemplo *Uns inhos engenheiro*, dizendo que nesse texto Guimarães Rosa “relata a construção de um ninho por um casal de passarinhos, com tamanho deslumbramento e carinho como se assistisse a construção do primeiro ninho no mundo, e com tamanho frescor como se o idioma saísse do forno naquele momento”. Ou, parodiando Kosztolányi, um Verdadeiro que, contudo, é Belo.

Tradução e tradução poética

Por englobar todas as questões pertinentes à tradução e algumas mais específicas da própria tradução poética, para encerrar o capítulo tradutor, vamos então examinar, à vista de *A Tradução Viva*, de Rónai, a sua posição com relação a esta arte. Usa-se *A Tradução*

¹⁷² Guimarães Rosa contista – In: Separata nº 59 da Revista GRIAL. Espanha: Galícia, xaneiro, fevereiro, marzo 1978.

Vivida por ter esta uma característica organizacional mais didática, já que ela se originou de uma série de palestras que Rónai deu sobre o tema, a convite da Aliança Francesa, em várias capitais brasileiras.

Partindo do princípio de que não existe tradução literal pois o sentido das palavras depende do contexto, Rónai determina que o papel do tradutor é “singularmente mais importante” por ser “uma atividade seletiva e reflexiva” (p.18). Principalmente quando o texto a traduzir tem caráter literário é quando o tradutor deve se esmerar ao máximo para “conseguir efeitos de arte e provocar emoções estéticas”. (p.19) Partindo do significado latino do termo traduzir – *traducere* – isto é, “levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar” Rónai faz uma consideração curiosa: “o sujeito deste verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original”, portanto, e ele cita Jules Legras, “traduzir consiste em conduzir determinado texto para o domínio de outra língua que não aquela em que está escrito”. (p.20)

Como seu propósito em *A Tradução Vivida* é didático, Rónai vai discorrendo sobre alguns aspectos conceituais e algumas reflexões de vários teóricos da tradução:

Conduzir uma obra estrangeira para outro ambiente lingüístico significa querer adaptá-la ao máximo aos costumes do novo meio, retirar-lhe as características exóticas, fazer esquecer que reflete uma realidade longínqua, essencialmente diversa.

Conduzir o leitor para o país da obra que lê significa, ao contrário, manter cuidadosamente o que essa tem de estranho, de genuíno, e acentuar a cada instante a sua origem alienígena. (p.20)

Na apresentação de um curso de estudos de tradução para o Libras,¹⁷³ Andréia Guerini sugere que os conceitos de “tradução naturalizadora” e “tradução identificadora” – que ela localizou nesse trecho de *A Tradução Vivida* –, estariam associados a duas possibilidades de tradução discutidas por Friedrich Schleiermacher, nesta ordem: 1) ou o tradutor deixa o leitor em paz e leva o autor até ele; 2) ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele. Essa mesma conceitualização que mais tarde Lawrence Venuti viria denominar de “tradução domesticadora” e “tradução estrangeirizadora”.¹⁷⁴ Segundo Rónai,

Duas interpretações da palavra tradução abrangem até as duas variantes extremas a que ela pode ser aplicada: a tradução naturalizadora, de que seria exemplo a versão portuguesa de *Don Quixote* por Aquilino Ribeiro, e a tradução identificadora, exemplificada pelas traduções de Virgílio por Odorico Mendes ou, mais recentemente, pela versão francesa da *Eneida* por Pierre Klossowski. (p.20)

¹⁷³ GUERINI, Andréia. *Introdução aos Estudos da Tradução*, Universidade Federal de Santa Catarina – Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Florianópolis, Julho de 2008. (apresentação do curso)

¹⁷⁴ Ver também discussão sobre o tema em RODRIGUES, Cristina C. *Traduções e Práticas Político-Culturais*. In: TradTerm n.1 – reimpressão. São Paulo: USP/FFLCH/CITRAT, 1994. (p.49-56)

E depois de descrever as variantes que foram surgindo ao longo da história, Rónai conclui que, na verdade, a existência de todas aquelas analogias demonstram “a complexidade intrínseca da atividade tradutora”. (p.25)

Após relacionar as habilidades que acha aconselhável o tradutor ter, Rónai faz uma constatação interessante: “o máximo a que ele deve aspirar não é saber de cor uma língua estrangeira” – segundo Rónai isso não se consegue nem com a língua materna, o que dirá de uma estrangeira – mas sim, “adquirir um sexto sentido, uma espécie de faro, que o advirta estar na presença de uma acepção desconhecida”. (p.28) Assim, esse “instinto lingüístico” ajudará o tradutor a usar o seu “bom senso”, o que, por sua vez, o levará a enfrentar as inúmeras variantes da atividade. (p.29)

Rónai não perde a oportunidade para criticar a má remuneração da atividade (p.31) mas conclui que “o ofício deve oferecer compensações outras que não as financeiras”.

Na realidade a tradução é o melhor e, talvez, o único exercício realmente eficaz para nos fazer penetrar na intimidade dum grande espírito. Ela nos obriga a esquadrihar atentamente o sentido de cada frase, a investigar por miúdo a função de cada palavra, em suma reconstituir a paisagem mental do nosso autor e a descobrir-lhe as intenções mais veladas. (p. 31)

Outra vez chega-se à conclusão de que a tradução, também para Rónai, é um exercício de leitura profunda. E é através dela, continua Rónai, que nos países europeus o estudo dos clássicos “sobretudo dos da Antiguidade grega e latina” se torna natural, e desta forma, essas línguas deixam de ser línguas mortas.

Em seguida Rónai apresenta um capítulo bem prático sobre as armadilhas da tradução e outro sobre os seus limites. É interessante notar que apesar de falar em termos gerais, Rónai sempre opta por usar exemplos específicos da linguagem poética. No capítulo que Rónai intitula de *As Falácias da Tradução* mais uma vez ele reafirma sua crença na *práxis*:

Uma das falácias da tradução é a ilusão de poder aprendê-la por tratados. Ora, como organizar um manual da tradução, se esta arte (ou ofício, se querem) escapa a toda sistematização? Na verdade, a tradução aprende-se traduzindo. (p.110)

O Anexo II e os detalhes que foram sendo analisados ao longo deste texto, confirmam as palavras de Rónai: é traduzindo que ele aperfeiçoa sua arte tradutória. Mas, evidentemente, como vimos, Rónai recebeu uma base teórica literária e lingüística que alicerçou seu fazer tradutório e sua assertiva deve ser considerada com essa ressalva.

À continuação, ainda sobre os efeitos que a tradução deve ter sobre o leitor, ele sugere que “certos tradutores procuram consegui-lo arcaizando a linguagem”. Mas,

A esse raciocínio pode-se replicar que aos ouvidos das personagens seiscentistas a língua de Shakespeare soava natural e nada tinha de arcaico. (p.115)

Coerente com a sua descrença em manuais, o estilo ronaiano de ensinar é refletir junto. Se ao falar como acima ele deu a entender que não é a favor de uma tradução arcaizante, na página seguinte seu leitor encontra um outro argumento que vai fazê-lo, no mínimo, refletir. Usando o exemplo de uma versão modernizante de *Odisséia*, que não aprova, Rónai comenta:

Primeiro, faltam-nos meios objetivos para ajuizar o efeito que a obra exerceu sobre os contemporâneos do autor; segundo, a pátina faz parte de uma obra clássica: se as obras originais (como as de Shakespeare no caso de um leitor inglês) a conservam eternamente, não é recomendável que as traduzidas a percam de todo, despojadas dos sinais do momento histórico que as fez nascer. (p.116)

Portanto, para Rónai, a tradução deve soar natural para o leitor da língua de chegada, mas, ao mesmo tempo, com relação às obras clássicas, não é aconselhável que elas percam completamente sua pátina.

Ao comentar a retradução dos clássicos, Rónai chega ao tema da tradução poética propriamente dita:

Segundo a famosa frase de Robert Frost, poesia é aquilo que se perde na tradução. Mais ou menos conscientes das dificuldades da sua tarefa, os tradutores sabem ser impossível salvar todos os valores do original e por isso sempre consentem em sacrificar alguma coisa. (p.117)

Para exemplificar, Rónai faz um exercício: pega um verso de *Eneida* ao acaso, “*ad aperturam libri*”, compara o verso original com 11 traduções e vai discutindo de que maneira os tradutores foram, ou não, capazes de manter o estilo e as características do original.

No caso da *Eneida*, muitos substituem o hexâmetro por metros mais familiares em sua língua, alguns tentam compensar por meio de rimas o ritmo sacrificado; outros adotam o verso branco e resignam-se a aumentar o número de versos; outros abrem mão decididamente do verso e fazem uso de algum tipo de prosa poética. (p.117)

Diga-se de passagem, coisa que Rónai definitivamente lamenta. Tanto assim que, em seu “estudo introdutivo” à tradução de *Eneida*, de David Jardim Jr.,¹⁷⁵ em prosa, após apresentada a obra, Rónai conta o caso de uma carta em que Voltaire lamenta o fato de uma certa Sra. du Deffand não saber latim suficiente para ler *Eneida* no original: “A Senhora o conhece por meio de tradução; mas os poetas não se traduzem. Pode-se traduzir música?” E Rónai diz que “essa incapacidade da Sra. du Deffand é partilhada pela maioria dos leitores de hoje”. Mas já que assim é, que pelo menos leiam *Eneida* “na prosa fluente de nossos dias. Embora desprovido dos atavios da forma, o poema há de recompensá-los pela sua rica humanidade, [e assim por diante]”. Para Rónai, eliminar os ornamentos – atavios – da forma é, literalmente, um pecado mortal na tradução de um clássico como *Eneida*. Vale citar as palavras com que ele encerra esse estudo introdutivo, pois é uma profissão de fé:

¹⁷⁵ Ver Anexo II, item Prefácios.

Remanescente das velhas gerações que ainda traziam gravados na memória e no coração os versos de Virgílio, quem assina estas linhas [...] tem a impressão, ao apresentar o seu autor aos leitores de um mundo tão distante do seu no tempo e no espaço, de pagar uma dívida de gratidão ao amigo duas vezes milenar.

E realmente é só isso que Rónai faz no “estudo introdutivo”: apresenta um estudo detalhado sobre Virgílio e a história da obra, sem fazer nenhum outro comentário sobre a tradução de Jardim Jr., a não ser lamentar o fato de o mesmo ter sido feito em prosa.

Sobre o exercício comparativo entre as 11 traduções, Rónai continua:

Há quem elimine as alusões mitológicas e históricas ou as reduza ao mínimo; há quem recorra deliberadamente a modismos e fórmulas da própria época. Enfim, hoje em dia, na tradução dos clássicos se fazem valer duas correntes: uma tendente a salvar os componentes estruturais e intelectuais, mesmo com prejuízo dos elementos sonoros; e outra, disposta a subordinar tudo à suavidade e à harmonia. (p.118)

Se for lembrada a posição de Kosztolányi, apresentada no início deste capítulo e no anterior, já se pode ver que esta última tendência é também a preferência de Rónai. E ele será muito enfático em sua defesa, por exemplo como se verá mais adiante, na crítica que faz à versão inglesa de *Ivengueni Onieguin*, de Puchkin, feita por Nabokov. Ou aqui, quando chega a reproduzir quase que literalmente o espanto que Kosztolányi demonstra diante do tema fidelidade na tradução poética, quando termina de examinar as 11 traduções de *Eneida* e diz:

Se alguém me perguntar agora qual dessas onze traduções é a mais fiel, confesso sem rodeios a minha total perplexidade. Pois a fidelidade é outra das falácias da tradução. (p.125)

Na tradução poética a questão da forma é tão importante que Rónai abre o próximo capítulo discutindo exatamente isto: qual a forma que deve ser usada para a tradução de poesia? Verso ou prosa? E alerta para o fato de que “as dificuldades que o tradutor deve enfrentar multiplicam-se quando aborda uma poesia”, pois em poesia não existe “mensagem vazada em palavras”, elas próprias fazem parte da mensagem. (p.129) Ou como diz Décio Pignatari: “O poema é um *ser de linguagem*”.¹⁷⁶ Por isso dizia Klossowski na citação mencionada, que “são as palavras que mimetizam os gestos e o estado de alma dos personagens, do mesmo modo que pelas suas posições, mimetizam também os acessórios próprios da ação”. Por isso Rónai enfatiza:

A sonoridade e o acento dos vocábulos, o seu aspecto visual, a harmonia das rimas, o comprimento e o ritmo dos versos, a composição das estrofes, tudo isso é conteúdo e forma ao mesmo tempo e, portanto o tradutor tem de guardá-los presentes ao espírito enquanto recita o poema em seu idioma. (p.129)

¹⁷⁶ PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2005

Apesar de usar outras palavras, Rónai está falando a mesma coisa que Klossowski: nesse verdadeiro teatro que é o poema épico de Virgílio “são as palavras que tomam uma atitude, não o corpo; que tecem, não as roupas [...]”. Aqui o domínio da arte poética revela mais uma faceta do tradutor Paulo Rónai. Por isso ele vê na palavra um microcosmo a ser explorado. Claro, como disse Kosztolányi, e Rónai também, já várias vezes, tradução de poesia é recriação. Rónai sabe que algo se perde nesta operação. Mas nem por isso, diz ele, “deixamos de apreciar tantos poetas que só conhecemos através de versões”.

Para ensinar o ponto que ele quer fazer no capítulo *Desafio da Tradução Poética*, primeiro Rónai pega uma versão que Augusto de Campos fez de Edward Fitzgerald e observa que Augusto se manteve “atento não apenas ao significado e às qualidades formais das quadras, mas também à microestrutura que nelas descobriu” e mostra “como as correspondências significante-significado se explicitam por um estranho procedimento formal que atomiza e pulveriza o discurso inteiro em monossílabos”. (p.131) Depois de apresentar o original inglês, Rónai mostra o que o poeta brasileiro faz “deste poeminha intraduzível”, para concluir que sua “recriação antes que tradução [...] guardou o máximo possível do original: o sentido geral, a inspiração melancólica, o ritmo, o esquema rímico, as aliterações e até a preponderância de palavras monossilábicas, dificultada pela tendência polissilábica do português”. (p.131) Então, os versos:

Ah, make the most of what we yet may spend
before we too into the dust descend;
dust into dust, and under dust, to lie,
sans wine, sans song, sans singer and – sans end!

Edward Fitzgerald

Ah, vem, vivamos mais que a Vida, vem,
Antes que em pó nos deponham também,
Pó sobre pó, e sob o pó, pousados,
Sem Cor, sem Sol, sem Som, sem Sonho – sem!

Augusto de Campos

Destaca Rónai, porém, que apesar de o “estudo de Augusto de Campos” ser “um dos mais importantes de nossa escassa literatura sobre problemas de tradução”, enquanto refletia sobre o esforço que a tradução de todos os *rubai* exigiria, percebeu “um fato não assinalado no agudo comentário do tradutor” brasileiro. E Rónai faz uma digressão sobre o termo “sans”, usado por Fitzgerald com uma aparente “intensidade intencional” cujo motivo

Rónai julga remeter a um famoso verso de Shakespeare, em que este “descreve a velhice, *Sans teeth, sans eyes, sans taste, sans everything*”. Conclui Rónai,

Com razão podia Fitzgerald supô-lo conhecido de seus leitores, no espírito dos quais a reminiscência shakespeariana, sobreposta ao verso dele só fazia acentuar a atmosfera lúgubre da advertência. O que mostra que os poemas, além de sua existência individual, são elos de uma tradição poética que é preciso trazer de cor para senti-los integralmente. Porém o tradutor, até o melhor, fica impotente em face desse resíduo que não se deixa reduzir. (p.132)

O que Rónai destaca é o fato de Augusto não ter comentado a questão do *Sans* shakespeariano. Em sua defesa, Haroldo de Campos¹⁷⁷ contesta explicando que, ao contrário, ao usar *Sem* como usou, na verdade Augusto também estava fazendo a mesma operação que Fitzgerald, só que homenageando a música de João Gilberto e a poesia de João Cabral,¹⁷⁸ de onde se conclui que, aparentemente, Augusto compreendeu a intencionalidade do original. Talvez tenha escapado a Rónai o movimento inter-semiótico de Augusto de Campos.

O próximo exemplo usado por Rónai é um poema de Henriqueta Lisboa – *Repouso* – cuja tradução, em princípio, está perfeita, com o “máximo de fidelidade possível”. Todos os elementos do original “estão traduzidos; os elementos do quadro estão distribuídos de modo igual pelos versos concisos; e o tradutor soube respeitar essa característica negativa do original, que é a ausência de verbos”. Apesar disso, Rónai se pergunta: “por que é que o texto português dá essa sensação de plenitude”, que parece que, para ele, a tradução não transmite? E a resposta, Rónai indica, está nesta “curiosa aliteração das palavras finais que, além de todas oxítonas, são termos fortes, de intenso conteúdo poético”. Essa conjuminação, diz Rónai, “quebra a secura descritiva com uma discreta musicalidade”. É isso que o atrai, a musicalidade, a mesma que ele destaca como valor também na segunda estrofe. Entretanto, mesmo conseguindo “a façanha de empregar exatamente o mesmo número de sílabas do seu modelo”, para Rónai falta algo à tradução. Apesar de tudo,

[...] ficou intrasportada a magia do poema, que fora alcançada misteriosamente graças aos elementos acústicos e visuais aderentes ao quadro familiar onde, além da presença do homem, [...] discreta, percebe-se como que um zumbido de abelhas, [...] as mesmas evocadas no início do poema. (p.134)

¹⁷⁷ CAMPOS, H. *Tradução, Ideologia e História*. Cadernos MAM, s.d., (p.58)

¹⁷⁸ “Da ‘microanálise’ que efetuou, o tradutor brasileiro depreendeu que as chaves do êxito estético-receptivo de Fitzgerald teriam sido a perícia na musicalidade rítmica e fônica e a concisão epigrâmica. Homenagear estas duas qualidades implicava prestar um tributo simultâneo a duas vertentes do presente brasileiro de criação: a ‘bossa nova’ à João Gilberto e o verso de João Cabral; o envolvente pontilhismo atomístico da ‘canção menos’, a enxutez do ‘cante sem’; entre ambos, o lirismo concreto do próprio poeta Augusto de Campos (lembre-se um poema como ‘cor som’). Assim como o leitor inglês, contemporâneo de Fitzgerald, poderia recordar Shakespeare no poeta persa e acrescer um reforço emotivo à atmosfera do *carpe diem* fitzgeraldiano, o leitor brasileiro atual poderá captar no ‘rubai’ augustiniano a nostalgia elaborada de uma espécie de metamúsica, que vai cantando, qual uma vibração de corda, junto ao SEM daquele ‘Sem Cor, sem Sol, sem Som, sem Sonho – sem!’” Haroldo de Campos, *idem*.

Ou seja, é a musicalidade que a poeta consegue com a forma com que arranja as palavras – “do mesmo modo que pelas suas posições...” diz Klossowski – que lhe outorga magia ao poema, musicalidade esta não alcançada pela tradução, perfeita em quase tudo, menos na magia. De onde Rónai conclui: “há, portanto, poesias intraduzíveis!” (p.135) Tal qual um poema que Cecília Meireles escreveu em sua viagem à Itália e que começa com “Roma-romã, dourada pele de tijolo,” em alusão a um antigo anagrama – Roma-Amor – que encanta os italianos, mas cuja insinuação “funciona apenas para olhos e ouvidos brasileiros”. (p.136)

Quando passa a discutir a validade de publicações bilíngües, em que as traduções de poemas são acompanhadas dos originais, Rónai afirma que “pessoalmente simpatiza” com isso, mas só quando “ela tenta conservar os valores sonoros e rítmicos da poesia, mas não consigo saboreá-la quando, de caso pensado, o tradutor abre mão desses elementos”. (p.138) E reforça esse seu desgostar citando um exemplo que envolve Fernando Pessoa: “sinto certa indulgência para com uma tentativa de tradução integral, ainda que malograda; mas sinto-me frustrado ante uma versão despoetizada como que à força, tal como acontece na versão italiana de duas quadras de Fernando Pessoa”. (p.138)

Nesse ponto de seu livro, Rónai começa a comentar a versão inglesa de *Ivengueni Onieguin*, de Puchkin, elaborada por Vladimir Nabokov, inicialmente fornecendo ao leitor um perfil louvável de Nabokov tradutor: “erudito notável”, “distinguiu-se pela tradução de obras reputadas as mais difíceis” e assim por diante. Mas, em seguida, Rónai muda de tom.

Essa versão, em que o tradutor levou cinco anos, saiu acompanhada de dois volumes de comentários e um terceiro com o texto original.

Na tradução, segundo ele próprio declara, Nabokov sacrificou ‘à exatidão e integridade totais do sentido todos os elementos, salvo o ritmo iâmbico, cuja conservação antes favoreceu do que entrouvrou a fidelidade’.

O comentário é um trabalho monumental e representa exegese das mais minuciosas e profundas ao mesmo tempo. O Prof. Nabokov demonstra, por exemplo, que Puchkin não sabia inglês e que suas freqüentes citações de literatura inglesa provêm, não de Shakespeare, Byron, etc., mas de medíocres traduções francesas; [...] para, por exemplo, estabelecer com precisão se, ao falar em acácia, Puchkin pensava na mesma árvore que a palavra evoca no espírito do leitor de língua inglesa. [...] o escoliasta analisa pormenorizadamente o duelo como instituição [...] estas glosas, expostas com exatidão científica e impressionante profusão de detalhes, embora possam interessar prodigiosamente os especialistas, devem exercer efeito terrífico sobre qualquer candidato a tradutor, justamente assustado pela sabedoria enciclopédica e a capacidade disquisitiva¹⁷⁹ que a tarefa assim concebida exige dos cultores do ofício. (p.140/141)

Sobre a tradução, Rónai continua desfiando sua crítica, inusitadamente ácida.

¹⁷⁹ Disquisição: conjuntos de atos e diligências que têm por objetivo apurar a verdade e de fatos alegados; inquérito, investigação. (Dicionário Houaiss.)

Quanto à tradução, ela parece atingir o máximo de fidelidade intelectual – mas, apesar disso e da abundância dos comentários, não dá a entrever a elegância espirituosa que o poema deve a suas rimas, alegres, brincalhonas, imprevistas, às vezes formadas por neologismos, palavras de empréstimo, brincadeiras, e que marcam as suspensões e mudanças num relato feito todo ele em tom de conversa. (p.141)

Ou seja, a musicalidade da tradução não é a mesma do original. O desprazer de Rónai é evidente e dispensa comentários. Quando Nabokov sacrifica praticamente tudo em nome da “exatidão e integridade totais do sentido”, comete o que para Rónai, em tradução poética, é uma heresia. E ele deixa entrever as críticas que Nabokov, o erudito, recebe:

Muitos críticos literários não aprovaram a experiência e censuraram Nabokov por haver transformado uma obra-prima de graça num momento de erudição. Alguns caíram na imprudência de apontar erros e inexatidões. O tradutor apanhou a luva e num artigo de inexcusável mordacidade reduz a zero essas críticas [...] põe à vista o conhecimento profundo que o bilíngüe Nabokov possui dos requintes de ambas as línguas e a extensão impressionante de sua cultura. (p.141)

E apesar, ou talvez devido a essa cultura monumental do tradutor, o crítico Rónai conclui:

Paradoxalmente, deixa-nos convencidos de que semelhante virtuoso, se quisesse, poderia ter mantido a forma poética e transmitir a impressão de genuína beleza do poema. (p.142)

Mas Rónai também é professor. Apesar de seu desacordo, não é de sua índole fazer uma crítica pela crítica. Mesmo sem desviar-se de sua opinião, conclui sua crítica de forma que permita aos seus ouvintes / leitores uma posição alternativa.

Por mim, recordo a velha tradução húngara em que há meio século li e adorei o *Onieguin*. Os versos de Károly Bérczi deram-me uma impressão de encanto, que até hoje nada perdeu de seu frescor, e deve ser mais próxima da inspirada pelo leve e frágil original do que da incutida pelo portentoso edifício de Nabokov. (p.142)

É essa magia, esse estado de encantamento, a música de Voltaire que a Sra. du Deffand não pode ouvir na tradução, que em muitas ocasiões Rónai nomeia como emoção, que sua *persona* almeja encontrar nas obras. Sejam elas traduções, ou não.

Essa aversão à ostentação de eruditismo vindo de um erudito como Rónai explica por que em seus textos, como declara em *Babel & Antibabel*, por exemplo, ele “além de informar, gostaria às vezes de divertir”. Explica por que, ao apresentar sua antologia *Mar de Histórias*, sua preocupação era não privar o leitor das mesmas experiências estéticas que teve ao ler os originais. Esta é a agenda do crítico Paulo Rónai. Além disso, como não é de sua índole ficar no particular, no individual, em seguida Rónai oferece um comentário sugestivo de um poeta e contista cubano – Eliseo Diego –, que segundo sua opinião, pode “ajudar-nos a compreender o fundo do problema” tradutório, pois resume sua posição com relação ao ato tradutológico.

*...hemos obrado según el principio de que un poema es en esencia una simiente: los significados se encuentran en él, no explícitos, sino en potencia, de acuerdo con la naturaleza de su ser. Con obstinada, admirable sabiduría de sí misma, una semilla de mango lleva en sí todo el proyecto del árbol, y jamás consentirá en ser otro. Sin embargo, la figura y la disposición de las ramas, y la colocación de los frutos, varían de uno a otro mango: estas variaciones no atentan contra el ser del proyecto. Del mismo modo, nos parece lícito que al sembrar en nuestro idioma la semilla del poema ajeno, varíe en algo la apariencia siempre que el ser se mantenga intacto: lo que sería imperdonable es que entre el follaje del mango emergiese una rama de algodón.*¹⁸⁰

...temos trabalhado segundo o princípio de que, um poema é, em essência, uma semente: os significados encontram-se nele, não explícitos, mas em forma potencial, de acordo com a natureza de seu ser. Com uma sabedoria própria, obstinada e admirável, uma semente de manga carrega em si todo o projeto de uma árvore, e jamais consentirá em ser outra. Sem dúvida, a aparência e a disposição dos galhos, e o arranjo dos frutos variam de uma mangueira para outra: estas variações não contrariam o ser do projeto. Da mesma forma, nos parece lícito que ao semear, em nosso idioma, a semente de um poema alheio, sua aparência varie, de alguma forma, desde que o ser se mantenha intacto: o que seria imperdoável é que entre a folhagem da mangueira surgisse um galho de algodoeiro. (p.143) [minha tradução, do espanhol]

¹⁸⁰ Citação extraída de: *Revista Unión*, La Habaña, nº 4 de 1974. In: *A Tradução Viva*. (p.143)

V – Conclusão

“Assim, no seu caso, cabe observar quão produtivo ele conseguiu tornar o legado de seu país, associando, como raramente havia sido feito antes no Brasil, a atividade crítica à tradutória como duas modalidades de uma mesma paixão, de um mesmo interesse pela literatura. A lexicografia não seria, portanto, um interesse menor, mas uma decorrência lógica de sua familiaridade com tantas línguas e culturas.”¹⁸¹

Dia 18 de abril de 1987, poucos dias depois da celebração do 80º aniversário de Paulo Rónai, quando aqui no Brasil ele é laureado pelo governo húngaro com uma Coroa de Louros de Ouro – por seu trabalho de divulgação da literatura húngara no Brasil e da brasileira na Hungria, por ter, desta forma, promovido o estreitamento dos laços culturais entre os dois países –, o fato é noticiado em Budapeste em uma nota na imprensa,¹⁸² que leva o seguinte título: *Egy magyar humanista brazíliában*, isto é, *Um Humanista Húngaro no Brasil*. Ao ler o artigo, ocorreu-me pesquisar o uso do termo humanista, na Hungria:

*Humanista a reneszánsz kor tudósa; az antik műveltség kiváló ismerője, de egyben a humanizmus eszméinek harcos terjesztője felvilágosodott, széles műveltségű, a társadalmi haladást támogató személy a görög és a latin irodalmak és nyelvek tudósa.*¹⁸³

Humanista é um estudioso especializado em Renascimento; um eminente conhecedor da cultura da Antiguidade clássica, mas, ao mesmo tempo, é um disseminador dos ideais humanistas, de cultura ampla e esclarecida, um incentivador/fomentador da evolução social, um profundo conhecedor da língua e literatura grega e latina. [minha tradução, do húngaro]¹⁸⁴

Essa definição não parece estar muito distante da definição do dicionário Houaiss: “estudioso renascentista, dedicado ao estudo e difusão de obras da Antiguidade clássica”, e melhor detalhado no registro da palavra “humanismo”, que, além disso, destaca que esse movimento intelectual valoriza “um saber crítico voltado para um maior conhecimento do homem e uma cultura capaz de desenvolver as potencialidades da condição humana”. Portanto, não há, entre Brasil e Hungria, nenhuma discrepância quanto ao termo *humanista*. Então, por que será que hoje, aqui no Brasil, à excessão de Aredes, e Ascher, os estudiosos

¹⁸¹ ASCHER, Nelson. *Rónai dá uma lição de rigor crítico na coletânea de ensaios 'Pois É'*. Sessão Letras. Folha de São Paulo, 21/07/1990.

¹⁸² Budapeste: *Magyar Hírek*, 18/04/1987.

¹⁸³ In <http://www.kislexikon.hu/humanista.html>

¹⁸⁴ O dicionário em papel que uso para minhas traduções do húngaro, *Magyar-Portugál kéziszótár* de Király Rudolf, editado em Budapeste, no prefácio, traz uma nota de agradecimento do autor “ao amigo Rónai Pál, [...] pelo favor que me prestou, por ter me auxiliado na solução de muitos problemas da língua.”

somente dão destaque a Paulo Rónai tradutor, considerando essa como se fosse a atividade que mais lhe falasse ao coração? Talvez por não terem tido a oportunidade de contemplar o quadro geral da produção ronaiana como um conjunto único, por não terem podido ver a verdadeira dimensão de cada uma das atividades que a compõem. Ele era muito convidado a falar de tradução, é verdade. Ele fez muita tradução, é verdade. Mas se fosse só um tradutor, será que Rónai teria sido capaz de “estar entre os primeiros, no Brasil, a chamar a atenção para um prosador e um poeta: João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade”?¹⁸⁵ Ou dito de outra forma, não tivesse ele feito uma “tradução intelectual prévia, anterior a qualquer outra feita no papel”,¹⁸⁶ teria sido capaz de antever a genialidade de Drummond ainda na Hungria quando o incluiu em sua seleta de poetas brasileiros, nos idos de 1939? Ou ainda, não fosse Rónai um crítico tão especializado no gênero literário conto e um doutor em filologia e lingüística, teria sido ele um dos primeiros a descobrir o valor de um contista brasileiro como Guimarães Rosa?

O cômputo de sua produção literária deixa evidente que, sem dúvida, a tradução desempenhou um papel importante no percurso profissional de Rónai, sim, mas, como pretendi demonstrar, não como objetivo primeiro. Em seu trabalho a tradução funciona como ferramenta, como “uma atividade indissociavelmente ligada a seus afazeres criativos”, pois “a intelectualidade húngara considerou sua a tarefa de aclimatar no país e na sua língua toda a literatura do planeta”.¹⁸⁷ Ou como diz Rónai na epígrafe que abre esta dissertação, “Com a tríplice herança cultural que o destino me impôs [...] como poderia não trabalhar na aproximação dos indivíduos e dos povos, no contato das culturas?”

Por isso, avaliar a atividade intelectual de Rónai implicou compreender sua “herança cultural”, as bases de sua formação humanista, moldada sob valores culturais característicos. Por isso foi necessário fazer um excursão pelo seu país de origem e considerar as feições que a atividade tradutória tinha na época em que ele teve sua intelectualidade forjada.

Da mesma forma, ao analisar o estilo ronaiano no capítulo *Crítica Literária*, observou-se como seu lado filólogo / lexicógrafo deixa clara sua agenda intelectual. O mesmo interesse que o moveu a traduzir imediatamente para o húngaro os primeiros versos em língua portuguesa com que se deparou, ou qualquer texto estrangeiro que lhe despertasse interesse. Se aqui no Brasil, devido a diferenças programáticas, sua atividade de professor de línguas não lhe abria espaço para, por exemplo, o aprofundamento das questões lingüísticas que lhe eram caras, em suas colunas de crítica literária a oportunidade se apresentava fértil e propícia.

¹⁸⁵ Ascher 1996, p. 56.

¹⁸⁶ Idem, p. 57.

¹⁸⁷ Idem, p. 54.

Como pretendi demonstrar, devido os moldes de sua formação cultural, a práxis tradutória serve de estofo ao crítico amante da literatura. Rónai é multifacetado sim, mas todas as partes compondo um todo íntegro, nenhuma dominante como eu mesma havia, erroneamente, pensado a princípio. Hoje, como conclusão de minhas análises, verifico que a conjuminação de Rónai professor de línguas x tradutor x filólogo x lexicógrafo lhe confere essa capacitação peculiar e única, que é própria do crítico literário. É essa amálgama que permite ao crítico Rónai uma competência ímpar, pois todas as suas facetas atuam conjuntamente.

Por exemplo, no artigo *Guimarães Rosa e seus tradutores* (ver Anexo II), depois de explicar que um dos problemas do italiano é a inexistência de uma língua popular comum, "pois cada região conserva ainda o próprio dialeto, não obstante o efeito nivelador dos meios modernos de comunicação", ele explica que

ao verter um autor como Guimarães Rosa, o tradutor italiano, não tendo justificativa para adotar esta variante dialetal de preferência àquela, fatalmente há de recorrer à "bella língua", isto é, a língua literária, correspondente a um nível social elevado. Só este fato é suficiente para impedir a transposição de uma característica de monólogo de Riobaldo, certo pernosticismo proveniente de seus laivos de instrução.

Esse pequeno trecho é suficiente para se constatar como o trabalho do crítico literário é complementado tanto pelo lingüísta que fala da variante dialetal, pelo professor de italiano que conhece a realidade lingüística italiana, pelo humanista e pelo tradutor experiente. Sempre que esse especialista em línguas se pronuncia, por exemplo, sobre "o efeito nivelador dos meios modernos de comunicação", fico me questionando como ele, em 1971, já tinha um vislumbre tão realista de um futuro que nós só viríamos perceber décadas depois. Ou que na introdução de sua primeira antologia de poesia brasileira, ainda na Hungria, já destacasse as diferenças entre o português continental e o brasileiro.

Se Paulo Rónai ainda estivesse entre nós e pudesse de viva voz responder à pergunta "Profissão?", o que teria dito? Foi a busca desta resposta em meio a seus escritos e achados, que aos poucos fui vislumbrando o homem e sua obra, fui apaziguando a inquietação que me causavam frases como a seguinte:

Escritor de válida formação cultural européia, humanista, latinista, romanista, erudito em literatura comparada – é um poliglota: demais do húngaro, do latim e do português, dominando excelentemente o francês, o alemão e o italiano, familiarizado com o inglês e o espanhol, conhecendo o grego e o russo, orientando-se na gramática, na estrutura formal e na intimidade da essência de ainda outras...¹⁸⁸

No começo cheguei até a pensar que era só uma profissão. Dessas que a gente arranja só para ganhar dinheiro. Mas não, o professor Paulo Rónai derivava fruição

¹⁸⁸ GUIMARÃES ROSA, J. *Pequena Palavra*. In: RÓNAI, P. *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

intelectual de suas aulas de latim, ou francês, ou italiano, tanto quanto o crítico literário ao refletir sobre a *Arte de Contar em Sagarana*, com o mesmo amor incondicional pela literatura que João Guimarães Rosa fala também em seu prefácio à *Antologia do Conto Húngaro*:

Este é um livro feito com competência e com amor. [...] Foram motivos de saudade e gratidão que trouxeram Rónai a dar-nos, neste conjunto de contos – que ele com alma de esforço buscou, escolheu, traduziu – um pouco e muito de seu país de origem: ‘um retrato poético da Hungria’.¹⁸⁹

Se o ensino de línguas era sua profissão oficial, a literatura era a sua paixão. E usando esse amor pela literatura como estandarte, ao longo de sua estrada, Rónai foi colecionando muitas outras coisas também. É o que conta Aurélio Buarque de Holanda:

Custa-me escrever a seu respeito. Quase trinta e cinco anos de amizade – plenos, inteiros, sem lacunas ou fissuras. Não sei, dele tratando – do homem ou do escritor –, senão louvá-lo. Mas firmemente creio que com isto não lhe faço favor. Grande brasileiro, o brasileiro Paulo Rónai.¹⁹⁰

Mas que essa amabilidade, essa gentileza que faz amigos, esse traço de personalidade não seja tomado como uma marca de fragilidade. Não! À sua maneira, Paulo Rónai lutava pelos seus ideais com muita tenacidade, um pouco como diz o velho ditado “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Refiro-me ao modo sutil, mas constante, com que Rónai aproveitava toda e qualquer oportunidade para se fazer ouvir. Ao ler a bibliografia que ele incluiu no final do obituário de Aurélio Buarque de Holanda,¹⁹¹ seu estratagema faz impressão: na relação de 28 obras de Aurélio, lê-se “esgotado” 18 vezes: esgotado, esgotado... O recado é claro. É como se o amigo estivesse dizendo: “aqui jaz esse grande homem e aqui jazem suas obras!”.

Características como organização, metodologia de trabalho, espírito de colecionador – imprescindível para um lexicógrafo –, carinho e respeito pela palavra escrita (Rónai mandava encadernar muitos de seus livros para preservá-los, organizava sua biblioteca de forma temática para facilitar as buscas, fazia anotações e correções nos artigos já publicados, preparando-os para uma eventual re-edição), seu círculo de amizades, relacionamentos profissionais, tudo isso fez parte de Paulo Rónai. Seu amor pela palavra escrita era tão pungente, que preferia oferecer de presente uma obra revisada à mão (quem tiver curiosidade veja o exemplar de *A Língua Francesa – sua Evolução e sua Estrutura* na biblioteca da FFLCH/USP) a deixar passar erros tipográficos.

¹⁸⁹ ROSA, J. Guimarães. *Pequena Palavra*. In: Paulo Rónai, *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

¹⁹⁰ HOLANDA, Aurélio Buarque. *O Brasileiro Paulo Rónai*. In: Paulo Rónai, *A Tradução Viva*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

¹⁹¹ RONAI, Paulo. *Aurélio, homem humano*. São Paulo: Revista USP n° 2, 1989.

As pessoas que mencionam a figura do crítico literário Paulo Rónai ainda hoje são os especialistas na área que pesquisam os aspectos históricos de nossa literatura. Advém daí a importância da republicação de seus textos, não somente os volumes que já conquistaram um lugar no corpus literário nacional, mas também a republicação, em livro, de seus artigos e resenhas, pois estas são testemunhas vivas da história da literatura nacional e, considerados os contornos críticos que Rónai lhe delineou, a contextualiza no cenário da literatura universal.

Ao se comparar as características da pesquisa elaborada para este estudo com o que foi efetivamente realizado, conclui-se que para ter o mapeamento do legado ronaiano completo algumas etapas ainda precisam ser elaboradas. Por exemplo: a classificação temática e a análise cuidadosa e detalhada de todos os artigos e resenhas *de* Rónai no campo da crítica literária; a catalogação, leitura e análise dos artigos publicados *sobre* Rónai; uma pesquisa mais exaustiva na Internet e em bibliotecas, com o tema “Paulo Rónai”, para localização de eventuais obras não relacionadas nesta pesquisa. Sem falar em todas as análises e desdobramentos temáticos que a sua obra possibilita. Talvez até um volume no estilo “Guia da Práxis Tradutória”, com a coletânea, sistematicamente reunida, dos princípios teóricos que a sua práxis deixa transparecer. E será que não seria interessante também considerar a reunião dos princípios de crítica literária humanista que se poderia recuperar ao longo de seus textos? Por isso, longe de concluir, considero que este trabalho somente deu as primeiras pinceladas no conjunto da obra desse homem de letras brasileiro que colocou a serviço da nossa literatura sua vasta bagagem cultural européia.

Bibliografia

Nota: para referência às obras de Paulo Rónai, consultar Anexo II.

Teses e Dissertações:

AREDES, A. *Um Estrangeiro Entre Nós: a produção crítica de Paulo Rónai (1907-1992) no "Suplemento Literário" d'O Estado de S. Paulo*. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis, 2007.

CAPRINO, Mônica Pegurer. *Questão de Estilo - Estudo sobre o texto jornalístico e os manuais de redação*. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP - Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2002.

ESQUEDA, Marileide. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. UNICAMP/IEL, 2004. Tese de doutorado.

NÓBREGA, Thelma Médice. *Sob o Signo dos Signos: Uma Biografia de Haroldo de Campos*. Tese apresentada à PUC – São Paulo, para obtenção de título de Doutor em Comunicação e Semiótica. São Paulo, 2005.

PINTO, Daniel Roberto. *Pontes Sobre o Abismo, Esboço da Vida e Obra de Paulo Rónai*. Instituto Rio Branco, turma de 1999/2000. Inédito.

Publicações:

ASCHER, Nelson. *Rónai dá uma lição de rigor crítico na coletânea de ensaios 'Pois É'*. Sessão Letras. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 21/07/1990.

ASCHER, Nelson. (orelhas & contracapa) In: *Como Aprendi Português e Outras Aventuras*, de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: *Globo*, 1992.

ASCHER, Nelson. *Paulo Rónai*. In: TradTerm vol.1. reimpr. São Paulo: USP/ FFLCH/ CITRAT, 1994.

ASCHER, Nelson. *Paulo Rónai – Tradução e Universalidade*. In: *Pomos da Discórdia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

BARBOSA, João Alexandre. *A Crítica em Série*. In: *Estudos de Literatura Brasileira* de José Veríssimo. Biblioteca de Estudos Brasileiros. Vol.11. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

BERMAN, A. *A Tradução e a Letra ou O Albergue do Longínquo*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

BOSI, Alfredo. (org) *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. (Seleção, introdução e notas biobibliográficas) 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

- BRUNN, Adam Von. *Paulo Rónai – Documentos Inéditos do Itamaraty*. In: TradTerm vol.1. reimpr. São Paulo: USP/ FFLCH/ CITRAT, 1994.
- BUSSOLOTI, Maria Aparecida F.M. (org). *João Guimarães Rosa – Correspondência com seu Tradutor Alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. Trad. Erlon José Pascoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- CAMPOS, Geir. *A Alma-Boa de Setsuan (Bertolt Brecht)*. In: *A Tradução da Grande Obra Literária*. Rev. Tradução & Comunicação, n.2. São Paulo: Álamo, 1982.
- CAMPOS, Haroldo. *Tradução, Ideologia e História*. In: Cadernos MAM, s.d., (p.58)
- CANDIDO, Antonio. *Notas de Crítica Literária – Sagarana*. (Originalmente publicado no *Diário de São Paulo*, 11/07/1946). In: *Textos de Intervenção*. DANTAS, Vinicius. Seleção, apresentação e notas. 1.ed. 2 vol. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico)
- CARY, Edmond. *La Traduction Dans Le Monde Moderne*. Genève : Librairie de L'Université de Genève, Georg S.A., 1956.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Introdução*. In: *Maravilhas do Conto Universal*. Diaulas Riedel (org). E. Fecchio (sel). Tar. Afonso Schmidt et alii (23 tradutores, inclusive Paulo Rónai). São Paulo: Cultrix, 1958.
- COELHO, Marcelo. *Montaigne*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- COSTA PINTO, Manuel da. *Albert Camus – Um Elogio do Ensaio*. São Paulo: Ateliê, 1998.
- DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. 1.ed. 2 vol. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico)
- DELISLE, J & WOODSWORTH, J. *Os Tradutores na História*. 1.ed. 2.imp. São Paulo: Ática, 2003.
- ELLMANN, Richard. *James Joyce*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Globo, 1989.
- FEJTÖ, François (Ferenc). *Hongrois et Juifs. Histoire millénaire d'un couple singulier (1000-1997)*. En collaboration avec Gyula Zeke. Paris : Balland, 1997.
- GERGELY, Ágnes. *Tigrisláz. Tíz Óra a Magyar Verfordításról*. (Febre-do-leão. Dez Aulas Sobre Tradução Poética Húngara). Budapest: Európa Könyvkiadó, 2008.
- GOMES, Celuta M. *O Conto Brasileiro e sua Crítica*. Coleção Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1977.
- GOTLIB, N. B. *Teoria do Conto*. Série Princípios, 10.ed. 3.impr. São Paulo: Ed. Ática, 2002.
- GUERINI, Andréia. *Introdução aos Estudos da Tradução*. Univ. Fed. de Santa Catarina – Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Florianópolis, Julho de 2008. (apresentação do curso)

GUIMARÃES ROSA, João. *Pequena Palavra*. In: RÓNAI, Paulo. *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. _____. _____. 4.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

GUIMARÃES ROSA, João. *João Guimarães Rosa – Correspondência com seu Tradutor Italiano Edoardo Bizzarri*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

HECKER FILHO, Paulo. *A Mente de Balzac*. Porto Alegre: *Correio do Povo*, 16/08/1975.

João Guimarães Rosa. Cadernos da Literatura Brasileira. Edição especial comemorativa aos 10 anos. Números 20 e 21. São Paulo: Instituto Moreira Sales, dezembro de 2006.

JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Nova trad. de Henrique Mesquita e Jacob Volfzon Fº. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

JORDÃO MACHADO, Carlos Eduardo. *As Formas e a Vida – Estética e Ética no Jovem Lukács (1910-1918)*. São Paulo: UNESP, 2004.

KENNER, Hugh. *The Pound Era*. California: Univ.California Press, 1997.

KOSZTOLÁNYI Dezső. *Modern költők. Külföldi antologia a költők arcképével*. (Poetas Modernos. Antologia estrangeira, com biografia dos autores) 2.ed.ampl. Budapest: Révai, 1922.

LANGE, Nicholas. *Povo Judeu – Odisséia através dos séculos*. Coleção Grandes Civilizações do Passado. Barcelona: Equinox, 2007.

LÖWY, Michael. *Redenção e Utopia – O judaísmo libertário na Europa Central*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cia. Letras, 1989.

LÖWY, Michael. *A Evolução Política de Lukács: 1909-1929*. Trad. Heloísa H.A.Mello e Agostinho F. Martins. São Paulo: Cortez, 1998.

LUKÁCS, Georg. *Pensamento Vivido – Autobiografia em Diálogo de Georg Lukács – Entrevista a István Eörsi e Erzsébet Vezér*. Trad. Cristina Alberta Franco. São Paulo: Estudo e Edições Ad Hominem; Viçosa, MG: Editora da UFV, 1999.

MAN, John. *A Revolução de Gutenberg – A história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

MORIN, Edgar. *O Mundo Moderno e a Questão Judaica*. Trad. Nícia Adan Bonatti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MOUNIN, Georges. *Os Problemas Teóricos da Tradução*. São Paulo: Cultrix, 1963. p. 215

PEREIRA, Astrojildo. *O Brasileiro Paulo Rónai*. In: *Crítica Impura (Autores e Problemas)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

PERRONE, Charles. *Para Apreciar Paulo Rónai e “Notas para Facilitar a Leitura de Campo Geral de J. Guimarães Rosa”*. In: Matraga 14. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras UERJ. Ano 9, n.14. Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2002

PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. Cotia (SP): Ateliê, 2005.

POE, Edgar Allan. *The Philosophy of Composition*. 4.ed. In: *Complete Poems and Selected Essays*. Everyman Library. London: Dent, 2000.

PORTINHO, Waldívia. & DUTRA, Waltensir. *Paulo Rónai, Tradutor e Mestre de Tradutores*. TradTerm vol.1. reimpr. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1994.

PY, Fernando. *Paulo Rónai*. Rio de Janeiro: *Diário de Petrópolis*, 13/12/1992.

RIZZON, Carlos. *Biblioteca: tempos e espaços de uma leitura*.
<http://www.dobrasdaleitura.com/revisao/bibliotecarizzon.html>

RODRIGUES, André Figueiredo. *Como Elaborar Referências Bibliográficas*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2003.

RODRIGUES, André Figueiredo. *Como Elaborar Citações e Notas de Rodapé*. 2.ed.ampl. São Paulo: Humanitas, 2005.

RODRIGUES, Cristina C. *Traduções e Práticas Político-Culturais*. In: TradTerm n.1 – reimpr. São Paulo: USP/ FFLCH/ CITRAT, 1994.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *Borges: Una Biografía Literaria*. Trad. Homero Alsina Thevenet. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1993.

ROTH, Cecil (org.) *Enciclopédia Judaica*. Biblioteca Coleção de Cultura Judaica. Rio de Janeiro: Tradição, 1967

TELES, Gilberto Mendonça (org). *Introdução*. In: *Tristão de Athayde. Teoria, crítica e história literária*. Sel. e apres. Gilberto Mendonça Teles. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1980.

VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux – formação política e interpretação literária da obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP – Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Editora 34, 2000.

WOLFF, Egon & Frieda. *Participação e Contribuição de Judeus ao Desenvolvimento do Brasil*. Rio de Janeiro: (publicação independente) 1985.

WOLFF, Egon & Frieda. *Depoimentos – Um Perfil da Coletividade Judaica Brasileira – Recordações Gravadas em Setenta Entrevistas*. Rio de Janeiro: (publicação independente) 1988.

WYLER, Lia. *Um Modo de Traduzir Brasileiro?* In: *Cadernos de Tradução* n° 4. Núcleo de Tradução. Florianópolis: Univ. Fed. de Santa Catarina, 1999.
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5535/4993>

WYLER, Lia. *Línguas, Poetas e Bacharéis – Uma Crônica da Tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco Ed, 2003.

WYLER, Lia. & BARBOSA, H.G. *Brazilian Tradition*. (p.326) *Biography – Rónai, Paulo*. (p.332) In: *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Edited by Mona Baker. London, New York: Routledge, 1998.

Endereços eletrônicos

<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/PauloRonai.htm> DITRA – Dicionário de Tradutores Literários no Brasil.

<http://acervos.ims.uol.com.br/php/level.php?lang=pt&component=37&item=42> Página do Instituto Moreira Sales, em homenagem aos 100 anos de nascimento de Paulo Rónai.

<http://opinioenoticia.com.br/interna.php?id=9947> Alexandre Teixeira, coluna *Grandes Brasileiros*.

<http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/cron/cb/2007/070828.php> Texto de Felipe Fortuna.

<http://mek.oszk.hu/01100/01149/html/szaboz.htm> artigo sobre Szabó Zoltán.

<http://mek.oszk.hu/02200/02228/html/06/64.html> artigo sobre o início da carreira de Lukács

<http://agenciartamajior.uol.com.br/> Carta Maior entrevista de István Mészáros

<http://www.radames.manosso.nom.br/retorica/formasnarrativas.htm>

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ol050699.htm> coluna Observatório Literário

<http://epa.oszk.hu/00000/00022/00356/10816.htm> Babits e o ensaio húngaro

<http://epa.oszk.hu/html/vqi/boritolapuj.phtml?id=00022> acesso aos números digitalizados da revista Nyugat

Bases de Dados eletrônicos, na Hungria

A produção literária de Paulo Rónai, e artigos e informações em geral, foram localizados na Hungria graças ao apoio do bibliotecário do MEK Magyar Elektronikus Könyvtár (Biblioteca Eletrônica da Hungria), Dr Drótos László, principalmente nas seguintes bases de dados:

<http://mek.oszk.hu>. MEK Magyar Elektronikus Könyvtár (Biblioteca Eletrônica da Hungria)

http://www.oszk.hu/index_hu.htm - Biblioteca Nacional Széchényi (Országos Széchényi Könyvtár) – essa base de dados agrega todas as bibliotecas eletrônicas nacionais

<http://www.antikvarium.hu/ant/rkeres.php> Esse é um site mais ou menos similar ao nosso Estante Virtual.

www.Google.hu – funciona como as demais ferramentas de busca, mas como os sistemas na Hungria são provavelmente diferentes dos usados no Brasil, muita coisa que se localiza pelo www.Google.hu não se localiza pelo www.Google.br, por exemplo.

Dicionários

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.5, Agosto de 2002, (em CD)

Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976. (v.8, p.3877-79). Antonio Houaiss (org.)

Encyclopaedia Judaica, Israel: Jerusalem, 1971. Verbete: Jewish Education. Vol.6, p.382.

KIRÁLY, Rudolf. *Magyar-Portugál kéziszótár*. (dicionário Húngaro-Português). Reimpr. original de 1981. Budapest: Akadémiai Kiadó, 2004.

LÁZÁR, P.A & VARGA, Gy. *Magyar-Angol Szótár*. (Dicionário Húngaro-Inglês). 7.ed. Budapest: Aquila Kiadó, 2001.

Novo Dicionário Eletrônico AURÉLIO, versão 5.0 (em CD).

<http://www.kislexikon.hu/humanista.html> - dicionário monolíngüe online

<http://magyarangol.dicfor.hu/> - DicFor - Dictionary for you – dicionário plurilíngüe online (21 línguas x húngaro)

Anexo I

Data	Cronologia de vida – Paulo Rónai
Nota: Os eventos que porventura se referem a períodos mais longos estão na ordem cronológica sequencial, sempre considerada a data inicial.	
13/4/1907	Rónai Pál nasce em Budapeste, Hungria; primeiro dos 5 filhos de Rónai Miska, livreiro, e de Gizella Lövi. A livraria da família também fornece para muitas escolas na redondeza.
ago/1914 a nov/1918	1ª Guerra Mundial.
1917 a 1925	Freqüenta o ginásio público Berzsényi Dániel. No Certificado de Conclusão do Ginásio, além das matérias normais como Física, Matemática, História, Língua e Literatura Húngara, também constam: Língua e Literatura Latina, Grega e Alemã. O certificado é emitido em duas vias: uma em latim e outra em húngaro. Também consta do certificado, além do nome, local e data de nascimento, a informação da religião do estudante: israelita.
15/4/1919	1ª publicação: poema <i>Elégia</i> , de sua autoria, no folhetim da escola chamado <i>Diák</i> de cuja direção participa.
4/6/1920	Com a assinatura do Tratado de Trianon, a Hungria perde 2/3 de seu território e cerca de 50% de sua população.
1925-1929	Freqüenta a universidade Pázmány Péter (atualmente Universidade Eötvös Lóránt), que vai intercalando com períodos na Sorbonne em Paris. Obtém diploma de doutor em filologia e línguas neolatinas: gramática e literatura francesa, latina, e italiana.
31/7/1926	Certificado para ensino de Francês, emitido pela Alliance Française (Inst. de Utilidade Pública), de Paris. Apto para o ensino geral da língua francesa.
17/7/1929	Recebe bolsa de estudos do Governo Francês, no valor de 6.000 frs, para uma estadia de 8 meses na França, entre 01/11/1929 até 30/06/1930.
20/11/1929 a 25/01/1930	Com bolsa do governo francês, freqüenta curso de especialização para as séries equivalentes ao Ginásio (6 ^{ème} , 5 ^{ème} , 4 ^{ème} , 3 ^{ème}) no Lycée Buffon, em Paris.
17/7/1930	Recebe bolsa de estudos do Governo Francês, no valor de 6.000 frs, para uma estadia de 8 meses na França, entre 01/11/1930 até 30/06/1931.
30/06/1931	Certificado do Bureau Franco-Hongrois de Renseignements Universitaires, de Paris, atestando sua atuação como assistente no Bureau, onde, inclusive organizou uma biblioteca composta de 3000 livros.
18/10/1931	Certificado da Université de Paris, Faculté des Lettres: Philologie (Italien), le 25 juin 1930; Etudes Pratiques (Italien), le 25 juin 1931.
17/11/1931	Palestra sobre Balzac, em Budapeste, no Lipótvárosi Polgári Kaszinó.
31/5/1932	Diplomado pela Real Comissão do Estado Húngaro de Exames de Professor Secundário, como professor de escola secundária, nas cadeiras de língua e literatura francesa, latina e italiana.
1932 a 1940	<i>Nouvelle Revue de Hongrie</i> - certificado atesta que Rónai colaborou como tradutor da revista, do húngaro para o francês. A qualidade de suas traduções garantia a qualidade literária da revista. Segundo depoimento de Rónai, de 1983, ele selecionava e recomendava o que seria traduzido e publicado. O nome do tradutor nem sempre aparecia nas publicações da <i>Revue</i> .

out/1933 a mai/1938	Durante 5 anos letivos, é professor de italiano no Instituto Italiano di Cultura per L'Ungheria, de Budapeste, dirigido pelo Dr. Calabró Paolo, com quem publica livro de práticas de italiano.
2/10/1933	Certificado do Instituto de Direito Tributário da Hungria, atestando seu trabalho de tradutor de húngaro para francês, junto à publicação Acta Juris Hungarici / Revue trimestrielle de Droit Hongrois.
01/01/1934 a 31/12/1938	Budapesti Kurir (Courrier de Budapest/The Budapest Daily) - trabalha como tradutor e redator, de francês, da <i>Revue de Presse</i> , edição diária, cuja missão é informar a representação diplomática estrangeira e os correspondentes da imprensa estrangeira credenciada em Budapeste, sobre o conteúdo dos principais jornais diários locais.
01/09/1934 a 30/06/1940	Professor de língua e literatura latina e italiana, no Ginásio Israelita para Moças, de Budapeste. Em carta de 20/12/1940, o Diretor do Lycée lamenta a partida de Rónai, e atesta suas qualidades morais e profissionais como professor e como literato.
set/1934 a dez/1940	Professor de latim, italiano e francês no Ginásio da Comunidade Judaica de Budapeste.
13/06/1935	Atestado da Società Nazionale Dante Alighieri, que o Prof.dott. Paolo Rónai faz parte do corpo docente do curso de língua e literatura italiana da legação da Itália em Budapeste.
1937	Primeiro brasileiro que conhece na vida, o escritor Dominique Braga lhe oferece de presente <i>Dom Casmurro</i> , de Machado de Assis, em tradução francesa. Segundo Rónai é esse livro que lhe desperta o interesse pela língua portuguesa e pelas letras brasileiras.
30/04/1938	Carta do Embaixador Brasileiro na Hungria, Octávio Fialho, elogiando o trabalho de Paulo Rónai com a literatura brasileira, os artigos que escreve e conferência sobre o tema.
9/1/1939	Certificado de Bons Antecedentes - <i>Certificate of Good Conduct</i> , emitido pela Polícia Real da Hungria, e traduzido para inglês. No final do documento está escrito: "The certificate was issued to applicant in connection with his journey to Australia." (O certificado foi emitido para o solicitante, visando sua viagem para a Austrália.) Aparentemente Rónai nunca usou o certificado. Não se tem registro de nenhuma viagem sua para a Austrália.
16/1/1939	Atestado médico emitido pelo Medical Officer to the British Passport Control Office, de Budapeste, com o mesmo fim do certificado acima.
28/03/1939	Certidão de Nacionalidade Húngara, emitida pelo Ministério dos Negócios Interiores.
13/4/1939	Conferência em Budapeste, no <i>Vajda János Társaság</i> , sobre a Poesia Brasileira Modernista - <i>A Modern Brazil Költészet</i> .
1/9/1939	No mesmo dia em que é deflagrada a II Guerra Mundial, em Budapeste sai a primeira antologia de poetas brasileiros de Rónai - <i>Brazília üzen: mai brazil költők</i> . (Mensagem do Brasil: os poetas brasileiros da atualidade)
20/11/1939	Carta de Getúlio Vargas, Presidente da República do Brasil, acusando o recebimento do livro <i>Brazilian Üzen</i> , (Mensagem do Brasil) de Paulo Rónai, que lhe foi entregue por intermédio do Ministro Octavio Fialho (na época, os embaixadores eram chamados de Ministro) e elogia "a iniciativa espontânea do autor [...] uma figura de alto relevo na literatura contemporânea da Hungria".
de julho a início de dezembro de 1940	(Seu diário deixa de receber anotações). É recolhido a um campo de trabalhos forçados, em Budapeste.

24/10/1940	Data oficial do visto de Rónai para o Rio de Janeiro, que havia sido solicitado em 12/02/1940, e recebido no Brasil em 01/04/1940. O pedido é feito com base na Circular nº 1.352, que autorizava, em determinados casos, a imigração de personalidades israelitas, de elevado nível cultural.
09/12/1940	Carta de Octávio Fialho, Embaixador do Brasil na Hungria, informando que em 15/08/1940 a Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, havia solicitado à sua Legação que o convidasse oficialmente para visitar o Rio de Janeiro, onde lhe seriam outorgadas todas as facilidades necessárias para os estudos que se propunha a empreender. Com esta carta Rónai vai conseguir um visto para Portugal onde ficará por dois meses aguardando o navio que o levaria ao Brasil.
dez/1940	No final do ano recebe uma licença para visitar a família. Com a carta de Octávio Fialho nas mãos, em poucos dias prepara a viagem para o Brasil. Fica noivo, com a intenção de mandar buscar a noiva mais tarde.
28/12/1940	Deixa a Hungria rumo ao Brasil. A viagem de trem até Portugal dura 10 dias, pois o visto alemão que consegue comprar o força a incluir em seu roteiro de viagem um trecho mais longo: Viena, Suíça, França até chegar em Lisboa, onde vai ficar dois meses. Consegue uma passagem na 4ª classe nos porões de um navio espanhol. Ao deixar a Hungria, o governo húngaro carimba seu passaporte: "Visszatérésre nem érvényes" (não é válido para retorno).
	Brasil
3/3/1941	Chega ao Brasil com duas malas. Recebe uma bolsa de estudos do governo brasileiro que lhe permite sobreviver até começar a conseguir trabalho como professor, dois meses depois. Começa a buscar contato com os autores que fazem parte de sua antologia brasileira <i>Brazilia Űzen</i> , e as pessoas com quem já se correspondia.
14/03/1941	Recebe telegrama de boas vindas ao Brasil, da Academia Carioca de Letras.
28/03/1941	Em carta de agradecimento a Octávio Fialho, informa que graças à intervenção de Ribeiro Couto junto ao Ministério das Relações Exteriores, recebeu a soma de 7 contos "para reunir os materiais necessários para compor um livro sobre o Brasil".
19/4/1941	Clube da Colônia Húngara no Rio de Janeiro - Baile em homenagem ao aniversário de Getúlio Vargas: Rónai declama poesia brasileira de sua antologia em húngaro.
6/5/1941	Obtém registro de professor de Francês e Latim para curso ginasial - nº 15106. No registro, com foto, seu nome já aparece como Paulo Rónai.
9/05/1941	PEN Clube da Hungria certifica que Paulo Rónai é seu sócio, e desta forma, solicita que todos os PEN Clubes do mundo o acolham segundo as regras do clube.
01/07/1941 a 15/03/1944	Ginásio Metropolitano - professor de francês e de latim do Ginásio e do Colegial. No primeiro registro da carteira de trabalho, consta a remuneração de Rs 300\$000 (trezentos mil réis) mensais em julho/1941 e Rs 514\$000 (quinhentos e quatorze mil réis) em abril/1942.
01/07/1941 a 10/05/1949	Professor de latim no Colégio Franco-Brasileiro; as aulas de latim são ministradas em francês. Vários certificados, inclusive carta do diretor francês do Lycée Franco-Brésilien de Rio de Janeiro (nome francês do Colégio), certificando a qualidade pedagógica de Rónai. Em 1949 vai sair do Lycée para assumir o cargo de Professor Municipal do Rio de Janeiro. Sua saída vai ser lamentada pelo signatário do certificado. Em 13/04/1945 vai passar a receber Cr\$ 1.200,00 por mês.
22/7/1941	Discursa na Academia Brasileira de Letras: <i>Tendências e figuras da literatura húngara</i> . (em português).

5/9/1941	Certificado de Registro de Professor - permanente -, emitido pelo Departamento de Educação Técnico Profissional, da Secretaria Geral da Educação e Cultura, da Prefeitura do Distrito Federal, nº 608, para lecionar: Latim, Francês e Italiano. Em 11/12/1942 vai tirar um Certificado de Registro Provisório de Professores junto ao Departamento Nacional de Educação e em 31/05/1950 vai receber o certificado definitivo.
13/11/1941	Primeira Carteira de Trabalho em território brasileiro, expedida em nome de Rónai Pál. (anotado que Rónai tinha 1,64 m de altura).
30/3/1942	Em uma tentativa de tornar possível a saída da noiva Magdolna Péter, da Hungria, casa-se com ela por procuração.
11/12/1942	Obtém registro provisório de professor de Francês, Latim e Grego, 2º ciclo secundário, emitido pelo Ministério de Educação e Saúde, Departamento Nacional de Educação.
16/03/1943 a 15/03/1944	Colégio Paiva e Souza - ensina de 3ªs, 5ªs e sábados. (13/03/1943) Contrato de um ano para lecionar latim em 2 turmas da 3ª série do Ginásio e uma da 4ª série, cada turma com 4 aulas/semanais, respectivamente. O registro na carteira, de 16/03/1943 especifica uma remuneração de Cr\$ 502,20 (quinhentos e dois cruzeiros e vinte centavos).
19/3/1944	O exército alemão invade a Hungria.
01/04/1944 a 30/11/1944	Instituto Nacional do Livro - segundo declaração do Diretor do Instituto, colabora com a elaboração do Dicionário Etimológico de Termos Científicos da Língua Portuguesa.
1944	Lançamento de <i>Mémoires d'un Sergent de la Milice</i> . Manuel Antônio de Almeida, traduit du portugais par Paul Rónai. Rio de Janeiro, Atlântica Editora.
12/1/1945	Segundo um certificado expedido na Hungria, Magdalena Péter, a esposa de Rónai que tinha ficado na Hungria, faleceu nesta data, aos 23 anos de idade. Segundo parecer emitido posteriormente, no dia 1º/01/1945 ela havia sido seqüestrada do Consulado Português, em Budapeste, pela GESTAPO, e assassinada no dia 12.
4/7/1945	Dispensado do prazo legal devido aos bons serviços prestados à nação, naturaliza-se brasileiro, com o nome Paulo Rónai. Certificado assinado por Getúlio Vargas.
27/7/1945	Faculdade Nacional de Filosofia: curso de "Iniciação à leitura e ao estudo de Honoré de Balzac" ministrado entre maio e agosto de 1945. 12 conferências semanais.
02/09/1945	Termina a 2ª Guerra Mundial.
17/9/1945	Departamento Cultural da Municipalidade de São Paulo – ciclo de quatro palestras como parte do curso sobre Balzac, da "Semana de Balzac", promovido pela Prefeitura de São Paulo: 1) A Comédia Humana: organização e gênese. Alguns enigmas balzaquianos. 2) “Pai Goriot” dentro da literatura universal. Como se deve matar um mandarim ou do crime sem remorso ao remorso sem crime. 3) Balzac contista – definição especial do conto balzaquiano. 4) A teoria e o estilo de Balzac.
18/10/1945	Certificado de alistamento militar.
1946	Com excessão da esposa morta pelos nazistas húngaros, a família de Rónai vem viver no Brasil: mãe, duas irmãs e seus respectivos maridos.
01/07/1946 a 31/05/1951	Livraria do Globo, RJ, (inicialmente Barcellos Bertaso e Cia.) - registrado em carteira como Chefe do Escritório, com remuneração mensal de Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros).

31/12/1948	Conferência no Museu Imperial de Petrópolis, RJ: "Tuer le Mandarin - Histoire d'un mot et d'une idea", sob os auspícios da Associação de Cultura Franco Brasileira.
1948	Prêmio Sílvia Romero, da Academia Brasileira de Letras, pela publicação do livro "Balzac e a Comédia Humana".
1949	O irmão mais novo de Paulo Rónai se suicida em Nova York.
31/05/1950	Certificado de registro definitivo de professor no Segundo Ciclo, em qualquer parte do território nacional, habilitado a lecionar: francês e latim. Emitido pelo Ministério de Educação e Saúde, Diretoria de Ensino Secundário.
6/9/1950	Conferência no Rotary Club de Petrópolis, RJ: "O Brasil na Obra de Balzac"
2/2/1951	Premiado pelo Governo Francês com as "Palmas Acadêmicas", como prova de gratidão pelos serviços que havia prestado como professor durante 9 anos, no Liceu Franco-Brasileiro e pela edição brasileira de <i>A Comédia Humana</i> , de Balzac.
15/5/1951	Conferência no Museu de Arte Moderna de São Paulo - "Balzac e seus comentadores", durante exposição sobre a vida e a obra de Balzac.
21, 25 e 27/07/1951	Ciclo de conferências em Recife, a convite da Prefeitura Municipal, através da Diretoria de Documentação e Cultura: 21/07/1951 - "O Brasil na vida e na obra de Balzac" [recepção por Jorge de Lima]; 25/07/1951 - "Balzac e seus comentadores" [recepção por Olívio Montenegro]; 27/07/1951 - "Uma experiência nova no ensino secundário brasileiro" [recepção pelo Prof. Eládio Ramos].
10/9/1951	Apresenta curso sobre Balzac e outros autores da Bibliografia Estrangeira, na Biblioteca Nacional, segundo a Portaria nº 17 do Diretor Geral da Biblioteca Nacional
21/11/1951	Colégio Pedro II publica edital para concurso de professor titular de francês. Quando, em 28/05/1952, as inscrições se encerrarem haverá seis candidatos admitidos, sendo Rónai um deles. O concurso vai ser prorrogado diversas vezes, até acontecer em 1957. (ver 06/12/1957)
30/11/1951	Certificado da Embaixada Francesa no Brasil, assinado pelo adido cultural, atestando que Paulo Rónai examinou, durante vários anos, as provas finais do " <i>Baccalauréat Français de l'Enseignement Secondaire</i> ".
24/12/1951	Rónai anota em seu diário que tem planos para se candidatar ao concurso de professor titular de francês do Colégio Pedro II.
9/2/1952	Casa-se com Nora Tausz, original de Fiume (Itália) que também havia chegado ao Brasil em 1941. Por ter estudado 4 anos na Hungria quando ainda adolescente, Nora Tausz Rónai é fluente na língua Hu. Aurélio Buarque de Holanda é uma das testemunhas da cerimônia.
5/3/1952	Carta de Herbert Caro a Rónai em tom amistoso, demonstra que já se conheciam e se visitavam fazia algum tempo.
10/3/1952 a 15/01/1953	Colégio Andrews - registro em carteira de trabalho como professor, a Cr\$ 65,00/aula.
19/3/1952	Publicado no Diário Oficial da União, o resultado da seleção de professores para o ensino de latim do Colégio Pedro II - Paulo Rónai é o primeiro colocado entre mais de 100 candidatos.
22/3/1952	Portaria nº 57 do Ministério da Educação e Saúde designa Paulo Rónai para ministrar aulas de latim no Colégio Pedro II, com vencimentos de Cr\$ 80,00 por aula dada, em virtude de haver sido habilitado no exame de Seleção e Títulos para professores de Latim.
25/3/1952	Recebe carta de boas vindas ao corpo docente do Colégio Pedro II, assinado pelo professor catedrático de latim, pois passará a ensinar nas recém criadas seções do externato.

31/7/1953	Nasce a primeira filha: Cora Rónai.
9 a 15/08/1954	Congresso Internacional de Escritores, em São Paulo. Convidado a debater sobre o tema "A literatura moderna em face do homem".
11/4/1955	Portaria 188 do Depto. Administração do Serviço Público designa Paulo Rónai para professor de Curso Extraordinário de Francês.
5/5/1955	Portaria 262 do Depto. Administração do Serviço Público designa Paulo Rónai para integrar a Banca Examinadora do concurso de Agente de Polícia do Ministério de Justiça e Negócios Interiores.
23/8/1955	Nasce a segunda filha: Laura Rónai.
4/11/1955	Cia. Nacional de Alcalis: planeja e corrige as provas de francês para o concurso de Auxiliar de Administração.
1957	Falece a irmã caçula, Kati.
06/12/1957	Divulgados os horários das provas para as cátedras de francês e inglês do Colégio Pedro II: 12/12/1957 – prova de defesa de tese de Paulo Rónai. 19/12/1957 – prova escrita. 21/12/1957 – prova didática.
21/12/1957	No concurso do Colégio Pedro II, Paulo Rónai obtém 178 pontos, o 2º colocado 171, o 3º colocado 161 e o 4º totaliza 160 pontos do máximo de 200 pontos possíveis. A banca examinadora havia sido composta por 5 membros.
11/7/1958	Nomeado catedrático de francês do Colégio Pedro II - segundo publicado no Diário Oficial da União e em carta assinada pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek - cumulativamente com o cargo de Professor do Ensino Secundário, das cadeiras de latim e francês, da Prefeitura do Distrito Federal.
31/10/1958	Cerimônia de posse como catedrático de francês do Colégio Pedro II. Discurso de posse: <i>Reflexões de um Professor Secundário</i> .
18/11/1958	Em carta a amigos, comenta que uma das suas tarefas como catedrático do Colégio Pedro II inclui a orientação do trabalho dos 50 professores de francês do colégio. Mesmo assim, tem as tardes à sua disposição para atuar em suas outras atividades. Em outra carta, para a Hungria (vide item seguinte), comenta que devido ao fato do Colégio em que é catedrático ser referência de ensino, tanto sua posição tem reputação equivalente ao nível superior como os salários também são equivalentes aos dos professores universitários.
18/11/1958	Em carta a um antigo amigo na Hungria, Rónai comenta que depois de 17 anos no Brasil, era raro escrever em húngaro, à exceção de uma que outra carta pessoal. E que se sentia cada vez mais adaptado ao Brasil. Em outra carta, para um editor da Hungria, em 27/12/1958, faz observação semelhante: apesar de ler muito em húngaro, há anos não escreve na língua materna, e começa a duvidar se ainda o poderia fazer. [Considerando que esta segunda carta é dirigida ao editor de um jornal literário, fica claro que Rónai está falando de escrita literária.]
23/10/1959	Membro de júri do Prêmio Artur Azevedo - Contos, do Instituto Nacional do Livro.
1959	Membro de júri do Concurso de Contos e Crônicas, Machado de Assis - Prêmio de Literatura de 1959 - Prefeitura do Distrito Federal.
07/08/1960 a 14/08/1960	I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária - convidado pelo Reitor da Universidade do Recife, "tal o mérito de sua contribuição aos estudos literários em nosso país".
08/03/1961	<i>Rónai, brasileiro</i> . Artigo publicado por Carlos Drummond de Andrade sobre a celebração do 20º aniversário da chegada de Rónai ao Brasil. O poeta duvida da veracidade da notícia "pois muitos amigos não participarão da homenagem (um jantar) pois a churrascaria, mesmo vasta, não os caberia todos: amigos de Rónai não são apenas os seus confrades de letras, mas também os seus

	alunos e os seus leitores, espalhados por aí. Segundo: dizem que Rónai chegou ao Brasil em 1941, mas ele entende que "ele chegou pelo menos dois ou três anos antes, quando, em Budapeste, descobrindo por acaso o endereço de uma livraria húngara em São Paulo, que lhe deu na veneta encomendar uma antologia de poetas paulistas; com o auxílio de um dicionário deficiente, sem jamais ter tido uma aula de português, mas impelido por um prodigioso senso lingüístico, começou a ler e traduzir os versos ali encontrados."
15/09/1961	„Egy pesti tanár tapasztalatai riói középiskolákban”. (A experiência, de um professor vindo de Budapeste, com o ensino secundário no Rio). Palestra no Clube Húngaro do Rio de Janeiro.
1960-1962	Secretário da Revista Comentário.
1963-1964	Rádio Roquete Pinto – rádio oficial do Estado da Guanabara – chefe do departamento cultural.
1963-1965	Secretário do Instituto Cultural Brasil Israel.
21/04/1964	Depois do exílio, primeira viagem à Europa. Conferência na Faculdade de Letras da Universidade de Neuchâtel, Suíça, sobre a obra de João Guimarães Rosa.
22/04/1964	A convite do Depto. de Francês da Faculdade de Letras da Universidade de Neuchâtel, Suíça, conferência sobre a obra de Balzac: “Variações sobre um tema balzaquiano: a morte do mandarim”
29/04/1964	Conferência na Faculdade de Filosofia da Universidade Eötvös Lóránt, Budapeste: “A vida do Brasil no espelho da língua”.
30/04/1964	Conferência na Faculdade de Filosofia da Universidade Eötvös Lóránt, Budapeste: “Introdução à Literatura Brasileira”
07/05/1964	Palestra no Sindicato dos Pedagogos, em Budapeste, sobre “O ensino secundário no Brasil”.
08/05/1964	Conferência na Associação dos Escritores Húngaros, em Budapeste: “A literatura brasileira de ontem e de hoje”.
11/05/1964	É entrevistado pela TV Húngara, de Budapeste, sobre a difusão das letras húngaras no Brasil.
13/05/1964	Em cerimônia solene, entrega uma volumosa doação de livros brasileiros para a Biblioteca da Academia Húngara de Ciências e Letras, em Budapeste. É entrevistado pela Rádio Budapeste.
28/05/1964	Palestra no Instituto de Estudos Luso-brasileiros, na Sorbonne – Paris, sobre “A morte do mandarim; variações sobre um tema balzaquiano”.
29/05/1964	Aula no Instituto de Estudos da América Latina, Universidade de Paris: “A poesia de Carlos Drummond de Andrade”.
02/6/1964	Universidade de Paris - Instituto de Estudos da América Latina - mesa redonda sobre a situação do ensino de francês no Brasil e palestra sobre "A Poesia de Carlos Drummond".
12/06/1964	Duas conferências no Instituto Luso-Brasileiro de Toulouse: “A vida do Brasil no espelho da língua”, e “A morte do mandarim: variações sobre um tema balzaquiano”.
1964-1965	Presidente da Associação dos Professores de Francês do Rio de Janeiro.
31/12/1965	Participa do I Seminário de Editores - sessão Rio de Janeiro e sessão São Paulo.
26/05/1966	Carta de recomendação de Guimarães Rosa para o Dept. Foreign Languages da University of Florida, Gainesville, EUA.
28/05/1966	Carta de recomendação de Aurélio Buarque de Holanda para o Dept. Foreign Languages, University of Florida, Gainesville, EUA.

7/6/1966	Recebe o título de "Cidadão do Estado da Guanabara" da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara.
28/07/1966	Por carta, é convidado oficialmente a ministrar cursos de Literatura Brasileira e Literatura Francesa na Universidade de Flórida, Gainesville, USA.
8/8/1966	Convidado para a banca de livre-docência da cadeira de Língua e Literatura Francesa do Prof. Dr. Vítor de Almeida Ramos. Universidade de São Paulo.
27/12/1966	"A Obra de João Guimarães Rosa" - conferência no Centro Brasileiro de Estudos Internacionais, RJ.
jan-jun/1967	Visiting Associate Professor na Universidade de Flórida, em Gainesville, EUA. De jan/67 a 15/04/1967 ministra um curso sobre a literatura francesa dos dois últimos séculos, e um curso sobre Balzac. De maio a junho/67 ministra um curso intensivo de literatura brasileira, de cinco horas semanais, com base em Manuel Antonio de Almeida, Lima Barreto, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e Guimarães Rosa. Também apresenta palestras sobre: "O teatro de Martins Pena", "A poesia de Carlos Drummond de Andrade", "A crônica-um gênero brasileiro", "A poesia de Cecília Meireles".
17/11/1967	Convidado pelo governo do Acre para as celebrações do 30º aniversário de fundação da Academia Acreana de Letras. Rónai anota à mão, sobre o ofício "Não pude ir".
29/11/1968	<i>Chevalier de L'Ordre National Du Mérite</i> – é condecorado com a Ordem Nacional do Mérito, da República Francesa.
11/11/1969	"Um Elevador para a Torre de Babel". Palestra na Associação Ibero-Americana de Taquigrafia. Membro da Comissão de Assuntos Lingüísticos da Associação.
11/12/1969	Paraninfo dos formandos da Escola de Tradutores e Intérpretes de Minas Gerais.
17/08/1970 a 22/08/1970	Convidado oficial para a I Bienal do Livro e de Literatura, Parque Ibirapuera, em São Paulo, juntamente com nomes como Afrânio Coutinho, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Lêdo Ivo, Otto Maria Carpeaux, Paulo Francis, Rubem Braga, etc.
27/01 a 21/02/1972	Viaja ao Japão acompanhando a filha que havia vencido um concurso de ciências e dá uma palestra na Embaixada Brasileira.
2/5/1972	Convidado oficial do Governo do Estado de São Paulo para as celebrações do Cinquentenário da Semana de Arte Moderna.
25/10/1972	"O teatro de Nelson Rodrigues" - O jornal O Globo publica o resumo da última conferência apresentada por Rónai no ciclo sobre o teatro no Brasil.
7 a 11/11/1972	Convidado para o VII Encontro Nacional de Escritores, Brasília, DF, conjuntamente com o Simpósio de Literatura Brasileira.
18 a 21/12/1972	Conferência sobre Guimarães Rosa no V Seminário Nacional de Literatura - promovido pela Sec. Est. Negócios da Educação e Cultura do Estado do Paraná. (texto da conferência publicado na íntegra no Correio do Povo, de Porto Alegre, "O conto em Guimarães Rosa", em 17/3/1973)
11/1/1973	"Literatura". Conferência no Rotary Clube do Rio de Janeiro, seção Rio Comprido (Ilha do Governador).
23/4/1973	Em carta a Herbert Caro, conta que havia cinco anos que seus honorários no Correio do Povo (de Porto Alegre) estavam meio congelados em Cr\$ 50,00. Comenta diversos detalhes sobre a questão financeira e no final menciona que deve fazer cerca de 25 anos que colabora com o jornal Correio do Povo.
23/9/1973	"Problemas Teóricos da Tradução". Conferência no Depto. Letras Modernas da FFLCH na USP.
27/9/1973	"Les problèmes de traduction". Palestra na Aliança Francesa de São Paulo - Casa da Cultura Francesa.

22 a 27/10/1973	Convidado para o VIII Encontro Nacional de Escritores, Brasília, DF, conjuntamente com o Simpósio de Literatura Brasileira.
nov/1973	Volta à Europa pela 2ª vez.
fev/1974	Examinador de húngaro e latim, em concurso para tradutor público juramentado.
30/04/1974	Diploma de Sócio Correspondente da Academia Pernambucana de Letras.
21/05/1974	Criação da ABRATES – Associação Brasileira de Tradutores. Rónai é um dos sócios fundadores e secretário.
23/24 e 25/04/1975	I Encontro Nacional de Tradutores – promovido pela ABRATES; Rónai participa ativamente.
5/7/1974	Concurso de Tradução Francesa do PEN Clube do Brasil - participa da comissão julgadora.
5/5/1975	“Tentativas de Uma Língua Universal”. Conferência para os alunos do Instituto Rio Branco, Brasília, DF.
05/07/1975 a 02/08/1975	II ^{eme} Congress des Professeurs Bresiliens Universitaires de Français - Encontro de professores universitários de francês, em Brasília. Participa do Grupo 4, que discute os problemas da formação de tradutores e intérpretes.
09/05/1975	“Arte da Tradução: um tema em curso”. Anúncio do curso de tradução na Aliança Francesa de Botafogo, RJ, a ser ministrado por Rónai: dia 12 – Definições de Tradução; dia 14 – Armadilhas da Tradução; dia 16 – Limites da Tradução; dia 19 – Usos e Abusos da Tradução; dia 21 – Benefícios da Tradução.
18 a 22/08/1975	Ciclo de sete conferências em São Paulo, promovidas pelo CETRA, da Faculdade Ibero Americana e pela Alliance Française.
13/10/1975	Convidado para a banca de livre-docência de Leyla Perrone Moysés em Língua e Literatura Francesa. Antonio Candido também é membro da banca. Universidade de São Paulo - Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas.
5/11/1975	“Tradução e Edição”. Conferência pronunciada em Porto Alegre, promovida pelo Inst. Est. do Livro - DAC/SEC, Câmara Rio-Grandense do Livro e a Prefeitura Municipal.
24/11/1975	Convidado para a banca de livre docência da cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada do Prof. Dr. Modesto Carone Netto. Universidade de São Paulo - Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas.
16/3/1976	Convidado para a banca de livre docência da Profa. Yara Pinto Demétrio de Souza em Língua Francesa. Universidade Federal Fluminense.
13/9/1976	“Balzac e Nós”. Conferência em comemoração à re-edição atualizada de <i>A Comédia Humana</i> , pela Ed. Artenova, na Alliance Française, RJ.
8/10/1976	Convidado a participar da banca do concurso de Professor Adjunto de Língua e Literatura Russa, da Universidade de São Paulo, do Professor Bóris Schnaiderman - duração de 5 dias.
21/10/1976	Concurso de Tradução Francesa do PEN Clube do Brasil - participa da comissão julgadora.
25/11/1976	Convidado para a banca do Concurso de Livre Docência em Letras Italianas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
3/3/1977	Patrono da 2ª turma de formandos do curso de Tradutor e Intérprete da Fac. Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas - Unibero, SP. Discurso de Posse: “Ser ou Não ser Tradutor”.
15/11/1977	Em viagem à Europa, palestra “O Fenômeno Guimarães Rosa na Novelistica Brasileira Contemporânea”, em Vigo, na Espanha, dentro do programa cultural da Caja de Ahorros Municipal de Vigo.

21 a 23/11/1977	Conferências em Lisboa: “A função do tradutor, e Problemas Teóricos da Tradução”, a convite do Instituto de Filologia Românica da Faculdade de Letras. Antes de Lisboa passa uma temporada em Madrid, visitando Valentin Garcia Yebra.
19/1/1978	Certificado emitido pelo Diretor Geral do Colégio Pedro II, aposentando compulsoriamente o Prof. Paulo Rónai no cargo de Professor de Ensino de 1º e 2º graus.
12/4/1978	Participa da comissão julgadora do Concurso de Contos promovido pela UERJ.
17 a 20/04/1978	Participa do XII Encontro Nacional de Escritores e o X Simpósio de Literatura – cujo tema é “O Escritor e a Criação Literária”, integrando ainda o XII Concurso Literário, em Brasília, DF.
29/5/1978	Universidade Federal Fluminense - banca examinadora do Concurso Público para Professor Assistente na área de Literatura Alemã.
18/04/1979	„Egy Fordító Visszaemlékezéséből” (Das reminiscências de um tradutor). Palestra na Universidade Livre Kőnyves Kálmán, em São Paulo, SP, da comunidade húngara.
16/5/1979	UFMG - Faculdade de Letras. Ministra curso de tradução, com duração de 10 dias.
1979	Viaja para a Europa pela 4ª vez.
19 a 21/08/1980	Celebração do 70º aniversário de Aurélio Buarque de Holanda. Convidado pelo governo de Alagoas para participar e discursar.
16 e 17/9/1980	Duas conferências: 1) “Problemas e Responsabilidades da Tradução”. 2) “Experiências da Vida de um Tradutor”. Evento cultural promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Petrópolis.
6/10/1980	Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, Nova Friburgo, RJ: membro do júri do Concurso de Contos.
27/10/1980	Convidado para a banca do concurso de Professor Titular de Língua e Literatura Francesa de Maria do Carmo Pandolfo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.
27/04/1981	É homenageado na ABRATES pelo prêmio Nathhorst.
13/5/1981	Federação Internacional de Tradutores lhe concede o Prêmio Nathhorst, de 1981, conferido a cada três anos, pelo conjunto da obra na área de tradução. A notícia teve grande repercussão na mídia. Rónai recebe congratulações de todas as partes, inclusive do Presidente da República. A indicação de Rónai partiu tanto do Brasil - movimento liderado pela ABRATES - como da França e da Hungria.
1 a 5/06/1981	“Decálogo do Tradutor” – Discurso de encerramento do Seminário da ABRATES.
16/10/1981	Prêmio “Personalidade Cultural de 1981”, outorgado pela União Brasileira de Escritores, pelo conjunto da obra.
13/11/1981	“Casca de banana no caminho do tradutor”. Conferência para professores e alunos da UNESP - Campus Araraquara, a convite do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação.
10/11/1981	1ª Semana do Tradutor, promovido pelo Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas da UNESP campus São José do Rio Preto, SP. Carta da direção agradecendo sua colaboração com a realização do evento.
25 a 27/11/1981	“O Decálogo do Tradutor” - mensagem de abertura do I Encontro de Tradutores e Intérpretes sobre a Classe Profissional em São Paulo - promovido pela Alumni / SP e a ABRATES.

13/11/1982	Vigo, Espanha. "O que é traduzir" - conferência promovida pela Caja de Ahorros Municipal. No convite destaca-se que Rónai - catedrático da Fac. Humanidades Pedro II – havia recebido o prêmio Nathhorst da Federação Internacional de Tradutores no ano anterior.
5/1/1983	Em viagem a Budapeste, é entrevistado por Kabdebó Lóránt, diretor do Museu de Literatura Petöfi Sándor, de Budapeste, para os registros do museu. Menciona que havia sido amigo de Radnóti, que havia frequentado a casa do Kosztolányi, que havia visitado Babits umas duas vezes, que também havia sido amigo de Gelléri Andor Endre; Török Sándor era um grande amigo até a data; Bálint Gyuri era amigo desde a época do ginásio; também menciona dois professores de sua época de ginásio: Komlós Aladár e Turóczi-Trostler József.
20/07/1983	Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. O fato é noticiado até na Hungria. A apresentação do laureado na Academia é feita por Aurélio Buarque de Holanda.
24/10/1984	Recebe o prêmio Jabuti Letras, categoria Tradução 1984, pela tradução da obra <i>A galenidade de Guimarães Rosa</i> , de Valentin Paz Andrade, um senador da Galícia.
14/11/1984	Convidado para a banca de pós graduação de Irene Monique Cubric: tradução de "Zazie dans le métro", de Raymond Queneau. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.
19/11/1984	Escreve para o amigo Herbert Caro e conta o que leu desde o início do mês: 9 livros até a data, incluindo <i>Dois Húngaros</i> , de Tolstói, por conta de seus estudos de russo e o livro do Gênese, por conta de seus estudos de hebraico. Diariamente lê o Time e o Jornal do Brasil, além de revistas húngaras que lhe chegam com regularidade.
12/7/1985	Univ. Fed. de Alagoas - Conferencista no Ciclo de Conferências sobre a Problemática da Tradução - Casa de Cultura Britânica
31/1/1986	Em carta a Herbert Caro, conta que depois de ter passado a vida inteira sem "essa invenção mirabolante", agora passa a dedicar uma parcela de seu tempo a um aparelho de TV. Também conta que compraram um carro, "que naturalmente é dirigido por Nora".
5/5/1986	Univ. Fed. Rio Grande do Sul - palestra "A edição brasileira de 'A Comédia Humana'", dentro do ciclo "Os Escritores e seus Tradutores".
13/4/1987	80 anos: o aniversário de Rónai é muito comentado. Recebe muita correspondência: telegrama do Presidente da República, na época José Sarney, carta manuscrita de José Olympio, menção na coluna de Maria Julieta em O Globo - "Húngaro de nascimento, professor de latim e francês, ensaísta, crítico, tradutor insigne, Rónai é um dos nossos humanistas completos, um dos brasileiros que melhor conhece e fala o português", cartão de Maria Julieta Drummond de Andrade, telegrama de Ligia Fagundes Telles, da Associação Internacional dos Húngaros, de Budapeste, telegramas de: Mário Quintana, Biblioteca Orígenes Lessa, Associação Ex-Alunos do Pedro II, entre outros. Vários artigos celebram, na Hungria, os 80 anos de um de seus nobres filhos que faz sucesso no exterior.
21/8/1987	Do governo húngaro, recebe a Ordem da Estrela com Coroa de Louros de Ouro (Aranykoszorúval Díszített Csillagrendet), pela divulgação da literatura húngara no Brasil e da brasileira na Hungria, desta forma promovendo o estreitamento dos laços culturais entre os países. Em seu discurso de agradecimento, no Copacabana Palace Hotel, RJ, Rónai relembra as palavras que haviam sido carimbadas em seu passaporte em dezembro de 1940 quando teve que sair da Hungria, por ser judeu: "não é válido para retorno". O reconhecimento do governo húngaro, através daquele homenagem, significa "uma emoção profunda" para Rónai.

4/11/1987	Homenageado com um almoço no PEN Clube do Rio de Janeiro. Rónai é membro do clube desde a Hungria.
26/11/1987	Homenageado com a Comenda "Professor Doutor Walter José Curi" outorgado pela Academia Mineira de Odontologia, de Pouso Alegre, MG.
17/12/1987	Recebe a medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em reconhecimento à sua contribuição ao desenvolvimento literário do Brasil
20/4/1988	Ordem de Rio Branco - É laureado em Brasília, no Palácio do Itamarati.
23/10/1990	Agraciado com o Prêmio Jabuti 1990 como "Personalidade Literária do Ano" pelo conjunto da obra.
1/12/1992	Falece em Nova Friburgo, RJ, Brasil. A família recebe uma infinidade de notas, cartas, artigos de condolências, inclusive do Presidente da República em exercício, Itamar Franco.

Anexo II - Produção Literária de Paulo Rónai

Índice

Anexo II – a – Hungria e Brasil

Na Hungria	
1.1 – Tradução de poemas e epigramas para o húngaro	142
1.1.1 - Tradução de poemas para o húngaro, publicados na Hungria após 1941	144
1.2 – Tradução de artigos, contos e outros, quando não indicado ao contrário, do húngaro para o francês	146
1.3 – Textos, artigos traduzidos para o húngaro e / ou redigidos por Paulo Rónai.	153
1.4 – Livros publicados em húngaro	156
1.5 – Livros didáticos publicados em húngaro	156
1.6 – Tradução de livros para o húngaro	157
No Brasil	
2.1 – Livros de Paulo Rónai	157
2.2 – Antologias de Contos	158
2.3 – Dicionários	159
2.4 – Livros Didáticos	160
2.5 – Traduções de livros	161
2.6 – Organização de edição	162
2.7 – Prefácios	163
2.8 – Diversos (inclui publicações de textos na Hungria, depois de 1941) (para poesias, ver 1.1.1)	167
2.9 – Colaborações	172
2.10 – Cursos, Conferências e Bancas	173

Anexo II – b

2.11 – Publicações em jornais e revistas: artigos e resenhas	174
--	-----

Anexo II - c

2.12 – Contos da Semana	190
-------------------------	-----

Notas sobre os critérios adotados para a bibliografia de Paulo Rónai

Nota 1: Na bibliografia a seguir, quando não indicado ao contrário, o autor é Paulo Rónai. N.d. no lugar do autor significa "não disponível".

Nota 2: Sempre que possível, quando se tratar de título em húngaro, apresenta-se ou a tradução ou uma explicação sobre o conteúdo. Os títulos em outras línguas não são traduzidos.

Nota 3: O critério dos registros é sempre o mesmo: SOBRENOME, Nome. *Título*. (tradução). Nome Sobrenome (org.) e / ou outros autores. 2.ed. Local: Editora, data. (demais informações de interesse) (a = artigo) (r = resenha) (c = conto) (língua) (explicações extras). A ordem desses elementos é sempre mantido, inclusive para artigos de jornal, que no lugar da Editora traz o nome do jornal (vide **Nota 5** a seguir).

Nota 4: Para facilitar a recuperação de qualquer dos originais relacionados a seguir, em sua fonte original, manteve-se as informações na língua original, inclusive datas, mas sempre seguindo a sequência de dados segundo a **Nota 3** acima. As datas em húngaro, às vezes, em vez de identificados o dia e o mês, referem-se a eventos. Por exemplo: Husvét, 1927. (Husvét = Páscoa)

Nota 5: Para artigo de jornal foi mantido o mesmo critério: *Título*. (tradução). Outra informação relevante. Local: Jornal, data. (número de páginas) (outra informação relevante) (a = artigo) (r = resenha) (c = conto) (língua). O local de publicação dos jornais brasileiro, porém, em vez de ser citado em cada registro do Anexo II-b, é relacionado uma única vez, a seguir. Nos registros do Anexo II-b em que somente constam *Título* e Jornal, o nome do Jornal não foi colocado em itálico para não confundir visualmente com o *Título*.

Nota 6: Relacionados a seguir, os jornais e periódicos da Hungria têm uma legenda inicial com suas principais características; no registro indica-se tanto o Local como o Nome do jornal.

Nota 7: Quando o *Título* original é em húngaro, na sequência informa-se a (tradução), ou no final do registro (uma explicação do conteúdo). *Titulos* em outras línguas não são traduzidos.

Legenda de jornais e revistas

Új Idők – jornal diário, com um caderno ilustrado no final de semana, de literatura, arte e crítica literária, de muita penetração na classe média alta, na virada do século XX. Fundado em Budapeste em 1894 e descontinuado em fins de 1944.

Pandora – revista literária húngara, mensal.

Széphalom – periódico húngaro mensal, ou bimensal, de literatura e ciência.

Névtelen Jegyző – revista literária mensal, que circulou em Budapeste por apenas seis meses, mas fez um enorme sucesso nos meios literários.

Budapesti Szemle – revista de cunho cultural, político e científico, com edições mensais e anuais, publicado em húngaro, em Budapeste.

Pesti Hírlap Vasárnapja – a edição de domingo de um jornal diário de Budapeste.

Argonauták – revista húngara, anual.

Képes Vasárnap – revista húngara semanal, ilustrada.

Vasárnap – **Amerikai Magyar Népszava Magazin** – jornal semanal de Nova York, da colônia húngara dos Estados Unidos, em húngaro.

Gazette de Hongrie – jornal editado em Budapeste, em francês.

Nouvelle Revue de Hongrie – revista mensal francesa, editada na Hungria, em francês.

Express du Matin – publicação diária, bilíngue, inglês e francês, publicada em Budapeste entre 1933 e 1934.

Jornais Brasileiros – local de publicação

A Cidade – Ribeirão Preto, SP.

Américas – Rio de Janeiro, RJ; Washington, USA.

Anuário Brasileiro de Literatura – Rio de Janeiro, RJ.

Comentário – Revista Trimestral, Rio de Janeiro, RJ.

Convivência – Revista bianual. PEN Clube do Brasil, Rio de Janeiro, RJ.

Correio Brasiliense – Brasília, DF.

Correio da Manhã – Rio de Janeiro, RJ.

Correio do Povo – Porto Alegre, RS.

Diário de Notícias – Rio de Janeiro, RJ.

Dom Casmurro – Rio de Janeiro, RJ.

Folha Carioca – Rio de Janeiro, RJ.

Folha de São Paulo – São Paulo, SP.

Jornal de Letras – Rio de Janeiro, RJ.

Jornal do Brasil – Rio de Janeiro, RJ.

Jornal do Comércio – Rio de Janeiro, RJ.

Leitura – Rio de Janeiro, RJ.
Letras e Artes – Rio de Janeiro, RJ.
Minas Gerais – Belo Horizonte, MG.
O Estado de São Paulo – São Paulo, SP.
O Globo – Rio de Janeiro, RJ.
O Jornal – Rio de Janeiro, RJ.
Revista Acadêmica – Rio de Janeiro, RJ.
Revista Brasileira de Cultura – Rio de Janeiro, RJ.
Revista do Brasil – Rio de Janeiro, RJ.
Revista do Globo – Rio de Janeiro, RJ.
Revista do Livro – Rio de Janeiro, RJ.
Revista do Teatro – Rio de Janeiro, RJ.

1.1 – Tradução de poemas e epigramas para o húngaro, publicadas em jornais e revistas.

- HORATIUS. *Ne kérdezd, mit hoz a holnap...* Budapest: *Új Idők*, 24/01/1926. (poema, do latim)
- HORATIUS. *A jelent élvezed vígan és a holnap sohse kínozzon.* Budapest: *Új Idők*, 28/03/1926. (poema, do latim)
- HORATIUS. *A mezők Istenéhez.* Budapest: *Új Idők*, Pünkösöd, 1926. (Pünkösöd é uma celebração que acontece uma semana depois da Páscoa) (poema, do latim)
- HORATIUS. *Neaeráhos.* Budapest: *Új Idők*, 20/02/1927. (poema, do latim)
- HORATIUS. *Emlékoszlopomat már befejeztem én.* Budapest: *Új Idők*, Husvét, 1927. (Husvét = Páscoa), (poema, do latim)
- PRUDENTIUS. *Pervigilium Veneris.* (autoria incerta) *Temetési Himnusz.* PENTADIUS, *Tavaszi Jöttére.* Budapest: *Pandora*, julho/1927. (poemas do latim para o húngaro, e notas) (5 páginas)
- HORATIUS. *Az arany középszer.* Budapest: *Új Idők*, 18/09/1927. (poema, do latim)
- CATULLUS. *Lesbiához.* Budapest: *Új Idők*, 18/12/1927. (poema, do latim)
- DRACONTIUS. *Hogyan születtek a rózsák.* Budapest: *Új Idők*, 12/02/1928. (poema, do latim)
- OVIDIUS. *Tavaszi a geta parton.* Budapest: *Új Idők*, 11/03/1928. (poema, do latim)
- HORATIUS. *Tavaszi.* Budapest: *Új Idők*, 17/03/1929. (poema, do latim)
- PROPERTIUS. *Odalenn sem felejtlek el, a sírban.* Budapest: *Új Idők*, 21/04/1929. (poema, do latim)
- HORATIUS. *Lydiához.* Budapest: *Széphalom*, março/abril 1929. (poema, do latim)
- ANAKREON. *Az anakreoni dalakból.* Budapest: *Új Idők*, 21/07/1929. (poema, do grego)
- ANGERIANUS. *Ujkori latin költőkől.* Budapest: *Új Idők*, 13/10/1929. (poema, do latim)
- MARULLUS. *Albina sírfelírata.* Budapest: *Új Idők*, 09/03/1930. (poema, do latim)
- SECUNDUS. *Őrök változás.* Budapest: *Új Idők*, 15/06/1930. (poema, do latim)
- MARULLUS. *Neaerához.* ANGERIANUS. *A Költő, a Halál és Amor.* Budapest: *Új Idők*, 03/08/1930. (poemas, do latim para o húngaro, e nota introdutória)
- ANGERIANUS. *Angerianus verseiből.* Budapest: *Széphalom*, julho/setembro 1930. (poema, do latim)
- HORATIUS. *A panamá és a fényűzés ellen.* Budapest: *Új Idők*, 07/09/1930. (poema, do latim)

- TIBERIANUS. *Fű, folyó, dal, illat, erdő, árny, virág, szellő, madár*. Budapest: *Új Idők*, 10/05/1931. (poema, do latim)
- (anônimo) *Himnusz a naphoz*. Budapest: *Széphealom*, maio/junho 1931. (poema, do latim)
- MARTIALIS. CATULLUS. *Latin epigrammák*. Budapest: *Új Idők*, új év 1932 (Ano Novo) (epigramas, do latim)
- CARDUCCI. *Havazás*. Budapest: *Új Idők*, 24/01/1932. (poema, do italiano)
- SARBIEVIUS. *A tücsökhöz*. Budapest: *Névtelen Jegyző*, maio de 1932. (poema, do latim)
- CARDUCCI. *A bolognai Certosa előtt*. Budapesti Szemle, agosto de 1932. (poema, do italiano)
- MARULLUS. *Neaerához*. Budapest: *Új Idők*, új év 1933 (Ano Novo). (poema, do latim)
- ERDÉLYI, József. *Spectre*. (título original: *A kísértet*) Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, 1933. (poema, do húngaro para francês)
- ERDÉLYI, József. *Sans arms*. (título original: *fegyvertelen*) Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, 1933. (poema, do húngaro para francês)
- PROPERTIUS. *Ámor képe alá*. Budapest: *Új Idők*, 26/11/1933. (poema, do latim)
- HORATIUS. *A 2000 éves Horatius*. Budapest: *Pesti Hírlap Vasárnapja*, 21/04/1935. (poema, do latim) (quatro poemas em celebração aos 2000 anos de Horácio)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Prends garde!* Trad François Gachot e Paul Rónai. Paris: *Dante*, janeiro de 1936. (poema, do húngaro para francês)
- HORATIUS. *Szerelmi kettős*. Budapest: *Új Idők*, 20/03/1937. (poema, do latim)
- (anônimo). *Hajós ének*. Budapest: *Argonauták*, 21/06/1937. (poema, do latim)
- CAMPOAMOR, Ramon de. *Bás tudnék írni!* Budapest: *Új Idők*, 22/08/1937. (poema, do espanhol)
- ANAKREON. *Az anakreon dalaiból*. Budapest: *Képes Vasárnap*, 26/09/1937. (poema, do grego)
- OVIDIUS. *Négy korszak*. Budapest: *Képes Vasárnap*, 14/11/1937. (poema, do latim)
- VILLEGAS, Esteban Manuel de. *A szellőhöz*. Budapest: *Új Idők*, 14/11/1937. (poema, do espanhol)
- NEGRI, Ada. *A Caprii Dalokból*. D'ANNUNZIO. *Édes óra*. San CARDUCCI. *Petronio előtt*. In: *Olasz költők*. Budapest: *Képes Vasárnap*, 16/01/1938. (poemas, do italiano)
- QUENTAL, Anthero de. *Keleti álom*. Budapest: *Új Idők*, 27/02/1938. (poema, do português)

- CORREA JUNIOR. *A szomorú költő négy barátja*. Budapest: *Új Idők*, 29/05/1938. (poema, do português)
- DEL PICCHIA, Menotti. *A szonetthez*. SEIXAS, Aristeo. *A portugál nyelv*. MANUEL CARLOS. *Kariatid*. In: *Brazil szonettek*. Budapest: *Képes Vasárnap*, 31/07/1938. (poemas, do português)
- MARTIALIS. *Martialis epigrammáiból*. Budapest: *Képes Vasárnap*, 04/09/1938. (epigramas, do latim)
- FLAMINIUS. *Újkori latin költőkből*. Budapest: *Képes Vasárnap*, 09/10/1938 (poemas, do latim)
- N.d. *A Kőleves, Portugál mesefordítás*. Budapest: *Új Idők*, január-december 1938. (conto, do português)
- BABITS, M. *Poèmes de M. Babits*. Trad. Paul Rónai. Rev. François Gachot. Paris-Lille: *Échanges et Recherches*, janvier 1939. (6 poemas, do francês)
- MIMNERMOS. *Emberi sors*. In: *Idegen költők*. Budapest: *Új Idők*, 05/02/1939. (poema, do grego)
- SATURNINO, Pedro. *Egy tő liliom*. COUTO, Ribeiro. *Lány a vidéki állomáson*. In: *coluna Brazil Költők* (poetas brasileiros). Budapest: *Képes Vasárnap*, 12/02/1939 (poema, do português)
- COUTO, Ribeiro. (1) *Egy ember a sokaságban*. (2) *A szegényházi öregasszonyok*. (3) *Párbeszéd a boldogságról*. (4) *A törülköző*. Ano XI, n. 65. Budapest: *Munka*, július 1939. (poemas, do português)
- COUTO, Ribeiro. *Elégia egy beteg lányhoz*. Budapest: *Új Idők*, 30/07/1939. (poema, do português)
- RICARDO, Cassiano. *Jel az Égen*. Budapest: *Vasárnap*, 29/10/1939. (poema, do português) (saiu junto com a resenha do lançamento do livro *Brazilia Úzen* (Mensagem do Brasil)).
- HORATIUS. *Magyar Horatius / Horatius Noster*. (Antologia) Org. Trencsényi-Waldapfel Imre. Budapest: Officina, 1940. (três poemas, do latim)

1.1.1 – Tradução de poemas para o húngaro, publicados na Hungria, após 1941

- HORATIUS. *Magyar Horatius / Horatius Noster*. Org. Trencsényi-Waldapfel Imre. 3. ed. Budapest: Officina, 1943. (duas edições: capa dura e brochura) (três poemas, do latim)
- SZERB, A. (org). *Száz Vers – válogatott költemények eredeti szövege és magyar fordítása*. (100 versos – seleção de poemas com texto original e tradução húngara) Budapest: Officina, 1943. (Paulo Rónai é um entre dezenas de tradutores) (poemas, do latim para húngaro). _____. Org. Kardos László. 2. ed. Budapest: Magvető Könyvkiadó, 1956. (Paulo Rónai é um entre dezenas de tradutores) (poemas: *Anonimus, Hajósének* do latim) _____. 3. ed. Budapest : Magvető Könyvkiadó, 1957. _____. SZERB, Antal. (Org). 4.ed. Budapest: Officina, 1983. _____. 5.ed. _____. 1999.

- ANONIMUS. *Hajósének*. In: *Világirodalmi. I- Egyetemi segédkönyv. (Antologia da literatura mundial. Livro de apoio ao universitário)*. Budapest: Tankönyvkiadó Vállalat, 1952. (também encontrada a mesma edição com data de 1953)
- MARTÓN, K. *A kétezer éves Ovidius. (O Ovidius de 2000 anos)* Budapest: Gondolat Kiadó, 1957. [Traduções de Rónai: *Metamorphoses – A négy korszak, Tristia – Levél Tomisból*]. _____. _____. 2.ed. _____. 1958.
- VAS, István (org). *Énekek Énekek – a világirodalom szerelmes verseiből. (Canto dos Cantos – seleção de versos românticos da literatura mundial de todos os tempos)* Budapest: Európa könyvkiadó, 1957. (*Pentadius – Tavasz jöttére; Anônimo – Pervigilium Veneris*) _____. _____. 2.ed. _____. 1966. _____. Budapest: Magyar Helikon, 1966. (capa dura e brochura) (*Pentadius – Tavasz jöttére*)
- FALUS, Róbert (org) *Erósz és Ámor – görög és római költők a szerelemről. (poetas gregos e romanos, sobre o amor)* Budapest: Magyar Helikon, 1957. (Paulo Rónai é um dos 22 tradutores) (poemas, do latim)
- OVIDIUS. *A Kétezer Éves Ovidius – szemelvények a költő műveiből. (2000 anos de Ovidius – seleta)* 2.ed. Budapest: Gondolat Kiadó, 1958. (Paulo Rónai é um dos 13 tradutores) (poemas, do latim)
- SZEPESSY, Tibor (org) *Latin Költők Antológiája. (Antologia de poetas latinos)*. Budapest: Móra Ferenc Könyvkiadó, 1958. _____. _____. 1958. (capa dura) KORMOS, István (org.). _____. Budapest: Móra Ferenc Infúrási Könyvkiadó, 1958. (capa dura e brochura) SZEPESSY Tibor (org.) _____. 2. ed. Budapest: Móra Ferenc Infúrási Könyvkiadó, 1964. (capa dura) (*Catullus: Aki szid, szeret; Martialis: Akinek megárt a jólét, Egész Róma rólam beszél; Anonimus: Hajósének* são traduções de Paulo Rónai que é um dos 27 tradutores) (poemas, do latim)
- ASCHER, Oszkár & RÉZ, Pál (Org.) *Tiszta Szível – szép versek szavalókönyve. (De todo coração – para declamar, os mais belos poemas)* Budapest: Móra Ferenc könyvkiadó, 1957. (de Paulo Rónai: *Anonimus, Hajósének*) (poemas, do latim)
- SZEPESSY, Tibor (Org.) *Római költők antológiája. (Antologia de poetas romanos)* Budapest: Európa Könyvkiadó, 1963. _____. _____. 2^a ed. _____. 1964. (de Paulo Rónai, 5 poemas, do latim)
- *Találkozás a brazil irodalommal. (Encontro com a literatura do Brasil)* GEREPLYÉS, László (Org.) In: *Nagyvilág 1965. Január-December*. Budapest: Lapkiadó Vállalat, 1965. (capa dura) (p. 757-764)
- *Brazília Üzen (mai brazil költől – Rónai Pál fordítása)* (Mensagem do Brasil (os poetas brasileiros de hoje – com tradução de Rónai Pál) In: NAGY, Zoltán. *A nevető ember legendája. (A lenda do homem que ri)*. Budapest: Magvető Kiadó, 1967. (p. 502-507)
- *João Guimarães Rosa, A folyó harmadik partján (A terceira margem do rio); Carlos Drummond de Andrade, egy bizonyos János (E agora José)*. KARDOS, László (Org.). In: *Nagyvilág 1968. Január-December*. Budapest, Lapkiadó Vállalat, 1968.
- *Geir Campos versei elé, Geir Campos versei. (Introdução aos versos de Geir Campos e os versos)* In: *Nagyvilág – Világirodalmi Folyóirat (revista húngara de literatura universal)*, KÉRY, László (Org.) ano XXVI, n. 5. Budapest: május, 1981. (p.662) _____. _____. In: *Nagyvilág 1981. Január-December*. Budapest, Lapkiadó Vállalat, 1981. (artigo mais tradução de versos).

- CATULLUS. *Catullus Versei*. Budapest: Európa Könyvkiadó, 1978. (Traduções de Rónai Pál: *Éljünk, Lesbia kedves; Gyülölök és szeretek; Lesbia egyre csak engem szid*) (poemas, do latim)
- João Guimarães Rosa (Brazília) *A folyó harmadik partja*. (João Guimarães Rosa – A terceira margem do rio). In: *A Folyó Harmadik Partja – Latin-amerikai elbeszélők*. (A terceira margem do rio: vozes da América latina.) CSUDAY, Csaba (Org). Budapest: Szépirodalmi Könyvkiadó, 1983 (262 p.) (O título de livro é também o título do texto de Guimarães Rosa traduzido por Rónai.)
- BENYHE János (sel.) *Geir Campos versei*. (*Versos de Geir Campos*) Tradutores: Csuday Csaba, Rónai Pál, Tótfalusi István. (posfácio de Rónai Pál). Budapest: Európa, 1986. (poemas, do português)
- BENYHE, János (Org.) *Járom és Csillag. Latin-amerikai költők antológiája*. (antologia de autores latino-americanos) Budapest: Kozmosz Könyvek, 1984. (traduções de Paulo Rónai: *Ronald de Carvalho; Brazília; Rui Ribeiro Couto: Lány a vidéki állomáson, Rio de Janeiro, Párbeszéd a boldogságról; Carlos Drummond de Andrade: José; Geir Campos: Poétika, Felhőkarcoló*) (poemas, do português).
- HORATIUS. *Horatius Ódák*. (odes de Horácio) Budapest: Európa Könyvkiadó, 1985. (Paulo Rónai é um dos 30 tradutores e tem 5 poemas no volume) (poemas, do latim)
- HORATIUS. *Quintus Horatius Flaccus legszebb versei*. (Os mais belos versos de Quintus Horatius Flaccus.) Budapest: Móra Ferenc Ifjúság Könyvkiadó, 1993. (Paulo Rónai é um dos inúmeros tradutores da antologia)
- LOTHINGER, Miklós (org) *Örök megújulás – versek a világirodalomból*. (Renovação eterna – versos da literatura mundial). Budapest: Auktor Könyvkiadó, 1994. (texto de Rónai Pál: *Pedantius – Tavaszi jöttére*) (duas edições: brochura e capa dura)
- DIOSZEGI Ende & FÁBIÁN Márton (org). *Irodalom szöveggyűjtemény I. – A középiskolások számára*. (Coleção de textos literários I – para estudantes do ginásio). Budapest: Raabe Klett Kiadó, 1999. (Rónai é citado como tradutor.) (coleção Matúra Tankönyv, de livros didáticos)
- MARTIALIS. *Válogatott epigrammák. Electa epigrammata*. (Seleção de epigramas). Budapest: Magyar könyvklub, 2001. (Rónai participa com dois títulos) (epigramas, do latim)
- TERAVALGIMOV Péter (Org). *Levél Tomisból*. In: *Keservek – Tristia*. Budapest: Magyar Könyvklub, 2002. (Rónai é um dos 14 tradutores) (poemas, do latim)

1.2 – Tradução de artigos, contos e outros, quando não indicado ao contrário, do húngaro para o francês.

- N.d. *Clément le maçon*. (ballade populaire de la Transylvanie). Trad. Paul Ronai et Jean François Primo. Paris : *Le Monde Nouveau*, janv. 1931. (3 páginas)
- HERCZEG, Ferenc. *Perlette*. Trad. Paul Rónai et J François-Primo. Paris: *Revue Mondiale*, 15/03/1931. (conto) (p.3-15)
- ZSIGMONG, Móricz. *La Cène*. (título original: *Végvacso*). Trad. Paul Ronai et E. Tosi. Paris: *Latinité*, juin 1931. (p. 149 a 163) (conto)

- HERCZEG, Ferenc. *A Cinq Heures*. Trad. Paul Ronai et E. Tosi. Paris: *Latinité*, juin 1931. (p. 143-149)
- MIKSZATH, Kalman. *La dette d'Anna Bede*. Trad. Paul Rónai et J François-Primo. Paris: *l'Université Littéraire*, printemps 1931. (5 p.)
- KOSTOLANYI, Dezso. *Auréole grise*. Trad. Paul Rónai et E. Tosi. Paris: *Europe*, 15/10/1931 (conto) (p. 202-209)
- HERCEG, Ferenc. *Paix sur la terre*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, május 1932.
- MOLNÁR, Ferenc. *L'enfant de Mlle Fernande*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, május 1932.
- MÓRA, Ferenc. *Le froment béni de Dieu*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, május 1932.
- BABITS, M. *Rébus. Aigre-doux. Les Ames qui se dévêtent*. Trad. François Gachot, Paul Ronais & Émile Tosi. Paris : *Europa*, 15/06/1932. (poemas, do húngaro para o francês)
- KARINTHY, Frigyes. *Genius*. Trad. François Gachot et Paul Ronai. Ilustração de Georges Strém. Budapest : *Nouvelle Revue de Hongrie*, juin 1932. (p. 476-483)
- GÁRDONYI, Géza. (1) *Soir au village*. (2) *Histoire d'une chanson*. Trad. Henri Ancel et Paul Ronai. Introd. Nicolas Kallay. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, szeptember. 1932. (p. 145-152.) (dois textos do mesmo autor na mesma revista)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Aventure bulgare*. Trad. Paul Rónai. Budapest : *Nouvelle Revue de Hongrie*, december 1932. (p 468-475)
- KODOLÁNYI, János. *Mort de Pauvres*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, január 1933.
- BOURDET, Edouard. *Minden Jó, ha Jó az Eleje*. n° 248. Budapest: *Miliók Könyve*, 03/02/1933. (conto) (p. 96-124) (do francês para o húngaro por Dr. Paul Rónai)
- TÖRÖK, Gyula. *Une bonne blague vraiment!* Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, február 1933.
- TORMAY, Cecil. *La mort de Jean-Hubert, extrait du roman: 'La Vielle Maison'*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, március 1933.
- BABAY, József. *Mon père sourit*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, március 1933.
- SZÉP, Ernest. *L'Oeillet Blanc*. Trad. Henri Ancel et Rónai Pál. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, 21/04/1933. (conto)
- MIKSZÁTH, Kálmán. *Kozsibrovsky, Homme d'Affaires*. (título original: *Kozsibrovsky üzletet köt – Világít este a szentjánosbogár is.*). Trad. Paul Ronai et François Primo. Budapest: *Gazette de Hongrie*, 1933. _____. _____. *Quelque Nouvelles Hongroises*, 1933.
- _____. *Le forgeron et la cataracte*. (título original: *A hályogkovács – Mikor a mécses már csak pislog*). Trad. Henri Ancel et Paul Ronai. Budapest: *Nouvelle Revue de*

Hongrie, május 1933. (vol. I, p. 509-513) _____. Paris: *France-Hongrie*, octobre-novembre 1955 (p. 47)

- CHOLNOKY, Viktor. *L'îledes zéros*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, avril 1933.
- KRUDY, Géza. *Sérénade*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, juin 1933.
- SZABÓ, Loránt & ERDÉLYI, József. Deux jeunes poètes (Loránt Szabó, József Erdélyi). Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, juillet 1933.
- NYIRŐ, József. Le retour. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, octobre 1933.
- BÓKAY, János. Zizette. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, novembre 1933.
- SZITNYAI, Zoltán. *Le seot mineurs de Selmec*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, décembre 1933.
- GELLÉRI, Andor Endre. *Un sou*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, décembre 1933.
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Le varech*. Trad. Paul Rónai et Paul Tosi. Colona : *Quelques nouvelles hongroises*. Budapest : *Gazette de Hongrie*, 1933. (p. 124-136)
- TAMÁSI, Áron. *Comment Abel apprit la mort de sa mère*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, janvier 1934.
- GULÁCSY, Irene. *L'Insecte*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, février 1934.
- MÓRA, Ferenc. *La boulangerie du bon Dieu*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, mars 1934.
- KOSZTOLANYI, Dezső. *L'avocat céleste*. Trad. François Gachot et Paul Rónai. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, avril 1934. (p. 385-395)
- HELTAI, Jenő. *Le diable à Budapest*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, mai 1934.
- MIKSZÁTH, Kálmán. *Un homme bon*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, juin 1934.
- MAKKAI, Sándor. *Pourquoi?* Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, juillet 1934.
- BIBÓ, Lajos. *Pas de mots*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, juillet 1934.
- TAMAS, Michel. *La rencontre du village*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, octobre 1934.
- KAFFKA, Margit. *Tante Polixène*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, novembre 1934.
- JÓKAI, Mór. *Aventure de brigands (Les bavardages d'un vieux baron)*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, décembre 1934.
- MOLNÁR, Ákos. *La prédiction*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, janvier 1935.

- ZILAHY, Lajos. *La délégation hongroise traite la paix à Belgrade*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, február 1935.
- GELLÉRI, Andor Endre. *Anéantissement*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, március 1935.
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Du berceau jusqu'au cercueil (l'avant-propos, et trois chapitres)*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, április 1935.
- MÓRICZ, Zsigmond. *La confession de Gabriel Bethlen*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, június 1935.
- MÁRAI, Sándor. *Atherstone Terrace*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, július 1935.
- HUNYADI, Sándor. *L'épouvantail*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, október 1935.
- BÍRO, Lajos. *Médecins*. (título original: *Orvosok*). Trad. François Gachot et Paul Ronai. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, november 1935. (vol. II, p. 466)
- HARSÁNY, Zsolt. *Le premier concert du 'petit Liszt' a Paris*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, december 1935.
- AMBRUS, Zoltán. *Mourants*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, január 1936.
- NYIRŐ, Jozsef. *Le pater perdu et retrouvé*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, február 1936.
- KARINTHY, Frigyes. *Scarlatine: souvenir d'enfance*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, március 1936.
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Du berceau jusqu'au cercueil*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, április 1936.
- SZÉP, Ernő. *Le sauvage*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, április 1936.
- KISBÁN, Miklós. *Le dix-cors à couronne*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, május 1936.
- SURÁNYI, Miklós. *Le comte Etienne Széchenyi chez Metternich (extrait de 'Nous voilà seuls')*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, június 1936.
- TŐRŐK, Sándor. *Tutoiement*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, július 1936.
- KARINTHY, Ferenc. *Qui t'a demandé ton avis?* Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, július 1936.
- TAMÁSI, Áron. *Tobie le droit*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, augusztus 1936.
- MIKSZÁTH, Kálmán. *Aussi brebis*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, október 1936.
- GELLÉRI, Andor Endre. *Ma rencontre avec un siècle*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, október 1936.
- KARÁCSONY, Benő. *La confiture de melon*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, november 1936.

- KOSZTOLÁNYI, Dezső. (1) *Mensonge*. (2) *Le pharmacien et lui*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, decembre 1936. (dois textos do mesmo autor na mesma revista)
- ARANY, János. *Dante*. Trad. François Gachot e Paul Ronai. Paris: *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p. 81/82) (poesia)
- BABITS, Mihály. *Voler*. (título original: *Repülni*) Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (poesia)
- BALASSA, Bálint (Valentin). *La Vie Aux Confins*. (título original: *In laudem Confiniorum*). Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p. 6-9).
_____. Budapest: *Bulletin Hongrois*, le 5 novembre, 1954. (n. 177, p. 11).
- _____. *Le Poète Au Rossignol*. (título original: *Mely keservesen kiált*). Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p. 9-10)
- EÖTVÖS, József. *Mon testament*. (título original: *Végrendelet*). Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.67-68)
- ARANY, János. *Dante*. Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.81-82)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Monologue*. Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.126)
- ÁPRILY, Lajos. *Les montagnards*. Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.128-129)
- ERDÉLYI, József. *Sans armes – Spectre*. Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.137-138)
- KAFFKA, Marguerite. *La lyre en main, pour la dernière fois*. Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.163-164)
- LESZNAI, Anne. *Mon épitaphe un jour heureux*. Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.172)
- NAGY, Zoltán. *Lettre à Árpád Tóth*. (título original: *Levél Tóth Árpádhoz*). Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.185-186)
- SARKOZI, György. *Rayons Étrangers*. (título original: *Idegen sugarak*). Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.193-194)
- ZRÍNYI, Miklós. *Le Temps et la Renommée*. (título original: *Az idő és a becsület*). Trad. Paul Ronai et Jean Hankiss. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.12)
- ILLYÉS, Gyula. *Parmi Les Ruelles Souillées*. (título original: *Szennyes sikátorok tövén – Sarjurendek*). Trad. François Gachot et Paul Ronai. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Poésie Hongroise*, 1936. (p.159-160).

- MÁRAI, Sándor. (1) *Le poêle*. (2) *Quatre saisons*. (3) *Pluie de printemps*. (4) *Etoile*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, január 1937.
- LACZKÓ, Géza. *La rencontre de Margum*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, január 1937.
- SZERB, Antal. *Madelon az eb*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, március 1937.
- PAPP, Károly. *Sur la Priafora*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, július 1937.
- HELTAI, Jenő. (1) *Quand le navire coule*. (2) *Boîte de nuit*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, augusztus 1937. (dois textos, do mesmo autor)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Le canot automobile*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, szeptember 1937.
- TERSÁNSZKY, Józsi Jenő. *La promesse de Kikerics*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, szeptember 1937.
- MOLNÁR, Ferenc. *Borromeo*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, november 1937.
- HUNYADI, Sándor. *Le chien tigré*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, január 1938.
- FÖLDI, Mihály. (1) *Le philosophe*. (2) *Employés*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, február 1938.
- HEVESI, András. *Une enfance*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, március 1938.
- TÖRÖK, Sándor. *Quelqu'un frappe*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, április 1938.
- ARADI, Zsolt. *Le ciel derrière la grille*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, november 1938.
- HELTAI, Jenő. (1) *Le Petit Chaperon Rouge*. (2) *Conversation avec un assassin*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, december 1938.
- MOLNÁR, Ferenc. *Enfants – Pierrot*. (título original: *Péterke – Gyerekek*). Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Prose Hongroise*, 1938. (p.153-157).
- MÓRICZ, Zsigmond. *Le Fiston de Cheval*. (título original: *A lofió – Magyarok*). Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Prose Hongroise*, 1938. (p.165-168).
- KAFFKA, Marguerite. *Couleurs et années*. (título original: *Színek és évek*). Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Prose Hongroise*, 1938. (p.180-184)
- KARINTHY, Frédéric. *La ballade des hommes vivants*. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Prose Hongroise*, 1938. (p.226-230)
- FÖLDI, Michel. *L'oeuvre parfaite*. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Prose Hongroise*, 1938. (p.289-293)
- KODOLÁNYI, János. *Mort d'un ravisseur*. Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie de la Prose Hongroise*, 1938. (p.314-316)

- NÉMETH, László. *Zoltán Prend Contact avec le Monde*. (título original: *Zoltán ismerkedik a világgal*). Paris: Éd. du Sagittaire, *Anthologie da la Prose Hongroise*, 1938. (p. 331-337).
- MIKSZÁTH, Kálmán. *Ce Païen Filcsik*. (título original: *Az a pogány Filcsik – A jó palócok*). Trad. Paul Ronai et François Primo. Paris: *Le Revue Mondiale*, 1938. n. 1 IX, (p. 43-51) (nouvelle)
- TÖRÖK, Sándor. *Qui Aimé-Je?* (título original: *Kit szeretek?*). Paris: *Anthologie da la Prose Hongroise*, 1938. (p. 347-350)
- DALLOS, Sándor. *Le raisin sec*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, január 1939.
- KOSZTOLÁNYI, Dezsőné. *Une journée de la vie de Kosztolányi Dezső*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, február 1939.
- NAGY, Lajos. *Kiskunhalom*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, március 1939.
- MIKSZÁTH, Kálmán. *La mouche verte et l'écureuil jaune*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, szeptember 1939.
- HERCEG, Ferenc. *Le dernier tramway*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, október 1939.
- HUNYADI, Sándor. *Mon assassin*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, november 1939.
- ADY, Endre. *Deux contes parisiens: (1) Chabacheff l'assassin. (2) Les chanteurs de l'Hotel Rossignol*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, január 1940. (dois contos, do mesmo autor)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *L'ange de plâtre*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, február 1940.
- OTTLIKA, Géza. *La légende Drugeth*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, május 1940.
- HUNYADI, Sándor. *Un ange*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, július 1940.
- TERSÁNSZKY, Joseph-Eugène. *La légende du civet de lièvre*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, juin, juillet, août et septembre 1940. (47 páginas)
- TÖRÖK, Gyula. *Sous la cendre*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, december 1940.
- KERESZTURY, Dezső. *Balaton*. Budapest: Officina, 1940. (tradução de textos de húngaro, latim e italiano, para francês.)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Diplomate*. Trad. François Gachot & Paul Ronai. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (conto, página inteira)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Dame de sicété*. Trad. François Gachot & Paul Ronai. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (conto, página inteira)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Receveur de tramway*. Trad. François Gachot & Paul Ronai. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (2 páginas, conto)

- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Coiffeur*. Trad. François Gachot & Paul Ronai. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (conto, página inteira)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Pharmacien*. Trad. François Gachot & Paul Ronai. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (conto, página inteira)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Prêtre*. Trad. François Gachot & Paul Ronai. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (conto, página inteira)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Prima donna*. Trad. François Gachot & Paul Ronai. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (conto, página inteira)
- N.d. *Une demi-heur avec un réformateur*. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (conto, de página e meia)
- N.d. *Du carnet d'un traducteur*. Budapest: *Express du Matin*, s.d.
- N.d. *Souvenirs d'un ex-parisien – Ma rue*. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (conto, de página e meia)

1.3 – Textos: artigos traduzidos para o húngaro e /ou redigidos por Paulo Rónai; também resenhas; publicados em jornais e revistas. Caso não mencionado o contrário, as publicações a seguir são em húngaro.

- *Erdélyi sorok*. Budapest: *Erdélyi Hírek*, 24/04/1920. (poema próprio) (concorreu a prêmio)
- *Drága Fizetség Versért*. Budapest: *Havi Szemle*, outubro-november, 1923. (poema próprio, vencedor de prêmio)
- *Vers*. Budapest: *Havi Szemle*, outubro-november, 1923. (poema próprio, vencedor de prêmio)
- *Litânia*. Budapest: *Havi Szemle*, január, 1924. (poema próprio, vencedor de prêmio).
- *Kik a francia olvasóközönség legkedvesebb hősei?* Budapest: *Új Idők*, 08/01/1928. (Artigo sobre os autores franceses mais lidos na França.)
- *A Kék róka Párizsban*. Budapest: *Új Idők*. 20/05/1928. (Artigo enviado de Paris sobre a literatura húngara no exterior.)
- *Párizsi mozaik*. Budapest: *Gazdasági Jövő*, junho/julho de 1928. (Artigo de três páginas sobre viagem a Paris)
- *Une Pièce Française sur Jean de Hunyad et sur la Trahison des Valaques – écrite et jouée au XVIII^e siècle*. Paris: *Revue des Études Hongroises*, outubro / dezembro 1929. (p. 240 a 244) (crônica sobre uma peça teatral encenada na França cujo principal personagem é um herói húngaro) (em francês)
- *A Szív és a Számok*. Na coluna *Irodalom* (literatura). Budapest: *Új Idők*. 23/02/1930. (página inteira) (artigo e resenha do livro que Paulo Rónai viria a traduzir, em 1930.)

- *Tuer le Mandarin*. Paris: *Revue de Littérature Comparée*, juillet-septembre 1930. (p. 485 a 489) (artigo de filologia) (em francês)
- *Amit mindenkinek tudnia kell – A kétezeréves Vergilius*, Budapest: *Új Idők*, 05/10/1930. (página inteira) (artigo sobre 2000 anos de Virgílio)
- *Párizsi levelek*. (Cartas de Paris) Budapest: *Magyar Lányok*, 01/11/1930. (página e meia) (revista semanal ilustrada, crônica de viagem enviada de Paris)
- *L'Enseignement du Français en Hongrie*. 1^{er} année, n.1. Paris : *l'Université Littéraire*, printemps 1931. (p.11-20) (artigo) (em francês)
- *Quelques Passages Intéressants de la Correspondance de Balzac – Une Page de Maturin Copiée par Balzac a Deux Reprises*. Paris: *Revue de Littérature Comparée*, julho de 1931 (p. 485-489) (artigo) (em francês)
- *Amig egy könyv eljut a tizenkettedik magyar fordításig – A magyar Aeneis viszontagság*. Budapest: *Új Idők*, 23/08/1931. (página inteira) (artigo sobre tradução da Aeneis (de Virgílio), Rónai Pál assina já usando o título de Doutor.)
- *Chroniques*. Paris: *l'Université Littéraire*, automne 1931. (resenha) (em francês)
- *Les Lettres Hongroises*. Paris: *Latinité*, octobre 1931. (artigo sobre a literatura húngara) (em francês)
- *Havazás, Carducci: Havazás, Latin épigrammák*. Budapest: *Új Idők*, január-juniús 1932. (traduções de epigramas) (do latim para húngaro)
- *Une Nouvelle Traduction Hongroise de Madame Bovary*. Paris: *Revue des Études Hongroises*, juillet, 1933 (resenha em duas páginas e meia) (em francês)
- *Az olasz nyelv térhódítása magyarországon*. Budapest: *Budapesti Hírlap*, 25/11/1934. (artigo de 3 colunas, sobre o ensino de italiano na Hungria)
- *L'Expansion de la Langue Italienne en Hongrie*. Paris: *Les Langues Méridionales*, junho de 1935 (artigo de 3 páginas sobre a expansão do italiano na Hungria) (em francês)
- *Panzini: Utazás a zsidó lánnyal*. Budapest: *Libanon*, janeiro de 1936. (resenha de *Viaggio con la giovane ebrea*)
- *Meddig élsz vissza türelmünkkel, Catilina?* Budapest: *Új Idők*, 31/08/1937. (artigo de duas páginas, com ilustrações, discutindo a relação entre Catilina e Cícero)
- *Újság, amelyet 2000 éve írtak és most jelent meg*. (Uma notícia escrita há 2000 anos atrás e publicada agora) Budapest: *Új Idők*, 03/10/1937. (artigo)
- *Mekkora művészt veszít bennem a világ*. Budapest: *Új Idők*, 05/12/1937. (artigo de duas páginas e meia, sobre frases famosas dos antigos romanos)
- *Egy fiatal könyv*. (Um livro jovem) Budapest: *Új Idők*, 06/02/1938. (resenha)
- *Zsidó tárgyú regény Balzac fiataalkori művei közt*. Budapest: *Libanon*, janeiro 1938. (3 páginas) (artigo literário sobre as obras da juventude de Balzac)

- *Une religion littéraire et ses temples*. Budapest: *Gazette de Hongrie*, 15/10/1938. (artigo literário na coluna *Lettres, Sciences et Arts*) (em francês)
- HANKISS, János (Jean) & MOLNOS-MULLER, Lipót (Léopold). Paris: Éd. Sagittaire, *Anthologie de la prose hongroise*, 1938. (364 p.) (do total de 76 textos, Rónai participa com 8 traduções) (do húngaro para o francês)
- *La révolte des mots*, Georges Bálint. Paris: *Journal des Debats*, 05/01/1939 (artigo) (em francês)
- *Un volume de contes tchécoslovaques*. Budapest: *Gazette de Hongrie*, 21/01/1939. (artigo literário na coluna *Lettres, Sciences et Arts*) (em francês)
- *Dom Casmurro*. Coluna: *Au hasard des livres*. Budapest: *Gazette de Hongrie*, 11/02/1939. (artigo de duas páginas, sobre a tradução francesa de Dom Casmurro, de Machado de Assis.) (em francês)
- *La grande misère des diamants*. Coluna: *Au hasard des livres*. Budapest: *Gazette de Hongrie*, 15/04/1939. (artigo de página e meia sobre *Le Diamant au Brésil. Extraits des Mémoires du District des Diamants*, de Joaquim Feliciano) (em francês)
- *Message d'outre-mer – Jeune poètes brésiliens*. Budapest: *Gazette de Hongrie*, 15/04/1939. (artigo crítico sobre os jovens poetas brasileiros, com menção a Lobivar Matos e Augusto de Almeida F°) (em francês)
- *A Brazilia*. Budapest: *Ujság*, 04/06/1939. (Artigo de página inteira sobre a literatura brasileira, referências a Machado de Assis, Cruz e Sousa, Olavo Bilac, Osório Dutra, Ribeiro Couto, Tasso de Silveira, Carlos Drummond de Andrade (tradução do poema *Uma Pedra no Meio do Caminho*), Adalgisa Nery, Francisco Karam (cujo estilo acha semelhante ao de Ady Endre, poeta húngaro), Augusto de Almeida F° e Lobivar Matos, com um poema traduzido de cada autor mencionado.)
- *Rencontres italo-hongroises sur le plan spirituel*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, septembre 1939. (artigo de duas páginas) (em francês)
- *Kummunká*. Coluna: *Au hasard des livres*. Budapest: *Gazette de Hongrie*, 30/12/1939. (artigo de uma página e meia sobre o livro de Menotti del Picchia) (em francês)
- VALENCIA, Guillermo. *Jób, a költő*. Budapest: *Libanon*, janeiro de 1940. (com nota introdutória do Rónai Pál) (2 páginas) (tradução do espanhol)
- *A zsidóság szerepe Balzac műveiben*. (O papel dos judeus na obra de Balzac). Budapest: *Libanon*, janeiro de 1940. (artigo de duas páginas)
- *Rencontre avec Jehan Rictus, un maître d'André Ady*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, janvier 1940. (p.67-70) (artigo literário) (em francês)
- *La fortune intellectuelle de Camões en Hongrie*. In: Revista da Faculdade de Letras, tomo VII. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1940. (assinado como Budapest, maio de 1939) (em francês) (p.135-173)
- *Bulletin Bibliographique*. Paris: *Nouvel Revue de Hongrie*, s.d. (8 resenhas) (em francês).

- CHESNAIS, P.G. LA. *Brand d'Ibsen (Étude et analyse)*. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (resenha) (em francês)
- *La Hongrie intellectuelle pour un rapprochement international*. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (artigo sobre uma edição dupla da *Nouvell Revue de Hongrie*; menciona janeiro-junho/1933) (em francês)
- CÉLINE, L.F. *Voyage au bout de la nuit*. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (resenha) (em francês)
- FROMENTIN, E. *Dominique*. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (resenha) (em francês)
- *Un Inédit de Balzac – Le Catéchisme Social*. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (resenha) (em francês)
- LEWISOHN, L. *Adam*. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (resenha) (em francês)
- *Entre nations, on n'est plus en droit de s'ignorer, dit M. Louis Martin-Chauffier*. Budapest: *Express du Matin*, s.d. (entrevista) (em francês)

1.4 – Livros publicados em húngaro

- *Jegyzetek Honoré de Balzac fiataalkori regényeihez*. (À margem dos romances de mocidade de Honoré de Balzac) Budapest: Rónai Miksa könyvkiadó, 1930. (tese de doutoramento).
- *Brazília üzen: mai brazil költők*. (Mensagem do Brasil: os poetas brasileiros da atualidade) Budapest: Vajda János, 1939. (72 p. 21 cm) (do português) (antologia de literatura brasileira) (apresentação de Octavio Fialho) (além das traduções, estudo introdutório de 6 páginas, biografia dos autores selecionados, e notas) Uma reimpressão na coleção “Flora mundi” foi publicada em Budapeste, pela Íbis, em 2001.
- *Latin és Mosoly – Válogatott tanulmányok* (Latim e sorriso). Trad. e sel. Benyhe János. Budapeste: Europa Könyvkiadó, 1980. _____. 2. ed. _____ 1981 (Seleção de ensaios extraídos das obras: *Como aprendi o português*, *Encontros com o Brasil* e *Escola de Tradutores*) (em húngaro)
- *Boszorkányszombat: Brazil elbeszélők*. (Contos brasileiros) Org, seleção e notas de Rónai Pál. Trad. para húngaro de 6 tradutores. Budapest: Európa, 1986. (343 p.)

1.5 – Livros didáticos publicados na Hungria

- *Olasz-magyar szótár* dr Paolo Calabro Grammatica Italiana címmű könyvéhez (dicionário italiano-húngaro, para ser usado junto com a gramática do Dr. Paolo Calabro) 2.ed. Budapest: Gergely, 1935. _____. 3.ed. _____ 1935. _____. 4.ed. _____ 1941. (48 p. 24 cm)
- *Magyar-olasz fordítási gyakorlatok*, (exercícios práticos para tradução de húngaro-italiano). Seleção e notas de Király Rudolf e Rónai Pál. Budapest: Gergely, 1937. (32 p. 23 cm)

- *A Magyar Lányok nyelvórai.* (Aulas de francês na revista feminina ilustrada Magyar Lányok). Budapest: Magyar Lányok, 1932? (52 lições cada uma de uma página de revista).

1.6 – Tradução de livros para o húngaro (quando não indicado ao contrário, Paulo Rónai é o único tradutor)

- SARDOU, Victorien. BOTZARÈS, Pétrós. *Theodóra*. Budapest: Singer, Wolfner, 1928. (208 p. 19 cm) (novela) (do francês)
- IMANN, Georges. *A szív és a számok*. Budapest: Singer, Wolfner, 1930. (126 p. 19 cm) (novela) (do francês)
- COUTO, Ribeiro. *Santosi versek*. Budapest: Officina, 1940 (32 p. 22 cm) (Versos de Santos) (seleção, tradução e introdução) (do português)
- *Latin Költők – (poesia latina) – Anthologia latina – Textus Carminum Latinorum*. Budapest: Officina, 1941 (139 p. 20 cm) (tradução e introdução) (edição bilíngüe, latim e húngaro)

A seguir, a fase Brasil.

2.1 – Livros de Paulo Rónai

- *Livres français à l'exposition de Rio de Janeiro e de São Paulo*. Rio de Janeiro: Centre d'Études Françaises, 1945. (80 p. 23 cm) (em francês)
- *Balzac e a Comédia Humana*. Porto Alegre: Globo. 1947. (154 p.) (Coleção Tucano) _____. 2. ed. rev. e aum. 1957. (Prêmio Sílvio Romero, da Academia Brasileira de Letras.)
- *Um romance de Balzac – A pele de Onagro*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952. (157 p.) (tese de concurso para a cátedra de francês do Colégio Pedro II.)
- *Escola de tradutores*. Cadernos de Cultura. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. (50 p.) _____. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. (93 p.) _____. 3. e. rev aum. Rio de Janeiro: Edições de Ouro Culturais, 1967. (99 p.) _____. 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976. (131 p.) _____. 5. ed. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. (171 p.) _____. 6. ed. aum. _____, 1989. _____. 2000.
- *Como aprendi o português, e outras aventuras*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1956. (270 p.) _____. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. (156 p.)
- *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1958. (251 p.)
- *Homens contra Babel (passado, presente e futuro das línguas artificiais)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964. (161 p.)

- *A vida de Balzac*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967. (195 p.) _____. 2. ed. _____ 1999.
- *Introdução ao estudo de Balzac*. In: *Curso de altos estudos*, vol.V. Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1967. (118 p. 18 cm)
- *Guia prático da tradução francesa*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967; _____. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1975. (120 p.) _____. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.(212 p.) _____. 4. ed. rev. e aum. _____ 1989. (226 p.)
- *A Língua Francesa, sua Evolução e sua Estrutura*. Rio de Janeiro: Delta, 1968. Separata da *Enciclopédia Delta-Larousse*. (p. 3087-3168, 27 cm)
- *Der Kampf gegen Babel oder das Abenteuer der Universalsprachen*, Trad. Herbert Caro. Munich: Ehrenwirth, 1969. (197 p.) (tradução, para o alemão, de *Babel & Antibabel*.)
- *Babel & Antibabel*. São Paulo: Perspectiva, 1970. (194 p.) Coleção Debates. (Revisão e ampliação de *Homens contra Babel*)
- *A princesa dengosa*. In: BENEDETTI, Lúcia, org. *Teatro Infantil- vol.II*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, Serviço Nacional do Teatro, 1971.
- *Babelu e no ckosen*. Trad. Makio Sato. Tóquio: Yamamoto Shoten, 1971. (273 p.) (tradução, para o japonês, de *Babel & Antibabel*).
- *O Barbeiro de Sevilha e As Bodas de Fígaro – Comédias de Beaumarchais recontadas em português para a juventude de hoje*. Colaboração com Cora Rónai. Coleção Ediouro. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.
- *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976. (156 p.) _____. 2.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (210 p.) _____. 3.ed. _____ 1990.
- *Não perca o seu latim*. (Revisão Aurélio Buarque de Holanda) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (261 p.) _____. 2.ed. aum. _____ 1980. (263p.) _____. 3. ed. aum. _____ 1984. _____. 4. ed aum. _____, 1988. _____. 8. ed. _____ 1996. (Existe uma nova edição da Nova Fronteira em 2002).
- *O teatro de Molière*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981. (Conferências proferidas em 1973, por ocasião do tricentenário da morte do escritor, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.)
- *Pois É: ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. (300 p)

2.2 – Antologias de Contos (seleção, tradução e notas). Com colaboração e / ou revisão de Aurélio Buarque de Holanda.

- *O Conto da Semana*. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, de 13 de abril de 1947 a 25 de dezembro de 1960, num total aproximado de 711 contos publicados, em colaboração com Aurélio Buarque de Holanda. (Sel. trad. e notas.) (ver detalhes no Anexo II-c.)
- *Mar de Histórias – Antologia do conto mundial*. Com Aurélio Buarque Holanda. 10 v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945-1963. _____. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. _____. 4.ed. _____ 1998.

- *Roteiro do conto húngaro*. In: *Cadernos de Cultura*, Serviço de Documentação, Ministério da Educação e Cultura, 1954. (131 p.) (também prefácio).
- *Antologia do conto húngaro*. Prefácio *Pequena Palavra*: João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. _____. 2. ed. _____. 1958; _____. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975; _____. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. (283 p.) (também introdução).
- *Contos húngaros*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1964. _____. ed. rev. e aum. São Paulo: EDUSP, 1991. (também introdução e notas biográficas).
- *Contos Ingêleses*. (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, 1966.
- *Contos Franceses*. (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- *Contos Russos*. (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- *Contos Italianos*. (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- *Contos Alemães*. (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- *Contos Norte-Americanos*. (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- *Antologia do conto francês*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966. (Coleção Universidade de Bolso) (extraídos de *Mar de Histórias*) (Do prefácio constam as biografias dos autores selecionados).
- *Antologia do conto italiano*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1982. _____. 2.ed. _____. 1993. (extraídos de *Mar de Histórias*) (Do prefácio constam as biografias dos autores selecionados.)
- *Antologia do conto inglês*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988. _____. 2.ed. _____. 1993.
- *Antologia do conto norte-americano*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967. _____. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993. (extraídos de *Mar de Histórias*) (Do prefácio constam as biografias dos autores selecionados.)
- *Antologia do conto alemão*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966. (Segundo Esquedá,¹⁹² novas edições em 1983, 1989 e 1992).
- *Antologia do conto russo*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1975. _____. 2. ed. _____. 1983?

2.3 – Dicionários

- *Pequeno dicionário francês-português*. Rio de Janeiro: Larousse, 1977.
- *Dicionário francês-português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- *Dicionário universal Nova Fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

¹⁹² ESQUEDA, Marileide. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. UNICAMP, IEL, 2004. Tese de doutorado.

_____. 2. ed. aum. _____. 1985; _____. 4. ed. _____. 1991. _____. 6. reimpr. _____. 2004. (1.052 p.)

- *Dicionário francês-português, português-francês*. 3. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. (574 p.) 7. reimpr. _____. 2004. (Em edições anteriores denominava-se *Dicionário Essencial Francês-Português, Português-Francês*). (A primeira parte Francês-Português, deriva do *Dicionário Francês-Português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.)
- *Dicionário gramatical*. Porto Alegre: Globo, 1953. _____. 2. ed. _____. 1955 _____. 3. ed. _____. 1962. (capítulos: Introdução, Francês [82 p.] e Latim [82 p.])
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 (Colaboração especializada em: palavras, locuções, frases feitas e provérbios de uso universal.)

2.4 – Livros Didáticos

- *Curso básico de latim I: gradus primus*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944. *Gradus Primus*. 2.ed. ampl. Rio de Janeiro: Globo, 1949. *Gradus Primus et Secundus*. Rio de Janeiro: F. Brigueit, 1951. _____. 2.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1953. [o prefácio desse volume explica que devido à diminuição de carga horária, era necessário dar o programa previsto no *Gradus Primus* em dois anos.] _____. 8.ed. aum. Rio de Janeiro: F. Brigueit, 1958. _____. 1959. _____. São Paulo: Cultrix, 1985. _____. 2. ed. _____. 1986. _____. 3. ed. _____. 1998.
- *Curso básico de latim II: gradus secundus*. Rio de Janeiro: CEB, 1945. Rio de Janeiro: F. Brigueit 1955. _____. 6. ed. rev. aum. _____. 1958. São Paulo: Cultrix, 1986. (segundo a Biblioteca Mário de Andrade, a Cultrix lançou uma 2ª ed. em 1990)
- *Gradus tertius*. Rio de Janeiro: CEB, 1946. _____. Rio de Janeiro: F Brigueit, 1954. _____. 3.ed. Rio de Janeiro: F Brigueit, 1955. _____. 1959.
- *Gradus quartus*. Porto Alegre: Globo 1949. _____. 2. ed. Rio de Janeiro: F Brigueit, 1955. _____. 1957. _____. 1959.
- *Gramática completa do francês Moderno*. Rio de Janeiro: J. Ozon ,1969. _____. São Paulo: LISA, 1973.
- *Mon Premier Livre*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1953. _____. 25.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965. _____. São Paulo: LISA, 1973. (a edição de 1973 foi renovada segundo as diretrizes da didática moderna, com ilustrações coloridas) (em colaboração com Pierre Hawelka)
- *Mon Second Livre*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1954. _____. 16.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1960. *Notre Second Livre de Français – primeiro grau*. São Paulo: LISA, 1973. (a edição de 1973 foi renovada segundo as diretrizes da didática moderna, com ilustrações coloridas) (em colaboração com Pierre Hawelka)
- *Notre Second Livre de Français – Manual do Professor*. São Paulo: LISA, 1973. (em colaboração com Pierre Hawelka)
- *Mon Troisième Livre*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1954. _____. 12.ed. 1959. (em colaboração com Pierre Hawelka)

- *Mon Quatrième Livre*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1955. _____. 9.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958. _____. 10.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1961. (em colaboração com Pierre Hawelka)
- *Lectures, langage, littérature I – para o primeiro ano do curso colegial*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1958. _____. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. _____. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962. (Com Roberto Corrêa e Yvonne Guillou) (em francês, com *Notices Bibliographiques e Mémento Gramatical* no final)
- *Lectures, langage, littérature II – para o segundo ano do curso colegial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962. (Com Roberto Corrêa e Yvonne Guillou) (em francês, com *Notices Bibliographiques e Mémento Gramatical* no final)
- *Os Verbos Franceses ao Alcance de Todos*. Em colaboração com Clara Gárdos. São Paulo: Editora Didática Irradiante, 1970.
- *Le Mystère du Carnet Gris*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969. _____. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1970. Livro texto para ser usado juntamente com *Parlons Français*.
- *Parlons Français*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969. Livro de exercícios para ser usado juntamente com o *Le Mystère du Carnet Gris*.

2.5 – Traduções de livros

- *As cartas do P. David Fáy e sua biografia*. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1942. v. 64, p. 191-273 _____. Min. Educação e Saúde, Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. (do húngaro e do latim)
- FAZEKAS, Estevão. *O romance das vitaminas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. (do húngaro).
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Mémoires d'un sergent de la Milice*. Rio de Janeiro: Atlântica, 1944. (226 p.) (tradução de *Memórias de um Sargento de Milícias* para o francês)
- MOLNÁR, Ferenc. *Os meninos da rua Paulo*. Rev. Aurélio Buarque de Holanda. São Paulo: Saraiva, 1952. (127 p.) (Numerosas reedições pelas Edições de Ouro, Rio de Janeiro.) _____. Posfácio: Nelson Ascher. São Paulo: Cosac & Naif, 2006. (relançamento). (246 p) (também prefácio) (do húngaro)
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Revisão de Cecília Meirelis. Porto Alegre: Globo, 1953. (sucessivas re-impressões) 17. reimp.: 1989. 31ª reimp: 2001. _____. 2.ed. revista: 2001. _____. 9ª reimp: 2008. (do alemão)
- TÖRÖK, Alexandre. *Uma noite estranha*. (peça em 3 atos). Rev. Aurélio Buarque de Holanda. Coleção "Teatro". Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. (também apresentação) (do húngaro).
- APULEIO, Lúcio. *Amor e Psique*. Rev. Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. (do latim).
- KELLER Gottfried. *Sete lendas*. Também introdução. Rev. Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. _____. 2.ed.: 1961. (do alemão)

- BODMER, Frederick. *O Homem e as Línguas – Guia para o estudioso de idiomas*. Trad. Aires da Mata Machado Fº, Paulo Rónai e Marcello Marques Magalhães. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1960. (do inglês)
- STENDARDO, Alfredo. *Visões do Rio de Janeiro*. Ilustrações de Gianvittore Calvi. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1961. (do italiano)
- VIGNY, Alfred de. *Servidão e grandeza militares*. Rev. Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Difel. 1967. _____. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1976. (do francês)
- VON KELLER, Theodore M. R. *A essência do Talmud*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969. (121 p)
- MAILLOT, Jean. *A tradução científica e técnica*. Prefácio de Pierre-François Caillé. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil em co-edição com ed. Universidade de Brasília. 1975. (também Nota Introdutória) (do francês).
- BOLDIZSÁR, Iván. *Conversa de Amigos*. In: Ficção – Histórias para o Prazer da Leitura. Rio de Janeiro: agosto/1978. (v.VI, n.32, p.80-85) (do húngaro)
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Az Út Közepén* (No meio do caminho). In: *La Poesía y El Don de Lenguas..* Madrid: Embajada de Brasil en España, *Revista de Cultura Brasileña* enero 1979. (n.48, p.111) (para o húngaro)
- MADÁCH, Imre. *A tragédia do homem*. Em colaboração com Geir Campos. Ilustrações do conde Mihály Zichy. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Salamandra-Núcleo Editorial da UERJ, 1980. (247 p) (do húngaro).
- SHAW, George Bernard. *Socialismo para milionários*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970. (90 p.) _____. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1981 (também biografia) (do inglês).
- CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Em colaboração com Teodoro Cabral e revisão de Geraldo Gerson de Souza. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957 . _____. 2. ed. _____1979. _____. São Paulo: Huitec/EDUSP, 1996. Atualmente a obra está na 7ª edição. (do alemão)
- PAZ-ANDRADE, Valentin. *A galeguidade na obra de Guimarães Rosa*. Também introdução. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1983. (do galego)
- CARELMAN. *Catálogo de objetos inviáveis*. Trad. Elói de Castro, adaptação Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. (do francês)

2.6 – Organização de edição

- BALZAC, Honoré de. *A Comédia Humana*. vols. I-XVII . Porto Alegre: Globo, 1945-1955. Reedição. Rio de Janeiro: Artenova, 1976. (organização, revisão, introdução: cada um dos 89 contos e/ou romances tem uma biografia introdutória de Paulo Rónai; 7.493 notas de tradução) (do francês) nova edição revisada – Rio de Janeiro: ed. Globo, 1989 (em diante, último vol. 1993). Inclui ensaio *A vida de Balzac*, de Paulo Rónai, p. 9-73.
- *Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura*. 64 vols. Rio de Janeiro: Delta / Opera Mundi, 1964-1974.
- *Guia do leitor – Biblioteca dos prêmios Nobel de literatura*. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.

- *Obras de Viana Moog*. Rio de Janeiro: Delta, 1966. 10 vols.
- *Biblioteca do estudioso*. São Paulo: Lisa, 1970-1973, 8 vols: *Enriqueça seu Vocabulário*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1970; *A Pontuação ao Alcance de Todos*, de Iria Müller Poças & Nilda Catarina A. Athanasio, 1973; *Idiomatismos da Língua Inglesa ao Alcance de Todos*, de Olwaldo Serpa, 1971; *Vida e Saúde, Problemas e Soluções*, de A. da Silva Mello, de 1973; *Os Verbos Portugueses ao Alcance de Todos*, de Vittorio Bergo, de 1971; *Os Verbos Franceses ao Alcance de Todos*, de Clara Gárdos & Paulo Rónai, de 1970; *Dicionário de Citações Brasileiras*, de R. Magalhães Jr., de 1971; *Estudos Brasileiros*, de Ivan Lins, de 1973.
- *Biografias literárias*, R. Magalhães Jr., São Paulo: Editora Lisa, 1971, 10 vols.
- *Coleção Brasil Moço*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971 em diante, 27 vol. (Literatura comentada — Coleção dirigida pelo Prof. Paulo Rónai, de *textos escolhidos (acompanhados de notas, perfil, bibliografia e estudo crítico) dos escritores mais representativos da moderna literatura brasileira.*)
- *Rosiana, uma coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983. (edição não comercial, produzida para ser distribuída como brinde). Paulo Rónai revisou toda a obra de Guimarães Rosa, dela extraindo os 256 conceitos, máximas e brocados que compõem Rosiana.
- *Coleção Pingo nos ii*. Paulo Rónai (org), Rio de Janeiro, EDUCOM, 5 volumes: Guia Prático da Tradução Francesa, de Paulo Rónai, A Tradução Vivida, de Paulo Rónai, Guia Prático da Tradução Inglesa, de Agenor Soares dos Santos, Escola de Tradutores, de Paulo Rónai, O Inglês que Você Pensa que Sabe, de Christian Bouscaren e André Davoust.

2.7 – Prefácios

São inúmeros os livros que Paulo Rónai prefaciou. Alguns são textos de página e meia, ou duas, e a grande maioria faz uma contextualização biográfica e literária da obra e / ou do autor.

- *O precursor Adelino Magalhães – no depoimento de Nestor Vitor... (et alii)*, catalogado na ABL, 1947.
- BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro: Mérito, 1947. (p.9-16)
- MAGALHÃES JR, Raymundo. *La chanson dans le pain* Trad. André Gama Fernandes. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.
- MÉRIMÉE, Prosper. *Histórias Imparciais*. Trad. Ondina Ferreira. São Paulo: Cultrix, 1959. (p.9-15) (prefácio e seleção)
- LISPECTOR, C. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1960. (apresentação feita nas duas orelhas.)
- SASSI, Guido Wilmar. *São Miguel*. São Paulo: Boa Leitura Ed., 1962. (Obra premiada no Concurso Literário promovido pela Boa Leitura Ed, e a Edições Melhoramentos.)
_____. 2.ed. Rio de Janeiro: Antares, 1979. (novo prefácio *Reapresentação de Guido Wilmar Sassi.*)

- AYMÉ, Marcel. *A égua verde*. Trad. Ecila de Azeredo Grunewald. Rio de Janeiro: Jupiter, 1962. (p.5-12)
- CONY, Carlos Heitor. *A verdade de cada dia*. Prêmio Manuel Antonio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro: BUP – Bib.Univ.Popular, 1963. _____. _____. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- TILLIER, Claude. *Meu Tio Benjamin*. Rio de Janeiro: BUP – Bib.Univ.Popular, 1963.
- TOLSTÓI, Lev. *A Morte de Ivan Ilitch*. Trad. Gulnara L. M. Pereira. Coleção Saraiva, vol. 184. São Paulo: Saraiva, 1963. (texto de apresentação, sem título). _____. _____. Trad. Bóris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2006. (Nesta edição o texto de Rónai aparece como apêndice: *Sobre Tolstói e 'A Morte de Ivan Ilitch'*)
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: BUP – Bib.Univ.Popular, 1965.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Enriqueça seu Vocabulário*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.
- MOLIÈRE. *Escola de Mulheres*. Trad. Jenny Klabin Segall. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1966. De Paulo Rónai: *A Vida de Molière. A comédia de Molière* (especial para esta coleção), e *Escola de Mulheres* (introdução).
- MOLIÈRE. *As Sabichonas*. Trad. Jenny Klabin Segall. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1966. De Paulo Rónai: *A Vida de Molière. A comédia de Molière* (especial para esta coleção), e *As Sabichonas* (introdução).
- PREVOST, Abade. *Manon Lescaut*. Ediouro. [s.d.]
- PRÉVOST, Abade. *História do Cavaleiro de Gueux e de Manon Lescaut*. Trad. Casimiro L.M. Fernandes. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1967.
- BALZAC. *A Mulher de Trinta Anos*. Trad. Casimiro Fernandes e Wilson Lousada. Notas (77 no total) e orientação de Paulo Rónai. Portugal: Editorial Bruguera. 1967.
- TELLES, Lygia Fagundes. *Histórias Escolhidas*. São Paulo: Boa Leitura, 1961.
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. _____. _____. Ed. comemorativa 60 anos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Introdução de Paulo Rónai, *A arte de contar em Sagarana*.)
- _____. *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. _____. _____. Ed. comemorativa 50 anos. _____. 2006. (Introdução Paulo Rónai *Rondando os segredos de Guimarães Rosa*.)
- _____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. _____. _____. 2. ed. 1964. _____. _____. 3. ed. 1967. (A introdução de Rónai, *Os vastos espaços*, um texto de 25 páginas apresentando uma análise crítica de toda obra de Guimarães Rosa, aparece somente a partir da 3. edição) (Em 1978 a obra estava na 11. edição.) _____. _____. 4. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- _____. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- _____. *Ave, Palavra*, obra póstuma, Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. _____. _____. 2. ed. definitiva, 1978. (O prefácio de Rónai deixa transparecer o trabalho de revisão que foi feito entre a 1ª e a 2ª edição.)

- _____. *Grande Sertão: Veredas*. 19.ed. 3. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Prefácio *Três Motivos em Grande Sertão: Veredas*)
- _____. *Tutaméia (Terceiras Histórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. _____.
_____. 2. ed. 1967. _____. 3.ed. 1969. _____. 4. ed. 1976. _____.
_____. 8.ed. 2001. (em apêndice: *Os prefácios de Tutaméia*)
- _____. *Tutaméia (Terceiras Histórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. _____.
_____. 2. ed. 1967. _____. 3.ed. 1969. _____. 4. ed. 1976. _____.
_____. 8.ed. 2001. (em apêndice: *As estórias de Tutaméia*)
- _____. *Seleta*. Organização, estudo e notas de Paulo Rónai. In: Coleção Brasil Moço. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. (em apêndice: *Trajatória de uma obra.*)
- MÓRICZ, Zsigmond. *Flor de Abandono*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.
- ASTOR, Charles. *Estórias Rudes*. Rio de Janeiro: BUP – Biblioteca Universal Popular, 1965. _____. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (também apresentação da 2ª edição.)
- RACINE. *Andrômaca*. Trad. Jenny Klabin Segall. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1966. (De Paulo Rónai: *A vida de Jean Racine. A Tragédia Clássica*. (especial para a coleção). *Andrômaca* –introdução.)
- RACINE. *Britânico*. Trad. Jenny Klabin Segall. Edição bilíngüe francês – português. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1966. (De Paulo Rónai: *A vida de Jean Racine. A Tragédia Clássica*. (especial para a coleção). Introdução a *Britânico*.)
- CORNEILLE. *Horácio*. Trad. Jenny Klabin Segall. Edição bilíngüe francês – português. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1966. (De Paulo Rónai: *A vida de Pierre Corneille. A Tragédia Cornelianiana*. (especial para a coleção). Introdução a *Horácio*.)
- CORNEILLE. *O Cid*. Trad. Jenny Klabin Segall. Edição bilíngüe francês – português. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1966. (De Paulo Rónai: *A vida de Pierre Corneille. A Tragédia Cornelianiana*. (especial para a coleção). Introdução a *O Cid*.)
- *Os Mais Brilhantes Contos de Prosper Mérimée*. Trad. Ondina Ferreira. São Paulo: Ediouro, 1966. _____. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1986. (seleção e introdução)
- LA FONTAINE. *Fábulas*. Vol. I. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1967.
- PEDROSA, Milton. *Gol de Letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Liv.Ed. Gol, 1967.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967.
- MOLNÁR, Gábor. *Aventuras na mata Amazônica*. Trad. Eva Soltész. Revisão de Rachel de Queiroz. São Paulo: LISA – Livros Irradiantes, 1970. (orelha)
- MAGALHÃES JR, R. *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*. Serie: *Biografias literárias* de R. Magalhães Jr., 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: LISA, 1971.
- MAGALHÃES JR, R. *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. Serie: *Biografias literárias* de R. Magalhães Jr. São Paulo: Editora Lisa, 1971.

- MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis. 1839-1870. Ensaio de biografia intelectual*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. _____. 2.ed. São Paulo: Ed UNESP, 2009.
- Cassiano Ricardo – *Seleta em Prosa e Verso*. In: Coleção Brasil Moço. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- SERENO, Eugênia. *O Pássaro da Escuridão. (Romance antigo de uma cidadezinha brasileira)*. 3.ed. rev., refundida, completada. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio & Inst. Nac. Livro – MEC, 1973. Posfácio de Paulo Rónai: *Entre lirismo e epopéia*.
- João Guimarães Rosa – *Seleta*. Organização, estudo e notas. In: Coleção Brasil Moço. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- Menotti Del Picchia, *Seleta em Prosa e Verso*. Organização, apresentação e notas. In: Coleção Brasil Moço. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- MARGUILES, Marcos. *Gueto de Varsóvia, Crônica milenar de três semanas de luta*. 2.ed. (crítica publicada em O Estado de São Paulo, em 25/11/1973, *Gueto de Varsóvia na História*.) Rio de Janeiro: Ed.Documentário, dezembro de 1974. (Menção na página da ficha catalográfica: “A segunda edição foi corrigida graças à gentil colaboração do prof. Paulo Rónai.”)
- REGO, José Lins do. *Pedra Bonita*. Introd. de Paulo Rónai: *De Menino de Engenho a Pedra Bonita*. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. _____. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- SANTOS, Agenor Soares dos. *Guia Prático da Tradução Inglesa*. 1ª edi. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1977. O relançamento da editora Campus em 2007 não traz mais o prefácio de Paulo Rónai.
- L.N. Tolstoï. 1828-1910 – Catálogo da Exposição comemorativa do sesquicentenário de nascimento. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1978.
- FRY, Dennis. *Homo Loquens – O Homem como Animal Falante*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- QUEIROZ, Rachel de. *A Beata Maria do Egito*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – *Seleta em Prosa e Verso*. Organização, estudo e notas. In: Coleção Brasil Moço. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- CUNHA, Helena Parente. *O Lírico e o Trágico em Leopardi*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- JARDIM, Luís. *Maria Perigosa – contos*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed, 1981.
- MOTA, Leonardo. *Adagiário Brasileiro*. Fortaleza: Ed. Univ Federal do Ceará e Rio de Janeiro: Liv José Olympio ed, 1982. _____. Belo Horizonte: ed Itatiaia / EDUSP, 1987.
- CARVALHO, Jáder. *Terra Bárbara*. Fortaleza: Terra do Sol, 1982.
- BALZAC, Honoré. *Ilusões Perdidas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983?. (introdução e notas de rodapé)

- *Emily Dickinson, Uma Centena de Poemas*. Trad, introd. e notas de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: T.A. Queiroz Ed, EDUSP, 1984.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Quarenta Historinhas e Cinco Poemas – an annotated Portuguese Reader*. Florida: University of Florida Press, 1985.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 14.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1988. (contracapa)
- KURY, Adriano da Gama. *Para Falar e Escrever Melhor o Português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. (*Impressões de um Leitor*, posfácio de Paulo Rónai)
- SCHNEIDER, Henrique. *O Grito dos Mudos*. Porto Alegre: L&PM, 1989. (contra-capa)
- PADILHA, João Inácio. *Os Corpanzís*. Prêmio Maurício Rosenblatt de Romance. Porto Alegre: L&PM, 1989. (contra-capa)
- LEMOS, Lara de. *Águas da Memória*. São Paulo: Massao Ohno, 1990. (Vencedor do prêmio Menotti Del Picchia, Itapira, São Paulo, março de 1990).
- ASCHER, Nelson. *Canção antes da ceifa – Poesia húngara do séc XX*. Coleção ptyx. Parede de Poesia “Oswald de Andrade”. São Paulo: Ed Arte Pau-Brasil, 1990.
- WANKE, Eno Teodor, & SIMAS Fº, Roldão. *Dicionário Lusitano Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1991
- MOURA, Agenor Soares de. *À Margem das traduções*. Ivo Barroso (org). São Paulo: Arx, 2003. (Apresentação: *Um Tradutor*, de Paulo Rónai, de 1957.)

2.8 – Diversos

- Intercâmbio Literário – (1) *Message d'outre-mer – Jeune poètes brésiliens*. (2) *A Brazilia* Rio de Janeiro: *Revista das Academias de Letras*, julho de 1939. (Ano III, nº 12) (p.403 a 414) (Publicação no Brasil, dos artigos que Paulo Rónai havia publicado na Hungria) (em francês)
- *Cummunka* – Trad. de O.M. São Paulo: *Diário de São Paulo*, março de 1940. (artigo do *Gazette de Hongrie*, originalmente publicado em francês em Budapeste).
- GÁRDONYI, Géza. *Le discours du serpent*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, febrúár 1941.
- *Lisszabon, 1941*. Budapest: *Új Idők*, 09/03/1941. (2 p. ilustrado) (artigo escrito por Rónai Pál, sobre a vida e os costumes de Lisboa em 1941)
- *Carnet Sudaméricain. Les Deux Nouveaux Livres de M. Ribeiro Couto*. [Prima Belinha, Largo da Matriz]. Budapest, *Gazette de Hongrie*, 26/04/1941. (resenha crítica, de página inteira) (em francês)
- *Brazíliai napló – I, Megérkezés*. (*Diário do Brasil – I, A Chegada*) Budapest: *Új Idők*, 27/04/1941. (artigo de página inteira, enviado do Rio de Janeiro em março de 1941; uma espécie de diário de viagem) (em húngaro)

- HUNYADY, Alexandre. *As jóias de família*. Rio de Janeiro: *Vamos Ler*, 29/05/1941. (conto) (tradução, do húngaro)
- *Lettre de Lisbonne*. Budapest : *Nouvelle Revue de Hongrie*, Mai, 1941. (p. 467-470)
- *Mai Brazil költők verseiből*. New York: *Vasárnap – Amerikai Magyar Népszava Magazin*, 22/6/1941. (página inteira com poemas brasileiros trad. para húngaro: Jorge de Lima, *A madár*. Paul Bopp, *Urucungo*. Murilo Mendes, *A költő szava*. Carlos Drummond de Andrade, *Önvalomás*. _____. *Tetőteraszról az óceán*.) (Junto com os poemas, encontra-se um artigo assinado por Remenyik Zsigmond, apresentando Rónai Pál para os leitores, com uma pequena biografia e bibliografia.)
- *Carnet Sud-Américain – Pedra Bonita*. Budapest, *Gazette de Hongrie*, 01/07/1941. (resenha crítica, enviada do Rio de Janeiro) (em francês)
- MOLNÁR, F. *O Boneco de Neve*. *Dom Casmurro*, 12/07/1941. (conto) (tradução do húngaro)
- HARSÁNYI, Zsolt. *A superstição*. *Diretrizes*, 17/07/1941. (conto) (tradução do húngaro)
- KOSZTOLÁNYI, D. *A auréola cinzenta*. Coluna: O Conto Estrangeiro. *Revista do Brasil*, julho de 1941. (conto) (tradução do húngaro)
- *El Dios Lluvia llora a México*. Coluna *Letras europeas sobre América*. La Paz: *Universidad Católica Bolivariana*, 1941, nº 16-17.
- *Braziliai napló – II Gesztusok (Diário do Brasil – II O Gestual)*. Budapest: *Új Idők*, 17/08/1941. (artigo enviado do Rio de Janeiro; uma espécie de diário de viagem) [começa com “Több mint negyedéve vagyok már carioca (azaz riói lakós)” “Já sou carioca (isto é, morador do Rio) há mais de três meses”] (em húngaro)
- *Estrella Solitária*, de Augusto Frederico Schmidt. Coluna *Letras del Brasil nro.1*. *Universidad Católica Bolivariana*, agosto de 1941. (p. 271-274)
- *Agua Mae*, de José Lins do Rego. Coluna *Letras del Brasil nro.2*. La Paz: *Universidad Católica Bolivariana*, septiembre de 1941. (p. 116-121)
- *Vaga Musica*, de Cecília Meireles. Coluna *Letras del Brasil nro.3*. La Paz: *Universidad Católica Bolivariana*, octubre de 1941. (p. 476-483)
- *Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade. Coluna *Letras del Brasil nro.4*. La Paz: *Universidad Católica Bolivariana*, noviembre de 1941. (p. 97-104)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Le mauvais médecin*. Budapest: *Nouvelle Revue de Hongrie*, 1941. (separata de 40 páginas) (tradução do húngaro para o francês)
- HELTAI, Eugênio. *A Morte e o médico*. Rio de Janeiro: *Vamos Ler*, 26/03/1942. (conto) (tradução do húngaro)
- *Literatura da Hungria, Tendências e figuras da literatura húngara*, discurso proferido pelo Prof. Paulo Rónai em 22 de julho de 1941. In: *Panorama da literatura estrangeira contemporânea: conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras* (pág 169 a 205). Rio de Janeiro: Bedeschi, 1943.
(<http://www.academia.org.br/acervo/geral/index.html>)

- *Memorias de Um Sargento de Milicias, de Manuel Antonio de Almeida*. Coluna Letras del Brasil nro.6. La Paz: Universidad Católica Bolivariana, abril-mayo-junio de 1944. (p. 445-450) (tradução do francês para o espanhol por L.R.)
- *Kálmán Mikszáth, Um Romancista Húngaro*. Cultura, nº 2. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1949.
- *Braziliai naplóm – Brazil iskola 1941-bem*. (diário do Brasil – a escola brasileira em 1941) In: *Kultura* (periódico literário húngaro, publicado mensalmente). São Paulo, *Kultura*, dezembro de 1951. (p.2-4) (em húngaro)
- *A magyar nyelv titkaiból*. (Dos segredos da língua húngara). São Paulo: *Kultura*, agosto de 1953. (número 3) (revista da colônia húngara de São Paulo) (em húngaro)
- MOLNÁR, Ferenc. *Conto de Ninar*. In: *Maravilhas do Conto Universal*, de Diaulas Riedel (org). São Paulo: Cultrix, 1958. (conto, trad. do húngaro)
- *Reflexões de um professor secundário*. (Discurso de posse na cátedra na cadeira de francês do Colégio Pedro II – externato). In: *Anhembi*, ano X, n.109, vol.XXXVII. São Paulo: *Anhembi*, dezembro de 1959. (p.9-26) (Também encontrada menção a esta referência em: Panorama da Literatura Estrangeira Contemporânea.)
- KÖVES, István. / RÓNAI, Pál. *A szabad gennyves hashártyagyulladás kezelése hasüregbe juttatott antibioticumokkal*. In: *Az Orvosi Hetilapból*. Budapest: Athenaeum, 1960 (p. 1060-1062, 29 cm) (em húngaro)
- *Métodos vivos no ensino do latim*. In: *Romanitas*, ano III, n.3 e 4. Rio de Janeiro: Soc. Bras. Romanistas, 1961. (p.420-429)
- *L'oeuvre de J. Guimaraes Rosa*. In : *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*. Toulouse: Caravelle, 1965. (p. 5-21, 24 cm) (em francês)
- *La vie du Brésil dans le miroir de sa langue*. Paris : Didier, 1965. (p. 31-44, 24 cm) _____ In : *Cahiers Du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*. Toulouse: Caravelle, 1965.
- *Notas para facilitar a leitura de Campo Geral, de J. Guimarães Rosa*. In: *Matraga 14*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras UERJ. Ano 9, n.14. Rio de Janeiro: Caetés, 2002. (p.23-57)
- RADVÁNYI, Ervin. *Tempos de Melhoral*. Trad. de Nora e Paulo Rónai. *Jornal do Comércio*, 14/12/1969. (conto) (4 p.) (do húngaro)
- *La Pierre de Carlos Drummond de Andrade*. In: *Études Latino-Américaines*, Centre d'Études Hispaniques, Hispano-Américains et Luso-Brésiliennes IV. *Travaux de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines*. Université de Rennes. s/d. (p. 39-42) (em francês)
- *Hogyan tanultam meg portugálul?* (Como aprendi português?) In: KARDOS, László. *Nagyvilág 1970. Január-December*. Budapest, Lapkiadó Vállalat, 1970. (em húngaro)
- *Como Aprendi Português*. In: *Crônicas Brasileiras, a Portuguese reader*. PRETO-RODAS, R.A.; HOWER, A; PERRONE, C. Gainesville, USA: University Press of Florida, 1971. _____. In: *Crônicas Brasileiras – Nova Fase*. _____, 1994. (p. 204-210) (Nota:

no Acknowledgments desse livro, os autores agradecem especialmente as orientações e a ajuda recebida de Paulo Rónai, uma página inteira relatando suas contribuições.)

- *Um gênero Brasileiro: A Crônica*. In: *Crônicas Brasileiras, a Portuguese reader*. PRETO-RODAS, R.A.; HOWER, A; PERRONE, C. Gainesville, USA: University Press of Florida, 1971. _____. In: *Crônicas Brasileiras, Nova Fase* 1994. (p.213-216) (Nota: no Acknowledgments desse livro, os autores agradecem especialmente as orientações e a ajuda recebida de Paulo Rónai, uma página inteira relatando suas contribuições.)
- *L'influence de la langue latine sur la langue et la littérature hongroise*. In: *Romanitas*, n.9 Rio de Janeiro: *Romanitas*, 1971. (p. 107-126) (esta referência foi encontrada na Hungria e também na pág 158 de *A Tradução Viva*). (em francês)
- *O meu Ribeiro Couto: para o Décimo Aniversário da Morte do Poeta*. Cultura (MEC), Brasília: v. 3, n. 9, p. 15-21, jan./mar., 1973.
[http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/lista_perio.asp?navegacao=proxima&tit=CULTURA++\(MEC\)&P=1&nl=50](http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/lista_perio.asp?navegacao=proxima&tit=CULTURA++(MEC)&P=1&nl=50)
- *Itinerario de João Guimarães Rosa*. In: *Revista de Cultura Brasileña* – n. 35. Madrid: Embajada del Brasil en España, mayo 1973. (p. 21-36)
- *Levél Rio de Janeiroból*. (Carta do Rio de Janeiro) In: Kortárs 1973, július – *Irodalmi és kritikai folyóirat*. (Da literatura e da crítica) Kovács Sándor Iván (org). Budapest: Lapkiadó Vállalat, július 1973.
- KÉRY, László. *Nagyvilág* 1975. *Január-December*. Budapest, Lapkiadó Vállalat, 1975. (Rónai Pál participa de uma mesa redonda sobre a literatura estrangeira em húngaro e a literatura húngara no exterior.)
- *Guimarães Rosa contista*. In: *Revista GRIAL* n.59. Espanha: Galícia, *Revista GRIAL*, xaneiro, fevereiro, marzo 1978. (separata da revista, com a transcrição da Conferência pronunciada no Auditorium da “Caja Municipal de Ahorros” de Vigo, Espanha, 15/11/77.)
- *Une édition de Balzac aux Tropiques*. In : *L'Année Balzacienne*. Paris : Garnier Frères, 1978. (p-249-258) (em francês)
- *The character of a poet: Cecília Meirelis – and her work*. Translated into English by Susana Hertelendy Rudge and poems by Jean R.Longland. In: *The Literary Review – Brazil*. vol.21 n.2. New Jersey, USA: *The Literary Review*, winter 1978. (p.193-204)
- *Souvenir de Pierre-François Caillé*. In: *In Memoriam Pierre-François Caillé 1907-1979*. Sofia-Press, 1980. (Pierre-François Caillé foi o presidente-fundador do FIT – Federação Internacional de Tradutores) (em francês)
- *La traduction : moyen de diffusion des valeurs culturelles en Amérique latine*. In: Babel, vol XXVI, n.1. Budapest, 1980. (p.19-22) _____. In: *La traduction et la coopération culturelle internationale* – Colloque international, organisé avec le concours de l'UNESCO. Sofia, 16-18 octobre 1979. Sofia Presse, 1981. (em francês)
- *Discurso em homenagem a Aurélio Buarque de Holanda*. Vol.XXXVII. Maceió: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, 1981. (p.196-204)
- *Decálogo do Tradutor*. In: *Tradução & Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*, n.1. São Paulo: Álamo, dez. 1981. (p.87-90) (Discurso de encerramento do Seminário da ABRATES, RJ, de 1 a 5 de junho de 1981.)

- *Mar de Histórias*. In: *A Tradução da Grande Obra Literária- depoimentos*. Rev.Tradução & Comunicação, n.2. São Paulo: Álamo, 1982. (p.1-19)
- *La place de Manuel Antônio de Almeida dans les lettres brésiliennes*. In: *Études Portugaises et Brésiliennes (Nouvelle série V) XIX*. Université de Haute Bretagne (Rennes II), Paris, 1983. (p. 23-30) (em francês)
- *Ensaio Queirozianos, Antonio Coimbra Martins*. Nouvelles études luso-brésiliennes IX. Université de Haute Bretagne. s.d. (r) (em francês).
- *Problemas Gerais da Tradução*. In: Waldivia Marchiori Portinho (org). *A Tradução Técnica e seus Problemas*. São Paulo: Álamo, 1983.
- *A Tradução Ensinada por um Mestre*. In: *Tradução & Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*. São Paulo: Álamo, março de 1983. (p.159-162) (resenha de Valentín Garcia Yebra)
- *Ezt a nyelvet nem tanultam meg!* (Esta língua eu não aprendi!) In: *Világ és nyelv magazin 2*. Budapest: Magyar Eszperantó Szövetség, 1983.
- *Egy műszaki fordító kalandjai és tapasztalatai*. (As aventuras e as impressões de um tradutor literário) In: *Világ és nyelv magazin 2*. Budapest: Magyar Eszperantó Szövetség, 1983.
- *Viajantes Húngaros no Brasil*. In: *Notícia Bibliográfica e Histórica*. Odilon Nogueira de Matos (org). Campinas: jan/mar 1984. (p.77-93)
- *Egy fordítás története. (A história de uma tradução)*. In: *Évkönyv 1983/1984*. SCHEIBER, Sándor (Org). Budapest: Magyar Izraeliták Országos Képviselőlete, 1984.
- *A magyar szabadságharc brazil visszhangja*. (Os ecos da revolução húngara no Brasil) In: *Új Írás*, ano XXV, n.7. Budapest, *Új Írás*, 1985. (em húngaro)
- *Cascas de banana no caminho do tradutor*. n.34. Curitiba: *Revista Letras*, 1985. (conferência – Depto. Letras da UFPr) (p.186-198)
- *A Comédia Humana no Brasil, história de uma edição*. In: *Travessia 16/17/18 Brasil/França*. Revista de Literatura Brasileira, do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC. Org. Pierre Rivas & Zahidé L. Muzart. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988/1989. (p.272-278)
- *Aurélio, homem humano*. n.2. São Paulo: *Revista USP*, jun/jul/ago 1989.
- *Um humorista húngaro: Frigyes Karinthy*. Trad. e apres. n.6. São Paulo: *Revista USP* jun/jul/ago 1990. (conto, do húngaro)
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *O Homem da China*. Trad. e apres. n.7. São Paulo: *Revista USP*, set/out/nov 1990. (conto, do húngaro)
- *Tutaméia*. In: *Guimarães Rosa – Fortuna Crítica*. COUTINHO, E.F. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (p.527-535)
- *How I learned Portuguese*. Trad. Prof. Dr. Tom Moore. USA: ATA Chronicle, July 2003. (p.41-42) (www.atanet.org/chronicle)

- *A linguistic tragicomedy*. Trad. Prof. Dr. Tom Moore. USA: ATA Chronicle, August 2003. (p.46, 58) (www.atanet.org/chronicle)
- *Ribeiro Couto, his own translator*. Trad. Prof. Dr. Tom Moore. USA: ATA Chronicle, January 2004. (p.44-46) (www.atanet.org/chronicle)
- *Sleeping beauty*. Trad. Prof. Dr. Tom Moore. USA: ATA Chronicle, March 2004. (p.35-37, 48) (www.atanet.org/chronicle)
- *Banana Peels to Trip up the Translator*. (Adapted from a lecture delivered at the Dept. of Letters, Federal University of Paraná). Trad. Prof. Dr. Tom Moore. USA: The Gotham Translator, May/June 2004. (p.1-5) (www.nyctranslators.org/GothamTranslator/)
- *Virtues and Virtualities of the Catholic Language*. Trad. Prof. Dr. Tom Moore. USA : International Auxiliar Languages, September 27, 2005. (http://ial.wikicitities.com/wiki/Alberto_Liptay)
- *Greek for Chinese to Read*. Trad. Prof. Dr. Tom Moore. USA : International Auxiliar Languages, September 28, 2005. (http://ial.wikicitities.com/wiki/Alberto_Liptay)

2.9 – Colaborações

- *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, jun/1945-1957. Total de 21 n.ºs. Rónai participou das seguintes edições:
 - n.º6: set/1946. *Cinco Antologias contra uma literatura* (p.52-57) p. 171.
 - n.º7: dez/1946. (Começa a coluna Letras Estrangeiras assinada por Rónai) p.136-143. O “Balzac” de Stefan Zweig p.136-139a. Revistas Francesas, p.139b-141. *Cenários Máscaras e Costumes do Teatro Inglês*, p.141b-142. *Contos Romenos* (resenha) p.142 e mais quatro resenhas até a p.143.
 - n.º8: mar/1947; Letras Estrangeiras p.151-157. *Os Dois Últimos Livros de Pierre Girard* p.151-152. Mais 6 resenhas, até p. 155, e depois citações mais curtas sob o título Livros Recebidos: 16 livros em português, e dois em inglês.
 - n.º9: jun/1947; Letras Estrangeiras p.156-162. Resenha: *Sob a Invocação de São Jerônimo* p.156-157 Mais outras 6 resenhas p.157—159b. Livros Recebidos p.159b-160 e mais 4 resenhas curtas.
 - n.º10: set/1947. Letras Estrangeiras p.155-166 Resenhas: Duas Biografias – *Emile Zola* e *Oscar Wilde*, p.155-157, *O Centenário de “Wuthering Heights”* p. 158 *Conhecimento de Dostoiewski*, p. 159 mais 10 resenhas grandes, até p. 165.
- *Letras*. In: *Jornal dos Transportes*, n. 3-4. Rio de Janeiro, março/abril 1969. (r) (Nota de Paulo Rónai: n.º em que comecei a escrever a seção de *Letras*). (página inteira). Outras edições: n. 5-6, mai/jun 1969 (3 p.); n. 7, julho 1969 (5 p.); n. 8, agosto 1969 (4 p.); n. 9-10, set/dez 1969 (3 p.); n. 11-12, abril 1970 (4 p.); n. 13-14, abr/mai 1970 (3 p.); n. 15-16, junho 1970 (4 p.); n. 17, set 1970 (3 p.); n. 18, dez 1970 (3 p.); n. 19, maio 1971 (3 p.); n. 20, julho 1971 (3 p.); n. 21 out 1971 (1 p.).

Segundo Esqueda¹⁹³, Rónai colaborou com o Boletim da ABRATES e as enciclopédias Delta Larousse, Barsa e Britânica. E, no exterior, para as revistas *Americas* (EUA), *Caravelle* (Toulouse), *Revue de Littérature Comparée* (Paris), Boletim do PEN Internacional (Londres), *Nagyvilág* e *Babel* (Budapeste), *Humboldt* (Bonn), e a Enciclopédia da Literatura Universal (Budapeste). Muitas dessas colaborações significaram longos períodos de contribuição, com artigos, resenhas, etc, como o Boletim da ABRATES. Além disso, encontrou-se na Enciclopédia Mirador Internacional, publicada no Brasil pela Encyclopaedia Britannica, a chancela de Paulo Rónai em pelo menos um registro da obra: literatura e arte da Hungria. Confirmando a informação de Esqueda, Rónai colaborou com o *Világirodalmi Lexikon* [Enciclopedia da Literatura Universal]: da letra A à letra P – cerca de 8.000 páginas distribuídas por 10 volumes – foram localizados perto de 200 verbetes produzidos por ele, entre 1968 e 1986. Ou seja, não será surpresa se, em pesquisas futuras, mais material for encontrado.

2.10 – Cursos, Conferências e Bancas

Ainda segundo Esqueda¹⁹⁴, além de conferências sobre tradução e literatura no Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades brasileiras, Rónai deu cursos e conferências sobre literatura brasileira em Gainesville (USA), Paris, Toulouse, Rennes, Neuchâtel, Heidelberg, Budapeste e Tóquio. Muitos desses itens estão relacionados no Anexo I – *Cronologia*, nas respectivas datas. Considerando que localizar essas informações, em especial, é quase que obra do acaso, é bem provável que nem tudo que efetivamente ocorreu esteja listado no Anexo I - *Cronologia*. Digno de observação, porém, muito se deve ao senso organizacional de Rónai, que mantinha pastas por assunto em seu acervo. Desta forma foi possível localizar um número razoável de eventos que se enquadram neste item.

Além de cursos e conferência, também anotadas no Anexo I – *Cronologia*, sempre que a informação foi localizada, as bancas que Rónai participou.

¹⁹³ ESQUEDA, Marileide. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. UNICAMP, IEL, 2004. Tese de doutorado.

¹⁹⁴ Idem, idem.

Anexo II – b

2.11 – Publicações em jornais e revistas – legenda: artigos (a) e resenhas (r)

- *D.Casmurro, de Machado de Assis, estudado na Hungria*. Dom Casmurro, 19/08/1939. (a)
- *O propósito de Ossian*. Dom Casmurro, 26/04/1941. (a)
- *Literatura da Hungria*. Revista Brasil, 22/07/1941. (a)
- *Literatura da Hungria*. Jornal do Comércio, 23/07/1941. (a)
- *Babits*. Revista Acadêmica, agosto de 1941. (a)
- *Viajantes Húngaros no Brasil*. Revista do Brasil, ano IV, nº 38, Agosto de 1941. (p.19-35) (a)
- *Budapest, a cidade dos cafés*. Diretrizes, 18/09/1941. (a)
- *O Cacto Roubado – Um Livro do Escritor Tcheco Karel Capek*. Revista do Brasil, ano IV, nº 41, Novembro de 1941. (p.30-39)
- *A European's Impression of Rio in 1941*. In: Travel in Brazil, vol.I, n.4. Rio de Janeiro: The Press and Propaganda Dpt, 1941. (p. 14-19) (a)
- *Saudade brasileira e saudade húngara*. Rio Magazine, 1941. (n. de aniversário) (a)
- *Latinidade da poesia de Augusto Frederico Schmidt*. O Jornal, 29/06/1941. (a)
- *Malasarte, Eulenspiegel e Ulenspiegel*. Revista do Brasil, ano V, nº 45, março de 1942. (p.1-5) (a)
- *“Água Mãe” de José Lins do Rego*. O Jornal, 30/08/1942. (a)
- *Dois Mundos*. O Jornal, 28/03/1943. (a)
- *Relendo um livro de guerra...* Revista do Brasil, ano VI, nº 53, março de 1943. (p.17-19) (a)
- *A Antropologia – ciência e arte*. Leitura, julho de 1943. (r)
- *A Poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Revista do Brasil, ano VI, nº 56, dezembro de 1943. (p.26-32) (r)
- *O Romancista Georges Bernanos*. Leitura, dezembro de 1943. (r)
- *Primeiro Contacto com o Brasil*. Folha Carioca, 06/01/1944. (a)
- *Poetas ao Longe*. Folha Carioca, 19/01/1944. (a)
- *Um livro incômodo*. Folha Carioca, 09/01/1944. (a)
- *Origens e Fins*. O Jornal, 12/03/1944. (a)
- *A “Comédia Humana” de Balzac, em português*. Anuário Brasileiro de Literatura, 1943-1944. (p.301-304) (a)
- *Encontros com Balzac*. Leitura, agosto-setembro de 1944. (a)
- *Aspectos da “Comédia Humana” de Balzac – I – Gênese e organização da Comédia Humana*. O Estado de São Paulo, 04/10/1945. (a)
- *Aspectos da “Comédia Humana” de Balzac – II – A técnica de Balzac na “Comédia Humana”*. O Estado de São Paulo, 06/10/1945. (a)

- *Aspectos da “Comédia Humana” de Balzac – III – Curiosidades da bibliografia balzaquiana.* O Estado de São Paulo, 11/10/1945. (a)
- *Aspectos da “Comédia Humana” de Balzac – Conclusão – Enigmas balzaquianos.* O Estado de São Paulo, 13/10/1945. (a)
- *“O Pai Goriot” dentro da literatura universal – I – A educação sentimental de Rastignac.* O Estado de São Paulo, 20/10/1945. (a)
- *“O Pai Goriot” dentro da literatura universal – II – A morte domandaram: um símbolo de Balzac.* O Estado de São Paulo, 25/10/1945. (a)
- *“O Pai Goriot” dentro da literatura universal – III – Uma frase de Rousseau que é de Chateaubriand.* O Estado de São Paulo, 27/10/1945. (a)
- *“O Pai Goriot” dentro da literatura universal – IV conclusão –De Rastignac a Raskolnikof.* O Estado de São Paulo, 01/11/1945. (a)
- *Balzac Contista – I – O Conto Chave.* O Estado de São Paulo, 15/11/1945. (a)
- *Balzac Contista – II – O Conto Duelo.* O Estado de São Paulo, 17/11/1945. (a)
- *Balzac Contista – III – O Conto Réplica.* O Estado de São Paulo, 22/11/1945. (a)
- *Balzac Contista – IV – O Conto Lírico e o Conto Simbólico.* O Estado de São Paulo, 29/11/1945. (a)
- *O Estilo de Balzac– I – O estilo das obras da mocidade.* O Estado de São Paulo, 06/12/1945. (a)
- *O Estilo de Balzac– II – As correções do escrito.* O Estado de São Paulo, 08/12/1945. (a)
- *O Espírito de Balzac– III – A riqueza do vocabulário.* O Estado de São Paulo, 13/12/1945. (a)
- *O Estilo de Balzac– IV – A valorização das palavras.* O Estado de São Paulo, 15/12/1945. (a)
- *Literatura de Meia-Noite.* Revista do Globo, 22/12/1945. (a)
- *Da “Germania” de Tacito à Alemanha de Hitler. I – Tacito, Testemunha no Processo dos Criminosos de Guerra?* O Estado de São Paulo, 29/12/1945. (a)
- *Da “Germania” de Tacito à Alemanha de Hitler. II – Propaganda germânica, fronteiras estratégicas e “Lebensraum” há 1900 anos.* O Estado de São Paulo, 05/01/1946. (a)
- *Da “Germania” de Tacito à Alemanha de Hitler. III – Semelhanças entre os germanos de outrora e os alemães de hoje.* O Estado de São Paulo, 10/01/1946. (a)
- *Da “Germania” de Tacito à Alemanha de Hitler. IV – (conclusão) Diferenças entre os germanos de outrora e os alemães de hoje.* O Estado de São Paulo, 12/01/1946. (a)
- *París, uma personagem de Balzac. – I – Paris na Época de Balzac.* Correio da Manhã, 10/02/1946. (a)
- *París, uma personagem de Balzac. – II – Floresta virgem com índios ou deserto sem beduínos?* Correio da Manhã, 17/02/1946. (a)
- *París, uma personagem de Balzac. – III – Conhecimento de Paris.* Correio da Manhã, 24/02/1946. (a)
- *Uma homenagem do Brasil a Verlaine.* In: Correio Literário do Rio. Revista do Globo, 09/03/1946. (r)
- *Poesia e Poética em “A Rosa do Povo”.* Diário de Notícias, 12/05/1946. (r)

- *O Conceito de Beleza em “Mar Absoluto”*. Diário de Notícias, 02/06/1946. (r)
- *A arte de contar em “Sagarana”*. Diário de Notícias, 11/07/1946. (r)
- *Um povo na ilegalidade*. Diário de Notícias, 25/08/1946. _____. Imprensa Israelita, Rio de Janeiro, 30/05/1947. (a)
- *À Margem de “Vida e Morte de M.J.Gonzaga de Sá”*. Diário de Notícias, 22/09/1946. (r)
- *Modesta Mignon (A gênese de um romance de Balzac)*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 06/10/1946. (a)
- *Os Começos de Balzac*. Correio da Manhã, 13/10/1946. (a)
- *O Brasil de hoje num dicionário*. Diário de Notícias, 13/10/1946. (r)
- *Gênese de uma novela de Balzac*. O Jornal, 20/10/1946. (a)
- *Quatro Momentos de Balzac*. A Casa, outubro de 1946. (a)
- *O Prefácio de Balzac à “Comédia Humana”*. Democracia, 21/11/1946. (a)
- *Do Ér ao Oceano*. Correio da Manhã, 22/12/1946. (a)
- *O Poeta de Bor*. Correio da Manhã, 05/01/1947. (a)
- *A Tragédia do Homem – I – O autor e as personagens*. Diário de Notícias, 18/01/1947. (a)
- *A Tragédia do Homem – II – As cenas do drama e seu sentido*. Diário de Notícias, 25/01/1947. (a)
- *À Margem da “Comédia Humana” – Balzac Contista Mundano*. Correio da Manhã, 09/03/1947. (a)
- *À Margem da “Comédia Humana” – Autobiografia Versus Realismo*. Correio da Manhã, 23/03/1947. (a)
- *300 imigrantes e 1 poeta*. Diário de Notícias, 09/03/1947. _____. O Estado de São Paulo, 29/03/1947. (a)
- *À Margem da “Comédia Humana” – Efeitos de Perspectiva*. Correio da Manhã, 06/04/1947. (a)
- *O Drama que poderia ter sido o teatro de Molnár*. Diário de Notícias, 22/06/1947. (a)
- *Os pensamentos de um sócio*. Boletim da Associação Religiosa Israelita, 28/08/1947. (a)
- *Exodus – 1947*. Diário de Notícias, 07/11/1947. (a)
- *Traduzir o intraduzível*. Correio da Manhã, 21/12/1947. (a)
- *Tradução literal e efeitos de estilo*. Correio da Manhã, 04/01/1948. (a)
- *Traduções indiretas*. Correio da Manhã, 18/01/1948. (a)
- *A Palestina e o mundo*. Diário de Notícias, 21/03/1948. (a)
- *O húngaro e o cachorro*. Correio da Manhã, 09/05/1948. (a)
- *Como aprendi o português*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 16/05/1948. (a)
- *O mundo de Graciliano Ramos*. Correio da Manhã, 06/06/1948. (a)
- *As línguas que não aprendi*. Diário de Notícias, 27/06/1948. (a)

- *Minha coleção de ilhas*. AMIG – Associação dos Moradores da Ilha do Governador, 15/07/1948. (a)
- *Vida literária em Erewhon*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 03/08/1948. (a)
- *Um encontro em Pelotas*. O Estado de São Paulo, 25/08/1948. (a)
- *Esplendor do “Bestseller”*. Diário de Notícias, 19/09/1948. (a)
- *Miséria do “Bestseller”*. Diário de Notícias, 03/10/1948. (a)
- *Mecenas sem roupagens*. Correio da Manhã, 24/10/1948. (r)
- *A edição brasileira da “Comédia Humana” – resposta a uma crítica de Wilson Martins*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 21/11/1948. (a)
- *A escola dos tradutores*. Correio da Manhã, 15/12/1948. (a)
- *As 56 línguas do Cardeal Mezzofanti*. Diário de Notícias, 01/01/1949. (a)
- *O latim e o sorriso*. Correio da Manhã, 13/03/1949. (a)
- *Andanças e experiências de um tradutor técnico*. Diário de Notícias, 20/03/1949. (a)
- *Encontro com a poesia de Jorge de Lima*. O Estado de São Paulo, 28/06/1949. (a)
- *Notícias da província de Balzac*. Jornal de Letras, março de 1949. (a)
- *Livro de criança em mãos de adulto*. Correio da Manhã, 21/08/1949. (a)
- *O tradutor traduzido*. Diário de Notícias, 11/12/1949. (a)
- *Provérbios da Hungria*. Correio da Manhã, 25/12/1949. (a)
- *Kálmán Mikszáth, um Romancista Húngaro*. Revista Cultura, nº 2. Rio de Janeiro: Min. Educação e Cultura, 1949.
- *O Espírito de Balzac*. Correio da Manhã, 08/01/1950. (a)
- *Facino Cane, novela de Balzac*. Jornal de Letras, fevereiro de 1950. (a)
- *O Tempo e o Vento*. Diário de Notícias, 12/02/1950. (a)
- *Gregório de Matos – I*. Correio da Manhã, 21/05/1950. (a)
- *Gregório de Matos – II*. Correio da Manhã, 04/06/1950. (a)
- *Gregório de Matos – III*. Correio da Manhã, 18/06/1950. (a)
- *Utilidade das idéias afins*. Diário de Notícias, 09/07/1950. (a)
- *Balzac em Pernambuco*. Diário de Notícias, 06/08/1950. (a)
- *Os Plágios de Gregório de Matos*. Correio da Manhã, 06/08/1950. (a)
- *As encarnações de Balzac*. Correio da Manhã, 13/08/1950. (a)
- *Defesa e ilustração do trocadilho*. Correio da Manhã, 17/09/1950. (a)
- *Estudiosos de Línguas*. Diário de Notícias, 24/09/1950. (a)
- *As eleições de 3 de outubro vistas por um mesário*. Diário de Notícias, 08/10/1950. (a)
- *Confidências de tradutores*. Diário de Notícias, 12/11/1950. (a)
- *Visita a uma balzaquiana*. Diário de Notícias, 11/11/1950. (a)
- *O natal de Dickens visto por crianças brasileiras*. Jornal de Letras, dezembro de 1950. (a)

- *Uma árvore de natal e um casamento*. Conto de Dostoievsky. Trad. em colaboração com Aurélio Buarque de Holanda. *Jornal de Letras*, dezembro de 1950. (c)
- *Passeio entre livros infantis*. *Diário de Notícias*, 14/01/1951. (a)
- *Retrato íntimo de um idioma*. *Diário de Notícias*, 18/03/1951. (a)
- *Anatomia do lugar comum*. *Correio da Manhã*, 29/04/1951. (a)
- *O Brasil na Vida e na Obra de Balzac*. In: *Cultura*, ano II, n.4, do Serviço de Documentação. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, abril de 1951. (p. 97-108) (a)
- *Pode-se ensinar o amor à leitura?* *Atualidades Pedagógicas*, maio-junho/1951. (a).
- *Descoberta do Recife*. *Correio da Manhã*, 12/08/1951. (a)
- *Contra os fantasmas do dicionário*. *Diário de Notícias*, 02/09/1951. (a)
- *Notícias de Ribeiro Couto*. *Diário de Notícias*, 09/09/1951. (a)
- *A luta contra babel*. *Diário de Notícias*, 21/10/1951. (a)
- *Lingualumina, Chabé Aban & Cia*. *Diário de Notícias*, 28/10/1951. (a)
- *Menade Bal Püki Bal*. *Diário de Notícias*, 18/11/1951. (a)
- *A língua azul*. *Diário de Notícias*, 16/12/1951. (a)
- *Um enigma literário ou inconvenientes das colaborações póstumas*. *Diário de Notícias*, 30/12/1951. (a)
- *De Balzac a Proust*. *Diário de Notícias*, 06/07/1952. (a)
- *Lembranças de Ouro Preto*. *Diário de Notícias*, 15/03/1953. (a)
- *Surpresas de Ouro Preto*. *Diário de Notícias*, 29/03/1953. (a)
- *Passeio a Sabará*. *Diário de Notícias*, 12/04/1953. (a)
- *Esqueleto na Lagoa Verde*. *Diário de Notícias*, 26/04/1953. (a)
- *Como se faz uma língua*. *Diário de Notícias*, 03/05/1953. (a)
- *The sleeping beauties of Minas Gerais – A Brazilian journey*. Vol.5 n.10. Washington, USA: Américas, October, 1953. (p.16-19 e 44-45) (a)
- *Poesia brasileira nos EUA. A Noite*, Rio de Janeiro: Letras e Artes, 11/05/1954 (p.11) (a)
- *Em que consistem um personagem e um enredo balzaquiano?* *Jornal de Letras*, jul/1954.
- *Iniciação à poesia hede*. *Diário de Notícias*, 01/08/1954. (r)
- *Poesia de um povo inexistente*. *Diário de Notícias* (?), 1954. (a)
- *Como Aprendi o Português*. Vol.VII, n.4. Rio de Janeiro: Américas, abril de 1955. (p.21-23) (a)
- *A donzela e a moura torta*. *Diário de Notícias*, 11/03/1956. (a)
- *O segredo de João Guimarães Rosa*. *O Estado de São Paulo*, 10/06/1956. (a)
- *Curiosidades da Língua Húngara*. Ano II da II fase, n.6. Rio de Janeiro: Revista Filológica, 2º semestre de 1956. (p.54-58) (a)

- *J.O., Editor e Amigos*. Vol. VIII, n.11. Rio de Janeiro: Américas, novembro de 1956. (p. 4-9) (a)
- *Três Motivos em “Grande Sertão: Veredas”*. Diário de Notícias, 16/12/1956. (a)
- *Um enigma de nossa história literária: Gregório de Matos*. Revista do Livro, dezembro de 1956. (p. 55 a 66) (a)
- *Grande Sertão: Veredas*. O Estado de São Paulo, 13/01/1957. (a)
- *Faca ou Garfo? Dos monólogos de um professor*. Jornal do Brasil, 28/03/1957. (a)
- *Posfácio a um prefácio*. Jornal do Commercio, 01/09/1957. _____. O Estado de São Paulo, 08/09/1957. (a)
- *As eleições de três de outubro vistas por um mesário*. Belém: Folha do Norte, 16/12/1957. (a)
- *À Margem de uma história universal das literaturas*. Diário de Notícias, s/d. _____. O Estado de São Paulo, 27/04/1958. (a)
- *Novos reparos à margem da “História das Literaturas”*. Diário de Notícias, 04/05/1958. _____. Correio do Povo, 14/03/1959. (a) (continuação do artigo anterior)
- *A Beata Maria do Egito*. Fortaleza: O Estado, 18/06/1958. (a)
- *A morte de Ivan Ilitch*. Revista do Livro, dezembro de 1958. (p. 71 a 76) (a)
- *Útil inda brincando*. O Estado de São Paulo, 03/01/1959. (r)
- *Usos e Abusos no Ensino do Latim*. MEC – Setor de Divulgação, ano III, n.17, maio/junho 1959. (p.12-22) (a)
- *Dois Biógrafos de Balzac*. O Estado de São Paulo, 20/06/1959. (a)
- *Literatura mastigada*. Correio do Povo, 15/08/1959. (a)
- *Um romance húngaro: O soldado mentiroso de Alexandre Török*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, outubro de 1959. (a)
- *Reminiscências de um Ex-Menino*. O Globo, 17/06/1961. (a)
- *Problemas do Ensino do Francês – o método no ciclo colegial*. n.17. Escola Secundária, publicação trimestral do CADES, do Min. Educação e Cultura, junho/1961. (p.61-65) (a)
- *Alexander ille Lenardus – O Homem que Ensinou Winnie-the-Pooh a Falar Latim*. In: Américas, vol. XIII, n.9. Rio de Janeiro, setembro de 1961. (p.18-21) (também em espanhol, Américas, vol.13, n.9, septiembre de 1961, e em inglês, vol.13, n.8, Washington, August 1961.) (a)
- *À margem de uma reedição de Eça de Queirós*. Correio do Povo, 01/07/1961. _____. O Estado de São Paulo, 08/10/1961. (a)
- *Leituras de Friburgo*. Diário de Notícias, 10/04/1962. (a)
- *Pronto-socorro ortográfico*. O Estado de São Paulo, 05/05/1962. (r)
- *Serrazulada*. O Estado de São Paulo, 26/05/1962 (r)
- *Poesia de um Povo Inexistente*. Diário de Notícias, 17/06/1962. _____. O Estado de São Paulo, 30/06/1962. (a)
- *Leituras friburguenses*. O Estado de São Paulo, 01/09/1962. (a)

- *Reabilitação da novela*. O Estado de São Paulo, 13/10/1962. (r)
- *Virtudes de virtualidades da Língua Católica*. O Estado de São Paulo, 08/12/1962.
- *Marcel Aymé*. O Estado de São Paulo, 29/12/1962. (a)
- *Aristrograma ou a escrita antibabélica*. O Estado de São Paulo, 19/01/1963. (a)
- *De Santos à rua Hilendarska*. O Estado de São Paulo, 02/02/1963. (r)
- *Lua de mel com um dicionário*. O Estado de São Paulo, 23/03/1963. (a)
- *Grego para chinês ler*. O Estado de São Paulo, 20/04/1963. (a)
- *O Princípio do Efeito Equivalente*. O Estado de São Paulo, 11/05/1963. _____.
Correio do Povo, 18/05/1963. (a)
- *Laclos quatro vezes, para quê?* O Estado de São Paulo, 08/06/1963. (a)
- *Carlos Heitor Coy*. O Estado de São Paulo, 06/07/1963. (a)
- *As bases do Basic English*. O Estado de São Paulo, 13/07/1963. (a)
- *“Basic English” prós e contras*. O Estado de São Paulo, 03/08/1963. (a)
- *Claude Tillier redivivo*. O Estado de São Paulo, 02/11/1963. (a)
- *A vingança do latim*. O Estado de São Paulo, 23/11/1963. (a)
- *O francês fundamental*. O Estado de São Paulo, 01/12/1964
- *Homens contra Babel*. O Estado de São Paulo, 10/10/1964. (a)
- *Surpresas e lições de uma exposição*. O Estado de São Paulo, 31/10/1964. (a)
- *Adeus à amiga*. O Estado de São Paulo, 14/11/1964. (a)
- *Grandeza e miséria do Prêmio Nobel*. O Estado de São Paulo, 28/11/1964. (a)
- *Renascença ou declínio da língua francesa?* O Estado de São Paulo, 05/12/1964. (a)
- *Árvácska traduzido*. O Estado de São Paulo, 20/03/1965. (r)
- *Um laboratório de traduções*. O Estado de São Paulo, 27/03/1965. (r)
- *Língua e realidade*. O Estado de São Paulo, 03/04/1965. (r)
- *Iniciação ao franglês*. O Estado de São Paulo, 01/05/1965. (a)
- *Undoing Babel*. In: Américas, vol.17, n.6. Washington, USA: June, 1965. (p.26-30)
Hom, Homo, Homa. (mesmo artigo, outro título) In: Américas, vol.17, n.7, Julho de 1965. (em espanhol) In: Américas, vol. XVII, n.7. Rio de Janeiro, julho de 1965(a)
- *João Ternura e Aníbal*. O Estado de São Paulo, 10/07/1965. (r)
- *Mme. Bovary, um século depois*. O Estado de São Paulo, 31/07/1965. (a)
- *Grazia Deledda*. O Estado de São Paulo, 04/09/1965. (r)
- *Duas traduções de Grande Sertão: veredas (francesa e alemã)*. Diário de Notícias, 19/09/1965. (a)
- *Duas traduções de Grande Sertão: Veredas*. (continuação) Diário de Notícias, 26/09/1965. (a)
- *Traduções do Grande Sertão – I*. O Estado de São Paulo, 30/10/1965. (a)
- *Traduções do Grande Sertão – II*. O Estado de São Paulo, 06/11/1965. (a)
- *A volta dos meninos da rua Paulo*. O Estado de São Paulo, 23/04/1966. (a)

- *Frater frater frater frater*. O Estado de São Paulo, 16/07/1966. (a)
- *It's in the Potato*. In: Américas, vol.18, n.11. Washington, USA: November 1966. (p.17-23) (a)
- *Pidgin, Sabir, Fanagalo*. O Estado de São Paulo, 07/01/1967.
- *A procura do absoluto*. O Estado de São Paulo, 06/05/1967. (a)
- *Projeto de Língua Universal*. O Estado de São Paulo, 13/05/1967. (a)
- *Quantas línguas para o homem?* O Estado de São Paulo, 10/06/1967. (a)
- *Bamb ou um esperanto japonês*. Correio do Povo, 18/11/1967. (a)
- *Os vernáculos de contato*. Correio do Povo, 02/12/1967. (a)
- *Os prefácios de Tutaméia*. Correio do Povo, 02/03/1968. _____. O Estado de São Paulo, 16/03/1968. (a)
- *As estórias de Tutaméia*. Correio do Povo, 09/03/1968. _____. O Estado de São Paulo, 23/03/1968. (a)
- *No mundo das palavras*. O Estado de São Paulo, 06/04/1968. (r)
- *Comunicação planejada*. O Estado de São Paulo, 27/04/1968. (r)
- *Rimas e algo mais*. O Estado de São Paulo, 01/06/1968. (r)
- *Reedição de romance*. O Estado de São Paulo, 06/07/1968. (r)
- *Revelações de tradutor*. O Estado de São Paulo, 17/08/1968. (a)
- *Como estudar (e como não traduzir)*. O Estado de São Paulo, 14/09/1968. (r)
- *Cartas de Mário de Andrade*. O Estado de São Paulo, 26/10/1968. (r)
- *Presença de Guimarães Rosa*. Jornal do Brasil, 16/11/1968. _____. Correio do Povo, 30/11/1968. (r)
- *Em busca de Vianna Moog*. O Estado de São Paulo, 16/11/1968.
- *A fecunda Babel de Guimarães Rosa*. O Estado de São Paulo, 30/11/1968. _____. Jornal do Comércio, 01/12/1968. (a)
- *O mundo visto de Guaratinguetá*. O Estado de São Paulo, 01/02/1969. (r)
- *Boitempo*. O Estado de São Paulo, 15/03/1969. (r)
- *O menor dos deuses*. O Estado de São Paulo, 22/03/1969.
- *Subsídios para Tradutores*. In: Revista do Livro, Órgão do Instituto Nacional do Livro, ano XII, n.36. Rio de Janeiro: Min. Educação e Cultura, 1º trimestre de 1969. (p.33-45) (a)
- *A criadora de pavões*. O Estado de São Paulo, 12/04/1969.
- *Um verão como nenhum outro*. O Estado de São Paulo, 14/06/1969. _____. Jornal do Brasil, 21/06/1969. _____. Correio Brasiliense, 26/07/1969. (r)
- *Gravado na pedra*. O Estado de São Paulo, 28/06/1969. _____. Correio Brasiliense, 05/07/1969. (marginalia: "Meu primeiro artigo nesse jornal") _____. Correio do Povo, 12/07/1969. _____. Jornal do Comércio, 10/08/1969. (r)
- *Posição conquistada*. Jornal do Brasil, 19/07/1969. *Jazigo dos vivos*. (mesmo artigo, novo título). O Estado de São Paulo, 26/07/1969. _____. Correio do Povo, 26/07/1969. _____. Correio Brasiliense, 30/08/1969. (r)

- *Machado de Assis na Bretanha*. Correio do Povo, 16/08/1969. (2 ½ p.) _____. Correio Brasiliense, 23/08/1969. _____. O Estado de São Paulo, 30/08/1969. _____. Jornal do Comércio, 21/09/1969. (a)
- *A correspondência de Balzac*. In: Revista do Livro, Órgão do Instituto Nacional do Livro, ano XII, n.39. Rio de Janeiro: Min. Educação e Cultura, 4º trimestre de 1969. (p.53-65) (a)
- *A nova face de Murilo Mendes*. Jornal do Brasil, 15/11/1969. _____. O Estado de São Paulo, 06/12/1969. (r)
- *Rosa não parou*. Jornal do Brasil, 20/12/1969. *Guimarães Rosa não parou*. Correio Brasiliense, 27/12/1969. _____. O Estado de São Paulo, 03/01/1970. _____. (mesmo artigo, dois títulos) In: *Caderno de Sábado*. Correio do Povo, 10/01/1970. (r) (2 p.)
- *Acerto de romancista*. Correio Brasiliense, 17/01/1970 e 24/01/1970. (marginália: “reproduzido pois havia saído com o título errado”) _____. O Estado de São Paulo, 24/01/1970. _____. Correio do Povo, 17/01/1970. (r)
- *Cem horas de encantamento*. Correio Brasiliense, 14/02/1970. _____. O Estado de São Paulo, 14/02/1970. (r)
- *Elegia fiumana*. Correio do Povo, 07/03/1970. _____. Jornal do Comércio, 07/03/1970. _____. O Estado de São Paulo, 20/08/1970. (a)
- *Comparação criadora*. O Estado de São Paulo, 14/03/1970. _____. Jornal do Comércio, 14/03/1970. (a)
- REMIZOV, A. *O Presente do Lince*. Sel., trad. e intro. de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira e Paulo Rónai. In: *O Mundo Através do Conto*. Jornal do Comércio, 11/04/1970. (conto) (3 p.)
- NALKOWSKA, Z. *Na via férrea*. Sel., trad. e intro. de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira e Paulo Rónai. In: *O Mundo Através do Conto*. Jornal do Comércio, 09/05/1970. (conto) (4 p.)
- *Palavras apenas mágicas*. O Estado de São Paulo, 09/05/1970. (a)
- *Ionesco, o Teatro e a Crítica*. Jornal do Comércio, 16/05/1970. _____. O Estado de São Paulo, 30/05/1970. (a) (2p.)
- *A temporada de Ionesco*. Jornal do Comércio, 23/05/1970. (a) (2 ½ p.)
- LEACOCK, S. *A vingança do prestidigitador*. Sel., trad. e intro. de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira e Paulo Rónai. In: *O Mundo Através do Conto*. Jornal do Comércio, 30/05/1970. (conto) (2 p.)
- *A temporada de Ionesco*. O Estado de São Paulo, 06/06/1970. (a)
- IOVKOV, I. *No Fio do Telégrafo*. Sel., trad. e intro. de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira e Paulo Rónai. In: *O Mundo Através do Conto*. Jornal do Comércio, 27/06/1970. (conto) (3 p.)
- AVERTCHENKO, A. *O Crime da atriz Mariskin*. Sel., trad. e intro. de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira e Paulo Rónai. In: *O Mundo Através do Conto*. Jornal do Comércio, 25/07/1970. (conto) (2 p.)
- *Um Elevador para a Torre de Babel*. Associação Ibero-Americana de Taquigrafia – Boletim Informativo, ano II, n.2. Rio de Janeiro, janeiro-julho/1970. (p.7-16) (transcrição de palestra proferida na Associação, em 11/11/1969. Paulo Rónai é membro da Comissão de Assuntos Linguísticos). (a)

- *MOOG, Vianna – Em Busca de Lincoln*. In: Inter-American Review of Bibliography. Washington, D.C., jan-march 1970. (p.75-78) (r)
- *Um museu inteiro sem o corredor morto*. Revista do Livro, 3º trimestre de 1970. (p. 46 a 49) (r)
- *Karen Blixen e/ou Isak Dinesen*. O Estado de São Paulo, 03/10/1970. (a) (2 p.)
- *O nariz do morto*. Jornal do Comércio, 15/11/1970. _____. Correio do Povo, 06/02/1971. (a) (2 p.)
- *O risco do bordado*. O Estado de São Paulo, 28/11/1970. _____. Correio do Povo, 21/11/1970 (a) (2 p.)
- *O nariz do morto*. Jornal do Comércio, 15/11/1970. _____. O Estado de São Paulo, 06/12/1970. _____. Correio do Povo, 06/02/1971. (a) (2 p.)
- *Raimundo Magalhães Jr.: a arte da biografia*. Revista do Livro, 4º trimestre de 1970. (p. 76-84) (r)
- *A Tragédia do Homem*. (conferência pronunciada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro) In: Revista do Teatro, n.378. Rio de Janeiro, nov/dez 1970. (p.8-13) (a)
- *Stendhal visto pelo espelho de seu mestre*. In: Suplemento Livro. Jornal do Brasil, 30/01/1971. *Atrás do espelho de Stendhal*. (mesmo artigo, dois títulos) O Estado de São Paulo, 28/02/71. (r)
- *Futurologia da linguagem*. Jornal do Comércio, 21/03/1971. _____. O Estado de São Paulo, 18/04/1971. _____. A Cidade, Ribeirão Preto, 08 e 09/04/1971. _____. Correio do Povo, Porto Alegre, 24/04/1971. (a)
- *O vasto mundo dos livros e seus habitantes*. Jornal do Brasil, 27/03/1971. *O homem e o livro*. Correio do Povo, 21/08/1971. _____. Correio Brasiliense, 19/11/1971. (r) (mesmo artigo com títulos diferentes).
- *Palavra, visão mais íntima do mundo rosiano*. Jornal do Brasil, 24/04/1971. *Uma Mensagem para cada leitor*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, 15/05/1971. _____. O Estado de São Paulo, 27/06/1971. (mesmo artigo com títulos diferentes). (r)
- *A tradução técnica na ordem do dia*. Jornal do Comércio, 23/05/1971. _____. Correio do Povo, 14/06/1971. _____. O Estado de São Paulo, 11/07/1971. _____. A Cidade, Ribeirão Preto, 07, 10 e 11/11/1971. (r)
- *Guimarães Rosa e seus tradutores*. O Estado de São Paulo, 10/10/1971. _____. Jornal da Tarde, 16/10/1971. (a)
- *No Mundo de Borges*. Correio do Povo, 22/05/1971. _____. O Estado de São Paulo, 06/06/1971. (r)
- *Ciladas da linguagem técnica*. Jornal do Comércio, 06/06/1971. _____. Correio do Povo, 26/06/1971. _____. O Estado de São Paulo, 26/06/1971. (r)
- *Literatura, um tema levado a sério*. Jornal do Brasil, 26/06/1971. _____. Correio Brasiliense, 20/08/1971. _____. Correio do Povo, 17/07/1971. (r)
- *O escândalo do dicionário*. Jornal do Comércio, 04/07/1971. _____. O Estado de São Paulo, 11/07/1971. _____. Correio do Povo, 10/07/1971. (a)
- *A crítica de um visitante de olhos abertos*. Jornal do Brasil, 31/07/1971. _____. Correio Brasiliense, 27/08/1971. (r)

- *Conheça os bons textos da literatura.* In: Suplemento do Livro. Jornal do Brasil, 28/08/1971. *Literatura através dos textos.* Correio Brasiliense, 08/10/1971. (mesmo artigo, diferentes títulos). (r)
- *Humorismo lingüístico.* Correio do Povo, 11/09/1971. _____. O Estado de São Paulo, 12/09/1971. _____. Correio Brasiliense, 15/10/1971. (a)
- *Entre lirismo e epopéia.* Correio do Povo, 18/09/1971. _____. O Estado de São Paulo, 26/09/1971. (r)
- *Karinthy, a língua inventada de um país inventado.* Jornal do Brasil, 25/09/1971. *Nenhures?* Correio Brasiliense, 29/10/1971. _____. O Estado de São Paulo, 14/11/1971. (r) (mesmo artigo, diferentes títulos)
- *Guimarães Rosa e seus tradutores.* Correio do Povo, 25/09/1971. _____. O Estado de São Paulo, 10/10/1971. _____. Correio Brasiliense, 05/11/1971. (2 p.) (a)
- *O reino perdido.* Jornal do Comércio, 07/11/1971. _____. Correio Brasiliense, 12/11/1971. _____. O Estado de São Paulo, 12/11/1971. (r)
- *Um romance da eterna província.* In: Suplemento Livro. Jornal do Brasil, 28/11/1971. *Eterna província.* Correio Brasiliense, 24/12/1971. _____. Correio do Povo, 08/01/1972. (mesmo artigo, dois títulos). (r)
- *Balzac reencarnado em Proust.* Correio Brasiliense, 10/12/1971. (página inteira) (a)
- *Rachel de Queiroz ou a Complexa Naturalidade.* Ano III, n.10. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Cultura, out/dez de 1971. (p.85-91) (a)
- *Crítica literária – Na época da transição.* In: Livros. Jornal do Brasil, 29/01/1972. _____. Correio do Povo, 15/04/1972. (r)
- *A razão do êxito de uma análise literária.* Jornal do Brasil, 25/03/1972. *Uma análise literária com muitas falhas.* O Estado de São Paulo, 23/07/1972. (mesmo artigo, dois títulos). (r)
- *Análise literária.* Correio do Povo, 08/04/1972. (r)
- *As crônicas de brasileiros para inglês ver.* In: Livro. Jornal do Brasil, 29/04/1972. (r)
- *O mistério da fala e da escrita.* In: *Mergulho no Japão – I.* In: Suplemento Literário. O Estado de São Paulo, 30/04/1972. _____. Correio do Povo, 10/06/1972. _____. Correio Brasiliense, 15/09/1972. (a)
- *Textos brasileiros para inglês ler.* Correio do Povo, 22/07/1972. (r)
- *Um país de livros.* In: *Mergulho no Japão – II.* In: Suplemento Literário. O Estado de São Paulo, 07/05/1972. _____. Correio do Povo, 17/06/1972. (a)
- *Agora, decifrar a mensagem do povo japonês.* In: *Mergulho no Japão – conclusão.* In: Suplemento Literário. O Estado de São Paulo, 14/05/1972. _____. Correio do Povo, 21/06/1972. _____. Correio Brasiliense, 06/10/1972. (a)
- *O português pela mão de um excelente professor.* Jornal do Brasil, s.d. *Português com bom senso.* O Estado de São Paulo, 24/09/1972. *Português ensinado com bom senso.* Correio do Povo, s.d. (r) (mesmo artigo, três títulos)
- *A obra viva de Menotti Del Picchia.* Correio Brasiliense, 02/06/1972. _____. Correio do Povo, 15/07/1972. (a)
- *Mitologia em verbetes. Os deuses e como celebrá-los.* O Estado de São Paulo, 08/10/1972. _____. Correio do Povo, 30/09/1972. (r)

- *Anti-semitismo, uma praga da história.* In: Livro. Jornal do Brasil, 26/08/1972. _____. Recife: Jornal do Comércio, 01/11/1972. *O anti-semitismo, praga da história.* Correio do Povo, 11/11/1972. (dois títulos, mesmo artigo) (a)
- *À margem da Semana da Semana.* Correio do Povo, 19/08/1972. (a)
- *A poesia brasileira e sua versão em inglês.* In: Livro. Jornal do Brasil, 30/09/1972. (r)
- *A forte personalidade do autor desagradável.* In: *O teatro de Nelson Rodrigues-I.* O Globo, 25/10/1972. (primeira parte do resumo de uma série de 3 palestras) (a)
- *A irrealidade como estilo.* In: *O teatro de Nelson Rodrigues-II.* O Globo, 26/10/1972. (segunda parte do resumo de uma série de 3 palestras) (a)
- *As quatro peças mais importantes.* In: *O teatro de Nelson Rodrigues-III.* O Globo, 27/10/1972. (terceira e última parte de uma série de 3 palestras) (a)
- *E os alemães também descobriram Machado.* Jornal do Brasil, 28/10/1972. (r)
- *B/B/B ou Balzac Pretexto e Texto.* In: *Dossier.* Jornal do Brasil, 01/12/1972. (a) (ilustrado, 5 p.)
- *Gábor, ao leste do homem e da vida.* Jornal do Brasil, s.d. (r)
- *As de Balzac.* In: Comentário (revista trimestral), ano XIII, n.51. Rio de Janeiro, 3º trimestre 1972. (p.74-78) (a)
- *Um cego ensina a Amazônia aos que vêem.* Jornal do Brasil, 24/02/1973. _____. O Estado de São Paulo, 13/05/1973. (r)
- *O anti-semitismo, praga da história.* Correio Braziliense, 09/02/1973. (r)
- *A mística da liberdade.* Jornal do Brasil, 16/03/1973. (a) (página inteira, incluindo poema traduzido). *Um sesquicentenário Poético: Sándor Pétofi.* Correio do Povo, 31/03/1973. (a) (dois títulos, mesmo artigo)
- *O conto de Guimarães Rosa.* Correio do Povo, 17/03/1973. (crônica, 5 p.) (Nota: por alguma razão a cópia do artigo no arquivo de Paulo Rónai está incompleta, então ele colocou a cópia datilografada do texto que faltou. Mais duas páginas.)
- *Poesia Brasileira – traduzida por poetas norte-americanos.* In: Caderno Cultural. Correio Braziliense, s.d. (a)
- *Guimarães Rosa em italiano nas cartas ao seu tradutor.* Jornal do Brasil, 31/03/1973. *Interesse geral de uma correspondência particular.* O Estado de São Paulo, 20/05/1973. (dois títulos, mesmo texto). (r)
- *Três poemas de Sándor Pétofi, na passagem de seu sesquicentenário.* In: Suplemento Literário. O Estado de São Paulo, 08/04/1973. (trad. de poemas e texto) (primeira página do suplemento, página inteira) (a)
- *Ao leste do homem.* O Estado de São Paulo, 22/04/1973. (r)
- *A humanidade num baú de ossos.* O Estado de São Paulo, 06/05/1973. (r)
- *Drummond, a “reunião” em francês.* Jornal do Brasil, 25/05/1973. *Drummond em francês.* O Estado de São Paulo, 17/06/1973. _____. Correio do Povo, 30/06/1973. (dois títulos, mesmo texto) (a)
- *A arte do conto.* O Estado de São Paulo, 03/06/1973. (r)
- *A reforma precisa ser reformada.* Escola para Professores, n. 16, junho de 1973. (a) (4 p.)
- *Temístocles, diálogos sobre contos.* Jornal do Brasil, 30/06/1973. (r)

- *À espera de Luís e Maria*. Jornal do Brasil, 04/07/1973. (a)
- *Conversa em família sobre o conto*. O Estado de São Paulo, 27/07/1973. (r)
- *Toda a beleza da poesia de Cecília*. Jornal do Brasil, 28/07/1973. *O Romanceiro da Inconfidência, vinte anos depois*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, 01/09/1973. (a) (dois títulos, mesmo artigo)
- *Mestre Clemente e sua esposa – balada popular da Transilvânia*. O Estado de São Paulo, 29/07/1973. (poema, trad. do húngaro, duas colunas)
- *Veteranos na arte de contar*. Jornal do Brasil, 25/08/1973. _____. Correio do Povo, 22/09/1973. _____. O Estado de São Paulo, 23/09/1973. (3 r)
- *As dimensões de Eurípides*. Jornal do Brasil, 22/09/1973. *Medéia e outros*. Correio do Povo, 13/10/1973. _____. O Estado de São Paulo, 14/10/1973. (dois títulos, mesmo texto) (a)
- *Contra a poluição bibliográfica*. In: Suplemento Literário. Minas Gerais, 29/09/1973. _____. Correio do Povo, 20/10/1973. (r)
- *Novas confidências do itabirano*. In: Suplemento Literário. Minas Gerais, 06/10/1973. _____. Correio do Povo, 10/11/1973. (r)
- *O gueto de Varsóvia na história*. In: Suplemento Literário. Minas Gerais, 27/10/1973. _____. O Estado de São Paulo, 25/11/1973. _____. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, 17/11/1973. (r) (2 p.)
- *Três apaixonados na Amazônia*. Jornal dos Transportes, 31/10/1973. (r).
- *Outra vez: poesia brasileira nos EUA*. Jornal do Brasil, 03/11/1973. _____. O Estado de São Paulo, 09/12/1973. _____. Correio do Povo, 15/12/1973. (r) (2 p.)
- *Livro brasileiro em japonês*. In: Panorama do Mundo. Jornal de Letras, dezembro de 1973. (a)
- *Teatro, monumento de uma tradutora*. Jornal do Brasil, 23/03/1974. _____. Revista do Teatro, n. 398, março, abril de 1974. *Monumento de uma tradutora*. Correio do Povo, 13/07/1974. (dois títulos, mesmo texto) (r)
- *A face visível*. Correio do Povo, 30/03/1974. (r)
- *O mundo redefinido*. Correio do Povo, 23/03/1974. _____. O Estado de São Paulo, 07/04/1974. _____. Minas Gerais, 08/04/1975. (r)
- *Valery Larbaud e o Brasil – suas ligações num catálogo de exposição*. O Estado de São Paulo, 31/03/1974. *Valery Larbaud e o Brasil*. Correio do Povo, 22/06/1974. (dois títulos, mesmo artigo) (2 p.) (a)
- *O mundo redefinido*. Correio do Povo, 23/03/1974. _____. O Estado de São Paulo, 07/04/1974. (r)
- *Molière, os retratos ainda atuais da hipocrisia*. Jornal do Brasil, 19/04/1974. *Molière atualizado e naturalizado*. Correio do Povo, 10/05/1974. (r) (2 p.). *Molière, Corneille e Racine – uma boa tradução*. O Estado de São Paulo, 05/05/1974. (três títulos, mesmo artigo)
- *Primos de Bretanha e de Poitou*. Jornal do Brasil, 04/05/1974. _____. Correio do Povo, 01/06/1974. (r)
- *Olavo Bilac e sua época – uma revisão de Magalhães Jr.* In: Suplemento Literário. O Estado de São Paulo, 12/05/1974. *Olavo Bilac e sua época*. Correio do Povo, 25/05/1974. (r)

- *Molière 300 anos depois e um sabor bem carioca*. Jornal do Brasil, 18/05/1974. (r)
- *Informações sobre Gunter W. Lorenz. Um alemão ensina-nos o amor à literatura sul-americana*. Correio do Povo, 17/08/1974. _____. In: Suplemento Literário. Minas Gerais, 29/06/1974. (a) (2 p.)
- *Eurípedes, as ambigüidades da tragédia*. Jornal do Brasil, 06/07/1974. *Eurípedes atual*. Correio do Povo, 10/08/1974. (r) (dois títulos, mesmo artigo)
- *Molière via Millôr*. O Estado de São Paulo, 14/07/1974. (r)
- *O escritor que a Amazônia fez*. Jornal do Brasil, 17/08/1974. _____. Correio do Povo, 21/09/1974. (a)
- *A loja de curiosidades, de R. Magalhães Jr.* O Estado de São Paulo, 18/08/1974. _____. Correio do Povo, 07/09/1974. (r)
- *No mundo da tradução: o caso Nabokov*. Minas Gerais, 31/08/1974. _____. Correio do Povo, 21/12/1974. (a)
- *Presença de Lobato*. O Estado de São Paulo, 01/09/1974. (r)
- *O fabulário de um filósofo*. Jornal do Brasil, 21/09/1974. (r)
- *Um clássico do conto*. O Estado de São Paulo, 29/09/1974. _____. Correio do Povo, 14/12/1974. (r)
- *Os cinco sentidos mais um*. Jornal do Brasil, 19/10/1974. _____. Correio do Povo, 02/11/1974. _____. O Estado de São Paulo, 24/11/1974. (r)
- *Um Santos Dumont para todas as crianças*. Jornal do Brasil, 16/11/1974. (r)
- *Um homem dialoga consigo*. O Estado de São Paulo, 01/12/1974. _____. Correio do Povo, 25/01/1975. (r)
- *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Jornal do Brasil, 21/12/1974. _____. Correio do Povo, 11/01/1975. _____. In: Suplemento Literário. Minas Gerais, 22/02/1975. (a)
- *A indefinível tradução*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, dezembro de 1974. (a)
- *Línguas que Insistem em Nascer*. In: Convivência, publicado pelo PEN Clube do Brasil., ano 3, n.3. Rio de Janeiro, 1974/75.
- *O conto e suas novas possibilidades*. Jornal do Brasil, 04/01/1975. (r)
- *Drummond, o amargo na crônica do nosso dia-a-dia*. Jornal do Brasil, 01/02/1975. *Crônicas de um contemporâneo*. Correio do Povo, 03/05/1975. (dois títulos, mesmo texto) (r)
- *Um idioma encontra afinal o seu dicionário*. Jornal do Brasil, 08/03/1975. *Um idioma encontra o seu dicionário*. Correio do Povo, 12/04/1975. (dois títulos, mesmo artigo) (a)
- *Os limites da tradução poética*. In: Suplemento Literário. Minas Gerais, 12/04/1975. (2 p.) (a)
- *Carta a Rachel de Queiroz*. Correio do Povo, 14/06/1975. (a)
- *História, poesia e lembranças do Piauí*. Jornal do Brasil. 05/07/1975. (r)
- *Siglas, 16 anos depois*. Jornal do Brasil, 20/09/1975. (r)
- *Tradução e Edição*. Correio do Povo, 08/11/1975. (2 p.) (a)
- *A Autobiografia Inacabada*. Correio do Povo, 27/12/1975. (r)

- *O Poeta e seus Tradutores*. Caderno de Sábado. Correio do Povo, 24/01/1976. (a)
- ... e na intimidade de suas cartas. Jornal do Brasil, 21/02/1976. (Nota: publicado embaixo de um artigo de Herman José Reipert, intitulado *O escritor na força de sua linguagem*.) (resenha de DANTAS, P. *Sagarana Emotiva. Cartas de J. Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades. 1975. 121 p.)
- *Pequena Palavra*. Correio Brasiliense, 11/07/1976. (2 p.) (a)
- *José, o Poliglota*. In: Suplemento Literário. Minas Gerais, 18/09/1976. (a)
- *Uma Utopia de Balzac*. In: Cultura, publicado pelo Centro Cultural de Barra do Pirai, ano 2, n.4. Rio de Janeiro, setembro de 1976. (p. 7-14) (a)
- *Linguística e Tradução*. In: Suplemento Cultural. O Estado de São Paulo, 31/10/1976. (resenha de MOUNIN, Georges. *Linguistique et Traduction*. Bruxelles, 1976. (r)
- *Mais que memórias*. O Estado de São Paulo, 20/02/1977. _____. Correio do Povo, 04/06/1977. (r)
- *Um que voltou do inferno*. In: Suplemento Cultural. O Estado de São Paulo, 17/04/1977. _____. Correio do Povo, 11/06/1977. (página inteira) (r)
- *O Teatro de Molière*. (Conferências pronunciadas no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.) In: Revista do Teatro, n. 418. Rio de Janeiro, jul/ago 1977. (p.3-33) (a)
- *Tradutores brasileiros de Molière*. In: Revista do Teatro, n. 418. Rio de Janeiro, jul/ago 1977. (p.34-38) (a)
- *Um romance transcendental*. O Estado de São Paulo, 16/10/1977. (r)
- *Lessa hagiógrafo*. (c). Visão, 15/05/1978. (r)
- *Emoção total*. (c). Visão, 10/07/1978. (r)
- *De como Endre Ady chegou ao Brasil*. Jornal do Brasil, 21/07/1979. (r)
- *Hogyan őrizhetjük meg magyarságunkat külföldön?* (Como preservar nossa magiaridade no exterior?). Budapest: *Nyelvünk és Kultúránk*, szeptember, 1979. (n. 36) (p. 20-21) (em húngaro) (a)
- *Entre confissão e romance*. Minas Gerais, 16/08/1980. (r)
- *Teoremas para quem?* Leia Livros, s.d. (LADMIRAL, JR. *Traduire : Théorèmes pour la traduction*. Paris : Petite Bibliothèque Payot, s.d., 278 p) (r)
- *Balzac*. O Estado de São Paulo, 31/08/1980. (1½ página) (a)
- *Mensagem de Aladár Komlós*. In: Suplemento Literário. Minas Gerais, 25/10/1980. (artigo mais tradução de *Antes de ir-me embora*.)
- *Aurélio em novo formato*. Leia Livros, janeiro 1981. (r)
- *Exercício de estilo*. Leia Livros, janeiro 1981. (r)
- *Bibliografia & amor*. Leia Livros, março 1981. (r)
- *A obsessão de Goethe*. Leia Livros, julho 1981. (r)
- *Literatura infantil atualizada*. Leia Livros, agosto 1981. (r)
- *As armadilhas da tradução*. Correio do Povo, 14/11/1981. (a)
- *Gente marota*. Correio do Povo, 28/11/1981. (r)
- *Stefan Zweig, o contista*. Correio do Povo, 05/12/1981. (a)

- *Poeta Bilíngüe*. Leia Livros, abril 1982. (r)
- *Guida: mito ou morte?* Correio do Povo, 12/06/1982. (r)
- *Romance sabra em português*. Correio do Povo, 19/06/1982. (r)
- *As historinhas de Drummond*. Jornal do Brasil, caderno Idéias, 26/10/82. (a)
- *A morte do Magro*. Tradução e nota de Paulo Rónai. In: Sup.Lit.n.888. Minas Gerais, 08/10/1983. (c)
- *Aventuras nas selvas brasileiras seduzem os jovens leitores húngaros*. O Estado de São Paulo, 11/12/83. (r)
- *A Fantástica fábula do edifício fantasma*. Folha de São Paulo, 17/06/1984. (r)
- *Confidências do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante*. Folha de São Paulo, 22/07/1984. (r)
- *Todas as fontes da sensibilidade rosiana*. Folha de São Paulo, 19/08/1984. (r)
- *As brincadeiras do cronista*. Folha de São Paulo, 16/09/1984. (r)
- *O discreto charme dos imbecis lugares comuns*. Folha de São Paulo, 04/11/1984. (r)
- *Apollinaire mais perto de nós*. In: Supl.Lit. Minas Gerais, 08/12/1984. (r)
- *O Conto*. Leia, outubro 1987. (a) (2 páginas)
- *Budapeste – Fusão de duas cidades – romance e intensidade – no coração da Hungria*. Jornal do Brasil, 07/10/1987. (a)
- *A tradução mais difícil*. O Globo, 20/12/1992. (in memória) (a)

Anexo II – c

2.12 - coluna Conto da Semana

A seguir estão relacionados os contos que foram localizados no acervo particular de Paulo Rónai, mais ou menos a metade do que se estima seria o volume total de contos publicados ao longo dos 14 anos que a coluna semanal do Diário de Notícias – *Conto da Semana* – foi publicada. Primeiro Aurélio Buarque de Holanda dirigiu a coluna sozinho e depois junto com Rónai. Pelo interesse da informação, na relação a seguir foi incluída a coluna nacionalidade para que, caso se queira, seja possível analisar a abrangência dos autores pesquisados por Rónai e Buarque de Holanda. Do total de 332 contos desta lista, constam 42 nacionalidades. A seguir, a relação dos contos, iniciada em 11/07/1954, que é onde o arquivo começa no acervo Rónai.

Dia	Mês	Autor	nacionalidade	Título do Conto
1 9 5 4				
11	julho	ABHF	bra AL	Mangas de defunto
18	julho	Kálmán Mikszáth	húngaro	O ferreiro e a catarata
25	julho	Castro Soromenho	áfrica port	Os escravos dos deuses
1	agosto	Mark Twain	EUA	Romance medieval
8	agosto	Edilberto Coutinho	bra PB	Nuvem Bárbara
15	agosto	Katherine Mansfield	Nova Zelandia	Feuille d'album
22	agosto	Aquilino Ribeiro	Portugal	A imagem de N. Senhora
29	agosto	Dezső Kosztolányi	húngaro	Um caso de loucura
5	setembro	J. Simões Lopes Neto	bra RGS	O meu rosilho “piolho”
12	setembro	Luigi Pirandello	italiano	Tragédia de uma personagem
19	setembro	Graciliano Ramos	bra AL	O estribo de prata
26	setembro	Daniel Defoe	EUA	O diabo e o relojoeiro
3	outubro	Malba Tahan (Julio Cesar M Sousa)	bra SP	O livro do destino
10	outubro	Dino Buzzati	italiano	A de hidrogênio
17	outubro	Lúcia Benedetti	bra SP	Adeus a bela vista
24	outubro	William Saroyan	EUA	A corrida de 50 jardas

31	outubro	Lima Barreto	bra RJ	Quase ela deu o sim, mas...
7	novembro	Eudald Duran-Reynolds	espanhol	As avencas
14	novembro	José Carlos Cavalcanti Borges	bra PE	Nem Macrina sentia
21	novembro	H E Bates	inglês	A cabra voadora
28	novembro	Marques Rebelo	bra RJ	Os caprichosos da Tijuca
5	dezembro	Ivan Cankar ¹⁹⁵	esloveno	A dessétista
12	dezembro	Ricardo Ramos (filho de Graciliano Ramos)	bra AL	Dominguinhos
19	dezembro	Ricardo Palma	peruano	A lacraia do Frei Gomes
26	dezembro	Domingos Monteiro	Portugal	O regresso
1955				
1	janeiro	Dezsö Kosztolányi	húngaro	Visita à cidade honesta
9	janeiro	Peregrino Júnior	bra RGN	Mulher de três maridos
16	janeiro	Leonid Andreief ¹⁹⁶	russo	O grande slam
23	janeiro	Lygia Fagundes Teles	bra SP	Ponto nº seis
30	janeiro	Felix Timmermans ¹⁹⁷	holandês	A madona dos peixes
6	fevereiro	José Gomes Ferreira	Portugal	O ferreiro de má sorte
13	fevereiro	João Alphonsus	bra MG	Eis a noite
20	fevereiro	(não houve suplemento literário)		
27	fevereiro	Arnold Bennett	inglês	O assassinio do mandarim
6	março	Ribeiro Couto	bra SP	A amiguinha Teresa
13	março	Léon Bloy	francês	A tisana
20	março	Olavo d'Eça Leal	Portugal	Felicidade
27	março	Max Jacob ¹⁹⁸	francês	Duas cartas
3	abril	Raymundo Magalhães Junior	bra CE	D. Zulmira
10	abril	James Joyce ¹⁹⁹	irlandês	Compensações
17	abril	Garibaldi de Andrade	Portugal	O bordão dá bordanitos
24	abril	Pere Calders ²⁰⁰	catalão	Uma curiosidade americana

¹⁹⁵ Traduzido por José Konfino.

¹⁹⁶ Tradução indireta, via alemão e revisão do inglês.

¹⁹⁷ Tradução indireta, via alemão.

¹⁹⁸ Tradução de Ricardo Ramos

¹⁹⁹ Tradução do inglês.

²⁰⁰ Tradução de Manoel de Seabra.

1	maio	Tristão da Cunha	bra	O marujo
8	maio	Giuseppe Antonio Borgese	italiano	A campainha
15	maio	Orígenes Lessa	bra SP	A boina vermelha
22	maio	Frigyes Karinthy	húngaro	A lição
29	maio	Gonçalo Fernandes Trancoso	Portugal	A letra do testamento
5	junho	da Lenda Aurea	latim	A Lenda de São Julião, o hospitaleiro
12	junho	Antônio Alcantara Machado	bra SP	O inteligente Cícero
19	junho	Lin Yutang ²⁰¹	chinês	O lobo de Tchong-Chan
26	junho	conto tradicional do Brasil	bra	O papagaio real
3	julho	Artur Azevedo	bra MA	Sabina
10	julho	Jorge Luis Borges	argentino	A escritura de Deus
17	julho	Celso Furtado	bra RJ	Dois cigarros
24	julho	Marcel Aymé	francês	O último
31	julho	João Alphonsus	bra MG	Foguetes ao longe
7	agosto	Hjalmar Soderberg ²⁰²	sueco	A capa de peles
14	agosto	Maria Archer	Portugal	O bilhete de loteria
21	agosto	Ákos Molnár	húngaro	O almoço
28	agosto	Carlos Drummond de Andrade	bra MG	Flor, telefone, môça
4	setembro	Hans Henny Jahnn	alemão	Mow
11	setembro	João Ribeiro	bra SE	Cinzas
18	setembro	Carson McCullers	EUA	Mme Zilensky e o rei da Finlândia
25	setembro	Miroel Silveira	bra SP	De como o nenzinho chegou a homem
2	outubro	Natalício Gonzales ²⁰³	paraguaio	o touro Tarumá
9	outubro	Manuel Bandeira	bra PE	Reis vagabundos
16	outubro	Marques de Sade	francês	Fingimento feliz
23	outubro	Leonardo Arroyo	bra SP	Chuva de bairro
30	outubro	Ryunosuke Akutagawa ²⁰⁴	japonês	Num bosque
6	novembro	Miguel Torga	Portugal	Ressurreição

²⁰¹ Publicado pelo autor chinês, nos EUA.

²⁰² Tradução de Olov Hjeimstrom.

²⁰³ Tradução de ABHF

²⁰⁴ Tradução do inglês.

13	novembro	Eliseo Diego ²⁰⁵	cubano	Do objeto qualquer
20	novembro	Gastão Cruls	bra RJ	No clube
27	novembro	Marcel Schwob	francês	Lucrécio poeta
4	dezembro	Monteiro Lobato	bra SP	O jardineiro Timóteo
11	dezembro	José Vasconcelos ²⁰⁶	mexicano	Uma caçada trágica
18	dezembro	Somadeva ²⁰⁷	hindu	Eu quero o ladrão
25	dezembro	Maria Archer	Portugal	Natal
1 9 5 6				
1	janeiro	Johannes Vilhelm Jensen ²⁰⁸	dinamarquês	Na paz do Natal
8	janeiro	Josué Montello	bra MA	O orador
15	janeiro	Georges Courteline	francês	O cavalheiro acha um relógio
22	janeiro	Godofredo Rangel	bra MG	Tiozinho
29	janeiro	Aurora Villar	cubana	A estrêla
5	fevereiro	José Condé	bra	Solidão
12	fevereiro	(não houve suplemento literário)		
19	fevereiro	Paul Arène	francês	O meu amigo Naz
26	fevereiro	Gasparino Damata	bra PE	Mare Nostrum
4	março	Juan José Arreola	mexicano	O guarda-chuva
11	março	Rachel de Queiroz	bra CE	A donzela e a moura torta
18	março	Franco Sacchetti	italiano	Um cego de Orvieto etc.
25	março	Luiz Canabrava	bra MG	Maria Bambá
1	abril	Calos Salazar Herrera ²⁰⁹	costa rica	A sêca
8	abril	Mário Braga	Portugal	O grande senhor
15	abril	Luigi Pirandello	italiano	No hotel morreu um fulano
22	abril	Paulo Hecker Filho	bra RGS	A oração da noite
29	abril	Lafcadio Hearn ²¹⁰	EUA	Diplomacia
6	maio	Alexei Remizov ²¹¹	russo	A serpente

²⁰⁵ Tradução de ABHF.

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ Tradução indireta, via alemão.

²⁰⁸ Tradução de Guttorm Hanssen.

²⁰⁹ Tradução de ABHF.

²¹⁰ Filho de pai irlandês e mãe grega, morou sozinho nos EUA e depois se transferiu para o Japão, onde se naturalizou.

13	maio	Samuel Rawet	bra	O profeta
20	maio	Maxim Gorki	russo	Vinte e seis e uma
27	maio	Medeiros e Albuquerque	bra PE	A escada
3	junho	Rubén Darío	Nicarágua	Dois contos
10	junho	Léo Vaz	bra SP	O homem que roubou um pão
17	junho	Ernesto Szép	húngaro	Murglics
24	junho	Luís da Câmara Cascudo	bra	A sogra do diabo (conto popular)
1	julho	Miguel de Unamuno	espanhol	As tesouras
8	julho	José Carlos C Borges	bra PE	Mais pena
15	julho	William Saroyan	EUA	Os três nadadores e o merceeiro...
22	julho	Darcy Azambuja	bra RGS	Velho desgraçado
29	julho	Maurício Jókai	húngaro	Divertimento forçado
5	agosto	Machado de Assis	bra RJ	Vidros quebrados
12	agosto	Emília Pardo Bazán	espanhol	Oito nozes
19	agosto	Gastão de Holanda	bra PE	História sem data
26	agosto	Henri Troyat	francês	Errata
2	setembro	Helena Silveira	bra SP	A bela indormida
9	setembro	Margarida Kaffka	húngara	Tia Polixena
16	setembro	Humberto de Campos Veras	bra MA	O furto (conto amazônico)
23	setembro	Gottfried Keller	suíço alemão	A lendazinha da dança
30	setembro	Carlos Paurílio	bra AL	A família
7	outubro	Erschine Caldwell	EUA	Tarde de sábado
14	outubro	João do Rio	bra RJ	Encontro
21	outubro	Alfred Polgar	Áustria	O seu último erro
28	outubro	Domício da Gama	bra RJ	A bacante
4	novembro	Claude Farrère	francês	O homem que matei
11	novembro	Pedro Rabelo	bra RJ	Genial ator!
18	novembro	Desidério Kosztolányi	húngaro	A lancha
25	novembro	Orlando Gonçalves	Portugal	O velho morreu de madrugada

²¹¹ Tradução indireta, via francês.

2	dezembro	Wolfgang Borchart	alemão	O relógio de cozinha
9	dezembro	Antônio Versiani	bra MG	Finado Simão
16	dezembro	Juan Valera	espanhol	Dois “chascarrillos”
23	dezembro	Benedito S da Costa e Silva	bra MG	Colchão de notas
30	dezembro	Oswaldo Trejo	Venezuel a	Aspásia tinha o apelido de corneta
1 9 5 7				
6	janeiro	André Ady	húngaro	Chabacheff, o assassino
13	janeiro	Ângela Delouche	bra PE	Kais-sonne
20	janeiro	Boccaccio	italiano	A Marquesa de Monferrato
27	janeiro	Antunes da Silva	Portugal	O aprendiz de ladrão
3	fevereiro	Stephen Leacock	Canadá	A existência retroativa de Sr. Juggins
10	fevereiro	Guido Vilmar Sassi	bra SC	O carro
17	fevereiro	Eliseo Diego	cuba	Dois contos
24	fevereiro	Júlia Lopes de Almeida	bra RJ	É esquisito
3	março	(não houve suplemento literário)		
10	março	Par Lagerkvist ²¹²	sueco	Dois apólogos
17	março	Ramon Perez de Ayala	espanhol	Pai e filho
24	março	Eneida (colunista do jornal)	bra RJ	Um encontro com a morte
31	março	Ernesto Szép	húngaro	Chocolate e papel de estanho
7	abril	Otto Lara Rezende	bra RJ	O moinho
14	abril	Bratescu-Voinesti ²¹³	romeno	O tio Nitza-Hârletz
21	abril	Umberto Peregrino	bra RGN	Pedro Cobra
28	abril	Frans Eemil Sillanpää ²¹⁴	Finlândia	Os hóspedes de S.João
5	maio	Soares de Faria	bra MG	A Patente de Capitão
12	maio	Liam O’Flaherty ²¹⁵	Irlanda	O rochedo negro
19	maio	conto popular brasileiro	bra	De como Malasarte fez o urubu falar
26	maio	Nicolas Ras. Rakitine	búlgaro	O dragão

²¹² Tradução indireta, via inglês.

²¹³ Tradução de Luisa de Mello Gil Viana

²¹⁴ Tradução indireta, do francês, de Marina Barid Buarque Ferreira.

²¹⁵ Traduzido por Arthur McDermott

2	junho	Rubem Braga	bra RJ	O jovem casal
9	junho	conto popular turco ²¹⁶	turco	Quando aconteceu isto?
16	junho	Machado de Assis	bra RJ	Teoria do medalhão
23	junho	Gottfried Keller	suíço-alemão	A Virgem e a Freira
30	junho	Afonso Arinos	bra MG	Pedro Barqueiro
7	julho	conto búdico chinês ²¹⁷	chinês	Face-de-Espelho
14	julho	Murilo Rubião	bra MG	O bom amigo Batista
21	julho	Guy de Maupassant	francês	O batismo
28	julho	João de Araújo Correia	Portugal	História preta
4	agosto	Rómulo Gallegos	Venezuela	O crepúsculo do Diabo
11	agosto	Diná Silveira de Queirós	bra SP	Encontro com Francisquinha
18	agosto	Georges Duhamel	francês	A dama de verde
25	agosto	Artur Azevedo	bra MA	De cima para baixo
1	setembro	Frederico Karinthy	húngaro	Psicologia do movimento revolucionário
08	setembro	Ricardo Ramos	bra AL	Um casamento
15	setembro	Arkadi Avertchenko	russo	O crime da atriz Marichkin
22	setembro	Macedo Miranda	bra RJ	Meu pai
29	setembro	(conto hindu) ²¹⁸		O rei que perdeu a cabeça
6	outubro	Branquinho da Fonseca	Portugal	Um peixe gordo
13	outubro	Anton Tchecof	russo	A mulher do farmacêutico
20	outubro	Guido Vilmar Sassi	bra SC	Amigo Velho
27	outubro	Pu Sung Ling	chinês	A filha do mandarim Tseng
3	novembro	Carlos Drummond de Andrade	bra MG	Premonitório
10	novembro	Colette	francesa	A parada
17	novembro	Edilberto Coutinho	bra paraíba	A hospedaria
24	novembro	(conto esquimó) ²¹⁹		A criança que veio do mar
1	dezembro	Lêdo Ivo	bra AL	Imunidade

²¹⁶ Traduzido do turco para francês por Jorge Rónai, (irmão de Paulo Rónai) e do francês por Paulo Rónai.

²¹⁷ Tradução indireta, via francês.

²¹⁸ Tradução indireta, via alemão.

²¹⁹ Traduzido do dinamarquês por Ansgar Knud Jensen.

8	dezembro	Katherine Mansfield	New Zel	A vida de tia Parker
15	dezembro	Luís Lopes Coelho	bra SP	Rosedá no mapa do crime
29	dezembro	Dostoievski	russo	Uma árvore de Natal e um casamento
1 9 5 8				
5	janeiro	Aníbal M. Machado	bra MG	Ah, solta o meu Ludovico
12	janeiro	Desidério Kosztolányi	húngaro	Uma redação
19	janeiro	(conto hindu)		Dois contos de Hitopadexa
26	janeiro	Andrade Murici	bra PR	Os canários
2	fevereiro	Ion A. Bassarabescu	romeno	Um homem de meia-idade
9	fevereiro	Fialho d'Almeida	Portugal	A velha
16	fevereiro	Ribeiro Couto	bra SP	Mistérios de sábado
23	fevereiro	Duran-Reynals ²²⁰	espanhol	Os adiantos
2	março	Branquinho da Fonseca	Portugal	Jurro
9	março	Viriato Correia	bra	O crime de Pedro
16	março	Ventura Garcia Calderón	peruano	A múmia
23	março	Osman Lins	bra PB	Lembrança
30	março	(conto popular coreano) ²²¹		Sim-Tchen
6	abril	Júlio Brandão	Portugal	Conto de inverno
13	abril	Giovanni Verga	italiano	Os órfãos
20	abril	Artur Azevedo	bra MA	A polêmica
27	abril	Géza Gárdonyi	húngaro	O homem da garganta de osso
4	maio	Gottfried Keller	suíço alemão	A virgem e o diabo
11	maio	Moreira Campos	bra CE	O prêso
18	maio	Luís Martins	bra RJ	Pai, neto, filho
25	maio	Edgar Allan Poe	EUA	O retrato oval
1	junho	Kikuo Furuno	japonês ²²²	O bonzo que virou carpa
8	junho	Machado de Assis	bra RJ	Um dístico
15	junho	Sherwood Aderson	EUA	A fôrça de Deus

²²⁰ Traduzido por Paulo Rónai do francês

²²¹ Tradução indireta: russo coletou e a tradução de Rónai veio de uma tradução alemã da coletânea russa.

²²² Lendas antigas do Japão, de Kikuo Furuno, traduzido para português por José Yamashiro

22	junho	Garcia Redondo	bra RJ	O testamento do tio Pedro
29	junho	Júlio Krudy	húngaro	Oração matinal
6	julho	Valdomiro Silveira	bra SP	Um magrinho
13	julho	(conto popular sueco) ²²³		A velha e o peixe
20	julho	Anton Tchecof	russo	Os simuladores
27	julho	Domingo Monteiro	Portugal	As terras de Alvargonzales
3	agosto	Aluísio Azevedo	bra MA	A serpente
10	agosto	Carlos Salazar Herrera	Costa Rica	Um assassinio
17	agosto	Lausimar Laus	bra SC	O responso
24	agosto	Eugênio Heltai	húngaro	Histórias do mundo dos animais
31	agosto	Othon d'Eça	bra SC	O pica-pau
7	setembro	Martim Ruiz	bra SP	Uma história com nomes feios
14	setembro	Anglo Firenzuola	italiano	Novela oitava
21	setembro	Saki ²²⁴	inglês	O contador de histórias
28	setembro	Machado de Assis	bra RJ	Dª Paula
5	outubro	Raquel de Queirós	bra CE	História alegre
12	outubro	Charles Sorel	francês	História daquele que arremedou o mudo
19	outubro	Barbosa Lessa	bra RGS	Ôlho grosso
26	outubro	Corrado Álvaro	italiano	Romantismo
2	novembro	Waldomiro Autran Dourado	bra MG	Marinha
9	novembro	Axel Munthe	suéco	Uma história de ursos
16	novembro	Antônio de Alcantara Machado	bra SP	Miss Corisco
23	novembro	Stephen Leacock	Canadá	A vingança do prestidigitador
30	novembro	Jorge Medauar	bra BA	O guia
7	dezembro	Guy de Maupassant	francês	A felicidade
14	dezembro	Ciro Martins	bra RGS	Sem rumo
21	dezembro	Gastão Cruls	bra RJ	Conto de Natal
28	dezembro	Wolfgang Borchert	alemão	Muita, muita neve

1959

²²³ Tradução indireta, via alemão

²²⁴ Pseudônimo de Hector Hugh Munro, inglês.

4	janeiro	(conto popular português)	Portugal	A formiga e a neve
11	janeiro	Franz Kafka	tcheco	Um faquir
18	janeiro	Hélio Pólvora	bra BA	Filhotes de passarinho
25	janeiro	Frederico Karinthy	húngaro	Estão me retratando
1	fevereiro	Lígia Fagundes Teles	bra SP	Biruta
8	fevereiro	Antônio de Alcantara Machado	bra SP	O mártir Jesus
15	fevereiro	Gottfried Keller	suíço	A virgem Cavaleiro
22	fevereiro	Harry Laus	bra SC	Os minutos do professor
1	março	Yury Tarnavsky ²²⁵	Ucrânia	Esopo
8	março	Miroel Silveira	bra SP	Quem dá maaais?
15	março	Fumio Nirva ²²⁶	japonês	Toque de timidez
22	março	João Alphonsus	bra MG	O guarda-freios
29	março	Alphonse Daudet	francês	Os velhos
5	abril	Olimpio Bonald Neto	bra PE	Maternidade
12	abril	Giuseppe Marotta	italiano	Trinta anos, leiam-se trinta
19	abril	(conto indígena)	bra	A visita do céu
26	abril	Desidério Kosztolányi	húngaro	Um visitante
3	maio	Machado de Assis	bra RJ	Habilidoso
10	maio	Saki	inglês	Os intrusos
17	maio	W. Bariani Octêncio	bra GO	A vantagem de ser analfabeto
24	maio	(conto persa) ²²⁷		O primeiro impulso
31	maio	Dalton Trevisan	bra PR	Pensão Nápoles
7	junho	Maria Jotuni	finlandesa ²²⁸	Amor
14	junho	Rodrigues Marques	bra MA	Rua
21	junho	Jan Neruda	tcheco ²²⁹	Hastrman
28	junho	Ramalho Ortigão	Portugal	Na aldeia
5	julho	Ihara Saikaku ²³⁰	japonesa	A sombrinha oráculo

²²⁵ Traduzido por Wira Selanski, Contos Ucrânicos.

²²⁶ Traduzido por José Yamashiro (à época, Kikuo Furono vivia em SP, BR, e fez a apresentação do autor)

²²⁷ Tradução indireta, via inglês.

²²⁸ Tradução indireta, via francês.

²²⁹ Tradução indireta, via espanhol.

²³⁰ Tradução indireta, via inglês.

12	julho	José Louzeiro	bra RJ	Guarda-chuva
19	julho	Alfa ²³¹	tcheco	A carta fatal
26	julho	Orlando Gonçalves	Portugal	Noite
2	agosto	Franciso Móra	húngaro	O trigo abençoado por Deus
9	agosto	Lineu Sellos	bra MG	Talvez o ar da Noite
16	agosto	(conto popular turco) ²³²		Uma sentença de Nasruddin
23	agosto	Anibal Machado	bra MG	O desfile dos chapéus
30	agosto	(conto popular ucraniano) ²³³	Ucrânia	A princesa-rã
6	setembro	Maria Antônia	bra SP	Rosinha chegou
13	setembro	Alfonso Hernandez Catá	cubano	A galeguinha
20	setembro	Osman Lins	bra PE	O vitral
27	setembro	Marino Moretti	italiano	O ordenado de um mês
4	outubro	José Cruz Medeiros	bra PR	Pau-de-sebo
11	outubro	Anton Tchekov ²³⁴	russo	Do diário de um auxiliar de guarda-livros
18	outubro	José J. Veiga	bra GO	A ilha dos gatos pingados
25	outubro	Francisco Molnár	húngaro	A chave
1	novembro	(conto popular brasileiro)	bra BA	O bicho de fogo
8	novembro	Michail Zochtchnko ²³⁵	russo	Não se aceita suborno
15	novembro	Antônio de Alcântara Machado	bra SP	Guarda civil
22	novembro	Edgar Allan Poe	EUA	O barril de amontillado
29	novembro	Constantino Paleólogo	bra RJ	O mistério de Salvaterra
6	dezembro	Dezidério Kosztolányi	húngaro	O homem da China
13	dezembro	Rosanna Cavazzana	argentina	A gaiola
20	dezembro	Gastão Cruls	bra RJ	O último encontro
27	dezembro	Washington Irving	EUA	O governador e o notário
1 9 6 0				
3	janeiro	Luis Jardim	bra PE	A mãe do trapézio
10	janeiro	João Ribeiro	bra SE	A matrona de Efeso

²³¹ Tradução indireta, via alemão.

²³² Tradução indireta, via húngaro.

²³³ Traduzido por Wira Selanski, Antologia da Literatura Ucraniana.

²³⁴ Traduzido por Boris Schnaidermann.

²³⁵ Tradução indireta, via alemão.

17	janeiro	Jan Drda ²³⁶	tcheco	Princípio Superior
24	janeiro	Júlio Krudy	húngaro	Da sala dos velhos escreventes
31	fevereiro	Mauritônio Meira	bra MA	Os abutres
7	fevereiro	Maxim Gorki	russo	Uma vez no outono...
14	fevereiro	Milton Pedrosa	bra RGN	O sábio
21	fevereiro	Roberto J. Payró	argentino	Os três irmãos e o porco
13	março	João Clímaco Bezerra	bra CE	Viação
20	março	Argyris Ephtaliotis ²³⁷	grego	O fantasma
27	março	Salim Miguel	bra SC	A mãe de Pedro Maria
3	abril	Giovanni Boccaccio	italiano	O vaso de manjerição
10	abril	José Augusto França	Portugal	O riso
17	abril	Charles e Mary Lamb ²³⁸	inglês	Conto de inverno
24	abril	A. J. de Figueiredo	bra SE	Por causa de duas palavras
1	maio	Gottfried Keller	alemão	A cestinha de flores de Dorotéia
8	maio	Fran Martins	bra CE	Ventania
15	maio	Carlos Lacerda	bra RJ	O ilustre Pintinho
22	maio	Dalton Trevisan	bra PR	Ismênia, môça donzela
29	maio	Mikhail Zostchenko ²³⁹	russo	O mecanismo do Estado
5	junho	Guy de Maupassant	francês	Clochette
12	junho	Silveira de Souza	bra SC	O charadista
19	junho	Karel Čapek ²⁴⁰	tcheco	O imperador Diocleciano
26	junho	J. Baptista Coelho (João Foca)	bra SP	O ladrão
3	julho	Mark Twain	EUA	Onde fica demonstrada a conveniência ...
10	julho	Felício Terra	bra RJ	Rabagás
17	julho	Petrônio ²⁴¹	grego	A matrona de Éfeso
24	julho	Helena Silveira	bra SP	A viúva ou história de quatro
31	julho	Géza Gárdonyi	húngaro	A história de uma canção

²³⁶ Tradução indireta, via francês.

²³⁷ Tradução indireta, via alemão.

²³⁸ Traduzido por Péricles Eugênio da Silva Ramos.

²³⁹ Tradução indireta, via francês.

²⁴⁰ Tradução indireta, via inglês.

²⁴¹ Tradução indireta, via francês.

7	agosto	Armindo Rodrigues	Portugal	Uma poça de sangue
14	agosto	Zygmunt Niedzwiecki ²⁴²	polonês	O dote
21	agosto	Antônio d'Elia	bra SP	O livro
28	agosto	Colette	francesa	O conselho
4	setembro	Dalton Trevisan	bra PR	Entre homens
11	setembro	José Paulo Moreira da Fonseca	bra RJ	As safiras Halvonsen
18	setembro	Luigi Pirandello	italiano	A luz da outra casa
25	setembro	Homero Homem	bra RGN	O sobre e o sob
2	outubro	Desidério Kosztolányi	húngaro	O amigo norte-americano
9	outubro	Mauro Mota	bra PE	Dois perfis
16	outubro	Leonid Andreief ²⁴³	russo	O nada
23	outubro	Mariazinha Congilio	bra SP	O favor
30	outubro	Isaac Piltscher	bra RGS	Apenas plantas, e verdes
6	novembro	Domício da Gama	Portugal	Possessão
13	novembro	James Thurber	EUA	Duas fábulas para o nosso tempo
20	novembro	João da Silva Campos	bra	O preguiçoso e o peixinho
27	novembro	Marcel Arland	francês	O rosário de Constância
4	dezembro	Guido Wilmar Sassi	bra SC	Ronda
11	dezembro	Rodrigo Otávio	bra SP	A sessão do Instituto
18	dezembro	Alberto Dines	bra RJ	Paixão em Xique-xique
25	dezembro	Helena Silveira	bra SP	Raconto de Natividade

²⁴² Tradução de Monika Miabel.

²⁴³ Tradução de Henrique L. Alves.